



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA

**VELHOS BARBEIROS DE CAMPINA GRANDE (1960-1980):
MEMÓRIA, TRABALHO E VIDA NA CIDADE**



CAMPINA GRANDE - PB

2017

CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA

**VELHOS BARBEIROS DE CAMPINA GRANDE (1960-1980):
MEMÓRIA, TRABALHO E VIDA NA CIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, Linha de Pesquisa: Cultura e Cidades, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

ORIENTADORA: Dra. Keila Queiroz e Silva.

CAMPINA GRANDE – PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

P436v Pereira, Cid Douglas Souza.
Velhos barbeiros de Campina Grande (1960-1980) : memória, trabalho e vida na cidade / Cid Douglas Souza Pereira. – Campina Grande, 2017.
217 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva".

Referências.

1. História dos Trabalhadores. 2. História - Memórias. 3. Cidade – Memória – Campina Grande - Paraíba. 4. Barbeiros (Trabalhadores). I. Silva, Keila Queiroz e. II. Título.

CDU 930:331(043)

BANCA EXAMINADORA
**VELHOS BARBEIROS DE CAMPINA GRANDE (1960-1980):
MEMÓRIA, TRABALHO E VIDA NA CIDADE**

Aprovado em: ____/____/____

Professora Dra. Keila Queiroz e Silva (UFCG)
Orientadora

Professor Dr. Alarcon Agra do Ó (UFCG)
Examinador interno

Professora Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB)
Examinador externo

Professor Dr. Luciano Mendonça de Lima (UFCG)
Examinador interno – suplente

CAMPINA GRANDE – PB

2017

Dedico esta dissertação a Maria do Carmo e a Simão Pedro Pereira, meus pais, que do nada me deram tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Quem sempre esteve ao meu lado, mostrando-me que o impossível seria possível. Ao Sol do meu jardim seja tributado todo louvor, pois abrilhantou o meu caminhar e fez brotar a suave Rosa de Saron que me tornou no que sou.

Serei eternamente grato a minha mãe, Maria do Carmo, Carminha enfermeira, e a Simão Pedro Pereira, meu pai, que deixou suas digitais em muitos prédios, casas e avenidas por onde trabalhou para que hoje eu pudesse conquistar mais um título em minha modesta carreira acadêmica. Vocês, meus pais, são vitoriosos, pois saíram do interior paraibano, precisamente da zona rural da cidade de Taperoá, isso ainda na década de 1970, para tentar a sorte em Campina Grande. Nessa empreitada, conseguiram sobreviver e me dar uma oportunidade que não tiveram. Então, neste dia acredito que vocês, meus queridos, estão colhendo mais um fruto, uma realização, visto que me proporcionaram a instrução educacional que lhes foi negada. Obrigado, pai e mãe! Infinitamente grato, jamais esquecerei as lutas diárias e os momentos difíceis que passaram para colocar o pão à mesa e ainda me poupar do trabalho manual para que pudesse estudar. Vocês, sim, serão nesta terra meu modelo de dignidade, perseverança, vida e fé. Digo isso porque em nenhum momento, imaginávamos que diante da escassez financeira em que vivíamos alguém de nossa família se tornaria mestre pela via do ensino gratuito. Agora, bênção pai e mãe! Obrigado para sempre meus incomensuráveis! A vocês ternos amores, beijos, abraços e as muitas formas que expressem afetividade. Grato!

Aos meus amados irmãos, Raquel, Rafael e Tiago, obrigado! Nessas letras tem um pouco de cada um de vocês, pois sempre acreditaram e sonharam juntamente comigo. Conseguimos!

Aos demais familiares, em especial tia Beta e o Antônio, pelo apoio e logística.

Aos meus amigos, que sempre incentivaram e me desejaram boa sorte nesta vida. Destes destaco: Lula, Quiel, Sibamar, Rogerinho, Jerônimo e Van, filho do barbeiro Mané Guiné. Do salão dele veio a inspiração para elaborar o projeto de Mestrado

Ao companheiro Sandoval e Rose pela revisão textual; a Milene, que sempre esteve disponível para digitar todos os meus “manuscritos”.

Aos camaradas Railson, Doriedson, Rivailda, Janaina e Vera, pelos gestos de solidariedade.

Ao meu orientador da Graduação, Fábio Gutemberg (*in memoriam*), pela influência teórica, por ter me ensinado os primeiros passos para se trabalhar com história oral, e os muitos incentivos.

O meu reconhecimento ao professor Alarcon, pelas muitas palavras em poucos encontros, as grandes lições, os muitos gestos, singeleza, confiança, paciência, disponibilidade, atenção, empatia, solidariedade e outros superlativos que me fogem no momento. Enfim, pela generosidade gratuita.

À professora Keila. O que falar dessa personagem? As muitas palavras não seriam suficientes, porque Keila define-se com gestos, atitudes, carinho, altruísmo. Você é uma mulher de ação, uma acolhedora, uma mãe, irmã, orientadora, amiga, pessoa de perto e de longe. Como foram valiosas suas orientações. Que domínio da historiografia. Que percepção. Um dia quero ser assim: um poço de conhecimento e ternura. Obrigado professora, pelas palavras entusiasmadas, por acreditar nos meus sonhos e dividir comigo este projeto! Parabéns, querida! Essa é nossa obra.

À professora Patrícia, por ter aceito com grande alegria o meu convite para participar da Banca e pelas valiosas sugestões. Obrigado! Continue essa pessoa simples e dedicada à causa da historiografia.

Aos professores do PPGH, em particular, Luciano Mendonça e Gervácio Aranha, pelas trocas de informações, indicações de leituras, compartilhamentos de materiais, etc.

À professora aposentada da UFPB, Maria do Socorro Xavier, pelas muitas orientações e acolhimento.

Aos funcionários do PPGH, em especial Felipe, pelas colaborações.

Aos companheiros da turma do Mestrado, notadamente, à amiga Roberta Gerciane, pelas leituras, sugestões, conversas, apoio e gentileza.

A quem ficou pelo caminho, a ela que sempre me desejou boa sorte, me apoiou em todos os meus projetos, sonhou e realizou comigo. Muito embora “os ventos do destino” nos tenham colocado em margens opostas, reconheço a tua importância e contribuição na realização deste trabalho.

Aos meus colaboradores, os barbeiros, que contribuíram com a realização desta pesquisa e me transmitiram muitas lições de superação, determinação, entusiasmo, solidariedade e vida.

Enfim, a todos e todas que direta e indiretamente cooperaram com a execução desta dissertação.

RESUMO

Este trabalho tem como intuito apresentar as histórias de vida de uma categoria de trabalhadores: os barbeiros. Para melhor compreender o significado desses personagens e suas experiências no espaço urbano campinense, tomamos como recorte temporal os anos de 1960 a 1980, pois entendemos que essas décadas foram significativas à história de Campina Grande, visto que é um período de mudanças, sobretudo, no aspecto econômico. Dessa forma, selecionamos três profissionais de faixa etária diferente que exerceram o ofício na cidade nesses anos. Como suporte metodológico, utilizamos recursos próprios da História Oral, visto que este é o método mais adequado aos propósitos da pesquisa: reconstruir particularidades, revelando práticas cotidianas, culturais e experienciais. Quanto ao diálogo teórico, recorreremos à História Social defendida por E. P. Thompson, que, a partir da perspectiva da “história vista de baixo”, procura dar voz a pessoas comuns silenciadas e esquecidas. Ao revelar aspectos da história sob a ótica de categorias laborais, o pesquisador certamente estará contribuindo para uma visão mais ampla e diversa da multidão de trabalhadores que, assim como os de “cima”, são capazes de narrarem sua trajetória de vida e a história da cidade em que vivem, entrelaçando memória individual e coletiva.

Palavras-chave: Memórias; Trabalhadores; Barbeiros; Cidade; Campina Grande.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar las historias de vida de una categoría de trabajadores: los barberos. Para comprender mejor el significado de esos personajes y sus experiencias en el espacio urbano campesino, tomamos como recorte temporal los años 1960 a 1980, pues entendemos que esas décadas fueron significativas a la historia de Campina Grande, ya que es un período de cambios, sobre todo, Aspecto económico. De esta forma, seleccionamos a tres profesionales de grupo de edad diferentes que ejercieron el oficio en la ciudad en esos años. Como soporte metodológico, utilizamos recursos propios de la Historia Oral, este es el método más adecuado a los propósitos de la investigación: reconstruir particularidades, revelando prácticas cotidianas, culturales y experienciales. En cuanto al diálogo teórico, recurrimos a la Historia Social defendida por E. P. Thompson, que desde la perspectiva de la "historia vista desde abajo", busca dar voz a personas comunes silenciadas y olvidadas. Al revelar aspectos de la historia bajo la óptica de categorías laborales, el investigador ciertamente estará contribuyendo a una visión más amplia y diversa de la multitud de trabajadores que, al igual que los de arriba, son capaces de narrar su trayectoria de vida y la historia de la vida En la que viven, entrelazando memoria individual y colectiva.

Palabras clave: Recuerdos; Trabajadores; Barberos; Ciudad; Campina Grande.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Praça da Bandeira, década de 1960	39
Figura 2: Imediações Praça da Bandeira, possivelmente década de 50, com destaque para o ponto de ônibus onde o depoente desembarcou	39
Figura 3: Barbeiro exercendo seu ofício	48
Figuras 4: Velha navalha	55
Figura 5: Homens conversando na barbearia	59
Figura 6: Cadeira de barbeiro de 1950	65
Figura 7: Máquina mecânica de cortar cabelo	66
Figura 8: Maleta de barbeiro	67
Figura 9: Imagem ilustrativa Serrote em Pedra Lavrada, PB	101
Figura 10: Dance de Zé Garçon, localizado à rua João Pessoa, esquina com a Bartolomeu Gusmão	118
Figura 11: Rua Maciel Pinheiro, década de 1940	120
Figura 12: Rua Maciel Pinheiro, década de 1970	121
Figura 13: IECG – PB	122
Figura 14: Antigo bordel Unidade Moreninha, localizado à rua Demóstenes Barbosa.	122
Figura 15: Cartão Postal de Campina Grande	131
Figura 16: Antiga Praça da Luz, anos 1930	132
Figura 17: Carroceiro na Feira Central de Campina Grande	163
Figura 18: Local onde se alojavam os antigos barbeiros “pela-porco”, Avenida Canal ou Rua Janúncio Ferreira, Campina Grande	166
Figura 19: Avenida Canal das Piabas, início dos anos 1980. A área desocupada era frequentada pelos barbeiros ambulantes	166
Figura 20: Retrato do que restou do Cassino Eldorado	167
Figura 21: Barbeiro na prática do ofício	169
Figura 22: Barbearia na Feira Central	178
Figura 23: Imagem do Centro da cidade de Campina Grande no início da década de 1980	186
Figura 24: Área dos antigos “Coqueiros de Zé Rodrigues”, local que passou a abrigar os festejos juninos dos campinenses	188
Figura 25: O Palhoção do Centro Cultural, anos 80	189
Figura 26: Calçadão da Maciel Pinheiro tomado por ambulantes, anos de 1980	195
Figura 27: Cine Capitólio	198
Figura 28: Açude Velho no começo dos anos de 1980	202

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – DO SERTÃO PERNAMBUCANO AO AGRESTE PARAI- BANO: UMA HISTÓRIA DE VIDA EM CAMPINA GRANDE	28
1.1 Primeiros registros biográficos: as Boninas nem sempre foi meu lugar	28
1.2 Até que a morte nos separa: resistência, sobrevivência e sociabilidade na barbearia	50
1.3 Além do pão: trabalho e boemia no cotidiano campinense – um discurso da dupla moral	76
CAPÍTULO II – REMINISCÊNCIAS ABRIGADAS ANTES E DEPOIS DO ABRIGO MARINGÁ	91
2.1 Do alto da pedra é que se vê melhor: memórias do campo resgatadas na cidade.	91
2.2 Trabalho e vida na urbe campinense: um constante desafio	106
2.3 A barbearia: um lugar de narrativas e confissões masculinas – entre o ouvir e o aconselhar	136
CAPÍTULO III – DA ENXADA À TESOURA: UMA TRAJETÓRIA DE TRABALHO MANUAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE	147
3.1 Cada um procura seu destino: cheguei a Campina Grande em 1980 e não saí mais	147
3.2 A prática do ofício faz o barbeiro	169
3.3 A cidade de Campina Grande contemplada por um barbeiro: diversão, festejos e renda	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
REFERÊNCIAS	208
ANEXO	215

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos tem crescido a importância da temática trabalho e o debate em seu entorno. Na própria academia é possível perceber a relevância e o alargamento da História do Trabalho. Isto pode ser constatado pelo grande número de autores que desenvolvem diferentes pesquisas, as quais muito têm contribuído para o fortalecimento de grupos de estudos sobre o tema.

O trabalho vem sendo apresentado como meio responsável pela sobrevivência do ser humano enquanto ser social. Contar a história de uma classe subalterna, que de forma autônoma consegue uma admissão na sociedade em que vive, torna-se um constante desafio ao historiador do trabalho. Assim, o almejado é, a partir da memória, tentar recompor o cenário de um pequeno ofício, em que os indivíduos são mais livres, criativos e estão distante dos olhares vigilantes dos meios reguladores próprios das grandes fábricas. Nesse sentido, a intenção é reconstruir o mundo de uma categoria de trabalhadores urbanos, que fazem do seu serviço uma arte que caminha na contramão das implementações da modernidade, e praticam isso no momento em que, em nome de costumes e hábitos, conservam antigas tradições.

Sendo assim, a proposta desta pesquisa é acompanhar a trajetória de vida dos barbeiros e entender o significado desses personagens históricos para a cidade, e, a partir de suas experiências, compreender a vivência desses trabalhadores na urbe campinense. Logo, o intento é traçar o percurso e a própria vivência desses profissionais como sujeitos sociais que fazem do seu ambiente de trabalho um espaço de sobrevivência e sociabilidade. Nesse sentido, a pesquisa fundamenta-se na memória de velhos barbeiros, que de modo artesanal, valendo-se apenas da tesoura e da navalha conseguiram garantir sua subsistência na ambiência urbana.

O presente trabalho está distribuído em três partes, o que vai distingui-las é, sobretudo, a individualidade, as singularidades de cada um dos personagens históricos entrevistados. No primeiro capítulo, nosso depoente, Seu Zé, apresenta-se como alguém descompromissado com a própria vida, um sujeito liberal, amante da noite, um boêmio. O segundo capítulo é dedicado a Seu Genival, um sujeito religioso, comedido, piedoso, bom confidente, resignado; um homem que se emociona e emociona com o não dito, o silêncio. O terceiro é reservado a Seu Josias, um indivíduo disciplinado, de poucas palavras, que não aceita barganha, responsável e que se preocupa em transmitir valores éticos aos seus filhos.

Para compreendermos melhor as experiências destes trabalhadores, alguns fatores foram determinantes na escolha da temporalidade apresentada. O recorte justifica-se por ser o período um momento de transição na história da cidade, principalmente no aspecto econômico, visto que entre os anos de 1960 e 1970, Campina Grande passou por uma crise identitária, que só vai ser solucionada nos anos de 1980, quando há uma reinvenção do círculo econômico. Nessa ocasião ela vai se tornando a cidade do turismo.

Ao discorrer sobre mundos do trabalho e os trabalhadores, os conceitos próprios da História Social¹ produzidos e defendidos pelo inglês E. P. Thompson são os que melhor se adequam aos propósitos da pesquisa, a saber: dissertar sobre a categoria trabalho, suas implicações, importância e significância. Thompson, a partir da “história vista de baixo”, elege como objeto de estudo a formação da classe operária inglesa em meio ao processo de industrialização, que pode ser expressa em sua vasta obra sobre os movimentos sociais na Inglaterra.

Assim sendo, em meio às diferentes concepções historiográficas, o trabalho de E. P. Thompson revela-se bastante elucidativo às ações humanas e suas experiências como os verdadeiros construtores da História Social. Em “A formação da classe operária inglesa”,² é notória a preocupação do autor com uma análise “sempre encarnada em pessoas e contextos reais” (THOMPSON, 2012, p. 10). Ao descrever a história das pessoas comuns, ele procura relatar experiências e memórias silenciadas. Como se constata no volume I – *A árvore da liberdade* (2012), quando o autor apresenta com minúcias as características das personagens, as circunstâncias e o contexto onde viviam.

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro Luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” (...) Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles vivem nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da

¹ Com relação à História Social e seus respectivos representantes e tendências, observar CARDOSO, Ciro Flamarion *et al.* (orgs.). **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

² *A formação da classe operária inglesa* está escrita em três volumes. O volume I – *A árvore da liberdade* – trata de recuperar e compreender o sentido das tradições populares vigentes no século XVIII. No volume II – *A maldição de Adão* – o autor apresenta-nos, com detalhes, a experiência da mudança de vida de alguns grupos trabalhadores, a partir da presença ameaçadora da fábrica em plena Revolução Industrial e destaca a expressão cultural e política da consciência de classe operário, advinda dessas experiências. No último volume conhecemos *A força dos trabalhadores*, os quais, mediante a imposição do silêncio, da censura e da repressão das classes dominantes, tecem na clandestinidade suas experiências, produzindo a história do radicalismo plebeu até o momento heroico de manifestação de uma tentativa de revolução democrática.

história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais. (THOMPSON, 2012, p. 13).

Por ser Thompson um autor que procura evidenciar os feitos de pessoas comuns, é possível identificar em sua obra a prioridade à noção de experiência histórica³ e cultural. Esses conceitos serão fundamentais à problematização e compreensão do universo dos trabalhadores subalternos, marginalizados e autônomos, como é o caso dos velhos barbeiros de Campina Grande.

Thompson também é responsável por uma revisão do conceito de *classe social* e sua formação, a qual, para ele, só passa a existir a partir de uma perspectiva histórica. A classe não existe fora do campo da experiência, ela não deve ser vista como uma “coisa” (THOMPSON, 2012). “Ademais, a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica” (op. cit., p. 9).

Portanto, a classe não é algo dado, tampouco a consciência. Esta surge com a experiência. Então o indivíduo precisa sentir-se pertencente a uma determinada classe social. “A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si” (ibidem, p. 10).

Thompson parece contrário à ideia de *classe social* defendida por uma parcela de letrados, “não vejo a classe como estrutura, nem mesmo como uma categoria” (op. cit., p. 9). Assim, é necessário que os trabalhadores se vejam enquanto classe, pois esta não está condicionada à posição econômica ocupada pelo indivíduo, não é algo definido, determinado, pronto e acabado, como defendiam e pensavam os marxistas ortodoxos.

Esses pensadores argumentavam sobre a necessidade de um guia, um intelectual, um líder ou partido que contribuísse com a gestação e aprimoramento da consciência de classe, o qual também seria capaz de indicar um caminho condutor da liberdade social e política. Mas, para Thompson: “a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição” (ibidem, p. 12). Portanto, em Thompson, há um longo caminho até a formação da classe, fruto igualmente de longa caminhada rumo à consciência dos trabalhadores em luta.

³ O conceito de experiência serviria para Thompson como um modelo unificador das ações dos trabalhadores. Em a “Miséria da teoria” e no prefácio do volume I de “A formação da classe operária inglesa”, o autor traz a seus leitores o conceito de experiência histórica e cultural como modelo catalisador de ação social. (Ver com maior detalhe em ALFREDO, João. Carta de Campos Melo Júnior. In: THOMPSON, Edward. **O conceito de experiência histórica**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, Julho 2011, p. 2 e 3.)

Thompson também é considerado um dos grandes estudiosos da cultura, e faz isso mediante uma forte proximidade com as tradições antropológicas, como pode ser detectado em sua obra “Costumes em comum”, na qual o autor analisa as relações conflitantes entre a cultura dominante e a plebeia. Nesse embate, ele mostra que o povo, assim como os governantes, exerce uma autonomia que se revela por meio de uma cultura tradicional rebelde. “A cultura conservadora da plebe quase sempre resiste, em nome do costume, às racionalizações e inovações da economia (...) que os governantes, os comerciantes ou os empregadores queriam impor” (THOMPSON, 2012, p. 19). Portanto, para Thompson, o conceito de cultura surge a partir da experiência humana consubstanciada pelas relações sociais em que se evidenciam comportamentos, vivências e costumes.

Dessa forma, é notória a importância do Thompson aos historiadores do trabalho, tendo em vista que ele tem como compromisso social resgatar sujeitos anônimos e esquecidos pelas grandes matrizes da historiografia. Assim, esse autor os apresenta como personagens e atores sociais de suas próprias histórias. Em suma, a grande contribuição de Thompson é que ele promove visibilidade aos de baixo, e faz isso ao lançar os holofotes da historiografia sobre os atos de pessoas comuns, as quais do seu local de trabalho constroem sua trajetória de vida.

Desde Engels se discute que o trabalho “é a condição básica e fundamental de toda vida humana. É em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”⁴. Para Marx, o trabalho é o meio específico que surge no valor da mercadoria, é a base fundante da evolução humana. Já a alienação do trabalho subordina o indivíduo e o distancia de sua emancipação.⁵

O trabalho também é um termo que suscita constantes contradições: para alguns liberta, promove bem-estar, realização pessoal, ascensão, progresso, prosperidade e riqueza; para outros escraviza, fadiga, estressa, explora, empobrece, castiga e humilha. Nessa perspectiva, deve-se reforçar a distinção feita por Marx entre trabalho concreto e o abstrato: o primeiro refere-se à atividade útil e positiva que promove um autodesenvolvimento indispensável a vivência humana; por sua vez o último representa o que se poderia chamar de negativo ou trabalho morto, que tem por finalidade a criação de mais-valia, ou simplesmente trabalho alienador e valorizador do capital, em que o trabalhador está separado de sua própria criação.

⁴ Cf. ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. São Paulo: Global, 1990, p. 269.

⁵ Cf. MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. Livro I, v. 1, 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Nesse sentido, a designação trabalho vem no decorrer dos séculos sofrendo diferentes mutações⁶, isso ocorre principalmente entre a passagem do período medieval para a era moderna. Se considerada a condição de alienação, a palavra trabalho poderia ser interpretada como tortura, ou ainda ser associada à perda da liberdade por se referir aos escravos romanos, uma vez que eram eles que faziam as tarefas práticas pertencentes aos patrícios.⁷ Assim, pode-se dizer que trabalho representava um suplício, até mesmo uma condição inferior, se considerada a posição do cativo.

O conceito de *trabalho* passa a ganhar uma nova conotação com a chegada da urbanização e do comércio. É na *urbes* que o trabalho tem uma maior valorização. Nesse momento ele é visto como enobrecedor e ação dignificante. Se antes o trabalho era uma tarefa reservada mais aos cativos, agora assume uma posição privilegiada e importantíssima no desenvolvimento de uma sociedade⁸.

Certamente o trabalho constituiu-se como uma das categorias mais valorizadas e que pode ser tida como um dos pilares básicos da modernidade. Pode-se mesmo dizer que o trabalho é em grande parte responsável pela emergência do mundo moderno, afinal, ele foi elevado de castigo divino à condição de instância humanizadora. Base de toda existência humana, uma das vias capazes de conduzir os homens para um estágio superior de civilização. (CABRAL FILHO, 2009, p. 71).

Portanto, é com a chegada da modernidade que o trabalho assume uma nova significação e tende a ser visto como elemento impulsionador de acúmulo de riqueza e da produção de alimento, contribuindo para uma suposta progressão social dos indivíduos que buscam na labuta uma realização ou afirmação social e econômica.

Ainda sobre trabalho e sua etimologia, muito embora coloque Marx como um idealizador da glorificação do trabalho e da redução do homem a um animal que labora⁹, cabe a

⁶ Cf. ALVORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos)

⁷ Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

⁸ As atividades laborativas passam a ser tão importantes, que – como ressalta Franco Junior no Capítulo II – “As Estruturas Econômicas”, já no final da Idade Média começam a surgir as primeiras corporações de ofício, as quais reuniam trabalhadores artesãos urbanos ligados a um mesmo ofício. Estas instituições visavam, sobretudo, garantir os interesses e direitos dos trabalhadores. As corporações também tinham uma composição básica de mestres e aprendizes. Estes últimos geralmente eram parentes do mestre e prestavam serviços pelo aprendizado.

⁹ Sobre a autora. Dantas (2013, p. 2-18) informa que “A crítica de Arendt a Marx surge num determinado contexto do Pós-Guerra e a partir da sua notória preocupação intelectual com o tema da liberdade do totalitarismo. Através de longas pesquisas e textos de fôlego que irá elaborando sobre e contra o nazismo, Arendt vai ocupar-se, em plena era da Guerra Fria, de uma de suas maiores inquietações: a do vínculo provável entre o

Hannah Arendt o mérito de ter acompanhado as principais transformações sofridas pela palavra trabalho e sua distinção de *labor*. Para Arendt (2010), o trabalho é responsável por produzir um mundo artificial entre o ser humano e a natureza, que seria os objetivos de uso. “O trabalho é a atividade que corresponde ao artificialismo da existência humana (...). O trabalho produz um mundo artificial de coisas” (ibidem, p. 15).

Enquanto isso, o labor pode ser compreendido como uma atividade destinada a produzir tudo o que é vital ao homem, pois ele retira da natureza o que lhe é necessário a sua sobrevivência. “O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano (...). A condição humana do labor é a própria vida” (idem). Ainda se acrescenta que o labor é uma atividade que requer esforço físico, o trabalho estabelece como pré-requisito a racionalidade para sua operacionalização. Dessa forma, o ser humano trabalha para suprir suas carências, por isso produz alimentos e bens duráveis, essa é a condição para ele permanecer em sociedade. Assim, sempre haverá uma necessidade humana a ser suprida por meio do trabalho, seja ele manual ou intelectual.

Também, em “A condição humana”¹⁰, Arendt tece uma série de críticas à sociedade moderna, suas relações políticas e cotidianas. Para ela, o ser humano é reduzido, pensado, visto apenas pelo ângulo da dimensão economicista do trabalho, e é necessário considerar não só as formas mais elementares de trabalho, as diretamente relacionadas à sobrevivência. Mas, às atividades onde o homem, a partir de uma racionalidade, consegue produzir bens duráveis e significativos à sociedade.

Portanto, o ser humano não deve ser visto como um animal que simplesmente labora que realiza trabalhos não qualificados, voltados, sobretudo, à produção de objetos indispensáveis à conservação da espécie. Há nesse homem uma concepção mais integral, plural e política, que é negligenciada por aqueles que só veem na ação humana o prisma econômico.

A era moderna trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação efetiva de toda a sociedade em uma sociedade operária (...). A sociedade que está para se libertar dos grilhões do trabalho é uma sociedade de trabalhadores, uma sociedade que já não conhece aquelas outras atividades superiores e mais importantes em benefício das quais valeria a pena conquistar essa liberdade. (ARENDR, 2010, p. 53).

totalitarismo stalinista e a teoria marxista. Em busca de resgatar forma sua grande crítica a Marx e a toda moderna concepção de trabalho”. (Ver DANTAS, Gilson. A crítica de Hannah a Karl Marx. **Revista Sociológica em Rede**, v. 3, n. 3, 2013).

¹⁰ ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2010.

Sobre essa questão, Linden (2010) apresenta não só o conceito de História do Trabalho, como também discute o quanto tem crescido na academia as especulações e o interesse por parte de diferentes intelectuais, sobretudo os historiadores¹¹, em tentar compreender o mundo do trabalho e os trabalhadores, seja na convivência cotidiana ou na contextualização das suas lutas.

Nesse sentido, autores como Chalhoub (2001)¹², em “Trabalho, lar e botequim”, analisam o cotidiano dos trabalhadores que viviam na cidade – capital do Brasil – Rio de Janeiro. A abordagem parte de uma discussão em torno das singularidades particulares compartilhadas por pessoas comuns, seja no trabalho, no lazer, nos conflitos e repressão.

Marins (1998) também mostra que no Brasil, nesse mesmo período, o da *bellé époque*, restava ao operário ocupar os espaços periféricos afastados dos grandes centros, “uma solução (...) moradias coletivas tradicionais foi a das vilas operárias ou das casas populares, já presentes no Rio de Janeiro desde os fins do Império” (MARINS, 1998, p. 174). Portanto, a problemática social urbana dificulta a moradia e a própria sobrevivência do trabalhador.

Por sua vez, Bresciani (1994) também apresenta questões relacionadas ao cotidiano dos trabalhadores na cidade. Tomando como referência os operários de Londres e Paris, a autora analisa a ocupação urbana por uma “multidão de trabalhadores” e seus problemas cotidianos como: “os efeitos devastadores da aglomeração urbana, o emprego casual, as más condições de suas moradias, acrescidas com superpopulação e a mendicância como flagelo social” (op. cit., p. 23).

Outro fato apontado pela autora, é que a cidade é um lugar de migrantes que vieram com a intenção de conseguir um trabalho regular para sobreviver, quando se deparam com os desencontros e a problemática da vivência urbana, a intenção é de retornar o mais rápido possível ao lugar de origem. É nesse momento que a ilusão de morar no moderno centro urbano desaparece, restando apenas frustração.

Dessa forma para Bresciani (ibidem, p. 96), “as várias marcas que tornam reconhecidas uma cidade industrial são: a miserável, a atrofiada, a decrepita e frequentemente mutilada

¹¹ Sobre esta questão, o autor destaca que no Brasil tem aumentado de tal forma o interesse pela História do Trabalho, que desde os anos 2000 foi criado no interior da Associação Nacional de História (ANPUH) o Grupo Mundos do Trabalho. Cf. LINDEN, Marcel Van der. História do Trabalho para além das fronteiras. **Cad. AEL**, v. 27, n. 29, 2010, p. 34-64.

¹² CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. Sidney Chalhoub defende em 1984 sua dissertação de Mestrado e depois, em 1986, editada como livro, “Trabalho, lar e botequim”. Os materiais utilizados como fonte foram os manuscritos de processos criminais de homicídios (1898-1911).

aparência dos trabalhadores cansados que podem ser vistos em casas geralmente sujas e desagradáveis”. Essa fileira de trabalhadores pobres que só aumentava no espaço urbano londrino e parisiense, causava espanto à burguesa, que enxergava essas categorias como classes perigosas.

Sendo assim, constata-se que a História do Trabalho tem ganhado projeção mundo afora, mas ela não só se preocupar com as questões pertinentes ao trabalhador assalariado, fronteiras tem sido alargadas. O objeto de estudo não se resume apenas aos operários fabris, uma vez que diferentes sujeitos sociais são referenciados pelos historiadores do trabalho, como: agricultores, barbeiros, operários, escravo, enfim, trabalhadores livres e não livres. “O estudo das relações de trabalho engloba o trabalho, bem como o não-livre, o pago, bem como o não pago” (LINDEN, 2010, p. 52).

Assim como o trabalhador apontado por Marx merece ser estudado, é necessário incluir outros grupos de trabalhadores marginalizados, a exemplo dos escravos, mineradores, etc. Com isso, amplia-se o conceito de classe trabalhadora, quando se inclui na pauta da pesquisa de campo categorias de trabalhadores livres, não livres, rurais e urbanos. Eles, como os trabalhadores assalariados reais de Marx, que dispunham da força de trabalho como “sua própria mercadoria” (ibidem, p. 53), também devem ser citados.

Cabe ao historiador do trabalho resgatar a história desses profissionais anônimos, que assim como o operariado fabril, precisam ser analisados e integrados a uma organização de vários grupos de “trabalhadores subalternos” (idem). No momento em que o pesquisador começa a focalizar diferentes categorias de trabalhadores, estará banindo uma série de negligências e trazendo à cena histórica os profissionais de pequenos ofícios. Desse modo, haverá uma ampliação no conceito de classe trabalhadora, a qual até certo tempo era vista como uma instituição reducionista, voltada apenas ao trabalhador livre e assalariado das grandes fábricas.

[...] Gostaria de chamar esta classe de classe trabalhadora subalterna ou ampliada. Seus membros formam um grupo muito variado: incluem escravos, meeiros, pequenos artesãos e assalariados. É a dinâmica da “multidão” que devemos tentar compreender. (...) No seu longo desenvolvimento o capitalismo se utilizou de vários tipos de relações de trabalho. (LINDEN, 2010, p. 53).

Esta citação é importante porque mostra que o capitalismo moderno, com o propósito de atender aos seus muitos interesses, cria e recria diferentes alternativas de mercantilização

do trabalho, e estas variantes merecem ser contempladas pelos estudiosos do mundo do trabalho. Batalha (2006) também observa que nos últimos anos as conquistas da História do Trabalho têm ganhado novas proeminências. A sua posição assemelha-se à dos demais pesquisadores do mundo do trabalho, de que é preciso evitar o jogo controverso de contrapor os diversos recortes. Fazer isso é ser “sensível” a outras questões ou problemáticas, que ultrapassam a noção de *classes sociais*, “como as questões de gênero, raça e etnia” (BATALHA, 2006, p. 89).

Outra amplitude percebida por Batalha (ibidem) relaciona-se ao recorte geográfico, pois as pesquisas e discussões no Brasil não se restringem mais entre o eixo Rio-São Paulo. Distintas regiões são englobadas e ajudam a formar uma rede de integração sustentada pela pesquisa em torno da temática do trabalho e do trabalhador. “Cada vez mais é possível encontrar pesquisas que têm como recorte geográfico localidades onde o trabalho industrial está longe de ser significativo” (op. cit., p. 90). Logo, contar a história de uma classe trabalhadora deve ser tarefa do historiador que busca, na contextura de profissionais subalternos ou não, entender de que forma estes conseguem se afirmar como sujeitos sociais no meio urbano.

Após essa singela apresentação sobre a importância do trabalho e suas principais definições, bem como as diferentes problemáticas que circundam essa temática, seja na vivência social, no meio urbano, nos conflitos e na repressão cotidiana, espera-se que esta discussão facilite a elucidação sobre a categoria trabalho e as transformações que esta designação vem sofrendo. A qual, com o advento da modernidade, passa de uma conotação negativa à ressignificação da ação humana.

Diante das indagações e afirmações apresentadas, amplia-se o campo de possibilidades quanto à busca de alternativas nas experiências e no cotidiano particular de pessoas comuns, facilitando com isso o entendimento dos acontecimentos sociais e históricos que fazem parte da vivência dos trabalhadores urbanos. Que as narrativas desses personagens promovam a compreensão sobre suas vidas, a história e o mundo do trabalho em Campina Grande.

Dessa forma, a partir de uma perspectiva da “história vista de baixo”, o pesquisador certamente estará provocando o brado de sujeitos sociais emudecidos e olvidados, os quais têm muito a dizer sobre suas práticas e experiências no meio urbano. Assim, tomando como base seus relatos, pode-se desvendar um pouco de suas histórias, sua cultura, seu cotidiano e a cidade em que residem.

Quando se quer escrever sobre cidade, devemos saber que ela surge, é construída e reconstruída pela memória daqueles que vivenciaram sua forma embrionária, seu crescimento, o

vai e vem das suas ruas, o frenesi do centro comercial, as principais mudanças e permanências na sua arquitetura e infraestrutura.

Talvez a cidade de ontem só exista na memória dos velhos moradores, “cada geração tem uma forma diferente de ver a cidade” (BOSI, 2015, p. 70). A cidade narrada provavelmente não é a contemplada, é possível que boa parte dela fora colocada abaixo. Espaços tradicionalmente ocupados por antigos prédios dão lugar a suntuosas construções, que não parecem em nada com as edificações lembradas pelos narradores. “Na história de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano” (ibidem, p. 73).

Mas também a cidade não é só o espaço das mudanças, alguns monumentos ainda sobrevivem em meio aos modernos projetos de urbanização. Dessa forma, muitas construções, abandonadas e em vestígios pela ação do tempo, resistem e aguçam a memória e trazem consigo as marcas de um passado que permanece vivo nas lembranças de antigos moradores.

“Os momentos e as construções antigas passam a ser considerados, neste caso, como registros da memória” (BARROS, 2009, p. 42). Assim, a cidade é um ambiente de significados e de diversas formas de leitura e interpretação. “A cidade tem, certamente, diversos sentidos” (op. cit., p. 41). Dentre estes, o mais elementar deles seria o de um “polo de atração” (ibidem, p. 84), que oferece aos seus transeuntes uma espécie de espetáculo aberto, onde tudo encanta, fascina e causa espanto e imaginação. “Espectáculo, por fim, para a atuação do homem comum, tornando simultaneamente ator e espectador” (idem).

O texto *A cidade, grande e moderna*, de Waizbort (2000), reforça esse pensamento quando toma como base a cidade de Berlim na Alemanha. Nesse trabalho, o autor mostra que o desenvolvimento urbano acaba gerando não só o deslumbramento, mas “a miséria da população que se mostrava na pobreza das habitações. Berlim era, em vastas partes, uma cidade da miséria social”¹³.

Assim sendo, esse espaço que causa admiração, encanto e desencantos foi projetado pelo ser humano e para ele como ambiente próprio de seres citadinos e civilizados, que veem na *urbes* um local de sobrevivência coletiva. Nela, na cidade, as relações de convivências sociais são percebidas em suas diversas formas, o espaço urbano, por ser próprio do convívio coletivo, proporciona relações conflitantes, amistosas, envolvendo diferentes categorias, que juntas debatem e interagem sobre diversos temas do cotidiano.

¹³ WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Ed. 34, 2000, p. 314.

Nesse sentido, Sousa (2006) em “Território de confrontos”¹⁴, ao mesmo tempo em que tenta “compreender a vida de grupos e categorias profissionais específicas”, faz uma espécie de cartografia da cidade. Assim, esperamos que o resgate das vozes silenciadas de uma categoria de trabalhadores, os barbeiros, possibilite uma melhor compreensão da vivência dos homens e suas relações sociais no espaço urbano campinense.

Para desenvolvermos a pesquisa selecionamos algumas barbearias localizadas em endereços diferentes. A primeira, “Salão Real”, situa-se na rua Rui Barbosa, 22, no centro da cidade. A outra, “Salão Novo Estilo”, encontra-se na av. Floriano Peixoto, s/n. A terceira, “Salão Dois Irmãos”, fica na Feira Central, na rua Marcílio Dias, 83. As entrevistas aconteceram no próprio ambiente de trabalho e foram realizadas com três barbeiros de faixa etária diferente: um com mais de oitenta anos, seu Zé; outro com mais de setenta anos, seu Genival; e um mais jovem, seu Josias, com quase sessenta anos.

Essa distribuição de faixa etária teve o intento de representar três gerações que viveram a maior parte de sua trajetória profissional na cidade de Campina Grande. A análise dos relatos desses velhos barbeiros foi importante por oferecer informações de grande relevância para a compreensão de questões voltadas ao serviço que eles desenvolvem, mas também por perceber como a condição de trabalhadores autônomos proporcionou-lhes inserção social e afirmação como cidadãos produtivos, assegurando-lhes um papel claro e definido de provedores de suas famílias.

Para Aranha (2008)¹⁵, *A Escola dos Annales* permitiu ao historiador aproximar-se de outras ciências, gerando uma pluralidade que possibilita um diálogo com diferentes métodos. Nesse aspecto, fontes antes consideradas pouco confiáveis, por não apresentarem um caráter científico, agora tendem a legitimar a reconstrução do passado.

A referida *Escola* desloca seu interesse para acontecimentos e pessoas comuns, e não apenas para feitos de grandes heróis, datas e eventos políticos. Com isso, o historiador deixa de ser refém de documentos e outros registros considerados oficiais, para dedicar-se a questões relacionadas ao aspecto cultural e ao cotidiano de diferentes pessoas.

Portanto, a anunciada tendência colocou o pesquisador em contato com outras disciplinas, tais como: antropologia, economia, psicologia, geografia, linguística e a sociologia. E ainda possibilitou uma redefinição no trabalho do historiador. Essa reviravolta na historiogra-

¹⁴ SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de confrontos:** Campina Grande 1920-1945. Campina Grande: ADUFCG, 2006.

¹⁵ ARANHA, Gervácio Batista. A nova história cultural e a antropologia: perspectivas e convergências. In Dantas, Eugênia e BURITI, Iranilson (orgs.). **Metodologia do ensino e da pesquisa:** caminhos de investigação. João Pessoa/Campina Grande – PB: EDUFCG/IDEIA, 2008.

fia expandiu o leque de objetos, fontes e abordagens que antes eram desprezados pela famigerada história tradicional.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como suporte metodológico recursos próprios da história oral, pois é o meio mais adequado aos propósitos da pesquisa: reconstruir particularidades, revelando práticas cotidianas, culturais e experiências singulares de pessoas comuns. Portanto, o método da história oral, possibilitará a reconstituição da memória daqueles que, cotidianamente, fazem da barbearia um local de trabalho e de troca de experiências. A importância da oralidade revela-se no momento em que o “oral pode ser um método extremamente profícuo na medida em que revela as formas de ver o mundo dos atores sociais comuns” (CABRAL FILHO, 2009, p. 28).

Para Prins (1992, p. 192), “a história oral é a que melhor reconstrói os particulares triviais das vidas das pessoas comuns”. Através das lembranças e dos testemunhos orais são revelados os conflitos, as práticas culturais, as experiências, as lutas cotidianas, a própria visão dos sujeitos esquecidos sobre suas vidas e acerca do mundo ao seu redor. Em outro momento, Prins (ibidem, p. 169) reconhece que, por pertencermos a uma cultura dominada pela escrita, a palavra falada é rebaixada: “os historiadores são pessoas alfabetizadas por *excellence*, e que para eles a palavra escrita é soberana”.

No texto “História Oral – Desafios para o século XXI”, M. M. Ferreira¹⁶ discute que o testemunho oral revela-nos o indescritível e toda uma série de realidades raramente presentes nos documentos escritos, porque são consideradas muito significativas ou inconfessáveis.

Dessa forma, contrariando a lógica do documento escrito como detentor de verdades consolidadas, a fonte oral, a partir do depoimento dos excluídos, auxilia na reconstrução da memória e dá vida aos fatos narrados. Pois, como mostra Pollak (1992, p. 2), a oralidade torna conhecidos os atos dos marginalizados e das minorias, e ressalta a importância “das memórias subterrâneas”.

Assim sendo, ao abordar a experiência dos de baixo, faz-se necessária a utilização de um método apropriado, sobretudo quando se pretende trabalhar com histórias de vida. Nesse caso, é interessante que se recorra à oralidade, uma vez que esta funciona como mecanismo capaz de revelar o acervo vivo da memória.

¹⁶ FERREIRA, M. M. *et alii*. **História Oral: Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, FGV, 1998, p. 31-45.

A reminiscência pessoal e as tradições particulares das famílias, que raramente são postas no papel, exatamente porque a maioria das pessoas não as considera muito importantes para os outros, é que se tornam o tipo padrão da evidência oral. É geral apenas entre grupos de menor prestígio, tais como crianças, os pobres da cidade, as pessoas isoladas no campo, é que hoje se coletam outras tradições orais (...) ainda não esgotamos os novos passos mais importantes na criação da fonte oral para a história social. (THOMPSON, 1998, p. 50, 51, 65).

Portanto, é notória a necessidade de uma escrita que se volte para a experiência de pessoas comuns que têm em suas reminiscências um conteúdo existencial e social bastante rico. Isso só é possível a partir da história oral de vida, que é o “gênero bastante cultivado e com crescente público. Trata-se de narrativa com aspiração de longo curso – daí o nome vida – e versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 82). Experiências estas que se projetam a partir do recurso da oralidade, em que o pesquisador tende a valorizar, registrar e analisar as ações dos indivíduos que produzem narrativas que são vistas como documentos extraídos das subjetividades emanadas do diálogo entre historiador e entrevistado.

A história de vida permite obter informações na essência subjetiva da vida de uma pessoa. Se quisermos saber a experiência e perspectiva de um indivíduo, não há melhor caminho do que obter estas informações através da própria voz da pessoa. (SANTOS, 2008, p. 715).

Neste trabalho não é obtida apenas a voz do falante, outras questões devem ser percebidas, pois ocorre um diálogo entre duas pessoas permeado por gestos, olhares, expressões e observações que, às vezes, sufoca, silencia ou destoa do verbal. Isso ocorre principalmente quando o narrador é interrogado ou lembrado de algum episódio complicado de refazer, por ter sido muito significativo ou deixado profundas marcas. “Nesse caso, o silêncio tem razões bastante complexas” (POLLAK, 1989, p. 7).

Sendo assim, é possível perceber muito no silêncio, no não dito, esses momentos falam bastante, principalmente se vier acompanhado por lágrimas e voz comovida. Em algumas entrevistas que realizamos com os nossos colaboradores, nos deparamos com essa questão. Às vezes, eles falavam pouco, em outros momentos, se expressavam com bastante fluidez, e ain-

da havia aqueles instantes em que mal conseguiam completar a frase, já caía no choro. Esse foi o caso de Seu Genival, que nos pediu que parássemos a entrevista por causa do coração.

São muitas as marcas de uma história de vida, elas são contagiantes, germinantes. É um diálogo de vai e vem carregado ou pautado por intensas emoções e oscilações. Em alguns depoimentos prevaleceram o lamento, a euforia, o permitido, o proibido. Essas variantes impulsionavam e desencadeavam sentimentos de alegria, nostalgia, expectativas, frustrações e ilusões. Portanto, a história oral de vida multiplica ambientações, alterações e contextualizações situacionais presentes na fisionomia, no falar e nos toques de quem se propõe a revelar um pouco de si.

Esse processo obedece ou não a uma sequência lógica, sistemática. Aqui os dados surgem da imprecisão, são postos voluntariamente pelo que a memória consegue recapitular, nem sempre os dados se conectam. Talvez seja este o grande encanto de trabalhar com a história oral de vida: a cada encontro uma surpresa, uma nova impressão, uma sensação de que por aqui a subjetividade parece superar a objetividade.

A informação vem do acaso, da voz cansada, fragilizada, às vezes favelada, e assim, a conversa vai escoando pelo filtro da memória. Quando menos se espera, nos deparamos com um oceano de lembranças merecedoras de nossa atenção. Elas surgem acompanhadas de uma constelação de emoções que precisam ser propaladas, pois tem muito a nos anunciar, visto que eles, os “de baixo”, transitam entre protagonistas e coadjuvantes de muitas histórias abrigadas.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. (POLLAK, 1989, p. 4).

Todo trabalho que recorre à oralidade como método de pesquisa deve destacar a importância dos estudos acerca da memória. Nesse aspecto, Bosi (2015, p. 480) percebe que é comum a memória dos velhos vir acompanhada por atividades laborativas. Então, o sentido da vida parece ser a ação do trabalho como meio significativo e existencial. “A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia” (ibidem, p. 481).

Ainda sobre a memória, é interessante perceber o quanto a mesma é produtora de significados e representações reveladas através dos quadros sociais do indivíduo, que é “Sociável, sobretudo, porque o indivíduo só se explica na vida comunitária” (MEIHY, 2011, p. 68). Por sua vez, Halbwachs (2006) também entende que a memória, por natureza, deveria ser um fenômeno coletivo e social, e como tal estaria sujeita a flutuações, transformações e mudanças constantes. Para este autor existe um processo de “negociação” na conciliação de memórias individuais e coletivas. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). De igual modo, Pollak (1992) afirma ser a memória um fenômeno construído social e individualmente. Portanto, a estruturação da memória do indivíduo é condicionada à vivência deste com o seu grupo e com as instituições sociais a que ele pertence.

Por ser a proposta trabalhar com a reminiscência de velhos barbeiros, que fazem do seu local de trabalho um espaço de sociabilidade, Walter Benjamin, em seu texto “O narrador”¹⁷, estabelece uma discussão nesse sentido, quando discorre sobre o conceito de narrativa e extinção do narrador. Para ele, o narrador é uma figura extremamente importante por transmitir em seus relatos sabedoria e experiência.

Assim, ao contrário da informação, que só tem valor enquanto nova, a narrativa traz como marca a conservação, mesmo diante do passar dos tempos, ela consegue manter-se viva entre as gerações. Então, é percebido que na narrativa sempre há uma “dimensão utilitária” (BENJAMIN, 1994, p. 204), ela não se perde com o tempo, pois “o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (op. cit., p. 200). Estes, às vezes, valem para toda uma vida; se bem que essa prática já não é tão considerada, porque “dar conselhos” soa como algo ultrapassado ou descontextualizado.

“As experiências estão deixando de ser comunicáveis (...). A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” (ibidem, p. 200 e 201). Além disso, o homem atual só conserva o que pode ser conciso. Portanto, a cada dia fica evidenciado que, aos poucos, na chamada cultura moderna, o narrador tradicional já não atrai ouvintes, ele não consegue mais juntar pessoas prontas a escutar suas experiências, histórias, contos e outros episódios do cotidiano.

O que prevalece é um isolamento do indivíduo, que se basta com a condensada informação, bem como uma visível extinção do narrador e a declarada morte da narrativa. “Contar

¹⁷ BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas:** Magia e técnicas, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (op. cit., p. 205).

Após essa discussão voltada ao conceito de narrativa, abordaremos questões relacionadas à masculinidade. Nesse aspecto, a pretensão é mostrar que as antigas barbearias de Campina Grande funcionavam como um microcosmo de reprodução dos valores masculinos. A proposta é reconstruir as experiências vividas pelos frequentadores, apresentando este espaço não só como local de embelezamento, mas de passatempo do público masculino. Muitos indivíduos, mesmo não necessitando dos trabalhos do barbeiro, eram frequentadores assíduos do salão.

Para subsidiar a discussão sobre masculinidades, recorreremos a textos como “A dominação masculina”, de Pierre Bourdieu¹⁸, que estabelece um diálogo em torno da dominação de gênero, em que ao homem é reservada ou reproduzida naturalmente no meio social a ideia de superioridade em relação ao ser feminino. Já o texto de Miriam P. Grossi¹⁹ traz uma abordagem próxima do que é discutido na pesquisa: a organização social das masculinidades em suas “inscrições e reproduções locais e globais”, bem como a compreensão do modo como os homens entendem e expressam a “identidade de gênero” a partir das interações sociais dos homens com os outros homens e com as mulheres, ou seja, a masculinidade como expressão da dimensão relacional de gênero.

Após essas considerações, devemos acrescentar que no intuito de conseguir material que proporcionasse consistência à elaboração da pesquisa, partimos em busca de textos produzidos na academia capazes de nos auxiliar na fundamentação do projeto. Ao realizar tal atividade, percebemos que não havia trabalhos relacionados a experiências profissionais específicas. Após detectar essa lacuna na historiografia campinense: de perceber a cidade sob o ponto de vista de segmentos laborais, é que resolvemos desenvolver uma pesquisa que contemplasse a cidade a partir da ótica dos seus trabalhadores.

Portanto, somada à curiosidade intelectual, a pretensão da pesquisa é ampliar o conhecimento sobre a temática proposta, levando novos saberes a diferentes pesquisadores. Compreendemos que essas considerações por si mesmas justificam a elaboração do presente estudo. Contudo, mesmo sendo possível defrontar-se com textos abordando a temática apresentada, isso não inviabilizaria a realização deste trabalho, pois entendemos que no campo da his-

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

¹⁹ GROSSI, Miriam P. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**, n. 75, PPGAS/UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/primeiraMao.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

toriografia um mesmo tema pode ser visto a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

CAPÍTULO 1

DO SERTÃO PERNAMBUCANO AO AGRESTE PARAIBANO: UMA HISTÓRIA DE VIDA EM CAMPINA GRANDE

Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.

Ecléa Bosi

1.1 Primeiros registros biográficos: as Boninas nem sempre foi meu lugar

A primeira história de vida que apresentamos é a de Seu Zé Barbeiro. Homem pobre, de família simples do interior, nascido no ano de 1935, no povoado de Santa Rita, pertencente ao município de Tuparetama, sertão pernambucano. Dos primeiros anos aos dias atuais, ele tem sua trajetória marcada por muitos desafios.

Sabe-se que a infância é uma fase de lembranças, dos brinquedos, dos amigos, dos lugares, das diversões, das querelas. A de nosso entrevistado não foi tão colorida assim. Contudo, Seu Zé inicia sua narrativa juntamente com outros companheiros, falando-nos da farta infância que vivera. Farta no sentido de ter uma vida cheia de travessuras, bons momentos e muito trabalho.

Ele nos conta das saudades da terra onde brincava, do trabalho na agricultura, dos avós, dos parentes e outros que acompanharam o seu crescimento. São vários os temas destacados por nosso entrevistado sobre essa fase, que para ele foi a melhor: “Naquele tempo tudo era mais puro, inocente, livre. Sem contar a companhia de pai, mãe, os irmãos. Era bom demais (silêncio)”²⁰. Essas lembranças além de o emocionarem, vão surgindo por uma nítida divisão temporal que se apresenta da meninice à maturidade.²¹

²⁰ Trecho da entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

²¹ A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Aquela riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes de lugares. (BOSI, 2015, p. 415).

Mesmo relacionado ao período da infância, o tema que se destaca em sua narrativa é o do trabalho, “era uma obrigação de todos trabalhar, não importava a idade nem o tamanho, todo mundo era criado no trabalho. Trabalho desde os cinco anos”²². Por aqui a brincadeira era associada ao labuto, e assim foi a infância dele e de muitos outros que fizeram parte do seu universo. “(...) O trabalho que os ocupou e absorveu do fim da infância ao limiar da velhice” (BOSI, 2015, p. 454).

Para muitos a infância é a fase das descobertas, de experiências, dos experimentos, do aprendizado, tempos de interrogações, de respostas não precisas, dos bons costumes, bons hábitos, da irresponsabilidade, das traquinagens. Para nosso colaborador essa era a fase, sobretudo, do respeito, da severidade e do trabalho. “No meu tempo ninguém respondia o pai ou a mãe com malcriação. Naquele tempo a gente respeitava o pessoal e todo mundo tinha uma ocupação, ninguém vivia desocupado”²³.

“Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição” (Ibidem, p. 39). Assim, vão multiplicando-se os dias, os dizeres, as diabruras, as brincadeiras simples, mas enriquecedoras, os palavreados próprios de sua infância, os lugares que deixaram suas marcas e que contribuem para a reconstrução da sua história de vida.

[...] neste sentido é que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é necessário para constituir um panorama vivo e natural sobre o qual se possa basear um pensamento para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. (...) a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. (HALBWACHS, 2006, p. 90).

De uma forma idealizada, às vezes, a infância é apresentada como sendo o lado bom da vida. Essa é a fase, é o tempo no qual não se tem muitos encargos, em que tudo é permitido, compreendido, pois da criança “tudo se crê, tudo espera, tudo suporta”²⁴. Elas são os reizininhos no seu mundo, sem contar que o seu universo é todo encantado. No entanto, no caso de Seu Zé, a vida nesse período lembrava muito a dos adultos. A fantasia era outra, a responsabi-

²² Trecho da entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

²³ Idem.

²⁴ I Coríntios 13, 7. In: BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2000, p. 177.

lidade vinha desde cedo. Eles, os menores, deveriam contribuir com os afazeres da casa e com a economia doméstica.

Seu Zé foi crescendo em sua terra natal associando as travessuras à responsabilidade, de modo que foi criado no trabalho e para o trabalho. Com dez anos de idade já começara a cortar cabelo, uma vez que essa era a profissão da maioria dos seus familiares. Portanto, desde cedo, o ofício de barbeiro já fazia parte de sua vida. “Agora eu corto cabelo desde os dez anos. Quem cortava era meu pai, meus tios, irmãos, aí eu fiquei na mesma merda também. Filho de pobre começa trabalhar cedo”²⁵. Porém, mesmo com todas as atividades que lhe foram atribuídas, vivenciou as diferentes etapas da idade tenra, inclusive a dos estudos.

Eu estudei dos sete aos dezesseis anos. Tudo o que eu sei hoje foi daquele tempo. Hoje sou grato aos meus pais por ter me colocado na escola. Mas eu estudei, tudo o que sei aprendi lá no Sertão. Naquele tempo começava a estudar com sete anos. De seis a sete anos eu estudei. Porque minha mãe era analfabeta, não assinava o nome, mas ela tinha muito cuidado com a gente: Você vai ou então vai para o cacete, vá para a escola. E assim foi. O que eu sei ainda, graças a Deus, devo a minha mãe. Meu irmão mais velho, estudou mais, aprendeu mais. Eu era meio burro. Aí fui trabalhar de lanterneiro. Trabalhei um ano...²⁶

Nesse sentido, podemos acrescentar que há uma preocupação dos pais em educar os filhos, e essa tarefa tende a ser compartilhada com o estado e demais instituições.

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização. Essa separação e essa chamada à razão - das crianças deve ser interpretada como uma das faces do grande movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados à Igreja, às leis ou ao Estado. Mas ela não teria sido realmente possível sem a cumplicidade sentimental das famílias, e esta é a Segunda abordagem do fenômeno que eu gostaria de sublinhar. A família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos, algo que ela não era antes. Essa afeição se exprimiu, sobretudo, através da importância que se passou a atribuir à educação. Não se tratava mais

²⁵ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016

²⁶ Idem.

apenas de estabelecer os filhos em função dos bens e da honra. Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (ARIÉS, 1986, p. 29).

Com o passar dos anos, Seu Zé começou a entender que o lugar onde vivera era insuficiente para lhe dar o que sonhara. Então, diante da escassez de recursos financeiros, em 1952, com apenas dezessete anos de idade, resolve migrar para a cidade de São Paulo.

Naquele tempo era difícil e não era porque nós éramos pobres, tínhamos uma propriedade que nos dava muito feijão e milho, muito algodão. A gente criava umas vaquinhas limitadas, mas a gente não podia crescer muito, já com medo do ano que vinha, porque na seca o bicho morre de fome. Naquele tempo eu morava na zona rural, hoje eu chamo lá de c... de Pernambuco. Chegando lá sem dinheiro o cara morre de fome. Eu saí de lá mesmo com dezessete anos e meio e fui para São Paulo. Não tirei nem os documentos aí minha mãe ficou muito aperreada. Aí eu disse: Não mãe, eu não vou morrer, eu vou conhecer o mundo. Porque foi um ano ruim na roça, não nasceu nada, nem milho nem feijão, aí eu disse a minha mãe: Eu não trabalho mais nessa terra não. E não trabalhei mais não. Naquele tempo eu peguei um carro lá no município de Prata, um carro que vinha de Guarabira, porque a minha região é perto de Monteiro. Passei seis dias para chegar no Rio. E uma noite a mais para chegar em São Paulo, porque eu ia para lá.²⁷

Essa questão de que o homem dependia da natureza para sobreviver foi a principal causa expulsiva dos muitos camponeses que se deslocavam ao centro urbano, com a pretensão de encontrar meios capazes de lhes garantir uma renda mínima. Neste aspecto, ressaltamos que a vinda dos nordestinos para o Centro-Sul foi instigada, sobretudo, pela decadência econômica local e pelos atrativos postos pelo avanço industrial, que induzia um grande contingente de mão de obra.

Assim, motivados por diversos elementos que funcionavam como atrativos e promessas de emprego em abundância, principalmente no setor industrial, como mencionado, que da década de 1950 em diante vive o auge no Brasil. Esse momento de ascensão é responsável pela atração de muitos trabalhadores, os quais se somavam às dezenas de milhares já existentes, principalmente na capital paulista.

²⁷ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

Nesse processo não interrompido, os anos de 1950 são herdeiros da década anterior. Nesse período que nasceu mais da metade de todas as indústrias mecânicas, um terço das metalúrgicas e um quarto dos estabelecimentos destinados à produção de material elétrico e de comunicação, em relação ao parque existente em 1958. Foi em 1950, o sonho acalentado da industrialização que alçaria o país ao mundo dos países desenvolvidos parecia viável e próximo. A indústria, particularmente aquela instalada em São Paulo, tornava o país autossuficiente em produtos perecíveis e semiduráveis de consumo. A produção doméstica de bens ou insumos, antes importados, intensificou-se: bens de consumo duráveis, como automóveis e eletrodomésticos; bens de capital, máquinas e equipamentos; e bens intermediários, siderúrgicos, químicos, borracha, papel. (ARRUDA, 2005, p. 136,137).

Empurrado por essas questões, Seu Zé fertiliza a fileira dos que partem em busca de uma vida melhor na cidade grande e moderna. Em meio à transitoriedade do rural ao urbano, nosso entrevistado foi alargando experiências na cidade. Assim, os “de baixo” vão aos poucos protagonizando seus destinos, fazendo escaladas impulsionadas por questões sociais e econômicas que os conduzem a um roteiro nem sempre programado ou esperado.

Como resultado dessas políticas, do final da década de trinta até 1950, 1.300.000 migrantes foram deslocados para São Paulo, vindos principalmente de Minas Gerais, Bahia, Alagoas e Pernambuco. Entretanto, a precariedade das condições de trabalho e sua intensa sazonalidade transformavam a migração rural / rural também em rural/urbana, levando os migrantes a percorrerem diversas propriedades em busca de trabalho para, finalmente, inserirem-se em atividades urbano- industriais. Durante a década de 50, a migração para São Paulo tornou-se maciça, com características de êxodo rural, estimulada pelas secas de 1951-53 e a de 1958. Entre os anos de 1951-55, o Departamento de Imigração e Colonização registrou a entrada de 762.707 migrantes na cidade, com preponderância de nordestinos, que concorrem agora para a formação da classe operária em São Paulo do pós-guerra. Pela primeira vez na cidade de São Paulo o número de migrantes de outras regiões ultrapassou o do interior do estado. A cidade recebeu quase um milhão de pessoas representando aproximadamente 60% do crescimento do município na década. (ROMERO, 2014, p. 6).

Portanto, a história de Seu Zé barbeiro, se assemelha à de tantos outros nordestinos que viveram no início da segunda metade do século XX, que ao completarem a maior idade não viam outra possibilidade que não fosse a de viajar para a cidade grande, em especial, São Paulo ou Rio de Janeiro. A intenção era encontrar uma vida melhor, pois onde viviam as ex-

pectativas não eram boas. Com os prognósticos desfavoráveis, o que restava era a mesmice do dia a dia ou a ideia de mudar de lugar, e quiçá, se dar bem nessa empreitada²⁸.

Assim sendo, Seu Zé encontrava-se nesta estatística: dos que buscavam melhores e maiores rendimentos no grande centro urbano. No entanto, a sorte não o acompanhou, as oportunidades foram poucas, por isso, resolve regressar e desempenhar o ofício que aprendera com o seu pai desde criança. Nesse momento, ocorre um fenômeno contrário: quando muitos ainda alimentavam a ilusão de partir com destino ao Sudeste, por achar que seria possível desfrutar de uma vida melhor na região de onde viera, mesmo diante das inúmeras problemáticas que conhecia: seca, pouca alimentação e outras dificuldades,²⁹ ele resolve retornar.

Rapaz naquele lugar eu contava os dias pra vir embora pro norte, aquilo era uma desgraça. São Paulo não é lugar pra gente normal não. Só tem trabalho e pesado. Eu tava doido pra vir me bora e vim no ano de 1954. Só fiquei lá dois anos, nunca mais voltei.³⁰

Deste modo, não suportando as muitas dificuldades, nosso colaborador prefere regressar a sua região. Essa vinda foi marcada por muitas complicações, devido às dificuldades em conseguir o dinheiro para comprar a passagem de volta. Para Seu Zé, a almejada São Paulo não foi a terra das oportunidades, da abundância, mas sim, de uma vida bastante difícil e uma sobrevivência dispendiosa em todos os sentidos.

Como mostra Bresciani (1994), o resultado para muitos migrantes na cidade grande é a fome, a miséria, o trabalho duro e, por fim, o desemprego, o golpe fatal para quem está em outras terras e que não pode contar com o auxílio de parentes. Resta a esses migrantes apenas a ajuda de entidades filantrópicas e associações de caridades, que tentam abrandar as mazelas sociais de muitos que não têm recursos para desfrutar dos inúmeros equipamentos urbanos.

²⁸ Sobre esta questão ver com maior detalhamento Paulo Pontes, **Um nordestino em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1941-1966)**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. Em que é discutida a escolha da cidade de São Paulo pelos nordestinos, os quais buscam um emprego na jovem indústria, a qual desponta, sobretudo, entre as décadas de 1940 e 1960. Portanto, o autor esclarece as muitas razões reforçadoras da migração em larga escala dos trabalhadores rurais da região Nordeste com destino ao Sudeste, este fenômeno ocorreu principalmente na segunda metade do século XX.

²⁹ [...] Também a Haussmann assusta o movimento constante da multidão, considerada por ele “uma turba de nômades que, na melhor das hipóteses, busca a grande cidade para encontrar um trabalho mais ou menos regular, com a única intenção de voltar o mais rápido possível ao lugar de origem”. (BRESCIANI, 1994, p. 68).

³⁰ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

Deles cuidava a caridade pública e privada, que também acudia à privação causada pelo desemprego temporário do trabalhador. É bem verdade que os métodos de persuasão estavam muito longe de qualquer suavidade: as Casas de Trabalho (“Workhouses”) deviam ser lugares pouco atraentes para que seus ocupantes procurassem sair de lá o mais rápido possível. (BRESCIANI, 1994, p. 44).

A cidade grande com seus “cartões postais” tem o poder de atrair e expulsar, ela continua com “os punhos fechados” para muitos que a procuram; o que estes conseguem é uma simples moradia em uma área periférica e nada de dias melhores.

ALAGADOS (Paralamas do Sucesso)

Todo dia o sol da manhã
 Vem e lhes desafia
 Traz do sonho pro mundo
 Quem já não o queria
 Palafitas, trapiches, farrapos
 Filhos da mesma agonia
 E a cidade que tem braços abertos
 Num cartão postal
 Com os punhos fechados na vida real
 Lhe nega oportunidades
 Mostra a face dura do mal

Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
 A esperança não vem do mar
 Nem das antenas de TV
 A arte de viver da fé
 Só não se sabe fé em quê
 A arte de viver da fé
 Só não se sabe fé em quê³¹

A letra da música retrata momentos difíceis vivenciados por Seu Zé e outros migrantes nos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. Ele, especificamente, percebeu um pouco a desigualdade social, constatou que a cidade é marcada “por muros invisíveis” e fronteiras que são determinadas pelo poder econômico de cada indivíduo. Assim, os rendimentos,

³¹ RIBEIRO, Bi; BARONE, João; VIANNA, Herbert Vianna. Alagados. In: **Selvagem?** São Paulo: EMI Records, 1986. 1 LP.

o trabalho de cada um vai definir que posição deve ocupar na atmosfera urbana, bem como em que bairro morar e que espaços da cidade frequentar.³²

Dessa forma, enquanto alguns usufruem de casas luxuosas, transporte, escolas, serviços e outros; esses mesmos itens são negados a uma gama de trabalhadores que lutam cotidianamente pela simples sobrevivência sua e de sua prole. Em meio a todo esse processo de exclusão gerado na cidade grande, Seu Zé tem agora um único desejo: retornar o mais rápido a sua terra, pois vive em um lugar de muitas riquezas, mas não pode participar das benesses contempladas, sobrando-lhe apenas o desejo e, em muitos instantes, a frustração.

“O que a modernização, a indústria e a cidade ainda não trouxeram para os nossos países da América Latina foi a extinção da miséria, a saúde do povo, a felicidade das crianças, a Justiça social – coisas que materialmente ela possibilita” (ALBORNOZ, 2012, p. 30). O indivíduo na cidade grande, por necessidade, dedica quase todo o seu tempo ao trabalho e a recordar o mundo que deixara para trás, em que tinha a hora da labuta, do descanso e os momentos de diversão. Por isso, há um desejo latente de retornar o mais breve possível ao lugar de nascimento.

Se a saudade batia e o confinamento só aumentava, a solução seria conseguir comprar a passagem de volta e contar os dias do regresso. Pois, se soubesse que a vida em São Paulo traria tantos desconfortos, teria evitado a sua ida. Assim, após tentar de todas as formas se fixar na cidade e não ter conseguido, uma vez que o que lhe restava era apenas o trabalho pesado, e isso já fazia na zona rural, não viu sentido em continuar insistindo em algo que se assemelhava ao que vivenciara no Nordeste.

Eu não tinha documento e já trabalhava nesse troço de barbeiro, mas lá não trabalhava porque não tinha documento na época. Lá não peguei nem na tesoura. Eu saí como daqui na Rodoviária Velha, lá tinha um serviço de uma

³² A segregação é manifesta também no caso dos condomínios fechados - muros de verdade, além de controles eletrônicos, zelam pela segurança dos moradores, o que significa o controle minucioso das trocas daquele lugar com o exterior. Além de um recorte de classe, raça ou faixa etária, a segregação dos locais de trabalho em relação aos locais de moradia. A cena clássica cotidiana das grandes massas se deslocando nos transportes coletivos superlotados ou no trânsito engarrafado é a expressão mais acabada desta separação – diariamente temos que percorrer grandes distâncias para ir trabalhar ou estudar. Com isto, bairros inteiros das cidades ficam completamente deserto de dia, os bairros-dormitórios, assim como algumas regiões comerciais e bancárias parecem cenários ou cidades-fantasma para quem as percorre à noite. Finalmente, além dos territórios específicos e separados para cada grupo social, além de separação das funções morar e trabalhar, a segregação é patente na visibilidade da desigualdade de tratamento por parte das administrações locais. Existem, por exemplo, setores da cidade onde o lixo é recolhido duas ou mais vezes por dia; outros, uma vez por semana; outros, ainda, onde o lixo, ao invés de recolhido, é despejado. As imensas periferias sem água, luz ou esgoto são evidências claras desta política discriminatória por parte do poder público, um dos fortes elementos produtores da segregação. (ROLNIK, 2004, p. 42).

obra. Eu cheguei e perguntei: Oh nego, tem serviço aqui? Ele disse: Tem. Cheguei em São Paulo num dia, no outro já estava trabalhando de servente de pedreiro. Cheguei num dia, no outro achei esse serviço lá, fui e agarrei. À força. Era o jeito. Agora que para mim não era pesado, porque o trabalho tanto tem de bom com tem de mau, está mais na cabeça, porque eu amanharia amansando garrote, tirando leite de vaca de balde, e lá vai aquela agonia da gota serena. Aí eu peguei aquele serviço. Já conhecia bater tijolo, construir algumas casas, casa de morar, para mim não foi novidade, porque para o agricultor não tem serviço pesado para ele não. Para mim, achei bom, foi o começo da minha vida. Passei dois anos naquele serviço, um ano na capital. Foram construir na Praia Grande, em Santos, aí perguntaram: Quem quer ir? Eu disse: Quero.³³

Em São Paulo sempre trabalhou na construção civil. Lá só era trabalho, não havia diversão alguma.

[...] Eu, matuto que vinha lá do Sertão. O matuto que vai para São Paulo, por exemplo. Eu passei dois anos lá, só de casa para o trabalho, você sente saudade mesmo, você dentro de São Paulo não conhece nadinha, não vai para canto nenhum, é de casa para o serviço, do serviço para casa, pronto, acabou. É muito melhor você estar no Sertão dos Infernos do que no lugar daquele.³⁴

Foi com esse sentimento que, no ano de 1954, Seu Zé chega até a cidade de Campina Grande.

[...] quando o cara batia o sino para pegar no serviço às sete da manhã, eu já não estava aguentando aquilo ali. Aí eu, quando arrastei o dinheiro da passagem, cheguei assim e disse: Faça minha conta porque amanhã quero ir embora. Não... Faça a conta, que eu quero ir embora amanhã, não quero mais trabalhar não. Cheguei na capital, em São Paulo: rapaz, tem passagem para Campina Grande? Não tem. Para o Norte só tem para Caruaru. Me dá para Caruaru. Eu fui assim. Quando eu paro para ir para um canto. Aí fui. Vim para Caruaru. Naquele tempo já diminuiu, foi uns quatro dias, por aí assim. Cheguei em Caruaru, era mais ou menos uma hora da tarde: uma passagem para Campina Grande? Não tem. Eu doido para chegar aqui. Ele disse: Meu irmão, aqui a gente não vende, mas naquela escancela ali passa muito transporte para Campina, aí você pode pegar. Tinha um velho que tinha ido passear em São Paulo. Eu vou arriscar também, vamos nós dois. Chegamos lá, ficamos uma hora, mais ou menos. O transporte que apareceu foi um Chevrolet ano 1946 carregado com lenha. Aí chegou um caminhão carregado

³³ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

³⁴ Idem.

com lenha, um Chevrolet 46. Dá para levar a gente? Só se for em cima, porque aqui dentro está completo com a mulher. Vai? Eu vou. O velho disse: Vou também. Pegamos o carro, quando foi dez horas eu estava descendo aqui na Praça da Bandeira. O caminhão Chevrolet carregado de lenha vinha para as padarias aqui. Aí da padaria fui para a Praça da Bandeira ali. Eu só tinha o endereço do Salão Elite, porque o salão era do meu pai, eu não tinha o endereço da residência. Aí ele me trouxe para uma casa aqui, até hoje eu não sei em qual casa dormi dessa rua aqui, nessa rua aqui nas Boninas, tinha uns hotéis velhos. Dormi, de manhã saí aí não tive mais errada não. No comecinho de 1954, cheguei para conhecer Campina.³⁵

Nesse período, década de 1950 e início de 60, Campina Grande por ocupar uma posição geográfica privilegiada, ainda era conhecida na região como cidade polo atacadista, isso porque atendia aos demais municípios do chamado Complexo da Borborema. A cidade também foi um lugar preferido dos inúmeros retirantes (SILVA JÚNIOR, 2009); ela acolheu muitos forasteiros, os quais, por aqui se fixaram tornaram-se comerciantes, políticos, profissionais liberais, barbeiros, etc.

Para muitos, Campina Grande foi o lugar das oportunidades. O seu forte comércio absorvia a mão de obra demandada; os moradores orgulhavam-se por viverem na promissora Rainha da Borborema, que tinha como carro-chefe do seu crescimento urbano a atividade comercial, o qual servilmente potencializava a pujante economia local. “(...) A função abastecedora de Campina Grande na região e o intenso crescimento de sua população contribuíram para a expansão da atividade comercial na cidade, impulsionando, sobremaneira, o crescimento de uma série de fluxos na sua área de influência” (DINIZ, 2011, p. 38).

À custa do algodão, a cidade campinense passou por inúmeras reformas no seu entorno central. O ouro branco patrocinou muitos dos projetos de seus governantes, que almejavam um ar de modernidade à cidade, como foi o caso do então prefeito Verngniaud Wanderley (SOUSA, 1993). Portanto, Campina Grande não só era a cidade das oportunidades, mas também dos destaques na arquitetura, no seu crescimento urbano com ruas largas e ampliadas avenidas.

[...] ao longo de sua existência, sobrelevou a sua influência nas transações comerciais articuladas num amplo espaço do interior da região nordestina, principalmente com o surto da produção algodoeira nos sertões semiáridos. A concentração da produção e comercialização deste produto em Campina Grande impulsionou expressivamente o seu crescimento urbano transfor-

³⁵ Entrevista em 30 de maio de 2016.

mando-a num dos principais centros urbanos regionais. (DINIZ, 2011, p. 18).

Foi nessa Campina Grande que Seu Zé, no ano de 1954, desembarcou na famosa Praça da Bandeira, esse lugar democrático que recebe diferentes transeuntes, que abriga jovens, moradores e outros que recorrem ao espaço quase sempre nos momentos de intervalos ou nas horas vagas para conversar, passear, narrar, namorar, tomar um sorvete ou até mesmo saciar a fome nos restaurantes e lanchonetes que ficam em suas imediações.

Assim, a praça é um ambiente acolhedor, tanto para os que moram como para os que vêm à cidade, sejam eles velhos, adolescentes, crianças, enfim, a praça está pronta para atender a todos. Aos que gostam de jogos, atividades físicas e outros atrativos que são oferecidos nesse recinto. Ela também é um lugar de conhecer pessoas, de fazer amigos, conversar, conviver; é um espaço de acontecimentos, de encontros e desencontros³⁶.

Foi um espaço como esse, a Praça da Bandeira, um lugar de lazer preferido dos campinenses, que recebeu Seu Zé quando de sua chegada a Campina Grande. A história dessa praça é bem interessante, também conhecida por “Praça dos Pombos”, sendo uma das principais áreas livres da cidade, seu nome está relacionado ao símbolo maior da nação: a bandeira. Quanto à referência aos pombos, nosso colaborador informa: “A Praça é dos Pombos porque algumas pessoas soltaram eles na praça. A primeira pessoa que soltou os pombos, na atual praça dos pombos, foi um ex-vereador, João Nogueira de Arruda, apelidado de Pinta Cega, isso na década de 1960”³⁷.

Esse espaço público foi construído no ano de 1938, na gestão do governo de Bento Figueiredo, e recebeu o nome de Praça Índios Carirys³⁸. Como resultado das inúmeras reformas feitas pelo então prefeito Verguiani Wanderley no centro da cidade, sobretudo no decorrer do seu segundo mandato, 1940 a 1945 (SOUSA, 1993), a Praça é reformada. Portanto, a demolição de edificações como a da Igreja Nossa Senhora do Rosário contribuiu para a ampliação do que conhecemos por Praça da Bandeira.

³⁶ Ver ROBBA, Fábio; MACEDO, Silva Soares. **Praças brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1996. O livro apresenta uma discussão sobre a evolução, formas e usos desses espaços públicos de grande importância ao meio urbano, isso da época colonial ao final do século XX.

³⁷ Trecho da entrevista concedida em 05 de junho 2016.

³⁸ <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2016/03/a-praca-da-bandeira-por-walter-tavares.html#.WRHS1ze1vIU>. Acesso em: 04 abr. 2017.



FIGURA 1 – Praça da Bandeira, década de 1960.
Fonte: Museu Histórico de Campina Grande.

O motivo de Seu Zé desembarcar na citada praça é muito simples: esse era o ponto de referência do salão do seu pai, o senhor Posidônio. Assim, nos anos de 1950, começa a história de vida de nosso entrevistado em Campina Grande. Como ele não conseguiu afirmar-se em São Paulo, a solução foi vir trabalhar com o pai, que era um antigo barbeiro, vindo do Sertão de Pernambuco, onde tinha uma barbearia na cidade de Garanhuns, a qual vendeu, veio para Campina Grande e montou o Salão Elite nas imediações da Praça da Bandeira. “Tinha uma casa com calçada no começo da Marquês do Herval, próximo aos Correios, o Salão Elite era lá”³⁹.



FIGURA 2 – Imediações Praça da bandeira, possivelmente década de 50, com destaque para o ponto de ônibus onde nosso depoente desembarcou.
Fonte: Museu Histórico de Campina Grande.

³⁹ Trecho da entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

Como todos os filhos seguiram ou, pelo menos, aprenderam a profissão do pai, quando a coisa não estava boa a saída era retomar ao ofício aprendido no seio familiar. Nisso, percebe-se que há profissões que são aprendidas e permanecem em família, gerações continuam o ofício. Assim, mesmo diante das inúmeras mudanças propostas pela modernidade, o saber é preservar.

Pensar que os profissionais manuais habitam e dividem este mundo, em que a lógica vigente é a transformação permanente, é levantar questões em torno de como se dá a organização e preservação de seus saberes (...) como se mantêm firmes, vivenciando aquela profissão, diante de tantas mudanças nas condições do fazer aquele trabalho, aquele ofício. (PIMENTA, 2008, p. 25).

Quando chegou a Campina Grande, Seu Zé revela que teve dificuldade para conseguir uma cadeira no salão do pai. Então, foi trabalhar como aprendiz de lanterneiro, isso no ano de 1955, mas a empreitada não deu certo, porque não recebia o pagamento em dia. Assim, a saída foi tentar se estabelecer como barbeiro.

O pai achava mais interessante que ele continuasse estudando para ter uma profissão melhor: “Você vai estudar, viu. Eu disse: Não vou não, porque já passei do tempo de estudar. Eu tinha dezenove anos. Aí falei: eu vou trabalhar agora é de cortar cabelo com o senhor. Ele disse: esse serviço não presta, mas se você quiser, venha”⁴⁰. As razões em não querer estudar foram as mais variadas, sobretudo, a luta pela sobrevivência tão comum aos filhos dos pobres.

Se a escola prepara profissionalmente, também promove distinção entre camadas sociais. Seus mecanismos bastante conhecidos envolvem fatores como localização dos prédios escolares, nem sempre acessíveis a todos; exigência regular dos alunos, dificuldades que existem para os que se integram precocemente ao mercado de trabalho. (CUNHA, 2000, p. 449).

Em virtude disso, muitos populares resistiam em dar continuidade aos estudos, o que acaba se tornando uma prática comum entre os mais pobres, eles tendem a educar os filhos no trabalho. Nesse sentido, nosso colaborador informa que, por falta de estudo, teve mesmo que permanecer cortando cabelo. Nisso se percebe certo sentimento de inferioridade pela profis-

⁴⁰ Trecho da entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

são. “Dava para eu ter me formado duas vezes, não dava? Dava. Agora diga por que não fui? Porque eu tinha vergonha de ir para uma escola já com dezenove anos e começar no Primário, numa coisa assim, no sabe?!”⁴¹

A frustração expressada pode ser compreendida pelo fato de ter pertencido a uma geração do século XX, que valorizava a ação do trabalho em detrimento da educação escolar. Por ter vivenciado um período de transição, ele percebe que hoje, no século XXI, os valores são outros, agora o estudo deve ser prioridade na vida, na formação e na educação da pessoa. Por isso, continua a repetir as palavras do pai: “esse ofício não presta, é profissão de pobre, eu não eduquei meus filhos nessa ocupação, apenas uma filha quis ser cabeleireira, isso não tem futuro. Quem acertou foi meu filho mais velho, que se formou e hoje é engenheiro mecânico em uma empresa aqui na cidade”⁴².

Muito embora defenda que a profissão tenha ficado para pobre que não estudou, admite que conseguiu fazer uma boa clientela e que ainda vive da barbearia. Começou auxiliando o pai no Salão Elite, que ficava na rua Marquês do Herval, depois ganhou autonomia e uma freguesia fiel.

Foi, me arrumei todinho para ir na segunda-feira e na quarta-feira para trabalhar na cadeira dele. Aí eu chegava, era solteirão ainda, na casa do meu pai e da minha mãe, naquele céu, como a gente diz. Aí na segunda-feira eu ia para a cadeira do meu pai. Aí eu cheguei logo cedo, porque aquilo que você faz desde criança, se você começar a dirigir carro com oito, dez anos, fica bom chofer por muitos anos. Tudo o que você faz novo, desenvolve fácil. Foi o meu caso, eu desenvolvi ligeiro, fiz logo uma freguesia muito grande.⁴³

Dessa forma, a cidade foi acolhendo Seu Zé e ele sentiu-se à vontade. No início foi morar com o pai no bairro do Alto Branco. Após ter se casado, isso em 1957, aos 21 anos, por conta própria, resolveu mudar-se para outra localidade, o bairro de José Pinheiro, que é um dos mais antigos da cidade.

O bairro conhecido na atualidade com o nome de José Pinheiro inicia sua história nos fins da década de 1910 nas imediações do açude Velho, na zona leste da cidade. (...) No decorrer da década de 1950. Pedro Agra, atendendo

⁴¹ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

⁴² Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

⁴³ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

às reivindicações populares, resolve doar alguns terrenos. (...) O êxodo rural ligado ou a estiagem prolongada ou a expulsão crescente dos moradores das fazendas circunvizinhas, trouxe numerosas famílias ao perímetro de José Pinheiro, onde enfrentavam a disputa no mercado de trabalho e na aquisição de uma casa “própria”. Na década de 1960, o bairro de José Pinheiro vai ser beneficiado com luz elétrica e água encanada só nas artérias principais. Dezenas de solicitações foram encaminhadas ao prefeito da cidade daquela década inicial, que procurou introduzir alguns melhoramentos, tais como a extensão da eletricidade e da água encanada por outras ruas, como também, a construção de calçamentos e meio fio em alguns trechos do bairro. Nesse sentido de beneficiamento, o bairro não podia ir além da própria cidade, pois Campina Grande teve também uma urbanização tardia. (GURJÃO, 1999, p. 39-41).

Após alguns anos, nosso depoente passa a morar no bairro de Santa Rosa, que também era uma localidade preferida dos mais pobres. Nessas andanças pelas cidades, percebemos o quanto o nosso entrevistado padeceu para adquirir uma casa própria.

No bairro de Santa Rosa eu estou há uns vinte e poucos anos. Eu morava na Vila Sandra, numa casa do governo. Eu sou doido, peguei essa casa e entreguei a Cehap. Eu pagava a parcela de 260, mas a parcela sempre aumentado. Me mordei com aquilo. Cheguei lá e entreguei a chave e falei assim: eu não quero mais essa porqueira.⁴⁴

A vida do trabalhador pobre na cidade é bem sacrificante, porque, além de ter que garantir a sobrevivência, precisa fazer uma reserva financeira para investir em um teto e, quem sabe, livrar-se do aluguel ou da parcela da casa financiada. Esse é o grande sonho da maioria dos cidadãos que não dispõem de moradia. Consegui-la não é coisa fácil.

No caso de Seu Zé, só veio adquirir residência própria no decorrer da década de 1980. “(...) O problema da moradia jamais foi resolvido. Solteiros, recém chegados se aglutinam em vagas ou quartos mobiliados, às vezes alugados por noite” (PERROT, 1988, p. 195). Isso implica que viver na “(...) cidade é de certo modo uma aventura” (WAIZBORT, 2006, p. 313). “Lá em São Paulo, eu tinha dois primos e um que não era primo, moravam três num quartinho desse tamanho aqui. Aí quando eu cheguei, pensei: Vixe Maria, me lasqueei! Quatro caras morando num quarto desse tamanho aqui”⁴⁵.

⁴⁴ Trecho da entrevista concedida em 30 de junho de 2016.

⁴⁵ Idem.

Prosseguindo com as reminiscências de nosso depoente, ele nos informa que o salão Elite continuou a funcionar nas proximidades da Praça da Bandeira até o ano de 1976, quando foi obrigado a vender as cadeiras porque o ponto era alugado e o dono o pediu. Assim, teve que procurar outra localidade, de preferência no Centro da cidade, e permanecer com sua barbearia.

O local encontrado foi a região das Boninas. Seu Zé, juntamente com o pai, transferiu a barbearia para o novo endereço. Embora a rua ficasse bem próxima do ponto anterior, tinha menos pessoas circulando, o que resultou na diminuição da clientela. Mesmo assim, conseguiram manter alguns dos antigos fregueses e fazer outros, porém, em virtude da queda dos rendimentos, tiveram que dispensar os barbeiros que trabalhavam no salão. Daí em diante, eles mesmos deram continuidade aos serviços.

A profissão de barbeiro tem esta vantagem: os próprios familiares se juntam para manter o funcionamento do estabelecimento, que não deixa de funcionar por falta de profissionais. Foi o caso nas novas instalações.

[...] Em 1976, o salão mudou-se para cá, as Boninas, os barbeiros foram embora e eu vendi as cadeiras e fiquei sozinho com pai. O salão era ali perto de onde hoje é o escritório da Energisa, aqui na Getúlio Vargas, por esses tempos o comércio aqui nas Boninas era fraco, os barbeiros que estavam com a gente foram embora. Eu fiquei porque tinha que ficar. Pai me entregou o salão, não tinha outra saída.⁴⁶

Depois de explicar os motivos da mudança de endereço, Seu Zé continua a nos falar da localidade Boninas, que era seu novo ponto de referência. “Agora essa área das Boninas era o setor principal dos cabarés, era uma putaria da gota”⁴⁷. O interessante é que esse setor, antes de servir aos homens e mulheres amantes da noite, já fora local de repouso dos mortos, pois aqui funcionou o antigo cemitério da cidade.

Quem vê essa área, tomada por restaurantes, lojas de móveis novos e usados, estacionamentos, pequenos hotéis, pousadas, bares, casas de jogos, sobretudo de sinucas; nem imagina que essa localidade era famosa, não só por abrigar o cemitério, mas também porque o espaço contava com indústrias, como as fábricas de tecelagem que absorviam parte da mão de obra campinense.

⁴⁶ Trecho da entrevista concedida em 30 de junho de 2016.

⁴⁷ Idem.

A explicação para a instalação do cemitério na localidade está relacionada a uma questão emergencial. Nos anos de 1850, a cidade é tomada por um surto epidêmico de cólera, que dizima muitos moradores. Nessa época faltou espaço para enterrar os corpos, a solução encontrada foi mesmo a da improvisação. Algumas áreas ociosas foram destinadas e serviram de local de sepultamento. Dentre esses, encontrava-se o espaço conhecido por Boninas, que foi transformado em campo santo até o ano de 1897⁴⁸, quando ocorreu a construção do cemitério do Monte Santo.

Desse período em diante, o antigo cemitério das Boninas deixa de funcionar, “só nos anos de 1930 a área foi leiloada e o cemitério demolido.”⁴⁹ Agora o espaço passa a ser ocupado por comércios e indústrias. No decorrer dos anos, por contar com muitos bares e cabarés, o lugar tornou-se local preferido dos boêmios. “A partir do início da década de 1960, o movimento boêmio no largo das Boninas foi aos poucos sendo abandonado.”⁵⁰

Dando uma volta pelas ruas das Boninas, ainda é possível deparar-se com inúmeras construções da década de 1930 em diante. Mesmo que não se tenha uma política de preservação e conservação dessas antigas edificações, elas continuam a encantar os visitantes. Dizemos isso porque foi a sensação que tivemos quando participamos, no ano de 2006, de uma aula de campo, da disciplina Paraíba II, ministrada nessa região pelo saudoso professor Fábio Gutemberg. Na ocasião, ele nos explicava os principais traços da arquitetura do que restava das suntuosas edificações que foram importantes à lendária história da localidade que acolhera o antigo campo santo.

Portanto, a Boninas que conhecemos, marcada por muitas pichações, passou por inúmeras mudanças, várias foram as demarcações assumidas por este espaço: abrigou mortos, trabalhadores, boêmios e agora parece ser de todos esses, visto que a área concentra de tudo um pouco. Dessa forma, a cidade é dividida, separada por setores. Dentro da mesma urbe podemos encontrar diferentes demarcações, próprias ou estigmatizadas que rotulam uma determinada região. Assim, as Boninas, durante muitos anos, era identificada como a área preferida dos amigos da noite.

⁴⁸ Cf. FASCÍCULO - 3, domingo, 29 de junho de 2014, p. 10, referente à comemoração dos 150 anos de emancipação política de Campina Grande. 1864 -2014.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/10/rua-historica-de-campina-grande-boninas-sofre-com-vandalismo.html>>. Acesso em: 9 out. 2016.

Que se identifica como “elegante”. A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social: quando os cortiçados transformam o palacete em maloca estão, ao mesmo tempo, ocupando e conferindo um novo significado para um território; estão escrevendo um novo texto. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases.

Nas grandes cidades é fácil identificar territórios diferenciados: ali é o bairro das mansões e palacetes, acolá o centro de negócios, adiante o bairro boêmio onde rola a vida noturna, mais à frente o distrito industrial, ou ainda o bairro proletário. Assim quando alguém, referindo-se ao Rio de Janeiro, fala em Zona Sul ou “zona”, sua Wall Street e seu ABC, é como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da cidade chamam de segregação espacial. (ROLNIK, 2004, p. 17, 40 e 41).

As memórias de Seu Zé continuam a nos remeter à Campina de outrora, principalmente a partir dos anos 1960. Os dados que nos passa estão relacionados ao aspecto econômico. Ele nos informa que nesse período a cidade era vista como grande centro comercial da região, e que ainda desenvolvia atividade algodoeira. Estas questões trazidas e respondidas pelo nosso colaborador nos revelam como era a Rainha da Borborema por esses tempos.

Campina era melhor do que hoje, para mim era boa. Campina tinha um comércio invejável. O comércio de Campina abastecia Patos, Cajazeiras, Sousa, abastecia todo o Sertão e esses Brejos. Tudo o que você queria corria para Campina. Nós tínhamos muitos caminhões chegando aí, nós tínhamos toneladas de algodão, nós tínhamos descaroçador de algodão. Tinha tudo isso. Mas tudo isso desapareceu, nós não temos mais nada. E por isso Campina cresceu muito. Eu já passei tempo aqui nessa porta. Eu estou aqui há 35 anos. Vi passar dez caminhões de algodão, vinha do Sertão, Ali embaixo era o desfolhador de algodão. Passavam dez caminhões na época de safra. Isso na década de 1960.⁵¹

O crescente desenvolvimento econômico presenciado por nosso depoente na cidade de Campina Grande durante a década de 1960, inclusive se destacando como polo de referência regional no comércio atacadista, ainda era resultante da atividade algodoeira.

⁵¹ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

A comercialização do algodão, o ouro branco, em Campina Grande, a tornou um importante centro comercial do algodão na região, com liderança nacional. O comércio algodoeiro contribuiu para a expansão de outros setores da economia urbana da cidade de Campina Grande, como é o caso do grandioso comércio atacadista da cidade, que era responsável pelo abastecimento do Sertão, Brejo, e outras zonas do Estado, atingindo também áreas dos Estados de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e até dos Estados do Piauí e Maranhão. (DINIZ, 2011, p. 37).

O algodão durante décadas sustentou a economia campinense. É sabido que a cidade, embora não fosse produtora do mesmo, pelo menos em grande escala, era ponto de captação. As principais produções da região desembocavam em Campina Grande, que possuía meios para alocar, beneficiar, bem como transportar a majestosa fibra branca aos diferentes pontos de mercado de consumo (ARANHA, 1992).

Ainda que tenha entrado em decadência a partir dos anos 1940, a economia algodoeira ajudou a financiar boa parte das reformas urbanas da cidade e a instalar o seu parque industrial (SILVA JÚNIOR, 2009). Assim, é notória a forte contribuição vinda dos rendimentos demandados do ouro branco para a cidade.⁵² Portanto, mesmo que não estivesse no auge, é importante ressaltar que o algodão funcionou como sustentáculo da economia campinense durante um bom tempo, e que apenas no decorrer da década de 1980, em decorrência da “praga do bicudo”,⁵³ foi desferido o golpe final em sua produção.

Antes desse período, a cidade ainda continuava se destacando como referência no comércio regional. Mas, aos poucos, foi perdendo espaço, deixou de ser centro comercial atacadista para transformar-se em varejista.

Isso já em fins dos anos 1960 (...) Tenho lembrança e eu acho que o comércio era melhor do que o de hoje. Em algumas coisas cresceu mais. Campina Grande sempre foi uma cidade polo, porque o Sertão, o Brejo e o Cariri corriam todos para Campina Grande. Agora o que bateu de lapada foi a rua João Pessoa sobre o comércio de grosso que reinava ali, hoje acabou-se, pode-se dizer. Ali era de cabo a rabo. Para a rua João Pessoa vinha gente de toda a Paraíba, do Nordeste, para visitar a feira.⁵⁴

⁵² Cf. FASCÍCULO - 4, domingo, 27 de julho de 2014, p 3, referente à comemoração dos 150 anos de emancipação política de Campina Grande. 1864 -2014.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

De fato, nessa época, fins dos anos 60 em diante, Campina Grande começa a se destacar em uma nova modalidade comercial. Um novo setor começa a prosperar: a comercialização a retalho, ou a venda ao consumidor final. Portanto, ainda que se mantivesse como polo comercial, a cidade vai deixando de ser posto de grande centro de distribuidor de mercadorias.

[...] principalmente após a década de 1960, o que pode ser constatado quando o seu forte e tradicional comércio atacadista, responsável então pelo forte crescimento econômico da cidade, entrou em franco declínio, abrindo espaço ao desabrochamento de novos empreendimentos comerciais. Neste caso, proliferaram-se as atividades do comércio varejista direcionado às populações mais abastadas da cidade. (DINIZ, 2011, p. 45).

Desse modo, embora Campina Grande não fosse mais a grande referência no setor de comércio atacadista, ela vinha cada vez mais despontando na venda fragmentada de mercadorias, sobretudo no que se poderia chamar de mercadinhos, os quais gradativamente iam surgindo na cidade e dando uma redefinição a sua econômica, inaugurando uma nova forma de comercialização. Se por um lado a cidade vai perdendo seu *status* de grande centro atacadista, por outro ela começa a despontar na venda a varejo.

Os primeiros supermercados de Campina Grande foi o Mercadinho Dom Dom, na feira, de família daqui mesmo, com uma ramificação no Pará. Nele você entrava e se despachava sozinho, botava no carrinho. Foi um sucesso! Não era grandão, mas era novidade. Depois começaram as mercearias aqui na Marquês do Herval. Teve o Mercadinho Serve Bem, onde hoje é o Tropeiro.⁵⁵

Sobre a informação de nosso entrevistado, Diniz (2011, p. 45) nos comunica que os primeiros mercadinhos surgem mesmo nos fins dos anos 1960, e que o mercadinho Dom Dom, que se instalou na Feira Central, foi o pioneiro na cidade.

O fato da cidade de Campina Grande vir perdendo, desde o final da década de 1960, o posto de grande centro de distribuição de mercadorias, está associado a uma série de questões, dentre estas, o declínio do algodão e a cons-

⁵⁵ Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

trução de vias que possibilitaram a comercialização direta com grandes centros comerciais, como Recife, a própria capital paraibana e o “Centro-Sul do país”. Se antes a cidade era vista como “boca do Sertão”, agora é tida como porta de saída. (DINIZ, 2011, p. 21).

A atividade comercial atacadista tende ainda mais a decair na década subsequente. Assim, pouco a pouco, outros setores da economia campinense começam a se destacar, como o da prestação de serviços, o qual dá os primeiros sinais ainda nos anos 1960.

Campina Grande, até a década de 1960 destacava-se como município de maior renda do estado da Paraíba. Até o início dessa década a cidade ainda prosperava sob o impulso do seu comércio (...) Uma nova cartografia, digamos assim, provocada pela ampliação das rodovias a nível nacional, provocando um deslocamento da circulação de mercadorias de Campina Grande para Recife. Campina Grande perde o seu status de polo comercial, de centro distribuidor da região nordestina, cabendo a partir de então essa função a Recife, via BR-101. Frente a este novo cenário político-econômico e espacial Campina Grande reordena suas atividades econômicas para o setor de serviços. (SILVA, 1999, p. 91, 92).

Após essas considerações acerca das mudanças ocorridas na economia campinense, Seu Zé começa a recordar os nomes e a localização dos principais salões que existiam na cidade de Campina Grande, isso a partir da década de 1960. “Ao redor do que hoje é o Calçadão da Cardoso Vieira tinha alguns salões famosos, como o Borborema, o Campinense e, próximo ao Capitólio, existia o Avatar”⁵⁶.

Ele acrescenta que seu salão nas Boninas antes funcionava próximo ao prédio onde está instalado o escritório da Energisa. Só saiu de lá no ano de 1984, quando veio montar sua nova barbearia, denominada de Salão Real, que se localiza na rua Rui Barbosa, no conhecido Ferro de Engomar, que fica por trás do Colégio das Damas. Assim, mesmo estando com 81 anos, ainda continua na labuta e afirma que só deixa a profissão quando morrer.

⁵⁶ Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.



FIGURA 3 – Barbeiro exercendo seu ofício.

Fonte: Fotografia de 2015 feita pelo autor na barbearia do entrevistado.

“Se eu ficar em casa, morro em duas semanas. A minha vida é aqui, arrodando essa cadeira. Essa brincadeira já entrou pra 61 anos. Porque a barbearia tem uma vantagem: um pingadinho sempre tem. Às vezes eu chego aqui sem dinheiro, de repente, arrumo algum”⁵⁷. Portanto, para Seu Zé o sentido de sua vida está na barbearia, que acaba sendo um local de trabalho e sociabilidade. Ele vai ao salão não só para desempenhar suas funções, mas também, rever velhos amigos e espantar a solidão.

Campina Grande só tinha cinco ou seis barbeiros, para onde vinham o povo dos bairros tudinho, nunca me faltou a feira. Tenho 81 anos, não tomo remédio nenhum. (...) De manhã tomo meu banho, chego aqui às 07h00 e faço isso há 61 anos, porque isso aqui é minha terapia. Os velhos brincam comigo e eu brinco com eles. Porque nessa profissão é ruim, a gente não ganha dinheiro, mas amizade a gente ganha demais. (...) Trabalho não só pelo dinheiro, mas por gosto também. Eu sou doente pelo trabalho. No domingo eu ainda venho aqui.⁵⁸

Mesmo diante da contradição em que vê o ofício de barbeiro como inferior, Seu Zé só encontra sentido para sua vida dentro do espaço da barbearia e no trabalho. “Uma vida des-

⁵⁷ Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

⁵⁸ Idem.

provida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho” (ANTUNES, 2007, p. 175).

1.2 Até que a morte nos separa: resistência, sobrevivência e sociabilidade na barbearia

O ofício de barbeiro tem lá suas peculiaridades. No século XV, a expressão “barbeiro” era atribuída a qualquer atividade mal executada. Isso porque esse profissional não só cortava cabelo e barba, mas também desempenhava outras atividades: fazia pequenas cirurgias, extraía dentes, removia calos, unhas, entre outros. Geralmente os serviços deixavam consequências desagradáveis aos pacientes, daí a expressão preconceituosa “serviço de barbeiro”. Mas o fato é que, durante a Idade Média, barbeiro-cirurgião era uma das profissões mais comuns na área médica. Nesse período, o barbeiro-cirurgião tinha a responsabilidade de cuidar dos soldados que estavam na batalha. Só em 1745 os cirurgiões separam-se dos barbeiros, quando foi criada a Escola Real de Cirurgiões da Inglaterra. Mesmo assim a atividade de barbeiros-cirurgiões perdurou até o século XIX.

Antes dessa época, o barbeiro era quem praticava cirurgias, sangrava, sarjava, lancetava e aplicava ventosas. Além disso, claro, cortava cabelo, barba e bigode. Os instrumentos utilizados na prática do ofício iam além da tesoura, da navalha e do pente: usava lanceta, ventosa, sabão, pedra de amolar, bacia de cobre, escapelo, boticão, escarificador, turquês e sanguessuga.⁵⁹ Portanto, os barbeiros exerciam atividades práticas no meio médico. Assim, a partir do empírico, a arte cirúrgica era realizada com o consentimento do poder público vigente, principalmente nas regiões com escassez de assistência médica.

Dessa forma, não era algo ilegal, feito às escondidas. Era uma atividade prática, consentida e reconhecida de interesse e aceitação pública, visto que os cirurgiões- barbeiros eram portadores de técnicas que poderiam, inclusive, salvar o corpo doente e evitar um sofrimento maior para os membros de uma família, a qual muitas vezes não dispunha de recursos financeiros para tratar o enfermo com médicos ou um cirurgião acadêmico. Assim, a ação desses profissionais poderia curar e reanimar muitos doentes.

⁵⁹ Ver FIGUEIREDO, B. G. **Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX**. 1999.

Apesar do recuo temporal, ainda ressaltamos que no Brasil, além do exemplo do notável cirurgião-barbeiro Joaquim José da Silva Xavier⁶⁰, o registro que se tem desses profissionais é que eram em sua maioria portugueses e espanhóis, e já estavam por aqui desde o século XVI. Atraídos pela extração do ouro, na região das minas no século XVIII, os cirurgiões-barbeiros vieram com a intenção de desempenhar suas atividades, uma vez que em virtude da distância, os serviços ou intervenções médicas não chegavam à região. Assim, muitos procedimentos eram feitos pelos barbeiros, os chamados práticos-cirurgiões, os quais, por aproximação do ofício, já manuseavam bem a navalha e tinham contato com a carne e o sangue.

As funções realizadas por esses profissionais não se limitavam apenas às pequenas cirurgias e outros procedimentos médicos. Além dessas, eles também exerciam práticas de curas, receitavam e ministravam medicamentos para as mais diversas enfermidades, e quase sempre os resultados eram constatados. A população via-se beneficiada pela ação desses curandeiros que, de modo artesanal, fabricavam e forneciam tópicos de suas próprias boticas.

Se as prerrogativas eram ou não de clínicos, isso pouco importava, o certo é que os barbeiros exerciam tarefas próprias de um médico, e, como informa Furtado (2002), por aqui essa exceção era válida em virtude da crescente ausência desses profissionais na Colônia. Dessa forma, os barbeiros, valendo-se apenas dos conhecimentos práticos, buscavam as mais variadas formas para socorrer os que sofriam com enfermidades que poderiam levá-los a óbito.

Assim, não havia outra solução, senão recorrer ao poder ou técnica de cura que esses profissionais garantiam possuir e aos remédios e outros meios que dispunham em suas boticas. “A botica portátil de Alexandre Rodrigues Ferreiro é acompanhada de ataduras para sangria, ventosas, lancetas, sarjadores, borrachas de couro para os clisteres, pilão de madeira para socar e peneira de seda para a quina” (FURTADO, 2002, p. 102).

Essa é uma pequena amostra do que seria a farmácia da época colonial, com sua variedade de itens que serviam para auxiliar as práticas curandeiras dos barbeiros-cirurgiões.

⁶⁰ “Nas últimas décadas do século XVIII, Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792), órfão aos onze anos, praticou a odontologia que aprendera com seu padrinho, Sebastião Ferreira Leitão. Nesta época os cuidados com os dentes dos brasileiros eram bastante precários, consistia em arrancar dentes com alavancas, botições rudimentares e as famosas chaves de garengeot. Assim como na Europa medieval, quem dava conta do recado por aqui eram os cirurgiões-barbeiros. Tiradentes, cognome de Joaquim José da Silva Xavier, foi o único participante da frustrada Inconfidência Mineira, a ser executado na forca em 21/04/1792. Por ser um “homem do povo”, ao contrário dos demais, de famílias tradicionais e poetas, foi o “bode expiatório” servindo como “exemplo” para outros movimentos nacionalistas. Apesar de ter ficado mais famoso por sua atuação política que por sua habilidade com a boca alheia, ele era considerado um bom cirurgião barbeiro. Tiradentes também fazia barba, cabelo e bigode – na cela em que ele esteve antes de ser enforcado, foram encontradas duas navalhas e um espelho”. Disponível em: <<http://dobarbeiroaovisagista.blogspot.com.br/2013/04/tiradentes-o-nosso-mais-celebre.html>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

Quando a situação era mais delicada, o tratamento ia além das ervas, usavam-se purgas e a sangria como método terapêutico. Utilizando esses e outros recursos disponíveis na própria natureza, os cirurgiões-barbeiros conseguiram auxiliar e solucionar os problemas de muitas pessoas enfermas que se viam socorridas pela medicina prática (VIOTTI, 2012).

As sangrias eram feitas com a aplicação de sanguessugas no local da enfermidade. Geralmente essas eram criadas pelos barbeiros. Dessa forma, ele não só vivia de cortar cabelos e aparar barba, mas também do criatório e do aluguel das mesmas. “Os pontos marcantes das atividades dos barbeiros relacionavam-se com o trabalho manual e o vínculo com a carne e o sangue” (FIGUEIREDO, 1999, p. 3).

Sobre as diferentes atividades desempenhadas pelo barbeiro, o século XIX vai ser um divisor de águas, visto que nesse período é estabelecido o que é próprio do médico, do cirurgião e do barbeiro. Enquanto os dois primeiros tiveram sua carreira marcada pela formação acadêmica, o terceiro permaneceu na informalidade. Com o passar do tempo, a sua atividade ficou cada vez mais restrita e afastada dos procedimentos médicos, restando apenas procedimentos capilares e a estética do barbear.

Muito embora continuasse a manusear objetos cortantes, como tesoura e navalha, e o seu contato ainda fosse com a carne e o sangue, o objetivo agora era apenas modelar rostos. Se algumas vezes provocava sangramento na face dos seus clientes, era por descuido ou consequência da imperícia do ofício, mas logo procurava sanar esse problema fazendo uso da chamada pedra hume e outros meios, que acreditava serem eficazes no estancamento do sangramento do não mais paciente. Portanto, agora o verdadeiro barbeiro dedica-se apenas à estética dos seus clientes.

Se o barbear é feito por navalha, segue a recomendação de seu Zé, “Sempre uso a pedra hume, o sangue logo para”⁶¹. Na verdade, esse tipo de pedra tem propriedades cicatrizantes, como a composição “alúmen de potássio” que age na superfície da pele como um enrijecedor no local do ferimento⁶². Ainda somos informados pelo nosso colaborador e alguns clientes que a pedra hume também tem outra serventia: auxiliar as mulheres que buscam casamento. Esse é um mito difundido por boa parte da população masculina, em especial Seu Zé e alguns fregueses, que afirmam que “a pedra hume ajuda as moças que perderam a virgindade

⁶¹ Trecho da entrevista concedida em 30 de junho de 2016.

⁶² “O alúmen de potássio é o principal constituinte da **pedra-ume/pedra-hume** - mas não o único, pois a pedra-(h)ume pode conter outros alúmens, como alúmen de sódio. **Alúmen de potássio** ou **alúmen (alume) de potassa** ou simplesmente **pedra ume**, é o sulfato duplo de alumínio e potássio.^[1] Sua fórmula é $KAl(SO_4)_2$. É comumente encontrado em sua forma dodecaidratada, como $KAl(SO_4)_2 \cdot 12(H_2O)$. Apresenta-se também com vinte e quatro moléculas de água de hidratação, $KAl(SO_4)_2 \cdot 24(H_2O)$. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Al%C3%BAmen_de_pot%C3%A1ssio>. Acesso em: 10 out. 2016.

a arrumar um bom casamento e agradar o parceiro que, se não for muito esperto, não vai perceber nada”⁶³.

Sendo assim, o barbeiro ainda persiste em manter o vínculo com a área médica. Agora, ele não só é barbeiro-cirurgião, como também se torna uma espécie de ginecologista nas horas vagas. No entanto, sendo ou não comprovado esse mito, o certo é que de fato todos os barbeiros entrevistados constatam e garantem que a pedra hume tem sido a solução para tratar pequenos cortes e estancar sangramentos⁶⁴.

Independente de sua relação com o saber médico, o certo é que o barbeiro que conhecemos tem uma profissão definida e dedica-se apenas a fazer barba, cabelo e bigode dos diversos clientes que, mesmo dispondo de diferentes instrumentos capazes de auxiliá-los neste propósito, ainda mantém o hábito de frequentar a velha barbearia. Por esse e outros motivos, é que ela ainda se mantém aberta, e os barbeiros continuam fazendo a cabeça e modelando rostos de antigos e novos clientes.

Apesar das idas e vindas, ainda acrescentamos que provavelmente a profissão de barbeiro tenha surgido na Grécia Antiga, pois é de lá que vem a preocupação com a estética masculina. No Egito Antigo, os pelos do corpo assumiam outras conotações, eram usados para diferenciar os membros da sociedade. Os mais abastados cultivavam a barba como sinal de seu status, mas a falta da mesma não indicava desmerecimento, visto que os sacerdotes geralmente apresentavam-se em público depilados.

Na sociedade romana, a barba representava um ritual de passagem entre a infância e a juventude. Na Idade Média, a barba dentre os sacerdotes representava o cisma entre católicos e ortodoxos. Geralmente a classe sacerdotal ortodoxa preservava a barba, o mesmo ocorria com judeus e muçulmanos⁶⁵.

Se analisado, no mundo moderno, a barba ou seu uso representa, dentre outras simbologias, uma forte marca da exagerada vaidade masculina com os pelos que, às vezes, perdem até sua função fisiológica de proteger e aquecer o rosto para tornar-se emblema de ostentação da masculinidade. Portanto, o ato de barbear é um manejar da navalha, o qual Seu Zé conhece

⁶³ Trecho entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

⁶⁴ “Antes de qualquer coisa, gostaria de destacar que a pedra hume é bastante utilizada para o estancamento de sangue, também é utilizada salões de beleza e barbearias para conter o escoamento de sangue em decorrência de um corte ou acidente leve. Entre as principais propriedades da pedra hume pode-se destacar sua função cicatrizante, sendo esta uma das substâncias mais utilizadas em machucados, feridas e arranhões, endurecendo a área afetada rapidamente.”. Disponível em: <http://www.docevenenoblog.com/2015/10/pedra-hume-para-estreitar-o-canal_15.html>. Acesso em: 10 out. 2016.

⁶⁵ Sobre o percurso da profissão do barbeiro consultar: <http://www.museudobarbeiroecabeleireiroonline.com/>

desde os dez anos de idade, quando aprendera com o pai, Seu Posidônio, lá no sertão de Pernambuco.

Assim, nosso colaborador era filho de um homem da roça que, além do cultivo agrícola, manuseava bem a tesoura e a navalha em rostos e cabeças masculinas. Antes mesmo de se mudar para Garanhuns e montar sua barbearia, Seu Posidônio criou os filhos na mesma ocupação que ele desempenhara, revelando com isso que a arte capilar é um ofício de pai para filho, é uma profissão na qual o aprendizado ocorre de forma direta entre membros de uma mesma família.

Cabelo eu corto desde os dez anos de idade. Era o meu pai, meu irmão mais velho e eu entrei no mesmo ramo também. Ainda era criança com dez anos. Tinha tios que cortavam cabelo lá no Sertão. Meu pai tinha um salão em Garanhuns depois é que veio para Campina.⁶⁶

Sendo assim, a profissão acompanha o nosso depoente desde a infância. Ele narra com prazer todos os detalhes, os segredos, as dificuldades e as vantagens oferecidas pelo ofício. De acordo com a descrição pormenorizada que se segue, o ato de barbear é o mais trabalhoso e difícil de aprender. Porém, relatar com precisão o passo a passo dessa ação torna-se algo encantador.

Primeiro, é necessário pedir que o cliente sente-se de forma a estar bem acomodado na cadeira, que geralmente fica inclinada, isso para facilitar o manejo da navalha ou lâmina. Em seguida, num pequeno recipiente de alumínio prepara-se a espuma de barbear com água e o creme apropriado. É preciso mexer muito, até a espuma ganhar bastante consistência. Então, passa-se a mão levemente úmida na barba do cliente para prepará-la e receber a espuma, a qual já está no pronto para ser aplicada.

Nesse momento, apanha-se uma espécie de pincel de fio de seda, imerge-se o mesmo no recipiente que está com a espuma, dá uma leve mexida para, logo após, vir com ele envolto de espuma e passar por toda a barba do cliente. Isso é feito com a espuma bem volumosa. Após várias pinceladas, uma nova camada é sobreposta à barba que será eliminada. Assim, a barba preta ou grisalha vai ganhando uma tonalidade branca. Tudo isso lembra uma camada de neve que pouco a pouco vai sendo lançada sobre o rosto do cliente, que nem vê o tempo passar.

⁶⁶ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

Nessas horas, boa parte dos clientes acaba dormindo na cadeira do barbeiro, pois esse é um processo demorado. Segundo Seu Zé, a questão não é só aplicar a espuma, é preciso esperar os fios umedecerem, o que se chama “deixar a barba de molho”. Esse processo dura alguns minutos, é o tempo necessário para que a espuma penetre bem nos fios e torne mais fácil a sua eliminação. Daí em diante, são preparados os instrumentos para tirar a barba ou raspar os pelos faciais. Seu Zé diz que antes fazia isso com a navalha e tinha lá suas vantagens.

Aquilo era bom e era ruim. A danada tinha que tá bem amolada e não era todo mundo que sabia amolá-la. Eu mesmo aprendi desde criança. No fim do dia, de tanto amolar aquela peste, meus braços tava dolorido. O pior naquele tempo era afiar a navalha e eu já afiava muito bem. Aos dez anos já afiava. Eu afiava muito só a ponta da navalha, aí foi quando um parente meu disse “Faz o pé da navalha”. Aí eu fiz e deu tudo certo. (...) Mas desde 1978 eu parei, encostei a navalha e passei a usar o estojo e foi uma bênção, porque não tem coisa mais ruim que afiar aquela desgraçada o dia todinho. Tinha que afiar e precisava ser bem afiado, se não... Você tinha que afiar umas trinta vezes numa barba só. Fazia calo de tanto afiar. Todos os barbeiros passaram a usar com o estojo, tem mais facilidade, faz o mesmo trabalho da navalha, gasta mais um dinheirinho, porque gasta com a gilete. (...) Agora a AIDS, HIV, condenou a navalha. A gente abandonou. Muita gente ficou com medo e tal, inclusive o cliente que não queria, porque ia em todo mundo e tal. A própria pessoa que ia cortar já dizia “Eu não quero navalha, não, porque vai em todo mundo e essa AIDS aí”. Essa coisa não foi uma determinação diretamente do poder público para o salão, foi a AIDS quem tirou. Começou a se espalhar tanto que acho que até a fábrica de navalha acabou, mas quando era uma navalha boa, era boa mesmo, até melhor do que uma gilete para fazer uma barba bem feita e deixar a pele sadia. Agora na navalha era bom que economizava, mas, por outro lado, dava trabalho para amolar. Agora eu ainda usei navalha até os anos 2000, porque tinha cliente que só queria que usasse navalha. Alguns tinham sua própria navalha.⁶⁷

⁶⁷ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.



FIGURA 4 – Velha navalha.

Fonte: Fotografias de 2015 feitas pelo autor na barbearia.

Sobre essa questão, devemos acrescentar que nos últimos tempos tem crescido o interesse do historiador por diferentes áreas, e, assim, ele é constantemente impulsionado a escrever sobre um determinado conteúdo, mesmo que para isso seja necessário aproximar-se de outros campos do saber para tentar articular sua argumentação. Na presente pesquisa, estabelecemos um diálogo com o saber médico, visto que, quando passamos a descrever os instrumentos que serviam aos barbeiros, como a antiga navalha, deparamo-nos com questões direcionadas à higiene.

A higiene é um novo saber médico que ainda não atingiu um século, esta dita regras de comportamento para tornar violável o corpo são. A higiene é uma exigência discursiva que muitas vezes obriga o ser humano a não circular por onde gosta, que o impede de comprar e consumir o que deseja, para evitar males contagiosos que, por ventura, venham junto com os alimentos ou com diferentes objetos suspeitos de contaminação.

Poderia se dizer que a grande contribuição dos higienistas é a de isolar o indivíduo, limitando-o e restringindo muitas de suas ações. Isso não é diferente com o barbeiro, ele foi proibido de usar a navalha no seu trabalho e teve que optar pelo material descartável, em que o mesmo não pode ser reaproveitado por representar risco ao cliente, sobretudo de doenças contagiosas. Assim, mesmo que esterilizada, não é indicado o uso da mesma lâmina em diferentes clientes, o que acaba onerando a atividade desempenhada.

Com apenas “uma lâmina dessa dava para fazer dez ‘pé de cabelo’, e eu já fiz muito, mas agora não posso mais, não é permitido, tudo é proibido. Agora tem que ser nova, porque é falta de higiene”⁶⁸. Portanto, a fim de preservar a saúde pública, esse discurso impõe normas que ditam como o barbeiro deve trabalhar e que ferramentas usar. Caso não se adapte às determinações impostas, pode ser responsabilizado por uma eventual proliferação epidêmica ou algo do tipo.

Como mostram Mota e Marinho (2011, p. 30), “A higiene é uma nova medicina, de menos de um século... Mas a higiene apareceu, tornou-se moda, impôs-se como hábito e se vai impondo necessidade”. Se não poderia mais utilizar a navalha, o que restava para Seu Zé era a lâmina descartável: para cada barba usava-se uma nova, isso para evitar contaminação entre os clientes.

Outro fato também esclarecido por nosso colaborador e os demais barbeiros é que a AIDS expulsou definitivamente a navalha da barbearia. A Vigilância Sanitária e os próprios clientes passaram a exigir o material descartável. Alguns barbeiros, como Seu Zé, não tiveram dificuldade em adequar-se à nova determinação, pois ele já vinha usando a lâmina. Outros, porém, não acharam interessante devido ao gasto financeiro. Contudo havia aqueles clientes que tinham sua própria navalha e traziam ao salão.

Assim sendo, com a navalha ou com a lâmina, o certo é que logo que a barba estava repleta de espuma e os pelos faciais “assentados” ou umedecidos, o barbeiro começava a fazer uso de sua técnica. Nesse momento, a lâmina poderia ser usada no rosto do cliente, uma vez que o creme de barbear aplicado facilita o deslizar da lâmina e evita irritação na pele. Agora é pegar o estojo de barbear ou a navalha e começar o trabalho.

Antes disso, o barbeiro faz um teste nos pelos de um dos seus braços para verificar se a lâmina ou a navalha está bem afiada. Depois, coloca uma toalha ao redor do pescoço do cliente e uma camada de papel higiênico ao lado ou no ombro deste. Em seguida começa a tirar as primeiras camadas da barba. Esse processo sempre é feito de cima para baixo, e não no sentido contrário ao crescimento da barba.

Aos poucos o volume de pelos vai sumindo e o rosto ganha uma nova aparência. Os contornos são muitos. A mão do barbeiro parece deslizar sobre o rosto peludo repleto de espuma. Às vezes, surge um pequeno sangramento que, misturado ao líquido branco, lembra um *ketchup*, coisa que não é agradável de ver. Assim, quando menos se espera, toda a barba, cheia ou rala, é eliminada. Mas, isso ainda não é o fim!

⁶⁸ Trecho entrevista concedido em 30 de maio de 2016.

Agora é preparar tudo de novo para a segunda etapa: pega-se novamente o pincel de fios de seda, aplica-se a espuma no rosto do cliente, e com a mesma lâmina, repete-se o procedimento. Nesse instante, alguns detalhes são observados: se a barba não está mais volumosa, o barbeiro procura administrar a lâmina na direção do crescimento dos fios. Isso é identificado quando ele passa a mão sobre os pelos faciais e discerne o sentido dos mesmos. Nesse caso, o método é invertido, a lâmina é usada de baixo para cima ou a contrapelo.

Para ter um barbear rente, o barbeiro estira a pele do rosto do cliente com os dedos de uma das mãos e com a outra faz o manuseio do estojo. Isso torna o rosto mais liso, facilitando a eliminação dos pelos por completo. No decorrer do barbear, é comum que aconteçam pequenos cortes na face, como já informados. Nesse caso, o barbeiro tem duas soluções para o problema, o cliente escolhe o álcool ou a pedra hume. Estes produtos servem para estancar o sangue, evitar o ressecamento da pele e dar um ar de suavidade.

Após todo esse procedimento, o trabalho está quase terminado, falta limpar o rosto do cliente e, às vezes, acordá-lo e avisá-lo que a tarefa acabou. Mas ainda resta tirar a bata branca de sobre o freguês, mostrar como ele ficou mais jovem e receber pelo serviço prestado.

Assim é a rotina na barbearia: abundância de trabalho e muita conversa. Em dado momento, o ambiente nem parece um espaço de sobrevivência, isto pela quantidade de homens que se dirigem até lá com a intenção de trocar experiências com o barbeiro. Dessa forma, aos poucos, o espaço vai se transformando em um local de sociabilidade, cujo mestre-sala é o velho barbeiro. É ele quem comanda e intermedia a conversa que rola solta o dia todo. Enquanto um trabalha, os demais ficam a observar e, às vezes, tomam até o tempo do barbeiro com perguntas e gracejos. Perguntamos a Seu Zé se ele não se sente incomodado com toda essa movimentação. Resposta:

Aqui sempre aparecem esses clientes cheios de lorota e tal, e isso faz muita graça no salão. Aquele povo aí esperando, haja conversa. Quando eles iam embora ficava aquele silêncio. Agora, era bom, aquele converseiro e eu ficava cortando o cabelo e só escutando. Esse tipo de coisa sempre existiu no salão. Isso não me chateava.⁶⁹

⁶⁹ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.



FIGURA 5 – Homens conversando na barbearia
 Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor no salão.

Esta prática torna-se comum e aceita pelos barbeiros, a de ouvir muitas histórias e não se aborrecer. Portanto, Seu Zé acaba fazendo do seu estabelecimento um precioso ponto de encontro de amigos que veem neste local uma saída e oportunidade para relatarem seus problemas e lembrarem as velhas narrativas que fizeram parte de suas vidas.

Nesses momentos, os homens ali presentes, se sentem à vontade para contar todos os seus incômodos e ouvir atentamente outros episódios que são descritos por seus companheiros. E nessa de ouvir e falar, progressivamente vão surgindo muitas anedotas, contos bizarros, histórias “verídicas”, outras questionáveis. Assim, entre um fato e outro, o dia vai passando e o barbeiro vai cumprindo sua função de cortar cabelo, barba, bigode e dar atenção aos mais variados clientes e amigos que adentram no seu espaço de trabalho.

Muitas vezes, experiências são compartilhadas com clientes mais jovens que vêm ao salão acompanhados pelos avôs ou pais. Esses moços também acabam participando das conversas, que são marcadas por forte traço de machismo e sugestões de como o indivíduo deve proceder em sociedade. Os conselhos emanados são próprios de uma geração que viveu numa época em que a palavra de um homem valia muito, e que a ele estava reservado o papel de provedor ou dono de casa. Daí, a presunçosa ideia de superioridade masculina.

Além disso, é passado como deve ser o comportamento de um homem perante suas esposas e outras mulheres, inclusive se deve diferenciar a mulher de casa e a da rua. “O homem que é homem deve conviver com mais de uma mulher, evitar dar liberdade a outras na

frente da sua patroa. (...) Mulher só gosta de cabra ruim, safado, bêbado e mulherego. Isso sempre foi assim e nunca vai mudar”⁷⁰.

[...] Com as suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e sua injustiça, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se, apesar de tudo, tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis passam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou nós precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p. 07)

Portanto, a barbearia não só é um espaço de sobrevivência e sociabilidade, mas também, em dado momento, é um local de reprodução dos supostos valores masculinos. Assim, nesse microcosmo do público masculino, os homens veem-se mais livres para dizer o proibido e permitido, até mesmo relatar pormenores de como o indivíduo deve proceder com uma mulher, que não seja a sua dona de casa. Dessa forma, nesse espaço há uma clara manifestação de como os homens entendem, pensam e expressam o que é ser másculo, e fazem isso sempre a partir da comparação com o sexo oposto.

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância como conhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2002, p. 31).

A barbearia também é um local de fofoca, onde ela rola à solta. Engana-se quem pensa que fuxico não é coisa de barbado. Nesse espaço, os temas e as pessoas são as mais variadas: lá se sabe quem é honesto, desonesto, a adúltera, a traída, etc. Muitas das vezes, falta tempo

⁷⁰ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

para tecer tudo que se sabe da vida do outro, o tricô é extenso, e Seu Zé tem que ouvir atentamente essas conversas, nem sempre agradáveis, e concordar com elas.

Alguns clientes do nosso depoente são conhecidos como faladores, o sabedor da vida alheia, e, quando começam a falar, alguém já diz: “Ave Maria, lá vem tu com as tuas histórias!”⁷¹. Daí em diante, ninguém o segura mais, o certo é que a vida de terceiros vai ser tematizada, os piores e maiores segredos serão revelados, de maneira que lá na barbearia todos acabam sabendo da vida de muita gente.

Mestre Houaiss informa que fofoca vem, provavelmente, do banto, ou seja, é uma palavra derivada de uma língua africana. Detração tem sólida raiz latina. Africanos e clássicos latinos compartilham do mesmo mal. Como ambos apresentam, entre muitas possibilidades, o falar mal de alguém, nós a usaremos como sinônimas. (...) Todos falam mal de todos, salvo eu, claro, que desteto uma fofoca (não é o que todos dizemos?). Eu não tolero maledicências porque não sou como aqueles que ficam no cafezinho da empresa falando da saída da nova funcionária. Ops! Acabei de falar mal dos que falam mal. Haveria escapatória? (...) Seria a detração uma forma de aliança? Fofoco porque desejo estabelecer vínculos de defesa e ataque? Seria uma maneira catártica de me excluir da maldade alegando que ela está no outro? Seria uma defesa contra o mal que habita em mim? Constituiria uma forma de psicanálise primitiva, na qual eu falo indiretamente de mim ao fofocar, exorcizando meus fantasmas nos outros? Talvez – ah, Poliana – uma forma de interesse com vetor invertido? Fofoqueiros seriam pessoas sem ter o que fazer? Falar mal, em essência, estaria ligado ao masculino ou ao feminino? Por que a vida alheia seduz tanto? (KARNAL, 2016, p. 13, 14, 15).

Em alguns momentos, o fofoqueiro está até calado, mas devido à fama, ele é interrogado por um curioso que tem interesse em querer saber um pouco sobre um determinado assunto ou pessoa. Bom, aí o fofoqueiro não perde tempo, diz tudo que sabe, com direito a um acréscimo. E o sujeito perguntador sai satisfeito e bem informado. O pior é que, em alguns desses casos, o barbeiro tem que confirmar o que está sendo expresso, e quase sempre ele o faz porque o indivíduo diz: “Não é não, Zé?” Ele responde: “É verdade!” Ou como uma pessoa indefesa rebate: “Eu ouvi falar”. Em seguida, o falador completa: “Eu não disse?”. “A fofoca é anárquica e crescente em progressão geométrica (...) O fofoqueiro, quase sempre é alguém profundamente infeliz e invejoso. A vida alheia só tem interesse total se a minha for insípida” (KARNAL, 2016, p.17, 81).

⁷¹ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

Assim, alguns frequentadores da barbearia quase sempre se dispõem a cuidar da vida alheia, e isso tende a tornar-se um vício. A fofoca que surge por lá, às vezes, é aquela perigosa que existe com o propósito de destruir, difamar o outro. Em certos momentos, ela tem a função apenas de manter alguns informados, sobretudo com relação à postura de muitos homens e mulheres. Diante do quadro, dá-se a entender que eles, os faladores, são os melhores, só eles sabem viver, têm maturidade e que o outro é um inexperiente.

A detração não é, necessariamente, uma mentira. Pode ser verdadeira ou falsa. O que marca a detração é a intenção de atacar, de diminuir, de jogar lama num alvo do meu veneno. Depreciar, como já insinuamos, significa elevar a minha posição. Essa é a chave do sucesso do detrator. A infâmia anunciada pelo narrador pode nascer de fato concreto e comprovado. Pode ser invenção absoluta. O objetivo é o mesmo: quero arrancar ou quebrar o vítreo telhado alheio. O importante é puxar bem para baixo, (...) esse é um dos problemas do falar mal: ele reconhece que me sinto abaixo ou, ao menos, que desejo estar por cima ao falar mal. (KARNAL, 2016, p. 15, 16).

Além desse público, há também na barbearia os sujeitos do exagero, “os mentirosos”, ou, no dizer do Seu Zé, “os gabolas”. Eles tomam conta do ambiente com histórias espalhafatosas, dominam qualquer tema que surja no recinto, não há quem supere esses indivíduos, em tudo se dão bem. Eles são considerados os donos do papo, de tudo entendem.

Os chamados falastrões, sábios ou contadores de vantagens sabem atrair os olhares para si, e por mais que se perceba exagero na fala deles, todos encantadamente prestam atenção no que dizem e dão altas gargalhadas. Eles acabam convencendo alguns e tendem a ser idolatrados por outros. Quando chegam ao salão, a festa está feita, pois trazem consigo a alegria. Eles são os donos da palavra, têm uma necessidade constante de autoafirmação, são figuras atípicas e em muitos momentos bizarras.

Assim, são hábeis em exercitar seu monólogo a um público fiel de homens que estão ali boquiabertos a ouvi-los. Esses tagarelas oscilam entre heróis e comediantes, sem contar a especialidade em identificar e ridicularizar os que fazem parte do seu círculo, destacando características físicas, dando nome às pessoas que não é o de batismo, enfim, sempre estão por cima no que fazem e falam, enquanto os outros são vistos e apresentados como inferiores. “Viver em comunidade é um desafio. Se o grupo for pequeno, o foco fica ainda mais direcionado sobre os indivíduos”. (KARNAL, 2016, p. 66). Para Seu Zé, “acontece que aqui e acolá

aparece freguês cheio de brincadeiras e histórias, eles divertem a gente. Toda vida teve isso aí”⁷².

Agora, se o assunto for mulher, aí vai longe. Ele é o ativo da história, ninguém entende e nem é capaz de conquistá-las mais do que o falastrão, todos ficam admirados com suas fábulas, que vão desde a dança ao desposar de donzelas. Também é habilidoso em se envolver com mulheres casadas, nisso é imbatível.

Portanto, esses e outros episódios que acontecem no espaço da barbearia é o que torna o ambiente descontraído e próprio do público masculino que se realiza com tais anedotas. Mesmo que com tom de uma suposta brincadeira, percebe-se implicitamente a ideia de superioridade masculina a partir da relação sexual. “Mas em cima ou em baixo, ativo ou passivo, essas alternativas paralelas descrevem o ato sexual como relação de dominação” (BOURDIEU, 2002, p. 14).

Além do típico “gabola”, também surgem na barbearia o suposto intelectual, que para quase tudo tem uma explicação que, a seu ver, é a mais coerente. Ele é um sujeito que lê muito, está bem informado pelos diários locais ou telejornais, sempre disseminando os temas do momento, levanta e inicia o debate. Aí o papo é sério, a coisa não é de brincadeira. Até o barbeiro presta atenção para aprender um pouco mais, e quando ele sai todos dizem: “Que homem inteligente! Esse é sabido demais!” E o barbeiro completa: “Toda vida foi. Esse homem sabe de tudo”⁷³.

Na barbearia também tem o comentarista político. Ele está por dentro das alianças, das estratégias adotadas para as próximas eleições, quem está à frente nas pesquisas, em qual candidato deve se apostar, inclusive, volta e meia, ele afirma que faz parte da militância e diz o que ouviu e não ouviu. Este personagem é uma espécie de guru da política, o que ele diz é dado como certo, é só aguardar para ver acontecer. Ele sabe dos planos do candidato e de muitos pormenores que só quem conhece é quem “vive na cozinha” do político.

Nesse mesmo espaço, encontramos o comentarista de futebol, ele é capaz de escalar o time inteiro e faz isso melhor que o treinador. Ainda se arrisca em afirmar o placar do próximo jogo, quando acerta, aí já viu, todas os créditos são para ele, que passa a ser o dono da conversa.

Sendo assim, fizemos uma pequena demonstração da representação dos muitos personagens que compõe o cenário de uma barbearia, os quais no dia a dia alegram e entretêm a vida dos barbeiros e dos seus clientes. Dessa forma, em meio a tantas conversas, o tempo vai

⁷² Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

⁷³ Idem.

se passando, outros assuntos vão surgindo, até que, quando menos se espera, termina o expediente. No dia seguinte, boa parte dos mesmos fregueses estará na barbearia para narrarem novas aventuras e desventuras. Nessa trama, o barbeiro não só é ouvinte, ele também é informante e um bom amigo que “(...) sabe dar conselhos” (BEIJAMIN, 1994, p. 221).

Em meio a toda essa questão, ainda conseguimos constatar que em muitos momentos a barbearia tende a ser um espaço afetivo (TUAN, 2013), que abriga muitos excluídos, alguns desprezados pela família, outros alcoólatras, solitários, etc. Essas pessoas parecem encontrar no lugar e na figura do barbeiro alguém que lhes dê atenção e demonstre certo respeito.

Com isso, podemos identificar a paciência do barbeiro, e que seu local de trabalho funciona como um espaço acolhedor e democrático de diálogo permanente, em que todos têm o direito de falar e de ser ouvidos, mesmo que pareçam ou pensem que não são merecedores de atenção. Portanto, a barbearia além de ser um local destinado a modelar, cuidar da estética e higienização masculina, também se tornou um espaço de troca de informações sobre diversos temas.

No entanto, o enigmático é tentar compreender como um recinto composto por um mobiliário obsoleto, que só têm como atrativo as conversas que por ali acontecem, consegue juntar tantas pessoas. Por que esse espaço é tão atraente, se por lá só existem objetos antigos e fora de uso? Talvez, a permanência de espaços como esse justifique-se pelo que Milton Santos (1997) nomeou de rugosidade, que é a conservação de edificações, lugares e objetos, os quais ainda são úteis ao homem atual.

Halbwachs (2009) mostra que é comum no mundo dos velhos encontrarmos uma série de artefatos que para nós não têm significado algum, mas para eles representa parte de suas vidas, de sua história. Esse material tem um significado próprio, contém um pedaço, um retalho de um momento histórico, que apenas quem vivenciou é que sabe dimensioná-lo. Por isso, preserva-se com tanto afincamento um determinado objeto e se tem muito cuidado para que ele não venha a se deteriorar.

Assim é a barbearia de Seu Zé. Quando adentramos ao ambiente, imediatamente percebemos o acervo de antiguidades, a começar pela cadeira que ele usa para cortar cabelo, faz questão de dizer o período em que foi adquirida e que já tem mais de noventa anos. Logo começa a contar uma série de histórias relacionadas a ela, por exemplo: “Quando minha filha nasceu, essa cadeira já estava com trinta anos. No ano que eu comprei, dois anos depois, me casei...”⁷⁴.

⁷⁴ Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.



FIGURA 6 – Cadeira de barbeiro de 1950.
Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo o autor no salão.

Nesse sentido, é como se o objeto antigo auxiliasse na reconstrução de sua memória. Ele é capaz de referenciar, construir ou restaurar um mundo que parece perdido e é reencontrado no artefato. Pode ser até que alguém veja os utensílios que nosso depoente preserva em sua barbearia como peças museológicas, porém, para ele estas têm grande significado, pois fazem parte de sua trajetória de vida. Para tentar compreender essa indagação, recorreremos a Ecléa Bosi, quando faz referência a objetos biográficos.

Se a mobilidade a contingência acompanham nosso viver e nossas interações há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam. (...) Os objetos nos dão um assentamento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza fala a nossa alma em sua doce língua natal. (...) São estes objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhece com seu possuidor e incorpora a sua vida. (BOSI, 2015, p. 441).

Quando Seu Zé se orgulha em dizer que há 61 anos dá volta em torno da mesma cadeira, percebemos que, para ele, a dimensão do tempo está no objeto, este serve de marco de sua história, de sua narrativa. Por isso, costuma preservar os velhos móveis de seu salão, eles parecem eternos, não quebram, permanecem intactos, até porque seu dono não é adepto da cul-

tura do descartável. “Estes conselho os velhos vivem repetindo: eles não conseguem assimilar ainda a experiência do descartável que lhes parece um desperdício cruel. Por isso o armário das vovós é cheio de caixas, retalhos e vidrinhos” (BOSI, 2003, p. 30).

Nosso colaborador não pertence à geração que usa e joga fora, ele tem afeto pelos objetos que manuseia, estes se encontram ali para servi-lo, auxiliá-lo nas tarefas exigidas pelo ofício. É possível encontrar na sua barbearia uma série de coisas que não têm serventia alguma, mas continuam guardados em um baú sem chaves, desses que “o cadeado é um nó”.

Seu Zé tem prazer em mostra e narrar a história de cada instrumento que possui, como é o caso das máquinas mecânicas de cortar cabelo, que não usa, não vende, não dá, nem empresta. Porém, permanece ali para aguçar suas lembranças e servir de testemunha de sua caminhada na profissão. “(...) Faz parte da estética neocapitalista o desprezo pelas coisas gastas, usadas, com marcas do trabalho e da vida. No entanto, os velhos objetos estão impregnados de biografias e da memória” (BOSI, 2003, p. 167).



FIGURA 7 – Máquina mecânica de cortar cabelo.

Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor na barbearia do entrevistado.

Assim, logo que pega na máquina, vai lembrando o período no qual a adquiriu e como era a profissão naquele tempo. Da mesma forma ocorre com as navalhas antigas guardadas em uma maleta de barbeiro, que de tão velha oscila entre duas tonalidades, hora parece preta, em outro instante, cinza. Nela existe uma verdadeira coleção de traças e mofo, sim, mofo, mas é dela, do seu interior vinho, que saem as mais belas histórias.



FIGURA 8 – Maleta do barbeiro.

Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor na barbearia do entrevistado.

Quando ele abre a maleta, os olhos começam a lacrimejar e vai mostrando, descrevendo cada um dos apetrechos que fizeram parte do seu ofício. São tesouros que não cortam mais, pincel endurecido, toalhas manchadas pelo tempo, bisnagas que condicionavam os antigos cremes de barbear: “Willims e Bozzano”, pentes faltando dentes, navalhas enferrujadas, velhos aparelhos de barbear de aço, que em nada parecem com os atuais de nylon, visto que sua lamina era substituível e “às vezes, dava para fazer muitas barbas com apenas uma”.

Assim, espalhados pela barbearia, vão se multiplicando o índice de velhos objetos, são muitas as raridades que, por serem tão antigas, lhe faltam os nomes ou não vêm à memória. Quando passamos a vista, vão aumentando à nossa frente as referências de velharias que resistem ao tempo e à forte apelação capitalista. Seu Zé parece não se render às modernas novidades do mundo capilar, o seu ambiente de trabalho sugere algo estagnado, parado no tempo, uma espécie de antiquário, em que quase tudo vem de outras temporalidades, é como se seu mundo estivesse preservado. “Os objetos seguram o tempo. (...) Os haveres pessoais – cartas velhas e o canapé da família – são objetos aos quais estão emocionalmente apegados, o sabor do passado rondando sobre eles” (TUAN, 2013, p. 207).

Na barbearia tudo é antigo, não só a cadeira, que é o principal móvel, mas o que está em seu entorno, a começar pelo que Seu Zé chama de “gabinete,” que lembra uma velha penteadeira da vovó. Ele é composto por três gavetas, cada uma contém diferentes objetos de trabalho: álcool, talco, navalhas, máquinas, lâminas, tesouras, batas, toalhas; outra serve para guardar o “apurado” do dia.

A parte de cima do gabinete parece mais um mangai, em que tudo se mistura com os produtos de barbear: jornal, bilhete lotérico, relógio, papel higiênico, pentes, navalhas, estojos de barbear, borrifador, pincel, o recipiente de espuma e a escova de seda usada para tirar os pelos que ficam na camisa ou no pescoço do cliente após o corte do cabelo.

Acima do gabinete, encontra-se um enorme espelho dividido em duas partes. Nele nos deparamos com alguns dizeres em forma de adesivo, inclusive um para indicar o preço do corte do cabelo e da barba, outros trazem a imagem de alguns santos. Também, contornando a moldura, existe uma extensa “lâmpada fluorescente” com um reator à mostra, fios pendurados pelos lados e embaixo da bancada que dá suporte à estrutura da luminária. Ainda ao lado do espelho, há algumas máquinas elétricas penduradas. Portanto, a preocupação com a estética do lugar é quase imperceptível.

Ao adentrarmos mais ao interior da barbearia do Seu Zé, podemos nos deparar com outros itens que têm uma relação com o ambiente, como ganchos para colocar chapéus, chaves, guarda-chuvas, bengalas, a vassoura, as muitas sacolas e camisas dos clientes que preferem cortar o cabelo sem as mesmas, para evitar os fios.

No canto da parede encontramos uma velha bancada de madeira sem encosto, contendo garrafas com água, café, sacolas, roupas e uns poucos lugares que servem de assento. Ao lado desse móvel, tem um velho balde para colocar lixo e os cabelos que foram cortados. Na parte final do salão, existem algumas cadeiras antigas de madeira, provavelmente de jacarandá, as quais servem aos clientes que aguardam a vez para cortar o cabelo ou estão ali apenas para conversar.

Também, no salão, há um velho armário que guarda os pertences de Seu Zé. O móvel fica localizado abaixo do exposto quadro/medidor de energia elétrica. Ainda, uma desgastada estante em ferro, contendo revistas fora de circulação, listas telefônicas que perderam a validade e um antigo televisor com a antena interna em forma de v, com uma “perna” apontada para a rua e a outra para dentro da barbearia.

Nas paredes, podemos encontrar de quase tudo, imagens de revistas de mulheres vestidas, santos, calendários, pregos por todos os lados para pendurar os mais diversos itens e a foto do seu time do coração: Treze Futebol Clube. Na parte interna da barbearia, é possível deparar-se com as antigas dobradiças de ferro, que serviam à velha porta de madeira, que fora substituída por uma de aço em forma de rolo.

O piso do salão é em granito nas cores vinho e verde desbotado, que combinam com as paredes amarelas, descascadas pela erosão do salitre. Assim, olhando ligeiramente, esse

não lembra em nada um ambiente acolhedor, talvez o que o torna agradável, seja a presença dos seus frequentadores. Eles parecem não estar preocupados com a aparência física do lugar, mas com o que ele representa.⁷⁵

Portanto, aqui há uma junção de componentes antigos que, às vezes, não têm muita relação com um espaço destinado ao embelezamento, mas isso é o que torna o lugar original e agradável aos velhos fregueses, os quais afirmam que fazem questão de todos os dias darem uma “passadinha na barbearia de Zé”. Segundo um dos clientes do nosso depoente, o Everaldo, aqui não existe preocupação com “o feitio do lugar”⁷⁶, porque o espaço não é para mulher, mas para homem.

Inclusive, quando chega uma, logo se calam, ficam sem jeito. É como se elas interferissem no espaço que é deles, não aceitam e não querem que as mulheres cortem o cabelo ou frequentem o salão. Esse é um privilégio somente dos homens que, além de desfrutar dos serviços do barbeiro, fazem desse recinto um local destinado à conversa masculina. “Mulher deve ir mais à manicure, salão de beleza. Não dá certo mulher aqui, não combina”⁷⁷.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante escrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; e a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2005, p. 18).

Mesmo reforçando que barba, cabelo e bigode devem ser feitos por outro homem, Seu Everaldo, cliente da barbearia, destaca que todo mundo deve ser amigo do barbeiro, porque o manuseio do instrumento de trabalho dele pode ser transformado em uma arma. Portanto, é

⁷⁵ A intimidade entre pessoas não requer o conhecimento de detalhes da vida de cada um; brilha nos momentos de verdadeira consciência e troca. Cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. (TUAN, 2013, p. 156).

⁷⁶ Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

⁷⁷ Idem.

bom evitar desafeto com este, uma vez que tinha “a navalha e o pescoço do cabra em suas mãos (risos...), poderia ferir alguém”⁷⁸.

Nesse sentido, para utilizar os serviços do barbeiro, é necessário estar em paz consigo e com este profissional, caso contrário, a mão de obra pode custar a própria vida. Assim, fazer a barba ou cortar o cabelo em muitos casos pode tornar-se algo arriscado, isto caso o barbeiro pressione a lâmina com mais ímpeto no pescoço do cliente desafeiçoado. Dessa forma, a navalha ganha uma nova conotação, deixa de ser ferramenta de trabalho para se transformar em ameaça.

Brincadeiras à parte, muitos homens continuam compreendendo que não é todo mundo que sabe fazer uma boa barba, por isso preferem o barbeiro e não vão ao salão de beleza feminino, acham que a mulher não está apta para desempenhar tal atividade. “Fazer a barba é difícil, e o homem não gosta de fazer com mulher, prefere outro homem”⁷⁹. Assim, aos poucos, institui-se, cria-se um espaço masculinizado em que as conversas, o estilo dos cortes de cabelo, enfim, tudo é voltado para atender a um público específico, que costumam ir até a barbearia não só para fazer barba, mas também para colocar o papo em dia.

Portanto, esse é um espaço exclusivamente de homens e para homens que fazem desse recinto não só um lugar de embelezamento, mas, às vezes, fomentador de costumes e hábitos machistas. Contudo, deve-se ressaltar que na barbearia o sexo feminino é cortejado e visto como símbolo sexual de difícil dominação (BOURDIEU, 2005). Por isso, os homens devem aprender uns com os outros o jogo da sedução e da preponderância. Dessa forma, esse é um local de conversa, de encontros de velhos e novos amigos. “Os novatos vêm aqui bater papo comigo, mas o que aparece mais mesmo é aqueles mais velhos de vinte, trinta anos de conhecimento”⁸⁰.

É possível perceber nesse trecho que pessoas de mesma idade costumam estar mais juntas. As razões são muitas: viveram os mesmos hábitos e costumes, têm um mundo parecido, também um ritmo de vida bem semelhante. Assim, é enorme o hiato entre eles e as novas gerações, os dizeres, os planos e a visão de mundo são completamente diferentes. O que eles apresentam de sobra é a experiência para compartilhar com os mais jovens, a qual está sendo desperdiçada por falta de ouvintes (BENJAMIN, 1994).

Desse modo, por contarem com um tempo vasto e ocioso, uma vez que muitos já não têm mais o tempo social de antes, torna-se prazeroso reviver com saudosismo as histórias nar-

⁷⁸ Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ Idem.

radas ou lembradas por outros velhos. “(...) À medida que o tempo social se empobrece de acontecimentos, se afina e se esgaça vai pondo a nu aquele tempo vazio, sem aparas, como um chão infinito, escorregadio, em que os passos deslizam” (BOSI, 2015, p. 416).

No meu salão tenho freguês de vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos. Outros fazem sessenta anos que me acompanham. Às vezes, quando eles estão tudo reunidos, eu faço a conta das idades deles e quando soma dá mais de oitocentos anos (risos...).⁸¹

Dessa forma, os tempos vão se passando e a antiga barbearia mantém-se como um espaço de preservação de hábitos e costumes, não tão comuns e aceitos em uma sociedade capitalista, em que as pessoas evitam perder tempo jogando conversa fora. Na barbearia, essa tradição ainda é mantida, a avareza é despreendida, tempo não é dinheiro, a preocupação em poupá-lo parece não existir, a questão não está em ganhar ou perder, mas em fazer o que dá prazer.

Pierre Bourdieu investigou mais detalhadamente as atitudes dos camponeses cabilas (na Argélia) com relação ao tempo em nossos anos recentes: “Uma atitude de submissão e de indiferença imperturbável em relação à passagem do tempo, que ninguém sonha em controlar, empregar ou poupar... A pressa é vista como uma falta de postura combinada com ambição diabólica”. O relógio é às vezes conhecido como “a oficina do diabo”; não há horas precisas de refeições: “a noção de um compromisso com a hora marcada é desconhecida; eles apenas combinam de se encontrar no próximo mercado”. (THOMPSON, 2015, p. 270).

Seu Zé procura e se esforça em conseguir apenas o necessário para ir sobrevivendo, ele não cultiva grandes pretensões, a não ser a do pão de cada dia. “Sem dúvida, esse descanso pelo tempo do relógio só é possível numa comunidade (...) cuja estrutura de mercado e administração é mínima, e na qual as tarefas diárias (...) parecem se desenrolar, pela lógica da necessidade” (THOMPSON, 2015, p. 271).

⁸¹ Trecho da entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

Se Deus quiser, se eu tiver 150 anos, eu ficarei aqui. Isso aqui é a minha terapia. (...) Eu dependo dessas duas máquinas, não morro de fome, mas também não ganho dinheiro suficiente. A barbearia tem essa vantagem, um pingadinho sempre tem. É o seguinte: às vezes, eu chego aqui sem dinheiro, de repente vai chegando gente e não volto pra casa liso. (...) Trabalhar a gente se acostuma com tudo, com o trabalho, mas a barbearia, pra mim, é um lazer, (...). Não trabalho aqui porque tenho grandes necessidades mesmo, porque eu não tenho mais ninguém dependendo de mim, só a velha. Eu estou aqui porque gosto mesmo. Me acostumei. Até em dia de domingo fico aqui até dez horas. Eu sou escravo dos meus fregueses. (...) Tem gente aqui que eu corto o cabelo e não cobro nada.⁸²

Assim, sua jornada de trabalho é movida por uma ponderada e lenta conversa mantida entre ele e seus clientes, que dão e recebem muitos conselhos. Neste aspecto, a barbearia deixa de ser apenas um local de trabalho para se tornar um espaço de sociabilidade, lazer e sobrevivência. “Isso aqui pra mim é um lazer, uma terapia, adoro tá conversando com esses velhos”⁸³.

Seu Zé é bom de conversa, e também no que faz. Mesmo que o mercado especializado tente de muitas formas abstrair a habilidade que esse velho barbeiro possui, não consegue. Assim, aos homens são ofertados diferentes meios capazes de auxiliá-los no banimento dos pelos: barbeadores manuais e elétricos, máquinas de cortar cabelo, aparador de bigode, etc. Todos esses equipamentos não suprimem a eficiência do antigo barbeiro, ele sim é hábil em fazer um barbear perfeito, e é reconhecido como um raro e estimado profissional. Dessa forma, por mais que o capitalismo invista, não vai tirar ou roubar a destreza desse especialista. Ele é detentor de um saber único, preservado e aprendido em família, o qual é revelado através da memória partilhada.

Portanto, no momento em que se tenta colocar na mão de cada homem um barbeador e não se consegue, a lógica capitalista tende a ser rompida. Assim, é na simples barbearia que antigas tradições são cultivadas. Mesmo que se procure mostrar que os procedimentos feitos na barbearia estão em desacordo com uma racionalização que apresenta outras maneiras higiênicas e ágeis de eliminar os pelos, os frequentadores, em nome de costumes e hábitos, mantêm-se fiéis aos antigos barbeiros e resistem às inovações tecnológicas.

Com isso, podemos concluir que somente a cultura popular é rebelde. Ela se expressa através da defesa de tradições que a lógica do sistema capitalista busca a todo o tempo abolir.

⁸² Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

⁸³ Idem.

[...] O poder poderia se ver em perigo se o abuso dos direitos dos costumes enfurecesse o populacho. (...) Os agricultores deviam trazer os cereais a granel para a praça do mercado local (...). Os mercados deviam ser controlados (...) de fato, na maior parte do século XVIII o intermediário continuava a ser legalmente suspeito e suas operações eram, em teoria, severamente restringidas (...). Da supervisão dos mercados passamos à proteção do consumidor. Os moleiros – num grau maior – os padeiros eram considerados criados da comunidade, pois não trabalhavam pelo lucro, mas por uma boa remuneração. (...) Os novos procedimentos do mercado eram repetidamente contestados (...). A multidão em ação. Pois num aspecto a economia moral da multidão rompia decisivamente com a dos paternalistas. A ética popular sancionava a ação direta coletiva, o que era categoricamente reprovado pelos valores da ordem que sustentava o modelo paternalista (...). A economia dos pobres ainda era local e regional derivada de uma economia de subsistência. Os cereais deviam ser consumidos na região em que eram cultivados, especialmente em tempo de escassez. (...) A ação central nesse padrão não é saque dos celeiros, nem o furto de grãos e farinha, mas “fixar o preço”. (...) O custo podia ser o de encontrar um meio termo entre o “preço econômico” elevado no mercado e o preço “moral” tradicional determinado pela multidão. (...) Tratamos da história da economia de livre mercado no século XIX, mas a morte da antiga economia moral das provisões foi tão prolongada quanto a morte da intervenção paternalista na indústria e no comércio. (THOMPSON, 2015, p. 96, 156, 157, 167, 176, 192, 198).

Dessa forma, os clientes dos antigos barbeiros mantêm o costume e não procuraram outros meios ou espaços que não seja a antiga barbearia para fazer cabelo, barba e bigode.

O freguês se acostuma com a gente de uma maneira que ele não sabe sentar em outra cadeira, mesmo que ele saia para outra cadeira que seja melhor, mas ele fica com aquele negócio na cabeça que só a gente que sabe acertar, porque do jeito que a gente acerta no cabelo da pessoa outro também pode. (...) Naquele tempo o camarada tinha cinco, seis filhos. Tem um cidadão que mora aqui embaixo, era ele que tinha cinco, seis filhos. Ele tem filho que hoje está com cinquenta e poucos anos. Esse menino eu cortei o primeiro cabelo dele, ele era desse tamanho assim, chorou que só a moléstia dos cachorros, olhos azuis, danado. Esse cara ainda hoje corta o cabelo comigo, é solteiro, professor, tem sessenta anos. O filho mais novo dele é freguês aqui, tem uns trinta anos. (...) Eu sempre tive muitos fregueses. **Eu tenho freguês aqui que faz cinquenta anos que ele me acompanha. Não é difícil isso? (...). Eu tenho muitos assim que me acompanham, só me deixam quando morrem.**⁸⁴ Grifo nosso.

⁸⁴ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

Por atender diferentes membros de uma mesma família, Seu Zé acaba tornando-se íntimo a ponto de saber de boas e belas histórias de muitos dos indivíduos que frequentam seu salão. Assim, com o passar dos anos, aumenta a cumplicidade entre ele e seus clientes, estes lhe são fiéis em tudo. Dessa forma, muitas são as causas que motivam nosso entrevistado e o deixa feliz com o que faz.

Contudo, para ele essa é uma profissão destinada aos mais pobres, que não tiveram a condição de estudar e a vida não lhes deu outra oportunidade. Apesar de garantir sua sobrevivência na barbearia, continua vendo o ofício que exerce como inferior, não o acha muito interessante, mas quis o destino que fosse assim, ele acabou sendo o que é: Seu Zé barbeiro.

Isso aqui é um trabalho melhor que a agricultura. Eu entendo que a gente pobre, quando você vem de família humilde, ele tem que ser, pelo menos, uma dessas duas coisas: ele tem que ser ou chofer ou barbeiro, as duas profissões de merda, de pobre, eu comparo com o chofer ou com o barbeiro.⁸⁵

Apesar de ser um ofício de família, fica evidente que ele vê a profissão de forma inferior. Mesmo assim, admite que foi da barbearia que conseguiu manter-se e criar os filhos. Por último, observa que a atividade a qual desempenha é uma “arte”.

Aí existem duas coisas: é o dom e depois você aprende. Eu cortei cabelo, porque alguém me disse: “Ei, tem que ser assim. Só eu vendo...”. Meu irmão já trabalhava, meu pai. E uma coisa vai puxando a outra. O tempo ensina a gente. É o tempo que ensina a gente. Essa profissão aqui tem pessoas com o dom mesmo. Isso é uma arte. (...) Essa profissão é assim: você não enrica, mas não morre de fome. Nunca faltou nada lá em casa, resolvia tudo com o dinheiro daqui.⁸⁶

Sendo assim, Seu Zé, que desde os dez anos de idade exerce o mesmo ofício, embora não contasse com o auxílio de uma forte associação representativa, aos poucos foi conseguindo desenvolver-se e afirmar-se como um excelente barbeiro na cidade de Campina Grande.

⁸⁵ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

⁸⁶ Idem.

Nós tínhamos uma associação, mas não ajudou a gente em nada, era só para dizer que tinha. A gente tinha aquilo porque era para servir como uma proteção, garantir um futuro, mas só conseguimos proteção mesmo quando instalaram o INSS – o INPS.⁸⁷

Como se vê, a preocupação não estava nas reivindicações que a instituição poderia pleitear ao melhoramento e a aquisição de novos direitos para a categoria. Sua grande angústia era mesmo aposentar-se, coisa que só foi conquistada por conta própria. “Paguei como autônomo o INSS e me aposentei, faz dez anos. Agora, continuo trabalhando, não porque preciso, mas porque gosto”⁸⁸. Desse modo, ainda permanece na atividade apenas para manter o vínculo com os antigos amigos e continuar inserido no mundo do trabalho, isso dá um sentido maior a sua vida.

Ele lembra que outros barbeiros que conheceu na cidade agiram da mesma forma, trabalharam até quando puderam, como o famoso “Chá Preto”, que para Seu Zé era “um sujeito cheio de brincadeira, ele gostava de contar muita lorota, o cabra sem vergonha!”⁸⁹ O barbeiro mencionado era uma figura legendária de Campina Grande, o seu salão sempre estava animado.

A barbearia de Chá Preto era um verdadeiro templo de riso. Ele alegrava seus inúmeros clientes com suas histórias absurdas. (...) Severino Martins dos Santos, nosso saudoso Chá Preto, era uma das coisas boas da velha rua 4 de outubro. Perdeu Campina Grande um dos seus tipos populares mais queridos. (DINOÁ, 2004, p. 11 e12).

Portanto, o salão do nosso depoente funciona como lugar permeado por emoções e nostalgias, onde se fala e se escuta de tudo. Por aqui, o atendimento continua o mesmo: rudimentar, tradicional e simples. A modernização dos costumes parece não ter chegado, e isso é que torna o ambiente diferente e atraente para muitos que gostam de manter o antigo penteado e o clássico corte de cabelo.

A obsolescência do lugar não incomoda os velhos clientes, que sentem prazer em dividir suas narrativas com o antigo barbeiro que, além de ser um agradável companheiro, é também um bom profissional, o qual, mesmo não dispondo de muita vaidade no exercício do ofi-

⁸⁷ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

cio, possui uma habilidade ímpar com as mãos, isso principalmente quando manuseia a tesoura e a navalha.

1.3 Além do pão: trabalho e boemia no cotidiano campinense – um discurso da dupla moral

Como bem explicita Perrot (1988), é sabido das dificuldades enfrentadas por diferentes trabalhadores para se manterem na cidade, é possível que esta situação torne-se ainda mais tensa quando a renda de que se dispõe é gerada de um pequeno ofício. Portanto, manter um salário mensal como autônomo representa uma batalha contínua em que é necessário criar e recriar estratégias para atrair e manter a clientela. Mesmo diante desse desafio, Seu Zé conseguiu afirmar-se na cidade de Campina Grande, fazendo do seu estabelecimento, a barbearia, um espaço gerador do seu ganha-pão. Ele reconhece que não era nada simples: conseguir o necessário para sobreviver era uma aventura diária, mesmo assim, é grato por nunca ter voltado para casa de mãos vazias.

Primeiramente, você trabalha para sobreviver. Às vezes você tem uma ilusão de querer crescer, mas não aprendeu a ganhar o dinheiro. E aquilo que só depende das nossas mãos, assim, aí é difícil fazer alguma coisa na vida. A minha profissão, se eu não procurar crescer dentro da profissão, eu não passo de uma feira, só tenho uma feira mesmo e que é o suficiente. Agora, dentro da profissão tem pessoas aí que fizeram alguma coisa na vida e estão fazendo. Quem procurou crescer cresceu. Eu fiquei do jeito que vinha mesmo, porque não tive ilusões, porque meu pai me deixou um salão montado e eu não quis, vendi as cadeiras, fiquei só com aquela ali. Primeiro aquele salão que meu pai deixou, não era eu só, tinha mais outros irmãos, logicamente iam pensar que eu estava enricando ali dentro, quando eu não estaria, é mais por isso também. É porque você sabe, quando o papai deixa, se deixar vinte mil réis, se ele deixar, não, se ele deixar cem mil réis, tem cinco filhos, cada um quer os seus vinte. Aí eu não quis muito. Vendi as cadeiras e peguei no dinheiro e entreguei a ele no salão. Ele disse: Não, esse dinheiro é para você sustentar o ponto. Eu disse: Certo. Até que eu cresci um pouco quando fiquei só com a minha cadeira, comecei a comprar móveis e eletrodomésticos usados. Eu comecei a ganhar um dinheirinho bom, mas depois me abetalhei, porque comércio é diferente de profissão. Comércio é diferente, você vê que cresce muito, mas também você perde ligeiro. O comércio é assim, se você não tiver queda para o negócio, entra com o dinheiro e logo perde. O profissional é diferente. Eu dependo dessas duas máquinas, não morro de fome, mas também não ganho dinheiro suficiente. Dentro da profissão pode-se ga-

nhar dinheiro, você faturar, se bota um salão bem instalado para trabalhar no preço. Eu conheço caras com salão que ganha, em Natal, em João Pessoa, trabalham para unissex. Eles fazem de tudo lá. Aí o cara ganha dinheiro, mas porque na brincadeira deles eu não tenho condições, eu não faço.⁹⁰

Nesse aspecto, percebe-se que a vida urbana impõe suas regras, seus limites, seus obstáculos ao homem que procura viver e sobreviver na cidade, seja ela de porte médio, como é o caso de Campina Grande, ou mesmo na grande metrópole como Londres ou Paris.⁹¹ Contudo, as lamúrias enfrentadas na cidade, não foram motivos para desestimular nosso entrevistado, ele sempre persistente nos seus objetivos ou na sua meta maior, que era garantir o necessário à vivência cotidiana sua e de sua família. Assim, conduz sua vida marcada por gestos de simplicidade e humildade em tudo que faz. Mesmo diante das inconstâncias da profissão, em que às vezes passava a manhã toda para fazer uma barba, ou até mesmo apenas para dar atenção aos velhos amigos, reconhece que é possível sim continuar vivendo apenas do ofício, pois:

A barbearia nunca deixou faltar o meu pão. A barbearia tem uma bondade. É o seguinte: às vezes, eu chego aqui liso e saio com algum dinheiro. Nessa profissão um dia cobre o outro, de repente a clientela começa a surgir. Nesse ramo nós dependemos mesmo é do tempo. Cabelo e barba nunca para de crescer. Então, é questão de tempo para o pessoal voltar.⁹²

Pouco importa se a vinda ao salão é uma questão de necessidade, incômodo, higiene ou estética; o certo é que a barbearia nunca está vazia. O próprio passar do tempo acaba encarregando-se de trazer a freguesia de volta. Às vezes, a clientela vem em bando como aves, em outros momentos, vem aos poucos, mas o certo é que mensalmente a maioria dos clientes costuma fazer uma visita à antiga barbearia, seja para colocar o papo em dia ou utilizar-se dos serviços do barbeiro.

Assim sendo, é com esta constância ou inconstância que Seu Zé garante os recursos suficientes ou necessários à manutenção de suas necessidades básicas e também tem acesso aos diferentes bens e serviços espalhados pela cidade, sejam eles de saúde, educação, meios de transporte, lazer, diversão e outros encargos próprios da vivência cidadina. Dessa forma, a

⁹⁰ Entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

⁹¹ Cf. BRESCIANI, Maria Stela Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁹² Entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

vida na urbe tem um custo ligeiramente elevado, isso vai desde a moradia às compras mensais de gêneros alimentícios.

Nesse sentido, podemos perceber que este aspecto acaba refletindo na qualidade de vida do trabalhador autônomo, o qual, não dispondo de uma renda fixa, conta com a eventualidade diária para conseguir algum provento e transformá-lo em mercadoria, pagar aluguel ou custear o meio de transporte que onera ainda mais a vivência no centro urbano.

Contudo, Seu Zé reconhece que a coisa é bem mais confortável: tem casa própria; devido à idade, não paga mais transporte público; e os filhos já estão todos criados e casados. Tudo isso lhe faz sentir uma pessoa realizada. Antes não era nada fácil manter a família com os rendimentos da barbearia, mas agradece a Deus por não ter deixado faltar nada. Portanto, não é nada fácil a um simples trabalhador independente, de um ofício menor, residir na cidade, pois mesmo na velhice ainda precisa trabalhar.

Eu, sinceramente, me sinto uma pessoa realizada por um lado, porque, se eu morrer, os meninos me enterram, eles já estão criados, cada um no seu canto, mas se eu adoecer, em duas semanas morro de fome, não posso adoecer porque eu não tenho dinheiro. Continuo trabalhando, mas já está começando a me faltar o gás, a energia, porque eu estou com 81 anos, e já sinto, apesar de ser um cara, acho, com bastante saúde.⁹³

O cotidiano de um trabalhador autônomo é marcado por muitos desafios, os quais podem levar à ansiedade e ao medo de não conseguir alicerçar-se na cidade, onde “(...) os ricos tendem a se tornar ainda mais ricos, desfrutando das oportunidades disponibilizadas pela ampliação dos mercados, enquanto os mais pobres afundam na miséria” (BAUMAN, 2009, p. 8). Embora reconhecendo que a vida diária é marcada por muitas inconstâncias, Seu Zé diz que foi capaz de dar a volta por cima, pois sempre “fui homem de iniciativa e nunca deixei de trabalhar”⁹⁴. Desse modo, da pequena barbearia conseguiu tudo o que tem, criou os filhos e ainda exerce o mesmo ofício.

Se voltasse no tempo, repetiria tudo de novo, gosto da minha profissão, é uma profissão de pobre, mas ainda trabalho nela. Agora não é porque a gente goste, é porque a gente vem de família pobre, aí você se cria naquilo, no tra-

⁹³ Entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

⁹⁴ Idem.

balho, lá vai aquele negócio. Não é gostando, é uma necessidade que a gente tem. Tem cara, às vezes, que prefere pedir do que enfrentar essa vida difícil de trabalho, isso aqui mesmo. Isso aqui é um trabalho melhor que agricultura. Agora de pobre uma profissão de merda, mas dá pra viver dela sem muito sacrifício.⁹⁵

Após esse depoimento, Seu Zé passa a nos relatar um pouco sua jornada diária, “chego aqui às 07h00, e faço isso há 61 anos”⁹⁶. Também, nos informa que sempre acordou cedo, às 04h30 ou 05h00, nesse momento já tinha café pronto, que sua velha preparava. Sem perda de tempo, fazia a higiene pessoal, trocava de roupa e logo em seguida servia-se do que estava posto à mesa. Depois se despedia da mulher com um “Já vou!”. Abençoava os filhos e partia para enfrentar a lida. Como morava no bairro de Santa Rosa e sua barbearia ficava no Centro da cidade, precisava aguardar a condução, esperava alguns minutos o ônibus, o qual muitas vezes já vinha lotado com outros trabalhadores, que assim como ele, levantavam-se logo nas primeiras horas do dia.

Encontrar no interior do veículo uma cadeira vazia não era coisa fácil, esse parecia ser o primeiro desafio. Claro que, em alguns momentos, contava com a sorte e se deparava com algum assento disponível. Quando isso não ocorria, seguia em pé até o seu destino. Essa viagem era acompanhada pelo noticiário das principais rádios da cidade, que logo nas primeiras horas do dia procuravam manter seus ouvintes informados.

Quando não estava prestando atenção ao noticiário, costumava trocar ideia com outros passageiros que faziam o mesmo trajeto, e isso parecia encurtar o percurso. Esse roteiro de casa ao trabalho, através do transporte público, foi feito por Seu Zé durante muitos anos de sua vida. Ele afirma que antes, por se o fluxo de veículos em Campina Grande bem menor, dava gosto andar nos ônibus.

Mesmo possuindo carro próprio, por não ser habilitado, ainda continua a andar de transporte público. Antes não tinha como adquirir um veículo, porque sua renda era insuficiente, e, além do pão de cada dia, ele tinha outros planos para os seus ganhos, que ultrapassavam a fronteira da responsabilidade familiar. Boa parte da remuneração do nosso informante era gasta com diversões, que para ele não só era um lazer, mas sim um vício, ele só sossegava quando via que não restava mais nada no bolso. “Sou pobre por causa de sinuca. Quarenta anos jogando apostado. Era um vício condenado”⁹⁷.

⁹⁵ Entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Idem.

Sobre esta questão, conseguimos identificar que o trabalhador, às vezes, consegue ter controle sobre as horas de folga. Ele é capaz de decidir o que fazer com o seu tempo livre, assim rejeita outros ou alguns meios de entretenimento, como TV, clubes, etc. O trabalhador inventa e reinventa diferentes formas de diversão, nem sempre convencionais, as quais, mesmo lhe gerando prejuízos, desordem familiar ou que desestabilizem suas finanças, são mantidas por serem consideradas prazerosas.

Poderíamos afirmar que essas atitudes podem representar certa resistência praticada por parte de alguns trabalhadores, como faziam os operários analisados por Chalhoub⁹⁸, que procuravam outros meios de distração nas ruas ou no botequim e recusavam os espaços lúdicos ofertados pelo sistema capitalista que tenta regular o tempo livre dos trabalhadores. Nesse sentido, nos momentos de ócio, Seu Zé tinha como diversão preferida a prática da jogatina. Assim, o que lhe dava prazer era estar trabalhando durante o dia e a noite sua grande distração era mesmo apostar partidas de sinuca. No entanto, essa prática desportiva causava um grande desfalque em suas finanças.

A sinuca era meu meio de diversão. Sempre eu jogava. Vendi duas casas que eu tinha. Fui vendendo, botando o dinheiro no bolso, com dois meses não tinha mais nenhum tostão. Que aconteceu? Hoje não faço mais isso, era no tempo em que eu era desmantelado. Hoje sou um homem diferente, saí da ilusão, porque nós vivemos de ilusão, todo mundo, você e eu. Esse era meu defeito, meu lazer. Não gostava de festa. Gostei muito de futebol, correr atrás de futebol, mas depois eu arranquei o joelho e não pude mais.⁹⁹

⁹⁸ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. Nessa obra o autor tenta compreender o cotidiano dos operários carioca do início do século XX, o período da *belle époque*, faz isso a partir da análise de processos criminais de homicídios. Também, destaca a forma de lazer adotada pela classe trabalhadora quando estão fora das fábricas, e a repressão policial aplicada aos operários que se excedem nos espaços de diversão. No momento em que o autor apresenta personagens comuns, como Zé Galego, que ganha vida e voz ao ter sua história narrada, poderíamos dizer que ele faz uma espécie de história vista de baixo: “A história era sobre Zé Galego, homem casado com 3 filhos que trabalhava no porto. Que morre após um dia de trabalho na porta do boteco que tinham ido junto com o resto dos trabalhadores para tomar um café e fazer os pagamentos (...). As próprias testemunhas mudavam e se contradiziam nos seus depoimentos. Como saber a verdade. Esta é a questão de trabalhar como fonte com processos criminais, não estamos lidando com algo sólido e coeso. Não é possível saber o que realmente aconteceu, mas é possível através do entrecruzamento de vários processos descobrir certas continuidades, entender como se produzem e se explicam as diferentes versões que os diversos agentes envolvidos apresentam em cada caso” (CHALHOUB 2008, p. 40).

⁹⁹ Trecho Entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

Para muitos, a sinuca não é necessariamente uma diversão criminosa, “jogos de azar” desses proibidos no Brasil,¹⁰⁰ visto que o seu êxito depende da habilidade de quem está com o taco, de concentração, estratégias, bom humor, conhecimento. Essas variáveis são oscilantes e, dependendo do estado emocional do jogador, a partida disputada poderá não ter um resultado desejado. Assim, quando a diversão envolve algum montante, deixa de ser apenas uma simples brincadeira casual entre amigos para se transformar em um jogo de azar, em que o jogador poderá tornar-se apostador perdedor que só solta o taco quando desperdiça todos os seus recursos.

Esse era o caso do nosso entrevistado, o qual aos poucos ia se desfazendo de toda a quantia que ganhava durante o dia. Portanto, cada tacada mal executada representava um real prejuízo. A bola não encaçapada era um sinal de frustração e perda. Assim, de simples diversão Seu Zé confessa que a prática ou jogo da sinuca foi aos poucos se tornando algo viciante, culminando para o azar.

Portanto, tacada após tacada, os seus bens eram desperdiçados. Parece que lhe faltava habilidade, sua destreza com o taco de sinuca não era a mesma que tinha com a tesoura. Enquanto ela lhe dava rendimentos durante o dia, o taco tirava à noite. A bola da vez nem sempre era a preferida. Encaçapar as bolas de maior pontuação parecia impossível, elas não entravam, faltava-lhe a afinidade com o taco, o resultado era perder o que apostava. “Passei quarenta anos jogando sinuca apostado, hoje não tenho outra casa por causa disso, sempre eu jogava”¹⁰¹.

Assim, depois de cada jogada, os favorecidos eram os seus oponentes. Enquanto estes pareciam fazer da sinuca um ofício, Seu Zé estava ali para divertir-se, a mesa de sinuca funcionava para ele como uma válvula de escape no final do dia. Era seu momento de prazer, a sua *happy hour*, uma atividade extra, que envolvia emoção e investimento financeiro, mas ele diz não se arrepender, mesmo que tivesse prejuízos, isso lhe fazia bem.

Nisso podemos constatar que nosso entrevistado era fiel ao que lhe dava alegria, ao que lhe suscitava prazer, não importavam os danos, ele era feliz e essa era a melhor forma que encontrara para se divertir nas horas vagas. Era na sinuca que preenchia seu tempo ocioso. Mesmo que esta prática lhe gerasse danos e desestabilizasse sua economia, quando estava fora do trabalho, ele continuava mantendo sua distração preferida.

¹⁰⁰ Ver: IZÍDIO, Erichsen Fernandes Sabóia. **Entre modernização, diversão e controle:** as práticas dos jogos de azar em Fortaleza na primeira metade do século XX. Campina Grande, 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

¹⁰¹ Trecho entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

Ele anuncia que não parava de jogar, porque imaginava que com o tempo estaria bem aperfeiçoado e o que estava sendo perdido poderia ser resgatado no dia posterior, só que esse dia nunca chegava e o blefe só aumentava. O jogo parecia dominá-lo a ponto de, às vezes, restar apenas a quantia de voltar para casa, e isso lhe entristecia, porém, no dia seguinte, estava novamente na sinuca do Arlindo, que ficava na rua Marquês do Herval .

Em virtude da frequência, a diversão acabava tornando-se dependência. Porém, o vício não era patológico, a prática não lhe trazia desinteresse por suas obrigações sociais, apenas tinha o jogo como meio de distração, um passatempo. Assim, quando não estava em seu ambiente de trabalho, que também lhe trazia bem-estar, o seu prazer era dividir uma partida de sinuca com alguém disposto a arriscar a sorte, tudo isso regado por doses de aguardente ou goles de cerveja, que ajudavam a esquecer das angústias e enfrentar o dia a dia.

Se não bastasse a sinuca, nosso depoente revela que tinha mais uma prática fascinante, a qual acabava levando outra parcela dos seus rendimentos, a diversão agora envolvia a casa das amantes. Por isso afirma: “minha história é vulgar, quando eu não estava na barbearia, ficava entre a mesa de sinuca e a casa das prostitutas”¹⁰². E essa era a principal causa de sua pobreza. “Ganhei muito dinheiro, mas fiquei sem nada porque o que eu ganhava gastava tudo com as mulheres e no jogo”¹⁰³.

A vida sentimental de nosso colaborador foi bem polêmica, não se contentava com uma só mulher, o seu prazer estava em fazer coleção, o seu leque era bem extenso. “Pra falar a verdade, era uma coisa assim, não sei o quê. Eu era sem vergonha que só a desgraça. Eu tive umas onze amigações”¹⁰⁴. Cada uma dessas convivências representou um desafio, uma aventura que mexia com as suas emoções e com o bolso. “Algumas entrava com vontade de enri-car, mas barbeiro não tem dinheiro para dar a ninguém. Aí ela dizia: Vai tomar... Vai se las-car. Elas não diziam verbalmente, mas dentro do coração diziam e iam embora”¹⁰⁵.

Seu Zé lamenta: “Eu não sabia usar as mulheres de fora, elas eram para ser usadas apenas duas vezes e depois descartadas”¹⁰⁶. Sua mágoa é que quase sempre mantinha um caso de amor com elas e isso atrapalhava muito sua vida pessoal e profissional, pois tudo o que conseguia dividia com a de casa e com as da rua.

¹⁰² Trecho de entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Trecho da entrevista condida em 05 de junho de 2016.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Idem.

Tenho um freguês aqui amigo que dizia: Você não sabe usar uma rameira. Meretriz a gente visita duas vezes somente, na terceira vez você se faz de doido. Mas eu não sabia mesmo, me amigava. Isso foi muito ruim para mim. Me envolvia muito, a coisa não é assim.¹⁰⁷

Portanto, manter as muitas mulheres não era nada fácil, além da trabalhadeira, confessa que queria com elas mais que momentos, por isso a relação acabava ficando insustentável e a tendência era que fosse abandonado por falta de recursos para sustentar tudo o que elas queriam.

Eu tinha um amigo aqui vizinho que morreu há uns três meses. Eu disse: Seu Antônio, você sabe me dizer se chifre de prostituta vai para o livro de São Pedro. Ele disse: Vai não. Esse negócio de prostituta envolve muito dinheiro, barbeiro não tem. Não demorava muito elas me mandava se lascar.¹⁰⁸

Nesse caso, a saída quase sempre era encontrar outra amante e viver nova aventura. Porém confessa que, às vezes, tinha mais de uma simultaneamente. “Quando eu estava com uns três anos de casado tinha umas três mulheres”¹⁰⁹. Aí só aumentava o gasto e a preocupação para tentar segurar as relações extraconjugais. No entanto, nosso informante afirma que isso era o que lhe dava prazer e sentido a sua vida. “A vida para ser bem vivida tem que ser envolvida na vida de outra, não tem coisa melhor na vida que mulher. O homem sem uma mulher é um desgraçado. Eu sou quase um desgraçado atualmente”¹¹⁰.

Então o combustível do seu viver estava na paixão que alimentava por suas amantes, a ponto de não saber o que fazer quando não as tinha. Era uma necessidade natural. Ele só estava realizado se estivesse acompanhado por outra mulher que não fosse a do seu matrimônio. Disso “sinto muita saudade, das cocota, não tem coisa melhor do que uma. Melhor do que uma são duas”¹¹¹.

Não tinha jeito, o negócio era manter as “amigações” e viver de aventura, e fazendo de tudo para que a mulher de casa não descobrisse. Apesar dos muitos romances, não admite que se envolvia emocionalmente com as mulheres.

¹⁰⁷ Trecho da entrevista condida em 05 de junho de 2016.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ Idem.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Idem.

Nunca tive uma grande paixão. No começo do meu casamento eu tive uma danada de uma mulher que era do Sertão, sertaneja, se chamava Luzia, isso em 1964. Aí em 1966 ela tinha uma irmã no Rio de Janeiro, que não é do Rio, é de Santa Luzia. Aí essa irmã estava chamando ela: ei, vem para cá. Aqui é bom no Rio de Janeiro. Não sei o quê. Eu disse a ela: Vai. Com um tempo eu vou lá. Eu fui mesmo. Quando falo que vou fazer uma coisa, não tem jeito, eu faço.

P: Mas o senhor foi até lá no Rio de Janeiro sem gostar da mulher?

SZ: Fui. Eu sei lá. Era aquela coisa. Ela teve quatro filhos, mas o último que teve deu. Só criava três. E lá eu fiz o encontro deles lá e deu certo. Aí fui, em 1966, eu estava com dez anos de profissão. Aí eu fui bater no Rio. Quando digo que vou, eu vou, mesmo que eu me lasque todinho. Eu não disse que ia para o Rio de Janeiro, disse que ia para São Paulo, tinha que mentir em casa. Para a única pessoa que eu mentia no mundo era para a minha mulher, ainda hoje eu minto. Fiquei lá na Penha. Ela morava no bairro de Caxias. Eu ia para Caxias e pegava um transporte. Eu chegava na Penha e pegava outro transporte, era dois transportes. Era um aperreio. Aí dei de cara com um barbeiro que trabalhou aqui no salão do meu pai uns seis, sete anos, era José, daqui de Bodocongó. Aí ele perguntou: o que danado você está fazendo aqui? Vim trabalhar. Ele disse: você é doido, aqui não presta. Eu disse: José, me empresta esse dinheiro aí. Ele me emprestou cinquenta contos. Eu gastava 25 contos de ônibus. Aí vim embora. Aí vim embora. Quando eu disse a Luzia que ia embora, ela disse: Não vai, criatura, tu vai enicar aqui. Eu disse: se tiver um hospital de doido aqui, eu vou parar lá, essa é a verdade. Ela ficou me chalerando direto, não era para menos. Mas eu peguei o dinheiro que José me emprestou e fui embora.

P: O senhor não sentiu saudades da Luzia?

SZ: Não, porque a vida é assim, as coisas que a gente faz e estrebucha muito, mas nós temos um Pai que Se chama Jesus Cristo, é o Pai da gente. Ele não queria que eu estivesse lá.¹¹²

Nesse trecho, embora que não admita, fica evidente que nosso colaborador acabava apaixonando-se por suas amantes e vivendo com elas um romance às escondidas. Mesmo que houvesse um claro investimento afetivo, ele tende a negar as duas mulheres, a de casa e a da rua, é como se estas estivessem a seu dispor, para serem usadas e descartadas. Assim, no momento em que a patroa lhe servia no espaço doméstico e as amantes nas ocasiões de prazer, elas têm simultaneamente a individualidade negada.

Além dessa questão, o relato que se segue reforça a ideia defendida por Bourdieu (2005): Em uma relação em que o masculino se impõe como superior ao ser feminino, além de enfatizar um forte traço da cultura machista, mostra que a posição de inferioridade é aceita e naturalizada pelas próprias mulheres.

¹¹² Trecho da entrevista condida em 05 de junho de 2016.

Eu tinha uma cunhada que morava comigo, eu já trabalhava nesse buraco aqui. Tudo o que ela via dizia à velha lá em casa. A irmã da mulher era mais nova. Mas eu não tinha raiva. Um dia, sete horas da manhã, eu disse: Você é minha cunhada, eu te respeito muito, quero que Jesus te dê tudo o quanto tem de bom, agora deixe a minha vida, porque eu não presto para nada. Disse para minha mulher: Eu sou um farrista desgraçado, não presto para nada, agora, se você quiser que eu passe dessa porta aqui agora, passo agora e não volto nunca mais. Ela fechou a boca.¹¹³

Após essa citação, Seu Zé informa que a coisa foi cada vez mais se agravando a ponto de tornar-se frequentador assíduo da casa das amantes, e que ainda sente muita falta delas.

Rapaz, eu vou te falar uma coisa: Eu não tenho muito prazer na vida, porque quando a gente envelhece, eu tive aquela determinação de não querer mais amante. Aí com isso é muito ruim para mim, sei lá, aquela coisa sem muita graça. Você se vicia nessa vida de prostituição, fica um homem viciado nessa história quando deixa é muito ruim demais. (...) Mas a pior loucura que eu fiz na minha vida foi me casar. Me casei com 21 anos de idade, sem nada na vida. Eu não tinha nem uma cama para deitar. (...) Fiz uma loucura. Me casei com a pessoa sem gostar. Foi isso o que eu fiz. Ela tem 82 anos, é mais velha do que eu um ano. A mulher mais limpa que já conheci no mundo, mais trabalhadora e mais econômica, mas faltava alguma coisa nesse casamento. Ela nunca deu um cheiro em mim e nem eu dou um cheiro nela. Diabética, ela tem diabetes, gastrite, colesterol alto, a pressão hora está lá em cima, hora está lá embaixo, ela deve estar pesando uns 25 quilos hoje, velhinha, quase morreu um dia desses, por sorte encontramos uma médica com uma consulta paga, e graças a Deus ela está bem. (...) Tudo, porque eu me casei por experiência e para cumprir uma palavra que dei. Quando eu pedi aquela moça em casamento ela morava com um tio. O cara disse: Você quer casar mesmo, cara? Eu quero. E por isso me casei. Vivo lascado. Pensei muitas vezes em deixar a mulher, porque mulher que a gente não gosta é uma desgraça, pensei muitas vezes, mas o lado bom dela. Ela sempre teve muito juízo na mente. O lado bom dessa mulher que ainda hoje é viva. Eu disse: não posso deixar. Limpa, econômica, trabalhadeira dessa que não quer parar, uma dona de casa completa. Aí eu olhava aquilo dela assim: não tem jeito de eu sair dessa criatura aqui.¹¹⁴

Mais uma vez, podemos constatar que nosso depoente tinha um casamento baseado em um modelo patriarcal, nesse modelo a preocupação não é com a romantização da relação

¹¹³ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

¹¹⁴ Idem.

conjugal, o que importa é a conveniência. O chefe de família deveria estar do lado de uma mulher disposta a administrar o lar, enquanto ele encontrava-se fora trabalhando para manter a parte financeira da casa, e de certa forma, a ordem social capitalista.

Nesse aspecto, Silva (1999) analisa que esse padrão de casamento era útil à sociedade burguesa, que defendia um modelo ideal de esposa baseado na cultura patriarcal, em que os papéis são bem definidos: cabe ao homem prover a manutenção da casa e à mulher ser a rainha do lar. Silva (op. cit.) ainda lembra que a dona de casa deveria ser alguém disposta a educar e criar filhos ordeiros, pois isso seria adequado ao padrão de sociedade baseada na moral burguesa. Assim, era comum nesses matrimônios a evidente ausência de sentimento, uma vez que a emoção poderia ameaçar o sistema capitalista que necessitava da harmonia da vida privada.

Talvez esse raciocínio justifique os motivos pelos quais Seu Zé barbeiro adorava estar, gastar e sofrer pelas amásias. Nascimento (2008, p. 23), ao abordar sobre a prostituição em Campina Grande entre os anos 30 e 50 do século passado, discute que a meretriz em certo momento era vista como alguém que poderia levar o homem à ruína e ameaçar a propriedade. Por outro lado, a autora informa que, para a ciência médica e os detentores da lei e dos bons costumes, a amásia era necessária para manter a reputação familiar.

[...] a prostituta considerada “um mal”, ela era “necessária” porque protegia as moças solteiras de família dos impulsos e desejos sexuais dos rapazes e a casadas do “prazer luxuriante” de seu marido, contribuindo de certa forma para a manutenção da “honra da família”.

Na verdade, a “moral burguesa” concebia a prostituta também num “duplo padrão”, ou seja, ao mesmo tempo em que ela representava a causa imediata da dissolução e corrupção dos bons costumes e da família, também representava a “santa protetora” da “honra” das moças honestas e do pudor das mulheres casadas. (NASCIMENTO, 2008, p. 39).

Se por um lado a meretriz maculava a sociedade, por outro ela era bem vinda à ordem burguesa, que, por ser conservadora, necessitava do matrimônio para manter a harmonia social através da mulher assexuada dona do lar, esta era o verdadeiro esteio familiar. Assim, para Seu Zé, sua esposa representava o seu chão, seu porto seguro, alguém em quem ele confiava, que estava sempre por perto a esperá-lo e pronta para servi-lo em muitos aspectos. Por isso, afirma que teve muitas amantes, mas nunca dormiu um dia sequer longe de sua esposa. “Ago-

ra eu nunca dormi fora de casa. Quando eu conhecia uma mulher, dizia eu sou assim, assado, viu. Só durmo num canto, como peba”¹¹⁵.

Nesse trecho é possível perceber que nosso entrevistado acaba exercendo um forte traço da dupla moral (ROLNIK, 2007): ao mesmo tempo em que ele é um trabalhador, chefe de família, também é um boêmio que adora a casa das amantes, que gosta de chegar em casa tarde da noite após a farra. E, no momento em que admite com orgulho que nunca abandonou sua família, sua casa, sua esposa por “piranha nenhuma”, reforça ainda mais a visão machista, conservadora e patriarcal.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que fala das qualidades de sua esposa, reconhece que casou errado, porque casou com alguém de quem não gostava, por isso teve tantas “amigações”, pois se relacionava com alguém por quem não tinha afeto. Então o jeito era procurar diferentes amores.

Antes a hora de eu chegar em casa era de dez, onze, doze horas, porque quando não estava na casa das garotas, estava jogando sinuca. Se você casa com a pessoa errada, o cara novo, ficava correndo atrás das quengas. Quando você faz o casamento sem gostar, aí paga um preço muito alto, e eu estou pagando esse preço hoje ainda. Mas uma mulher como a minha não existe, boa dona de casa.¹¹⁶

Se a trajetória de Seu Zé foi dividida entre o trabalho, a sinuca, as amantes e sua casa, ao perguntarmos como se sentia na velhice, a resposta não foi das mais agradáveis. Ele nos diz que é triste, porque na vida não tem mais ilusão e ela era quem dava sentido a sua existência. A ilusão foi responsável pela manutenção de muitos dos seus sonhos. Atualmente o que há é uma vida apática, sem sentido. Na ausência da fantasia, a sua vida parece perder o brilho.

Estou começando a aprender agora com a velhice, na marra, e é muito difícil a gente se acostumar com esse negócio de velhice. Depois de setenta para lá você começa a achar aquelas coisas difíceis, e cada vez mais difíceis, ninguém gosta de você, só quem gosta de você é você mesmo. A pessoa que se encosta em você só se encosta com interesse. Quando a gente é novo aproveita tudo. A idade vai chegando e a gente vai se modificando todo. Isso é bom porque a gente passa a ver a realidade da vida. O ser humano vive de ilusão, todo ele. A vida não é ilusão, mas todos nós vivemos de ilusão. Eu

¹¹⁵ Entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

¹¹⁶ Idem.

não tenho mais ilusão, a minha ilusão terminou. Quando termina, aí você passa a viver diferente, passa a viver a realidade da vida. Hoje eu só tenho a agradecer o Pai da gente. E depois a gente vê que é como se diz, é tudo de passagem mesmo, só ilusão. É como eu disse a você, nós vivemos de ilusão. Ai da gente se não fosse a ilusão. Você não está na ilusão de se formar? Pois bem, na idade que estou não dá mais para manter uma mulher. Eu era namorador mesmo da gota serena. A última que eu tinha morreu faz seis anos já, agora em setembro. Ela tinha 52 anos.

Se antes o que lhe dava prazer estava associado à virilidade, com a velhice chega o desencanto, lamenta não poder mais viver rodeado por mulheres. Suas noites já não são como antigamente: não tinha horas para chegar da casa das amantes. Ele vangloria-se em dizer: “as mulheres eram meu encanto”¹¹⁷. Agora só resta a nostalgia, o vigor não é o mesmo. “Minha fonte de prazer secou”¹¹⁸. Isso lhe faz doer a alma. Nosso entrevistado parece estar na fase do desencanto, quando afirma que sua vida não tem mais ilusão, por isso a sua existência perdeu um pouco o sentido, o que resta é recordar e contar o que fez com as mulheres de sua juventude.

De tudo na vida o que sinto mais saudade é das mulheres. Não conheço outra coisa melhor que elas. A vida só tem sentido se tiver mulher, sem ela tudo perde a graça. Essa ilusão eu não tenho mais. Hoje sou um homem diferente, saí da ilusão, porque nós vivemos de ilusão, todo mundo, você e eu. E ai da gente se não fosse a ilusão. Agora você chega ao ponto de meu caso, eu não tenho mais ilusão, só tenho assim a agradecer ao nosso Paizão, a Deus que deixa ver a luz do sol, a gente tem que agradecer todos os dias.¹¹⁹

Embora reconheça que chegou à velhice com uma saúde perfeita, não se sente realizado porque não pode mais “recorrer à casa das amantes”, e isso lhe causou um prejuízo emocional profundo. “Eu digo que sou rico, porque tenho 81 anos, não tomo um comprimido por obrigação. Eu conheço um cara com 85 anos que toma catorze comprimidos, e outros aí tomam uns dez. Graças a Deus, eu não tomo nenhum. Minha tristeza é falta de mulher”¹²⁰.

Assim, continua seu lamento ao dizer que não é mais um homem completo, sente-se pela metade, porque o bom da vida é a companhia feminina e hoje não tem mais. Mesmo que

¹¹⁷ Trecho da entrevista de 05 de junho 2016.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ Idem.

ainda more com sua esposa, vive como se não residisse com ela, porque “a mulher que tenho só presta para fazer o comer e tomar conta da casa, é doente e velha. Pensei muitas vezes em deixar a mulher”¹²¹.

Portanto, embora reconheça que, mesmo dispondo de uma boa saúde, a coisa está devagar, não há mais mulheres para se divertir, lastima em dizer que já não é mais homem como antes, quando “tinha duas a três negas, não me cansava, tinha força como um bicho”¹²². Aos oitenta e um anos, o que resta é recordar: os bons amigos, a boa conversa, o ato de tomar uma cachacinha após o almoço e no final de semana.

Se para Seu Zé a ilusão acabou, é porque a vida é entendida por ele como uma fantasia relaciona à sexualidade. Nesse caso, a impotência representa o fim da linha. É como se seu prazo de validade estivesse chegando ao fim, o corpo está negando o que lhe dava mais prazer: cultivar muitas amantes.

Assim como mostra Albuquerque Júnior¹²³, se a masculinidade está associada ao falo, quando este já não atende mais aos estímulos, a vida aos poucos vai sendo destruída, uma vez que o indicador maior do ser másculo foi afetado. Dessa forma, a graça vai definhando, pois, se a identidade masculina do nordestino está associada à virilidade, quando nosso depoente percebe que não tem mais tanto vigor, resta-lhe a desilusão.

Portanto, no momento em que Seu Zé começa a compreender que não pode mais “usar as mulheres”, as quais eram seu grande objeto de prazer, sua alucinação, a vida perde o sentido. Nesse instante, sente-se um homem castro, sem utilidade, visto que o falo já não corresponde para o que foi designado, sua fonte de distração minguou.

Diante desse dilema, nosso depoente vai apenas administrando os seus dias e cultivando os poucos clientes. Ele faz da barbearia a sua vida, o seu “passeio público”, pois não consegue, ou não sabe e nem se acostuma a viver em casa com a esposa, sua patroa, a dona de casa. Isso ocorre porque ele não teve vida privada, o lar não o pertence, ali ele é um ser esquisito. Não criou vínculo com a esposa, com os filhos, o ambiente lhe é estranho e tudo lhe incomoda.

Rolnik (2007), em “O cartógrafo e as noivinhas”¹²⁴, nos faz entender que as mulheres da primeira metade do século XX não tinham outra opção que não fosse casar-se. O que as

¹²¹ Trecho da entrevista de 05 de junho 2016.

¹²² Idem.

¹²³ Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

¹²⁴ Ver: ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

aguardava era a “empresa doméstico-matrimonial”, as noivinhas estavam destinadas à vida privada e seus esposos às tarefas externas. Nesse sentido, o que restava a Seu Zé era viver fora de casa o dia todo e retornar à noite para dormir. Esse hábito ainda o mantém.

Eu vivo aqui na barbearia. Isso aqui é a minha terapia. Se eu for para casa, com duas semanas adoço, com mais duas semanas morro. A minha terapia é isso aqui. Se eu for para casa morro. Os velhos brincam comigo e eu brinco com eles. Trabalho não só pelo dinheiro, é porque eu gosto também. Não trabalho aqui porque tenho grandes necessidades mesmo, porque eu não tenho mais ninguém dependendo de mim, só a velha, mesmo assim ela ganha o próprio salário. Eu estou aqui porque gosto mesmo. Me acostumei, até em dia de domingo fico aqui até dez horas. Ontem mesmo, eu vim fazer a barba, aí começa a aparecer freguês meu amigo, e sou escravo dos meus fregueses. Trabalhei até às dez horas. Desembestei e fui beber cachaça na feira da Liberdade com caldo de mocotó, tomei cinco canas com limão e depois bebo cerveja. Negócio de doido. Eu sou doente pelo trabalho. No domingo eu venho para aqui e digo: não vou trabalhar. Mas eu não consigo dizer não. Fui e trabalhei até às dez horas.¹²⁵

Portanto, na conjuntura patriarcal, em que a mulher pertence ao lar, à vida privada, e o homem à vida pública, podemos entender o sofrimento enfrentado pelos recém-aposentados quando precisam voltar para a casa que não é sua. O pai de família, o provedor não teve vida privada, não sabem como se portar nessa atmosfera, na qual palavras pronunciadas e gestos proferidos devem ser ponderados.

Seguindo a lógica patriarcal, o homem inativo tem dificuldades de viver dentro de casa, não sabe cozinhar, passar, limpar, etc. Esse é um papel exercido pela esposa. Ele não é um ser doméstico, essa identidade é feminina. Então, o que resta ao atual aposentado é voltar para a rua, esse é o seu *habitat*. Por isso, Seu Zé dedica boa parte do seu tempo à barbearia, não só por amar o que faz, mas porque esse espaço, o salão, agora representa a sua nova vida pública, o estar entre amigos conversando sobre temas proibidos e permitidos lhe faz bem.

Ao encerrarmos este capítulo, compreendemos que nosso entrevistado exercia três papéis: pai de família, trabalhador e boêmio. Essas designações parecem que o completavam e o tornavam feliz. O trabalho e a esposa representavam o seu porto seguro, o jogo, seu divertimento e as amantes, seu deleite. O seu grande infortúnio talvez seja o de não poder mais desempenhar o último atributo, pois ele era um homem lúdico e fiel ao que lhe dava prazer: trabalho, sinuca e amantes.

¹²⁵ Entrevista concedida em 15 de junho de 2016.

CAPÍTULO 2

REMINISCÊNCIAS ABRIGADAS ANTES E DEPOIS DO ABRIGO MARINGÁ

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.

Michael Pollak

2.1 Do alto da pedra é que se vê melhor: memórias do campo resgatadas na cidade

O que impulsiona a escrita deste capítulo é o resgate da história de vida de Seu Genival, barbeiro que chegou a Campina Grande no ano de 1968. Sua narrativa traz como característica um forte discurso escoltado pelas emoções, sua memória é aparada por paisagens que marcaram a infância em sua terra natal: Pedra Lavrada. Com uma fala nostálgica e redundante, encanta o olhar de quem a escuta, as suas palavras movimentam os sentidos, isso pela simplicidade, pela forma como tenta reconstruir o universo em que vivera e que não existe mais. Deste, o que lhe restou foram as lembranças, estas tendem a ocupar o seu tempo com boas e más recordações que são revividas por ele e outros velhos companheiros.

[...] mas, sobretudo, os recordadores são, no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição. “o velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos ou orais, *investiga, pesquisa, confronta* esse tesouro de que é guardião”. (BOSI, 2015, p. 20).

Seu Genival vai refazendo, reconstruindo o que o tempo tenta apagar. Às vezes, a mente falha e ele logo procura “reparar”, e continua tecendo remontando um mundo cheio de tramas, de dizeres, de palavras, enfim, um vocabulário longínquo que soa estranho, que é próprio de quem viveu noutros tempos. Aqui se constata que as lembranças, a linguagem, as frases pronunciadas não são só suas, estas pertencem a muitos de sua geração, fazem parte de uma coletividade, pois, como alerta o Halbwachs (2006), a memória individual revela-se no coletivo. Então, o que parece ser comum, próprio do depoente ou de sua época, é um traço corriqueiro denunciante que há uma firme combinação entre a memória individual e a coletiva.

Dessa forma, vão se explanando traços de um mundo, montando-se um panorama individual e grupal. “Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo” (op. cit., p. 42). A vida do entrevistado vai aparecendo e sendo moldada por comportamentos que pertenciam a uma era ou a uma coletividade. Portanto, o que ele nos informa depõe a favor de uma sociedade que ele procura e não a encontra mais. As suas “memórias subterrâneas”¹²⁶ vão sendo revisitadas, relidas, redesenhadas, traçando um quadro que o tempo empenha-se em devastar.

Nessa perspectiva, Seu Genival navega em busca do resgate do seu mundo. Esse exercício é como se o livro da vida fosse aberto e folheado aos poucos. Nele podemos encontrar uma narrativa pulsante, cheia de opulência e preciosidade nos detalhes. Esse percurso é conduzido por diferentes temas que vão se desvencilhando das amarras do esquecimento.

Ao ouvir a história de vida do nosso depoente, aprendemos que ao homem são reservados instantes agradáveis, outros desestimulantes, mas que são em sua maioria pedagógicos, por fortalecer a caminhada e servir de experiência, mostrando que nem sempre colhemos frutos desejados e que podemos nos bastar apenas com o necessário à vivência diária.

Contudo, o indivíduo deve buscar alternativas que contribuam para o seu desenvolvimento, mesmo estando em um local inóspito pela própria conjuntura do lugar. Como disse Seu Genival, “é preciso que o homem esteja em busca de suas melhoras”¹²⁷. Foi com esse pensamento que ele resolveu deixar de lado as experiências traumáticas e partir do seu reduto rural, levando consigo muitos sonhos e ilusões que serviram de estímulos para encontrar meios capazes de auxiliá-lo na busca de uma vida digna na cidade.

¹²⁶ Cf. POLLAK, 1989, p. 4

¹²⁷ Trecho da entrevista concedida em 18 de abril de 2016.

O homem do campo se dirige à cidade em busca de emprego nesta produção moderna, que lhe acena com promessas de um serviço menos arriscado e dependente da natureza do que o labor no campo, e com possibilidades de usufruir do bem-estar que as cidades se vangloriam de possuir, embora não o ofereçam a todos. Mas o crescimento das cidades também se deve às migrações, à necessidade de emigrar do campo por falta de uma boa distribuição de terra, ou à migração movida pela esperança que representa a integração no mercado de trabalho moderno e no modo de vida urbano. (ALBORNOZ, 2012, p. 27).

Isso anuncia que a vida de muitos trabalhadores é balizada por constantes estratégias de sobrevivência, pois, sabendo das dificuldades de encontrar um emprego temporário ou fixo na região em que vivem, não enxergam outra saída que não a de migrar. O que têm a fazer é encontrar no centro urbano uma nova expectativa e lá tentar produzir o suficiente para manter-se e usufruir de bens e certa regalia que não está encontrando na labuta campesina. No entanto, chegando à cidade, o que lhe aguarda é muito trabalho.

Dessa sociedade, a classe trabalhadora – os pobres – é uma parte específica e necessária. (...) Por só possuírem a propriedade do seu corpo, todos os homens dessa classe estão obrigados a trabalhar; a vadiagem e o desemprego não têm, nessa sociedade, justificativa econômica, mas se deve à degradação moral. (BRESCIANI, 1994, p. 85).

A partida em busca de uma fonte de renda é marcada por tristeza, visto que o seu mundo é deixado de lado, agora é tentar a sorte em solo estranho de estranha gente. Para onde se vai não se pode contar com o auxílio de parentes ou amigos, por lá ninguém é de ninguém, o que resta são os poucos gestos de solidariedade. “Se a pobreza fora aceita pela sociedade. (...) Esses pobres” (BRESCIANI, 1994, p. 44), deles cuidava as instituições filantrópicas.

Assim sendo, vai amontoando-se a massa de mão de obra composta por pessoas que deixaram seu local de origem, ou que simplesmente são expulsas do seu torrão por consequência da ausência das chuvas, gerando uma escassez material e uma pobreza desenfreada que a cada ano tende a crescer na cidade. “Tal como Luís Blanc já mencionara, imputa à concorrência no mercado de trabalho o nomadismo do trabalho e insegurança quanto à subsistência” (op. cit., p. 58).

Eis o lamento de muitos dos fugitivos das áreas impróprias ao cultivo, que viam na cidade uma possibilidade, uma fonte de sustento. Essa questão já foi tema de muitos romances e

textos poéticos, como “Vidas secas”¹²⁸ e “Morte e Vida Severina”¹²⁹. Essas obras recriam a dura realidade vivenciada pelos que habitam as regiões atingidas pela seca. Portanto, a ausência de chuvas atinge de forma direta a quem depende da terra para “amenizar” uma série de problemas sociais. E essa carência faz muita gente deixar seus pertences para trás e procurar outras regiões que possam fornecer alimentação, segurança, moradia, saúde, educação, entre outros itens necessários à vivência humana.

Essa realidade de muitas pessoas que vinham até à cidade em busca de melhores condições era bem conhecida. Geralmente era uma população pobre, explorada e afetada drasticamente por fenômenos climáticos e a ausência de medidas emergenciais contundentes. Todas essas circunstâncias provocavam uma enorme insegurança aos moradores dessas regiões, que viam na migração uma opção de mudança.

Assim aconteceu com Seu Genival, homem simples da lida diária, que tinha a sua frente apenas a terra para arar, pois este era ofício que o seu pai lhe ensinara: acordar cedo e trabalhar com a intenção de ver a plantação crescer e muitos frutos produzir. Mas, como cultivar, plantar e colher se a chuva não irrigava a terra?

P. O senhor morava na cidade ou na zona rural?

SG. Com o meu pai, na zona rural, no sítio São Gonçalo dos Venâncios, em Pedra Lavrada, (...) e a infância foi muito pobre, muito difícil mesmo. Meu pai morava no que era dele, mas meu pai era muito revoltado, porque naquela época tinha muita seca. Depois daquelas épocas, está havendo seca hoje ainda, mas hoje é bem melhor, porque tem toda estrutura, naquela época não tinha nada. Então era um sítio muito seco, meu pai era revoltado porque não havia o inverno para ele dar de comer à família e tinha que trabalhar alugado.

P. O senhor tinha quantos anos, mais ou menos, quando já trabalhava na lavoura?

SG. Quando comecei nesse movimento tinha oito anos. Meu pai alcinhou a enxada pequena para mim e botava junto com ele. Ele ia naquela lista de mato e deixava a minha, me ajudava até a gente sair fora. Assim ele me ensinou a trabalhar.¹³⁰

¹²⁸ “Vidas Secas”, obra de Graciliano Ramos, publicada em 1938, retrata a vida miserável e a triste trajetória de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se locomover para áreas menos castigadas pela seca. A obra está relacionada à segunda fase modernista, denominada como regionalista.

¹²⁹ O segundo, obra escrita por João Cabral de Melo Neto, discute sobre um retirante em que o mesmo narra sua própria história.

¹³⁰ Entrevista concedida em 18 de abril de 2016.

Nesse trecho, percebemos que os filhos eram educados pelos pais na lida diária. Mesmo não atingindo a idade adulta, já eram forçados a enfrentar todo tipo de trabalho. Nisto, é interessante notar, mais uma vez, que as reminiscências dos velhos barbeiros vêm conduzidas pelo fio do trabalho, que direcionou suas narrativas desde os primeiros anos de suas vidas.

Tudo que é lembrado, que é dito sobre o mundo em que viveram, surge acompanhado da ação do trabalho. Ele possibilita uma organização, uma estruturação da memória. Isso é comum em toda conversa com trabalhadores, ou com aqueles que agora não se sentem tão úteis, mas que confessam que a habilidade manual lhes proporciona boas alegrias e lembranças que sentem orgulho em compartilhar com quem estiver pronto a ouvi-las. “A memória do trabalho, paciente, reconstrói o mundo, e se nela a diferença das classes se agrava definitivamente, todavia, já não agrava a diferença entre os recordadores porque todos trabalham, antes e agora” (BOSI, 2015, p. 33).

A história de vida do Seu Genival continua a nos encantar, por ser uma trajetória de superação. Diante das dificuldades enfrentadas na produção agrícola, ocasionadas pela falta de água, o que sobrava era lamentar, clamar e insistir em esperar que no futuro a terra viesse a produzir. Nessa teimosia, os anos passavam e nada da abundância chegar. Desse modo, se recorria a distintas possibilidades, outras estratégias de sobrevivência. A saída parecia radical, mas funcionava. A atitude tomada era a de dividir os filhos entre os familiares, e garantir o sustento de cada um. Esse subterfúgio era necessário por não haver alimento suficiente para todos.

SG. Meu avô morava em Pocinhos, eu era o neto mais velho. Então meu avô com o meu pai fizeram uma arrumação. No tempo da seca meu pai me trazia para cá, eu ajudava meu avô na luta do bicho, na seca, meu avô tinha condição melhor. E na época do inverno pai me levava de volta para o sítio para eu trabalhar na lavoura. E assim era.¹³¹

Apesar das consternações, das limitações materiais, Seu Genival conseguia ultrapassar as barreiras impostas pelo meio, principalmente na fase da infância, a qual é retomada com um tom de saudosismo. “Creio que a memória da maioria dos homens guarda estampados os dias da meninice mais do que geralmente se acredita” (BOSI, 2015, p. 435).

¹³¹ Entrevista concedida em 18 de abril de 2016.

Assim, a infância vai surgindo acompanhada de fortes sentimentos e lembranças exíguas, especialmente quando recorda que nos momentos difíceis vivia na casa de um e de outro. Essa situação só era solucionada quando o esperado “inverno” chegava e trazia de volta a esperança do agricultor, que via na terra a única forma de adquirir o mantimento diário. Portanto, quando a colheita era boa, tudo voltava ao normal, era uma alegria só. Às vezes, com os recursos da venda do excedente, compravam-se roupas e

[...] outras coisas que serviam a todos da casa, tinha comida à vontade e não era mais preciso ir pra casa de ninguém, porque a coisa aqui tava garantida, a gente tinha o que comer, mas isso não era para toda vida não. Olha, rapaz, quando menos se esperava, voltava tudo de novo. Aí bem assim foi até os catorze anos, fiquei para lá e para cá, inverno aqui e na seca lá.¹³²

A grande questão é: como que um homem simples, natural da cidade de Pedra Lavrada, morador da zona rural, conseguiu afirmar-se como sujeito social no meio urbano? Quanta peleja teve que enfrentar até chegar à Campina Grande? Ao analisarmos sua trajetória, percebemos que é atraente, fascinante, visto que foi capaz de suplantar muitos atropelos impostos pela caminhada. Assim, vindo do campo sem muitas perspectivas, contando apenas com seus sonhos, encontrou um espaço na cidade e se assegurou como um bom profissional, mantenedor de suas responsabilidades.

Portanto, eis o desafio: em cada entrevista desvendar os significados, as frases silenciadas, o revelado e o oculto, as ações e os gestos que aparecem nas lembranças de Seu Genival. A sua capacidade de narrar é incrível, isso se destaca mais ainda quando fala os porquês de sua vinda até à cidade de Campina Grande, que talvez esteja relacionada à ânsia de realizar seus desejos, esses que se revelam no crivo de suas recordações.

A cidade é feita de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre nos sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens. (REZENDE, 1997, p. 21).

¹³² Entrevista concedida em 18 de abril de 2016.

Contudo, as memórias aqui expostas, que parecem pertencer apenas ao nosso colaborador, fazem parte das lembranças de outra gama de retirantes, os quais buscavam uma vida melhor na cidade. Assim, as recordações de Seu Genival confundem-se com a de muitos outros que foram expulsos do campo¹³³. Este fator torna-se ainda mais evidente no decorrer da década de 70, em que as cidades de porte médio tiveram um grande aumento no número de sua população, isso motivado pela diminuição da economia de subsistência rural (MAIA, 2014).

Lá naquelas bandas onde eu morava não tinha nada, não tinha indústria, tudo era muito difícil. Lá no sítio não tinha renda de nada, não tinha nada para faturar. Era só para arrumar a comida, e muito difícil, porque a gente plantava e não colhia. Tinha época que nem todos tinham favorável, hoje todos os dias têm favorável.¹³⁴

Assim, a memória do nosso colaborador assemelha-se à de muitos que partiram em busca de uma vida melhor em uma nova terra¹³⁵, pois o que restava na região onde moravam era o trabalho duro na lavoura. Com oito anos de idade Seu Genival dava os primeiros passos no cultivo do solo. “Desde cedo que trabalho e fui criado no trabalho”¹³⁶. Logo, a vida não lhe apresentou outra diversão que não fosse a labuta diária.

Meu pai sempre me ensinou trabalhar. Fui criado no trabalho e forçado. Mas pai sabia que aquilo ali não dava futuro, mas não se tinha outro meio para fazer a feira, o que restava era o pesado. Nunca tive medo de trabalhar. Trabalho porque gosto. É assim que se vence na vida, dia após dia sem desistir da tarefa ou dos afazeres que lhe espera, se não, não tem como viver.¹³⁷

¹³³ O drama social vivido antes no campo transfere-se para as cidades trazendo repercussões significativas não só na dimensão quantitativa do desemprego, mas na sua própria composição qualitativa, sobretudo em cidades como Campina Grande, localizada no interior do Nordeste, que pela sua trajetória econômica tornaram-se polos de atração dos “fugitivos” das secas e da miséria rural. (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 25).

¹³⁴ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

¹³⁵ A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendido também ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social. (POLLAK, 1992, p. 201).

¹³⁶ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

¹³⁷ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

Nesses vários trechos, a memória do nosso depoente vem acompanhada de uma valorização do trabalho e de uma crítica, ou melhor, de uma estranheza em face de certos hábitos. Portanto, ele não admite que, por exemplo, o homem fique sem uma atividade. Na sua concepção o indivíduo é obrigado a trabalhar, o ócio não é bem vindo.

Pois a realização do sonho da humanidade com o direito à preguiça chegaria quando a era moderna acabou de fazer a glorificação teórica do trabalho. O indivíduo moderno encontra dificuldade em dar sentido à sua vida senão for pelo trabalho. Segundo Hannah Arendt - pensadora alemã que trabalhou e escreveu nos EUA, e cujo pensamento criativo marca hoje fortemente a filosofia política - cada vez mais temos uma alma operária. A sociedade que está por libertar-se dos grilhões do trabalho é uma sociedade de trabalhadores, que desconhece outras atividades em benefício das quais valeria a pena conquistar aquela liberdade. A possibilidade de uma sociedade de trabalhadores sem trabalho. Não aparece como uma libertação do mundo da necessidade, mas como uma ameaça inquietante. (ALBORNOZ, 2012, p. 24).

Esta citação talvez justifique os motivos que levam o nosso depoente a enfatizar tanto a ação do trabalho em detrimento da ausência dele:

O trabalho para um profissional é positivo em tudo. Para ganhar o pão de cada dia e a sobrevivência da vida, inclusive para a casa e a família. Eu gosto de trabalhar (...) me sinto bem trabalhando. Já pensou a pessoa chegar a não poder trabalhar? É ruim demais! Uma pessoa que não trabalha é irresponsável, porque tem gente que a correnteza leva a correnteza traz, tanto faz amanehcer como anoitecer, é indo de todo jeito.

P. Se o senhor não pudesse trabalhar como ficaria?

SG. Eu acho que a vida ia até encurtar mais.¹³⁸

Ainda sobre suas lembranças em Pedra Lavrada relata que, se não bastasse toda a escassez de alimento, começaram a surgir outras problemáticas:

Dos catorze para os quinze anos meus pais se desentenderam, mas também por conta disso, porque meu pai era revoltado por trabalhar e não ter resultado, e se desligaram, se separaram. Meu avô foi buscar a minha mãe com oito

¹³⁸ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

filhos para vim morar em Pocinhos com ele. E eu já estava aqui e ficamos. Aí ficamos todo mundo aqui.¹³⁹

Embora as dificuldades enfrentadas na zona rural, “todo mundo acabou se criando”¹⁴⁰. Assim, fica cada vez mais evidenciado que desde a infância a vida do nosso depoente foi cheia de responsabilidade, talvez por isso, a sua memória seja condicionada ao trabalho. Logo, é compreensível a questão de ele e de sua família desejarem desfrutar de uma melhor condição de vida na cidade, e essa seria alcançada pelo longo e árduo processo do trabalho cotidiano, que certamente lhe garantiria uma condição social livre de tantas intempéries.

Diante de todos esses desencontros, Seu Genival nos informa que, como toda criança, teve tempo para brincar. Apesar da carga de trabalho, ele, assim como outros colegas, compartilhou das mesmas travessuras, sempre dava um jeito para se divertir. As folias anunciadas eram no geral improvisadas. Essas formas de recreação andam meio em falta, vivemos outras traquinagens, novas memórias estão sendo gestadas.

P. Seu Genival, e na infância tinha trabalho, mas também tinha brincadeira, ou não tinha tempo para brincar?

SG. Não, menino não falta tempo para brincar em noite de lua, de tudo ele brinca. Naquele tempo as minhas brincadeiras eram de cavalo de pau, corru-pio, pião, pegar uma roda e sair rodando nas estradas, assim, correndo. Não tinha outra coisa. A gente brincava disso.¹⁴¹

Percebe-se que o espaço, o ambiente público, juntamente com a criatividade funcionava como meio de diversão para ele e seus colegas. Isso não mudou muito, pois a rua continua sendo o lugar preferido das crianças pobres. “As crianças de um meio urbano pobre (...) brincam nas ruas e calçadas, terrenos baldios. As ruas se associavam irresistivelmente com brincadeiras porque era o reino delas” (BOSI, 2015, p. 438). Como disse Seu Genival, “menino não falta com que brincar”¹⁴². De tudo se faz para aproveitar o tempo livre. Eles mesmos, os menores, confeccionavam seus brinquedos e criavam diferentes formas encantadoras de diversões.

¹³⁹ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

¹⁴⁰ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

¹⁴¹ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

¹⁴² Idem.

[...] não existiam brinquedos de loja quando era menino, pois ele nunca viu nenhum. Eu fazia carrinhos com rodas de carretel de linha e nós brincávamos o dia todo, livremente (...). A criança corria e jogava no meio da rua futebol com bola feita de meia. As meninas convidavam a gente para brincar de roda com elas. (BOSI, 2015, p. 438).

Ao perguntarmos que esporte fazia na infância, ele nos diz que o seu “esporte era o trabalho, a não ser pegar uma baleeira ou uma espingarda no domingo e caçar rolinha”¹⁴³. Embora proibida, essa prática era comum a tantos outros meninos de sua época, isto enfatiza o que é discutido por Halbwachs. “(...) A partir daí compreendemos melhor que a representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência de representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (HALBWACHS, 2006, p. 61). Assim, nas muitas fala de Seu Genival, vão sendo revelados costumes e hábitos próprios de sua geração. Hábitos estes que ele e os seus contemporâneos lembram e lamentam por não existirem mais.

Quanto à questão do estudo, nosso depoente nos informa que ficou um pouco de lado. “Fiz só o 1º grau. Naquela época o primeiro nível. Minha leitura é pouca. Minha responsabilidade era grande e desde criança”¹⁴⁴. Ele diz isso com semblante de tristeza por não ter continuado seus estudos. O tempo era mesmo para trabalhar, inventava brincadeiras no que sobrava. Mesmo com tantas privações enfrentadas por ele na infância e na adolescência, guarda boas recordações dessas fases.

P. Quais são suas boas recordações?

SG. Eu tenho mais saudades é da adolescência mesmo. Mesmo com a pobreza que eu passei, das brincadeiras lá, no sítio onde nasci, por causa daquela inocência, não tinha maldade nenhuma. Era uma beleza! Era mais livre, as brincadeiras sem malícia. Eu tenho grandes saudades dessas coisas. Inclusive os dias de feira meu pai ia pra feira. E isso eu não esqueço nunca... (*lágri-mas...*). Às vezes, eu comento com minha irmã mais velha que, quando chegava o dia, menino é doido por pão. Naquela época, porque naquela época tudo era melhor que hoje. A gente acha que era. O pão naquela época era gostoso demais! Então, quando chegava o dia de sábado, meu pai chegava da feira. No terreiro da minha casa tinha um serrote, tinha uma pedra bem grande, assim comprida e alta. Ele chegava da feira de três, quatro horas, aí a gente subia todos na pedra para esperar meu pai vim, **porque lá de cima da pedra dava para ver quando ele apontava lá embaixo**. Aí dizia: Lá vem

¹⁴³ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

¹⁴⁴ Idem.

pai. O nosso pensamento era só de comer pão. E se eu lhe disser que, em muitas dessas vezes, meu pai não trazia o pão? A gente perguntava: Pai, trouxe o pão? E ele respondia: Não pude trazer, meu filho, o dinheiro não deu... (choro).¹⁴⁵ Grifo nosso.

Nessa ocasião muito choro, ele pede para interromper a entrevista. Assim o fizemos e remarcamos outro encontro. Esse lindo episódio, exposto no trecho da entrevista, nos comoveu bastante, por nos revelar que a felicidade provém da simplicidade da vida e que a memória vale-se de muitas imagens e fantasias para ser reconstruída. Pois sua narrativa tem como referência uma pedra. É a partir dela que ele fixa o fato que lhe traz mais alegria e talvez seja o momento único de sua história. Aquele espaço ficou congelado em sua lembrança, perpetuado em sua memória. O pequeno “serrote”, como ele denomina, o altar da pedra, parece engessado no “tempo vivo da memória”, e hoje contribuiu na reconstrução de suas lembranças.



FIGURA 09 – Imagem ilustrativa Serrote em Pedra Lavrada, PB.
Fonte: <http://www.ferias.tur.br/fotos/5020/pedra-lavrada-pb.html>.

[...] as paisagens rurais trazem a marca efêmera da reciprocidade dessas contensões (...). Quando dizemos que a recordação de certas lembranças não depende da nossa vontade, é porque a nossa vontade não é forte o suficiente. A

¹⁴⁵ Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

lembança está ali. Fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 15 e 59).

A memória não foi por tudo esfacelada, ela não é só traumática, há algo de bom, de permitido, de positivo a rememorar, a compartilhar. Pouco importa se nosso colaborador estava inserido em um contexto permeado por problemas sociais, em que se proliferava a defasagem econômica. Embora não encontrando o pão tão esperado que o pai traria da feira, aquela lembrança o encanta, ela traduz o melhor da vida, que, para Seu Genival, está na simplicidade, na pureza do menino, na paz interior, na harmonia familiar. “(...) meu tempo era bom demais, porque hoje estou tão realizado. Hoje... Que tudo o que eu desejava naquela época de pensamento, de alimentação, hoje tenho com que comprar e não posso é comer”¹⁴⁶.

Será que nosso entrevistado sente mais saudade do pão, do pai, do lugar ou de todo o conjunto? Portanto, mesmo diante da escassez e da situação desértica em que vivia, ele consegue enxergar e preservar boas recordações. E, para ele, tempo bom mesmo era o seu. “Curiosa é a expressão meu tempo usada pelos que recordam” (BOSI, 2015, p. 421). Esses aspectos do cotidiano, os momentos de incertezas vivenciados pelo nosso colaborador, merecem ser publicados e conhecidos por aqueles que não conseguem entender que “os de baixo” também são capazes de fazer história.

A memória oral é um instrumento precioso e se desejamos constituir a crônica do cotidiano (...) os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história que se apoia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. (BOSI, 2003, p. 15).

A trajetória de vida de Seu Genival, assim como a de outros trabalhadores, deve ser compreendida por uma parcela de historiadores que negligenciam ou não reconhecem as memórias, os registros particulares de quem, com muito esforço, conseguiu aprender um ofício e garantir sua sobrevivência.

Mas, se o trabalho é sobre barbeiro, quando foi, afinal, que esse ofício entrou na vida do nosso depoente? Ainda jovem, após a separação dos pais, nele começa a despertar o inte-

¹⁴⁶ Trecho da entrevista concedida em 18 de junho de 2016.

resse em exercer essa profissão. Nessa época, morava na cidade de Pocinhos, na casa dos avós.

Sobre o aprendizado da profissão, nos deparamos com algo bem interessante ou contraditório, visto que o projeto de pesquisa estabelecia como hipótese que o ofício de barbeiro é uma profissão artesanal familiar, ou seja, a sua prática acontece entre parentes, geralmente o pai ensina ao filho, tio ao sobrinho e por aí vai. Mas, no caso de Seu Genival, essa corrente foi quebrada¹⁴⁷; nenhum membro de sua família desempenhava a atividade, ele aprendeu sozinho de forma direta, vendo outros profissionais trabalhando.

P. N sua família já tinha alguém que era barbeiro?

SG. Não tinha. Eu fui o primeiro.

P. Como foi que o senhor se descobriu como barbeiro?

SG. Isso foi por volta de 1955, 56. Eu não sei, era menino, rapaz de quinze, dezesseis, dezessete anos tinha um bocado de irmãos. Era um menino pobre mesmo. Então não sei por que me deu aquilo na cabeça. Eu ia para a feira em Pocinhos e chegava lá e via os barbeiros trabalhando e tinha a curiosidade de observá-los trabalhar. Ficava em pé muito tempo na porta olhando e os barbeiros mandavam que eu entrasse e perguntavam: Vai cortar o cabelo? E eu: Não, estou só olhando. Essa foi a primeira curiosidade. E em casa eu disse: Vou ser barbeiro. E em casa comecei manejar a navalha. Eu pegava um pedaço de pano e fazia aquele mesmo manejo deles para treinar. Por ali eu fiquei com aquela intuição. E tinha o marido de minha tia que trabalhava em Campina Grande, no Correio. Aí eu pedi uma tesoura a ele, de barbeiro. Então comecei a cortar. Mas aí, antes, eu já pegava a tesoura de mãe de cortar pano e comecei cortar o cabelo dos meninos. Aí eu disse pra mãe: Eu vou aprender. Fazia cada buraco, tal, mas eu não desisti. Eu pedi de novo a tesoura de barbeiro a meu tio. Aí ele me deu a tesoura. Aí eu fiquei aperfeiçoando no cabelo dos meninos. Só nunca cortei a orelha, mas errava muito. Aí eu falei: Vou pedir dinheiro emprestado a meu tio. Nessa época eu já cortava o cabelo dos filhos dele, ele tinha três filhos. Eu tinha vindo em Campina e tinha visto o preço da máquina manual. Naquela época uma máquina manual era quinhentos mil réis, eram três máquinas, número um, número dois e a zero. Comprei três máquinas. Aí falei: Tio, estou com vontade de comprar uma máquina. Eu queria que o senhor me emprestasse. Eu já fui saber quanto é. Eu queria que o senhor me emprestasse três contos e quinhentos réis. Ele disse: Eu empresto. E com isso comprei as três máquinas, comprei duas navalhas, fiado, um vaporizador para molhar o cabelo, comprei a maletinha. E aí eu comecei a cortar o cabelo dos vizinhos, um me chamava para cortar o cabelo dos meninos lá no sítio. E eu fui me aperfeiçoando. Chegou lá nessa época em Pocinhos, chegou uma equipe do DNOCS para construir um açude e veio muita gente. Então tinha um cidadão lá conhecido em Pocinhos que montou um barracão lá. E ele me chamou para cortar o cabelo dele. Era um

¹⁴⁷ Na sociedade rural, mas também nas áreas manufatureiras e mineiras densamente povoadas (nas regiões produtoras de tecidos do Oeste da Inglaterra, o território dos mineradores de estanho da Cornualha, o Black Country) encontramos uma herança importante de definição marcada pelo costume. O aprendizado, como iniciação em habilidades dos adultos, não se restringe à sua expressão formal na manufatura, mas também serve como mecanismo de transmissão entre gerações. (THOMPSON, 2015, p. 17).

cabelo cheio e tal. Aí ele começou a dizer: Você já está bem bom de trabalhar na cidade. Você tem coragem de enfrentar? Eu disse: Tenho. Aí ele disse: Eu vou arranjar um negócio para você lá na cidade, que era em Pocinhos. Eu conheço um salão e parece que tem uma cadeira lá parada. Eu vou falar com Fulano. O Fulano era José Henrique. Eu vou falar com José Henrique para ele arranjar essa vaga para você. Aí ele disse: Você enfrenta? Eu enfrento. Aí quando foi na semana seguinte ele chegou. O barracão era lá. Aí ele disse: Olhe, eu arranjei a vaga para você, uma cadeira para você lá no salão no Centro da cidade. Você vai? Eu vou. Então pode se preparar, nessa época o salão abria na quarta-feira, você sabe. Aí ele disse: Então, pode se preparar que, quando for quarta-feira, eu levo você lá e lhe apresento lá. Deixo você lá. Assim foi. Arrumei tudo. Os trocinhos todos aí fui lá. Ele já estava me esperando. Aí ele disse: Pronto, Zé Henrique, o rapaz é esse aqui. Ah! Pode pegar uma cadeira dessa aí! Pude puxar, abra a gaveta. Nessa época eu tinha dezoito anos. Já estava ficando de maior. Aí ele disse: Pode começar aí. Então fui para lá, comecei meio acanhado, com vergonha, a coisa de aprendizado. Os outros ficavam olhando. A coisa mais ruim que tem é outros ficarem olhando se a pessoa está trabalhando mesmo. E aí eu fui. Passei a feira. Sei que na época eu ganhei um bom dinheiro.¹⁴⁸

Sendo assim, percebemos a superação e a grande rede de solidariedade em prol do seu aprendizado. Como também, o interesse em exercer o ofício, não desperdiçando oportunidades e criando situações para conseguir sua meta: ter uma profissão definida. Porém, por não ter prolongado seus estudos, afirma: “o que restou foi isso aí mesmo, tenho que me contentar, se tivesse estudado teria outra ocupação”¹⁴⁹.

O aprendizado do ofício de barbeiro também está relacionado a outras questões implícitas em sua fala, como a de provedor de família. Uma vez que a agricultura não estava sendo suficiente, essa posição o obrigava a conseguir uma atividade que lhe desse uma renda fixa. “Como eu lhe falei, a agricultura não tava dando, o jeito era arrumar outro coisa pra gente sobreviver”¹⁵⁰.

Dessa forma, se deduz a forte relação dele e de sua família com a questão da cultura paternalista. O bom pai e bom esposo era aquele que conseguia criar os filhos e dar conta da família. Após a separação dos pais, esse papel acabou sendo exercido por nosso colaborador, que era o filho mais velho. Então, teria que encontrar algo que garantisse o pão de cada dia, por isso foi cortar cabelo¹⁵¹.

¹⁴⁸ Entrevista concedida em 18 de abril de 2016.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ A ideia de um homem provedor é essencial para uma sociedade assentada na separação entre o público e o privado, entre o local de trabalho e espaço doméstico. A perda de trabalho atualmente amplia mais que uma perda econômica, significa também uma perda de masculinidade, uma emasculação, uma desestabilização da autoridade masculina dentro da família. (JOSHI, 2009, p. 150, 167, v. 1, n. 2)

Eu era o cabeça de casa, era o mais velho. Era minha mãe, eu e oito irmãos. Quando meus pais se separaram, meu pai ficou lá no sítio e minha mãe veio para Pocinhos, pra casa do meu avô. Eu sou o mais velho dos homens da família. **Aí fiquei como arrimo de família.** Toda minha vida foi como se estivesse casado, porque a responsabilidade era grande, quando chegava o dia da feira, eu trabalhava para fazer a feira junto com minha mãe. (...) Eu me lembro como se fosse hoje, quando cheguei em casa, minha mãe disse: E aí, como foi, meu filho? Era a primeira vez que trabalhei em um salão profissional. Eu disse: Mas mãe, foi bom demais! (lágrimas..) Eu ganhei cento e sessenta reais naquela época. Eu me lembro como se fosse hoje, nunca esqueci disso. Ganhei cento e sessenta. Fiquei feliz demais e ela também¹⁵² (choro). Grifo nosso.

Diferente do século XXI, em que os jovens entram cada vez mais tarde no mercado de trabalho e priorizam a formação ou educação básica escolar e só depois é que pretendem encontrar um trabalho que lhe dê uma estabilidade financeira, Seu Genival no ano de 1958, se viu quase que obrigado a trabalhar em uma barbearia para garantir a sobrevivência de sua família. Com isso, mais uma vez, a memória denuncia um traço comum de uma sociedade. Assim, o que era aceitável na década de 60 ou 70, não soa bem nas décadas subseqüente, os valores serão outros, aquele mundo do nosso colaborador, em que os filhos eram educados no trabalho, estará em baixa.

Se no presente convivemos com o não trabalho, ou seja, se é cada vez mais tardia a idade para o jovem iniciar a vida profissional, no século xx, o trabalho relacionado à vida do indivíduo ocupou um papel central, entrando na vida das pessoas muito cedo. Para as classes menos favorecidas, comumente, ainda na primeira infância e acompanhava-o até a idade mais avançada. (PIMENTA, 2008, p. 28).

Contudo, mesmo com o pouco estudo, Seu Genival, a partir do exercício de um pequeno ofício, conseguiu demarcar seu espaço na cidade, e sente orgulho em dizer isso, principalmente quando lembra de onde veio: um lugar sem muitas perspectivas. Mas, agora vislumbra os bons frutos colhidos com muita diligência e perseverança, isso a partir do desempenho de sua arte, ou seja, com suas próprias mãos alcançou tudo o que necessitava e sonhava.

¹⁵² Entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

Tudo o que eu desejei na minha vida, tudo realizei. Aqui na barbearia em Campina Grande. Por isso me sinto um homem realizado e feliz, tudo que consegui foi com a tesoura, ela me deu tudo, tudo mesmo. Tudo foi através do meu trabalho, foi o meu interesse em trabalhar e poupar.¹⁵³

A fala do nosso entrevistado desponta de um discurso riquíssimo, cheio de conteúdos, sobretudo existenciais, que revelam o quanto é difícil o cotidiano de um homem simples que sobrevivia do solo árido do ambiente campesino. Assim, o que restava era aguardar as chuvas, que, por serem insuficientes, acabou forçando a sua vinda para o meio urbano. Desse modo, com toda ânsia, partia a fim de alcançar seus objetivos e levar adiante seus sonhos, sempre na esperança de um dia conquistá-los por méritos. De tanto insistir e persistir, através da atividade manual, começa a entender que é possível ser feliz em outro lugar.

Por isso, narrar a trajetória de vida de pessoas comuns é inspirador, não só pelas peculiaridades que surgem no decorrer da entrevista, mas também porque são exemplos de como sujeitos simples, anônimos que vivem e fazem parte das camadas inferiores da sociedade, e que estão à margem, conseguem se destacar e sobreviver do ofício que desenvolvem. Eles são os verdadeiros heróis, suas narrativas desconhecidas, emudecidas, têm muito a nos ensinar e devem ser divulgadas, trazidas à cena histórica, pois versam sobre a vida de indivíduos credores de admiração, aplausos e respeito.

2.2 Trabalho e vida na urbe campinense: um constante desafio

Quando recorremos a Câmara (2006), podemos observar a trajetória de Campina Grande, do seu nascimento, a partir de um entroncamento dos caminhos que conduziam o gado, à sua emancipação política, em 1864. Em nome da modernidade e do progresso, sobretudo ao longo do século XX, a cidade presenciou muitas mudanças, desde sua arquitetura até seus hábitos e costumes.

Em nome do progresso e da civilidade campinense, costumes antigos passaram a ser questionados e até mesmo ridicularizados em função de práticas novas mais condizentes com o estágio avançado que julgava ter atingido sua

¹⁵³ Entrevista concedida em 18 de Junho de 2016.

elite (...) no seu afã de construir na cidade modernizante que balizava suas expectativas. (CABRAL FILHO, 2009, p. 78).

O desenvolvimento tão almejado pela elite campinense vem de muito tempo. Em “Imagens do mato e da rua – passagens da Campina rural à Campina urbana”¹⁵⁴, mostra-se o grande empenho dos moradores de Campina Grande, em particular os fazendeiros e intelectuais, em tornar uma cidade que tinha suas vias tomadas por animais em uma que apresentava, como sinal maior de modernidade, a chegada da ferrovia e, mais adiante, a presença do automóvel.

Quando a urbe campinense é transformada em centro de escoamento da produção algodoeira, sua economia dinamiza-se, isso principalmente quando “no dia 02 outubro de 1907, a cidade recebeu o primeiro trem” (ARANHA, 1992, p. 241). Daí em diante, vem a implantação de empresas, bancos, hospitais e colégios. Assim, “(...) vemos Campina Grande crescer aos nossos olhos e tornar-se “o maior empório comercial da região, depois de Recife” (SOUZA, 2006, p. 185). Tudo isso imprimia na cidade a imagem da modernidade, e é nesse período de crescimento econômico que ela registra um enorme aumento populacional.

Portanto, Campina Grande desde os primórdios atrai forasteiros. Sendo uma cidade “acolhedora”, pelo menos esse era o discurso de sua elite, no decorrer da década de 1970 e na posterior, continua a receber muitas das famílias que moravam nas proximidades, que quase sempre tinham como destino a cidade que era anunciada como símbolo do trabalho. Assim, a localidade representava uma espécie de eldorado aos que estavam em situação difícil e almejavam a possibilidade de ter uma vida melhor em outro lugar.

Dois elementos são fundamentais para confirmar a tendência na qual Campina Grande viu-se envolvida como força de atração populacional. O Primeiro, apesar da crise, seria o processo de industrialização e de desconcentração industrial na direção do Nordeste, e o segundo, a intensificação do processo de urbanização apoiado pelo governo federal, ainda mais na realidade local, em que dramatizadas periodicamente pela incapacidade de convivência com as secas, as populações regionais circunvizinhas, sob influência de forças entrípetas, vão acorrer para Campina Grande em busca de melhores possibilidades de vida. (...) No caso de Campina Grande, as décadas de 1970 e 1980 confirmam o impulso demográfico intra-regional. (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 21).

¹⁵⁴ AGRA, 2010, p. 53-121.

Se a terra em que habitavam não estava sendo favorável, se não conseguiam encontrar meios suficientes para garantir o alimento diário, se, em virtude da aridez do solo, não vislumbravam melhorias, a saída era quase sempre a mesma: a salvação seria enveredar-se rumo à Rainha da Borborema, à metrópole avistada pelos sertanejos, caririzeiros e curimataenses, que chegavam com esperança ou com certeza de que por aqui seria possível dar uma guinada na vida.

Nesse período, anos do Regime Militar, era notória a atração¹⁵⁵ que a cidade exercia sobre a população que estava em seu entornou, gerando uma nova dinâmica neste espaço urbano. Agora, a cidade campinense ansiava por novos e ampliados meios capazes de atender à necessidade dos novos habitantes, como também, do volumoso número de transeuntes que passaram a circular em sua área central. “O fenômeno da migração intra-regional mostra com veemência a brutalidade do processo de urbanização da qual foi vítima Campina Grande ao longo, sobretudo, dos anos 1970 e 1980” (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 22).

Assim, nesse tempo, a cidade foi passando por muitas mudanças e transformações em sua fisionomia urbana, a ponto de se converter em outra urbe. Ergueram-se novos monumentos, estenderam-se fronteiras, pois o que antes era rural vê-se invadido pelos recém-citadinos. Este fenômeno sustenta-se, sobretudo, por ser uma prática comum no país, visto que, no período da Ditadura Militar, foram incentivados e patrocinados programas habitacionais e reformas urbanas voltadas mais a uma parcela da população pobre, que não dispunha de recursos suficiente para construir uma moradia.

Então, na tentativa de garantir uma residência própria, muitos recorriam aos projetos de casas populares ofertados pelo governo federal, e, dessa forma, livravam-se do aluguel que consumia boa parte dos seus rendimentos. Assim, mesmo que se contraísse um financiamento, ao menos se tinha uma probabilidade de um dia ser proprietário, e não somente locatário.

Por se avolumar o número de pessoas migrantes, propende a estabelecer-se o que se poderia denominar de *inchaço urbano*¹⁵⁶. Sobre esta questão, Maia (2010) avalia que esse fenômeno começou a ser bem visível em Campina Grande, principalmente a partir da década de 1970, visto que nesse período a cidade, em virtude do seu crescimento rápido e desordenado, viu surgir as muitas favelas e os denominados bairros pobres periféricos.

¹⁵⁵ Na busca de algum sinal que pudesse apontar uma característica essencial da cidade de qualquer tempo ou lugar, a imagem que me veio à cabeça foi a de um ímã um campo magnético que atrai, reúne e concentra homens. Isto mesmo, a cidade é antes de mais nada um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia. (ROLNIK, 2004, p. 12).

¹⁵⁶ Ver SANTOS, Milton. **Urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

“É com essas características que se dá a expansão da cidade de Campina Grande a partir dos anos 1960, intensificando-se na década de 1970” (ibidem, p. 3). Esse aumento considerável no número da população, como já informado, é decorrente de projetos federais, que objetivam urbanizar as capitais e cidades de porte médio, provocando uma diminuição nas áreas rurais e na própria economia de subsistência gerada por este setor (SILVA JÚNIOR, 2009). Dessa forma, promove-se o processo de acumulação de capital e a crescente expansão da indústria que passou a contar com um exército de mão de obra de reserva (ANTUNES, 2009).

Assim, o crescimento da população de Campina Grande é apontado como sendo fruto de um forte índice de “migração campo-cidade” (MAIA, 2010, p. 4). Esta permuta da zona rural pela urbana pode ser explicada por vários fatores: a seca, o mais elementar deles; as más condições do solo; os atrativos da cidade; e, a busca por elementos necessários à sobrevivência e ao bem-estar. Desse modo, a ausência de educação de qualidade, de atendimento médico e do próprio lazer contribuiu de uma forma ou de outra para a expulsão do camponês, que passa a viver no meio urbano. Essa diminuição da população rural é detectada Brasil afora¹⁵⁷.

Seu Genival também se vê obrigado a tomar o mesmo rumo de muitos outros que, assim como ele, percebem a cidade como uma oportunidade de melhorias. Chegando, em fins da década 1960, vai encontrar uma Campina Grande que passa por algumas reformas e mudanças na sua infraestrutura e na sua economia.

Campina Grande nessa época é atendida por políticas ou projetos desenvolvimentistas implantados pelo Governo Militar. Pois, no decorrer da década de 1970, os governantes desse Regime percebem que boa parte das cidades do interior nordestino enfrenta uma forte crise, principalmente no setor industrial, ocasionando, inclusive, o fechamento de grandes fábricas. A declarada falência dessas empresas, às vezes, estava relacionada ao fato de terem atingido o prazo final da isenção fiscal estipulado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE¹⁵⁸. Assim, o fechamento de firmas, como Sanbra, Susy e outras, deixou profundas marcas na economia campinense.

¹⁵⁷ Em 1970, eram moradoras das áreas urbanas 55,9% das 93 milhões de pessoas recenseadas. Isto implica reconhecer que a classe trabalhadora no Brasil é profundamente concentrada no meio urbano, mas que essa concentração se produziu de forma dramaticamente rápida nas últimas décadas do século XX. O que trouxe implicações para a vida urbana nos grandes centros, que cresceram muito em pouco tempo, vivendo todo o tipo de contradições sociais decorrentes desse inchaço, como também para a experiência e cultura da classe, que possui enormes contingentes ainda fortemente marcados pela vida no campo. No que tange a esses e todos os demais dados estatísticos sobre o Brasil, as diferenças regionais são imensas. (MATTOS *et al.*, 2014, p. 86).

¹⁵⁸ A Sudene (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste) foi criada em 1959 pelo então presidente Juscelino Kubitschek (1956-61) e teve como idealizador e primeiro superintendente o economista Celso Furtado, autor do clássico "Formação Econômica do Brasil", publicado no mesmo ano. As irregularidades encontradas nos projetos da Sudene motivaram a extinção da superintendência em maio de 2001. Disponível em: Folha Online: <<https://www.google.com.br/#q=folha+on+line>>. Acesso em 28 de setembro de 2016.

A criação desta superintendência, em 1959, significou ao mesmo tempo prosperidade e declínio econômico para Campina Grande. Os incentivos estipulados por esta autarquia do governo federal, através de uma política de isenção fiscal, trouxeram diversas indústrias de médio e grande porte para a cidade. Mas, após o encerramento do prazo destas isenções, inicia-se o período de fechamento das empresas instaladas. Campina Grande, ao fim dos anos da década de 1970, registra grandes perdas no seu parque fabril; importantes firmas fecham neste período, deixando à mingua milhares dos trabalhadores do ramo. (DINIZ, 2012, p. 40).

Esse discurso da crise econômica só aumentava, a ponto de a população começar a sentir o desemprego, e tentar encontrar outras formas de garantir um rendimento mensal. Nesse caso, quando não existiam outras opções, partia-se para o setor informal ou até mesmo para a agricultura de subsistência, que era praticada nos arredores de Campina Grande, como informa nosso depoente. “Na região do Jardim Quarenta, era área de roçados dos mais pobres”¹⁵⁹.

Portanto, em muitos casos, a perda do emprego fabril gerou outras formas de sobrevivência. Se a indústria estava de pernas bambas, que saída encontrar para continuar girando a economia local? Nesse intuito, foram criadas políticas de incentivo para solucionar ou amenizar a tensão gerada, sobretudo, pelo setor industrial. Isto porque as populações que circundavam a cidade de Campina Grande continuavam a se esquivar das estiagens, e não tinham outro destino a tomar que não fosse vir para a Rainha da Borborema.

Dessa forma, era grande a urgência em encontrar meios que auxiliassem essa população. Com isso, evitava-se que na cidade se formasse um verdadeiro batalhão de desempregados. Nesse sentido, uma das primeiras intervenções praticadas pelo governo federal foi a criação de projetos, como o Programa Nacional para Cidades de Porte Médio (PNCMP) e o Programa Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada (CURA), estes foram responsáveis por uma série de mudanças na infraestrutura e na economia urbana de Campina Grande. (MAIA, 2010).

No entanto, esses programas não foram suficientes para garantir o aperfeiçoamento e o crescimento da economia local, pois ainda era perceptível que boa parte da população campinense permanecia em subempregos ou até mesmo desempregada, gerando uma degradação social. Assim, as ações do projeto CURA, que foi posterior ao PNCMP, apesar de ter propor-

¹⁵⁹ Trecho da entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

cionado reformas e dado uma repaginada no centro da cidade, não solucionou o problema da falta de emprego. O que se gerou foi o desconforto a muitos moradores que residiam no entorno do núcleo central de Campina Grande. Estes foram despejados ou tiveram seus imóveis desapropriados pelo poder público, que cada vez mais os empurrava para setores longínquos.

Sobre esta questão, o trabalho de Thomas Bruno Oliveira: “Imprensando o feio e dando passagem ao belo: a segunda grande transformação urbana de Campina Grande – PB (1970-1980)”, retrata o processo de desapropriação que sofreram os residentes da denominada rua São Joaquim, que se localizava nas imediações dos antigos “Coqueiros de José (Zé) Rodrigues”, correspondente à área do Parque do Povo. Sendo assim, o projeto CURA teve lá seus efeitos colaterais, pois provocou ainda mais o inchaço da periferia que não oferecia condições básicas à convivência de uma comunidade que necessitava de recursos elementares.

Em fins da década de 1970, já na administração do prefeito Enivaldo Ribeiro, Campina Grande vai ser agraciada por um programa do Governo Federal denominado CURA – Comunidade Urbana Recuperação Acelerada, tendo uma série de projetos aprovados de acordo com o PDDI local. (OLIVEIRA, 2014, p. 82).

Essa é uma das ações resultante do chamado *milagre econômico*¹⁶⁰, em que os militares a todo custo procuravam garantir o desenvolvimento econômico das cidades, e faziam isso a parti de implementações de políticas de natureza socioeconômica, voltadas para cidades-polo ou metropolitanas. Alguns itens resultantes dessas políticas, podem ser encontrados em Campina Grande, tais como: novos e populares conjuntos habitacionais, construções de rodovias, unidades de saúde, estádios, Shopping, pavimentações de grandes avenidas ou capeamento de ruas, como Almirante Barroso, Siqueira Campos, entre outras (OLIVEIRA, 2014).

¹⁶⁰ “O período 1968-1973 é conhecido como "milagre" econômico brasileiro, em função das extraordinárias taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), então, verificadas, de 11,1% ao ano (a.a.). Uma característica notável do "milagre" é que o rápido crescimento veio acompanhado de inflação declinante e relativamente baixa para os padrões brasileiros, além de superávits no balanço de pagamentos. Embora esse período tenha sido amplamente estudado, não existe um consenso em relação aos determinantes últimos do "milagre". As interpretações encontradas na literatura podem ser agrupadas em três grandes linhas. A primeira linha de interpretação enfatiza a importância da política econômica do período, com destaque para as políticas monetária e creditícia expansionistas e os incentivos às exportações. Uma segunda vertente atribui grande parte do "milagre" ao ambiente externo favorável, devido à grande expansão da economia internacional, melhoria dos termos de troca e crédito externo farto e barato. Já uma terceira linha de interpretação credita grande parte do "milagre" às reformas institucionais do Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG) do Governo Castelo Branco (1964-1967), em particular às reformas fiscais/tributárias e financeira, que teriam criado as condições para a aceleração subsequente do crescimento” (VELOSO *et al.*, 2008, p. 2).

Foi a partir desse processo de benfeitorias do espaço central da cidade, que ocorreu a exclusão de muitos moradores das áreas prestes a serem ampliadas.

Portanto, é no período da Ditadura Militar que houve uma ação do Governo em construir conjuntos habitacionais, a fim de acolher os trabalhadores ainda sem teto e os alocados de áreas desapropriadas. Quando não havia uma doação, o processo se dava principalmente via Banco Nacional de Habitação (BNH). Apesar das casas serem destinadas a pessoas de baixa renda, muitas vezes essas demandas sociais não eram atendidas. Na Paraíba, o órgão responsável pelo controle e gestão dessas habitações, a Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP), privilegiava as classes médias e não as pessoas pobres que necessitavam de uma moradia.

Em Campina Grande, de acordo com Iranise Silva (1987) na década de 1970 aos primeiros anos da década de 1980, a Companhia Estadual de Habitação da Paraíba não produziu nenhuma moradia para a população de baixa renda, destinando os investimentos para financiamentos de habitações da chamada classe média. (MAIA, 2010, p. 7).

Além dessa questão, havia outras intencionalidades nessa política habitacional: em vez de tentar solucionar um problema de ordem social, o que se almejava era atender aos interesses dos mais abastados, uma vez que a iniciativa governamental pretendia impulsionar a economia local, especialmente o aquecimento da indústria e da construção civil.

Vale destacar que essa política de habitação tinha como pressuposto o aquecimento da indústria da construção civil. Como bem esclarece Beatriz Soares (1988), tal política foi orientada pela lógica empresarial, por conseguinte, teria que haver um retorno lucrativo, o que constitui uma contradição: pois se a justificativa de criação do BNH era o atendimento à população de Baixa renda, portanto vislumbrando uma justiça social, por outro, visava o favorecimento do setor da construção civil (Ibidem, p. 6).

Portanto, a política habitacional implantada em muitas cidades do Brasil expressava um claro nexos empresarial, pois o propósito final era gerar rendimentos às empresas participantes do processo de execução dos programas da casa própria. Se não bastasse essa contradição, como já informado, foram financiadas muitas casas para pessoas que não pertenciam ou

não estavam entre os representantes da denominada “baixa renda”, que geralmente não dispunha de uma residência. Assim, além de lutarem pela sobrevivência, ainda deviam custear a moradia, coisa que onerava por demais o orçamento mensal.

Caso fossem contemplados com um domicílio do projeto do governo federal, se comparado com o aluguel, a prestação seria acessível, sem contar que no futuro a pessoa poderia ter a posse definitiva do imóvel. No entanto, alguns desses conjuntos residenciais só foram destinados às pessoas de renda mínima nos anos de 1980, como foi o caso das Malvinas¹⁶¹, cuja ocupação gerou uma série de conflitos.

Se por um lado o Governo tentava assegurar a economia local, e de forma emergencial solucionar o problema da falta de moradia, em contrapartida era crescente o número de bairros afastados do centro da cidade. Então, cada vez mais aumentava a periferização e o inchaço do aglomerado urbano. Dessa forma, por falta de alternativa, as massas residiam em locais com pouca ou nenhuma infraestrutura e longe de tudo e de todos, representando um verdadeiro isolamento dentro da urbe.

É como se esses bairros fossem pequenas cidades à parte, um anexo do grande centro, em que boa parte da população é segregada e não pode contar com os principais meios e/ou instrumentos de sociabilidade e cidadania. Portanto, nesses locais quase não se tem um serviço de saneamento adequado, saúde, educação e lazer. O próprio comércio e rede de transporte são deficitários, acarretando um enorme transtorno à vida daqueles que dependem da condução pública para trabalhar.

Assim, o que se percebe é a produção de um claro *apartheid* habitacional, uma vez que é produzida uma espécie de hierarquização dos espaços, em que os bairros tornam-se sinônimo de índice da condição socioeconômica dos seus residentes. Nesse sentido, Seu Genival, ao migrar para Campina Grande, não teve outra saída que não fosse morar em um bairro afastado do centro da cidade. “O aparecimento de novos bairros que começam a se formar nas áreas que seguiam o curso das linhas ferroviárias como o bairro de Santa Rosa revela o quanto a cidade se expandia para além das áreas centrais” (JERÔNIMO, 2014, p. 50).

¹⁶¹ Em Campina Grande, a construção do conjunto Habitacional Malvinas, em 1980, gerou conflitos, resultando na ocupação das habitações antes mesmo da entrega das mesmas. Popularmente conhecida como Malvinas e hoje constituindo o bairro Malvinas, o conjunto Habitacional foi denominado Álvaro Gaudêncio em homenagem a um político local. Este conjunto foi construído pela Companhia Estadual de Habitação Popular da Paraíba (CEHAP), equivalente as COHABS de outros estados. Os depoimentos coletados com antigos moradores elucidam que a ocupação das habitações se deu tanto por pessoas que estavam cadastradas para receberem as casas, como por outras que chegavam à cidade e não tinham onde morar. Tal ocupação gerou um grande conflito, quando o governo estadual cercou a área proibindo o acesso às habitações e mesmo o fornecimento de alimentação e água. Daí a atribuição da nomenclatura popular ocorrida no período do confronto armado entre a Argentina e a Inglaterra pelas ilhas Malvinas. (MAIA, 2010, p. 6).

Quando eu cheguei aqui em Campina Grande fui morar no bairro de Santa Rosa, em uma casa alugada, era arrodado por mato, Campina terminava ali em Santa Rosa, de lá para adiante só tinha mato ou se não rogado. Mas quando cheguei em Campina Grande, em 1968, fui morar lá, em Santa Rosa. Nesse tempo o bairro não era tão habitado, era muito diferente, como disse: nesse tempo Campina esbarrava lá. A cidade em si terminava em Santa Rosa, pelo parecer das coisas antigas, mas para cá se estendia para a Liberdade, terminava por ali pelo Paulistano.¹⁶²

Talvez, como nos confirma nosso colaborador, o bairro de Santa Rosa, fosse um dos preferidos dos mais pobres. Isto porque era possível encontrar aluguel mais em conta, e eles, os recém-chegados à cidade, não tinham o hábito de custear a moradia, pois na zona rural em que residiam sobrava terras para construir uma casa ou até mesmo um pequeno rancho que pudesse abrigá-los.

A morada não é uma habitação, mas local de encontro diário das famílias, um abrigo variável, pois as saídas são frequentes. As classes populares ainda não lutam pela moradia, mas pelo aluguel, sempre caro demais para essas pessoas do campo acostumadas a não pagar nada pela casa e lugar. E o prazo de pagamento é um momento de conflito com os proprietários, os porteiros, seus representantes e a polícia. (PERROT, 1998, p. 195).

Antes o bairro era chamado de “Moita” (GURJÃO, 2000), mas, em homenagem à capela de Santa Rosa de Lima que fica na rua do sol, resolveram há mais ou menos cinco décadas mudar nome do bairro, fato este ocorrido em consequência de uma reunião feita na Sociedade de Amigos do Bairro (SAB).

Conta-se também que o terreno da igreja foi doado por um casal, Antônio Evaristo e Rosa¹⁶³. Como forma de agradecimento a estes, decidiram homenageá-los denominando a capela com o mesmo nome da Santa de devoção da esposa do Seu Evaristo, que era Santa Rosa. Assim, o atual nome do bairro está relacionado a um gesto de generosidade e devoção religiosa.

¹⁶² Trecho da entrevista concedida em 18 de abril de 2016.

¹⁶³ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Rosa_\(Niter%C3%B3i\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Rosa_(Niter%C3%B3i)). Acesso em 20 de setembro de 2016.

Independente da versão sobre a história do bairro, o certo é que Seu Genival morou por mais de três anos na localidade, porém sua vivência no lugar foi pouca. Ele passava boa parte do seu tempo no centro da cidade, onde estava seu local de trabalho, o Salão Campinense. “Então aí eu comecei, desde a data que cheguei em Campina Grande, até aqui era e sempre foi no Centro. Comecei na Cardoso Vieira, isso em 1968”¹⁶⁴.

Ainda informa que só saiu do salão porque ele fechou, e o motivo foi algo trágico: “O dono do salão suicidou-se, tinha problema no estômago e sofria muito. Ele suicidou-se no ano de 1972. Aí fechou e a gente ficou trabalhando avulso. Aí fui trabalhar em outro salão, trabalhei no Borborema, e só saí de lá pro meu lugar”¹⁶⁵. No dia dessa entrevista, percebemos o quanto o Seu Genival sente prazer em dizer: “nunca fiquei desempregado na cidade de Campina Grande”¹⁶⁶.

Para ele a cidade era de fato a capital do trabalho, “nela ninguém morreria de fome”, diferente do lugar de onde viera, em que dependia da natureza para sobreviver. Mesmo passando por momentos difíceis, especialmente durante a década de 70¹⁶⁷, a cidade ainda mantinha sua fama de lugar privilegiado. Ela ainda despontava, era vista e anunciada pela maioria de sua população, como a cidade das oportunidades, parecia que por aqui não faltava emprego para ninguém. Assim, prevalecia a máxima: “Campina Grande, que na retórica oficial era a ‘Cidade do Trabalho’ (OLIVEIRA, 2014, p. 161).

Na sequência da entrevista, nosso informante anuncia: “Na época que eu cheguei aqui, Campina era uma mãe de leite. (...) Antigamente, nos salões de Campina a gente trabalhava até às 10h da noite, tinha muito freguês. Isso era antigamente, hoje todo mundo fecha cedo, pouco cliente e o perigo”¹⁶⁸. Portanto, além de muito trabalho no salão, ele afirma que havia muita paz na cidade, não fazia medo caminhar por ela até altas horas.

Naquele tempo não tinha agressão, tudo muito suave, não tinha ladrão, não tinha essas maldades que têm hoje. Quando eu cheguei em Campina era assim, ninguém roubava nada. Pois bem, os homens iam para essas festas, para essas noitadas e podiam embriagar-se e cair debaixo de uma marquise dessas aí, amanhecia o dia enxuto ou molhado de chuva, mas estava com reló-

¹⁶⁴ Trecho da entrevista concedida em 18 de abril de 2016.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Apesar da crise do processo de industrialização de Campina Grande ter sido iniciada ainda nos fins dos anos 1960, o discurso só veio ganhar corpo na segunda metade dos anos de 1970, quando se consolida, em 1979, o fechamento da Wallig Nordeste, a maior indústria do município e marco do segundo ciclo de industrialização” (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 20)

¹⁶⁸ Trecho da entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

gio, com dinheiro. Quando eu cheguei em Campina era assim, ninguém roubava nada. Hoje, se acontecer isso, o cara amanhece até sem a cueca, porque a bandidagem tira.¹⁶⁹

Ele se refere a “uma Campina de outrora, de práticas e algumas relações de confiança, de pouquíssimos roubos, onde um delegado era o suficiente para as práticas criminosas na cidade” (OLIVEIRA, 2014, p. 181). Essa realidade talvez não seja mais tão visível na cidade, ela é vítima de uma violência urbana. O aumento desenfreado desse fenômeno social é provocado, sobretudo, pelo acréscimo da população, somada às más condições de moradia e outros atropelos sofridos pelos cidadãos.

Seguindo os passos de sua narrativa, observamos que a memória de Seu Genival vem à tona sempre a partir do universo do trabalho, a atividade laborativa norteia, oferece “suporte a sua memória” (BOSI, 2015, p. 19). Em suas lembranças, o trabalho em Campina Grande, representa tudo e mais um pouco.

Pois bem, agora, eu sempre trabalhei, desde o começo da minha vida, principalmente no serviço pesado. Lá no sítio eu, quando ainda era aprendiz na profissão, trabalhava a semana todinha no pesado, mas no dia da feira eu ia cortar cabelo, isso no domingo, e essa era minha diversão. Sempre trabalhei da infância à idade de hoje. Então para mim tirou o trabalho do homem, ele fica pela metade. Ele não é um homem realizado. O trabalho é minha própria vida, eu não sei viver sem trabalhar, até quando estou em casa descansando no domingo, ainda vou ao roçado, então minha diversão é trabalhar. Primeiro, o trabalho é ganhar o pão de cada dia, segundo, se torna tudo uma diversão, aquele compartilhamento com os colegas, com clientes e tal, conhecendo mais pessoas. É importante. Eu trabalho porque tenho que sobreviver e, segundo, porque gosto (...) ficar parado é muito ruim. Se o trabalho for castigo, eu quero assumir esse castigo até quando Deus me der força. [...] Eu me sinto bem trabalhando. Eu mesmo trabalhei sempre com prazer. Trabalho porque gosto mesmo e gosto de ganhar dinheiro. Se não puder mais trabalhar, acho que a vida encurta mais. Para mim, quem não trabalha é irresponsável, todo homem tem que trabalhar. Tem colegas que fazem assim, mas o senhor dizer que gosta de trabalhar é uma farsa. Oh, danado, se tu se aposenta com cinco ou seis salários, tudo bem, mas aposentar com um, dá para quê? Não dá. Então o trabalho dá dignidade ao homem, abre muito as portas para a pessoa na sociedade. (...) A pessoa tem outra visão de mundo. Não admito um homem que quer viver sem trabalhar. Agora, tem gente que não trabalha porque não é qualificado, não tem uma profissão identificada, e essa pessoa sofre muito.¹⁷⁰

¹⁶⁹ Trecho da entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

¹⁷⁰ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

Dentre outras questões, nesse trecho, ele se reporta ao indivíduo que não desenvolve um ofício específico ou que sobrevive de bicos. Assim, os que estão na informalidade acabam trabalhando por muitas horas e não recebem o que merecem, apenas buscam garantir a alimentação diária e fazem de sua vida uma aventura cotidiana em prol do sustento familiar. Portanto, se contentam com pouco, desde que seja suficiente para alimentar a si e a sua prole.

Após se reportar ao trabalho, Seu Genival continua a nos anunciar a Campina Grande de sua época, que, além de ser local de oportunidades, também tinha espaços voltados à diversão e ao lazer, tanto para os jovens como para os mais velhos. Por exemplo, no centro da cidade havia algumas casas de sinuca, principalmente nas imediações da Praça da Bandeira, em que os homens iam até lá para se divertir e jogar apostado, às vezes, “a coisa entrava noite adentro. Aquilo era a alegria da rapaziada”¹⁷¹. Porém ele deixa claro que nunca gostou de jogos.

Ainda fomos informados que nas proximidades da Praça da Bandeira era possível encontrar boas sorveterias, que ficavam abertas à noite. Estas funcionavam como ponto de encontro de alguns rapazes e moças ou até mesmo dos estudantes. Com muito esforço, nosso colaborador lembra os nomes das principais sorveterias desse período: A Flórida e a Polimar. Para ele a mais famosa era mesmo a primeira. Neste espaço era grande a concentração de estudantes, namorados e outros. “A Flórida ficava aqui perto dos correios, ela funcionava de dia e de noite. Então, quando não se estava na sorveteria, tinha a sinuca do Arlindo Xavier”¹⁷².

Seu Genival também lembra que, além desses locais, havia na cidade o famoso Bar do Joca, que atraía muitas pessoas. O estabelecimento localizava-se entre o Shopping Edson Diniz e a Casa do Colegial.

Aí tinha o Bar do Joca, quase na esquina, era frequentado a noite toda. As pessoas iam lá para tomar uma sopa, fazer um lanche. Era do lado de cá. Lá sempre lotado de homens e estudantes. Era um ponto de central que atraía muita gente. Às vezes, a gente ficava por ali um bom tempo comendo, batendo papo, outros bebendo e as horas passavam que a gente nem via. Aquilo era bom demais!¹⁷³

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

O que Seu Genival chama de Bar do Joca, Ronaldo Dinoá denomina de “Restaurante do Joca (João Barbosa). A grande freguesia de Joca eram estudantes da antiga Escola Politécnica, que na sua maioria viam de outras cidades” (DINOÁ, 2004, p. 105). Ainda acrescenta que era um local onde se tomava uma boa canja e um delicioso cachorro-quente, o qual o cliente degustava fazendo uso de uma colher.

Essas informações emanadas das lembranças do nosso entrevistado confirmam que nesse período a cidade de Campina Grande vinha destacando-se como polo educacional regional, e parte do seu comércio sobrevivia da demanda estudantil. “(...) A partir da década de 60, Campina Grande perde a patente de uma cidade comercialmente desenvolvida e conquista o título de uma cidade culturalmente desenvolvida, destacando-se, sobretudo, no setor educacional” (SILVA, 1999, p. 92).

Seu Genival também anuncia outro local famoso em Campina Grande, que servia de ponto de diversão ao público masculino.

Lá em Zé Garçon era uma área de show, da vida noturna, divertida, porque tinha dança, bolero, tango, essa coisa toda. Ficava na rua João Pessoa com a Bartolomeu Gusmão, um primeiro andar. Quem dançava bolero e tango ia para lá porque era para competir.¹⁷⁴



FIGURA 10 – Dance de Zé Garçon, localizado à rua João Pessoa, esquina com a Bartolomeu Gusmão.

Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor.

¹⁷⁴ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

Sobre o ambiente, Dinoá (2004) esclarece que no espaço pertencente a Zé Garçom funcionava uma espécie de “cabaré”. Uma particularidade: com a intenção de encontrar uma dama e passar a noite com ela, ou simplesmente para dançar e se divertir até a madrugada no local de lazer, o interessado deveria escalar 44 degraus, uma vez que o dance ficava no primeiro andar. O salão tinha horário apropriado de funcionamento. “Dez horas da noite, horário permitido para abertura dos lupanares” (op. cit., p. 81). Assim, o salão de Zé Garçom, era o local adequado para o encontro dos velhos boêmios. “(...) Lá, era uma espécie de academia de dança (...), onde muitos frequentadores aprenderam a dançar; local onde se discutia política, futebol” (DINOÁ, 2004, p. 81).

O que se imagina é como seria a saída desse pessoal, quando o “baile” terminava, como os embriagados conseguiam descer os “44 degraus”? A saída parecia desafiadora ou um pouco perigosa, talvez fosse mais complicado deixar o cabaré do que adentrá-lo. Enfim, haja fôlego para toda uma farrá e depois encarar tamanho desafio, contudo, como diz no adágio: “para descer todo santo ajuda”. Assim, independentemente do obstáculo, era nesse espaço que muitos dos homens da época de Seu Genival divertiam-se em Campina Grande.

Outro local de diversão lembrado por Seu Genival era a Rua Maciel Pinheiro, onde ocorriam muitas festas voltadas ao grande público. Quando não estavam acontecendo festividades coletivas, como desfiles cívicos e o carnaval, as pessoas encontravam outras formas de distração. “Na Maciel Pinheiro nessa época, no domingo à noite, nem só no domingo, como em todos os dias, a Maciel Pinheiro era um divertimento. Era gente namorando, tirando fotos, passeando, olhando vitrine, era muito bom!”¹⁷⁵

Portanto, desde a primeira metade do século XX, esse espaço era frequentado por moças e rapazes que procuravam encontrar diferentes formas de diversão e lazer na antiga Rua do “Seridó, Maciel Pinheiro” (GURJÃO, 2000).

As mulheres e mocinhas que moravam nas adjacências do centro, na década de 1920, e nos subúrbios que cresciam e se espalhavam, nos anos 30 e 40, eram parte do cotidiano das áreas centrais, bem como dos footings ou passeios pela rua Maciel Pinheiro. (SOUSA, 2006, p. 105).

¹⁷⁵ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.



FIGURA 11 – Rua Maciel Pinheiro, década de 1940.

Fonte: http://www.art-deco-sertanejo.com/historia/historia_img.htm.

Aqui se vê um pouco do que é descrito por (HALBWACHS, 2006) sobre memória individual e coletiva. O que parecia pertencer apenas a nosso colaborador, na verdade, fazia parte de toda uma coletividade. Portanto, mesmo estando na década 1970, as pessoas ainda se mantinham fiéis aos passeios pela Maciel Pinheiro. Assim, costumes e hábitos prolongam-se no decorrer dos séculos.



FIGURA 12 – Rua Maciel Pinheiro, década de 1970.

Fonte: http://www.art-deco-sertanejo.com/historia/historia_img.htm.

A participação de Seu Genival nas áreas de lazer do espaço urbano campinense resumia-se à rua citada, à Praça da Bandeira, à Praça Clementino Procópio e, poucas vezes, ao Salão de Zé Garçom. Ele também se recorda que nas Boninas tinha um “bocado de entra e sai. Esse entra e sai não era coisa de luxo, não, era só um entra e sai mesmo, era ali pelas Boninas, estendia-se pela João Pessoa. Na rua João Pessoa ainda hoje tem”¹⁷⁶. De fato, nessas áreas que abrigou antigos bordéis, ainda é possível encontrar pousadas oferecendo apoio aos amantes, ou a diferentes públicos que procuram diversão.

Por ter uma formação protestante, Seu Genival evitava frequentar os bordéis da cidade, pois, quando estava de folga, sua alegria era ir à igreja. “Eu gostava de ir à Igreja Congregacional, aqui na Treze de Maio, que hoje é do pastor Samuel. Eu sou desde a época do pastor Ximenes¹⁷⁷. Mas houve um tempo que eu me desviei um pouco, depois me conscientizei e voltei”¹⁷⁸.

¹⁷⁶ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

¹⁷⁷. “A igreja foi organizada em 15 de novembro de 1920 pelo Rev. James Haldene, seu pastor tendo como evangelista Sifronio Costa, presbítero João Canuto e o diácono Eulálio Eliezer. A Igreja tinha então 30 membros e 60 alunos na Escola Dominical. Em 1922 assumiu o pastorado o Rev. Harry G. Briault. O mesmo trabalhou durante 5 anos como seu pastor, deixando em 30 de junho de 1927 com 90 membros e 150 alunos na Escola Dominical. Nessa última data, o Rev. João Clímaco Ximenes, passou a ser o seu guia espiritual. Neste período, por necessidade, o Templo foi aumentado e reformado duas vezes. No dia 30 de janeiro de 1930, foi inaugurada a casa pastoral ao lado do Templo. Em 19 foi realizada a primeira reforma ainda sobre o ministério do Pr. João Ximenes, que durante 36 anos esteve à frente da Igreja”. Disponível em: <<http://ieccg0.wixsite.com/ieccg/histria-da-igreja>>. Acesso em: 20 de setembro de 2016

¹⁷⁸ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.



FIGURA 13 – IECCG-PB.

Fonte: <http://www.ieccgcentro.org.br/>.

Foi nesse período que conheceu alguns espaços próprios dos boêmios, como o já citado Bar do Zé Garçom, e também a unidade da Moreninha, um antigo bordel, que ele informa que ficava nas Bobinas. “Algumas vezes eu visitava, saía do trabalho, ia lá, mas saía logo. Era um local de diversão masculina, eu estava afastado da doutrina protestante”¹⁷⁹.



FIGURA 14 – No prédio azul, localizado à rua Demóstenes Barbosa, funcionava o antigo bordel Unidade Moreninha.

Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor na citada rua no centro da cidade.

¹⁷⁹ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

Contudo, admite que isso não durou muito, retornou ao evangelho, veio em busca do seu ídolo: “Eu não tenho herói, além de Jesus Cristo, meu herói é unicamente Ele”¹⁸⁰. Mesmo assim não se considera um religioso ou fanático. A igreja, no entanto, não foi motivo que o impedisse de conhecer um dos principais cinemas da cidade. Ele fala desse e de outros com bastante entusiasmo, para ele o cinema era a grande diversão dos jovens campinenses.

O cinema nesse tempo era lotado. Pense numa coisa que era lotada, era o cinema, o São José, e esse Capitólio aqui, principalmente o Capitólio. O Babilônia também já existia. O que havia de diversão para os jovens nesse tempo era o cinema. Eu entrei no cinema uma vez só aqui nesse Capitólio para assistir um filme muito falado naquela época: “O exorcista”.¹⁸¹

Na verdade, desde que a sétima arte chegou a Campina Grande, isso por volta de 1909, sempre entusiasmou os campinenses que todas as noites lotavam as salas que exibiam os mais diversos filmes, era a febre do momento, os jovens iam não somente para ver as cenas na tela, mas também para namorar e fazer outras travessuras¹⁸². O cinema, desde que foi fundado, é responsável não só por encantar gerações, mas influenciá-las a seguir estilos e padrões. Podemos dizer que o cinema é uma cultura indiretamente massificadora dos gostos, e que está a serviço de um sistema hegemônico que, através dos meios de comunicação, tenta impor uma cultura dominante e eliminar fronteiras (ADORNO; HORKHEIMER, 2000).

Desse modo, era normal às pessoas irem ao cinema e, após a exibição do filme, vestir-se semelhante ao galã protagonista. Desde sua invenção pelos irmãos Louis e Auguste Lumiére, no século XIX, na França,¹⁸³ que o cinema vem juntando multidões e manobrando gostos e costumes. Portanto, a sétima arte tem exercido forte influência sobre a vida das pessoas. Os impactos são causados não só pelas imagens, mas também pelo som. Muitas mentes são moldadas por roteiros cinematográficos que têm, no seu conteúdo, mensagens diretas e outras subliminares. Assim, o cinema continua ditando regras e hábitos. Nessa relação, em Campina Grande, gestos foram massificados, comportamentos modificados e modas difundidas¹⁸⁴.

¹⁸⁰ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Cf. CABRAL, 2009, p. 178- 182.

¹⁸³ Disponível em: <https://venturarte.wordpress.com/2013/06/07/quem-inventou-o-cinema>. Acesso em: 09 de setembro de 2016.

¹⁸⁴ Cf CABRAL, 2009, p. 184-189.

Além do cinema, perguntamos mais uma vez a Seu Genival quais eram os espaços preferidos dele quando não estava na barbearia e do que mais gostava de fazer nos finais de semana. A resposta: primeiro, sua diversão mesmo era trabalhar, fazia isso desde a infância porque era filho de pais separados. Deste modo, o trabalho além de proporcionar prazer, era uma necessidade imposta pelas circunstâncias da vida. Quando veio para Campina Grande, a responsabilidade só aumentou, pois um ano depois já estava casado, nesse tempo ele tinha 28 anos.

Ele lembra que nesse período, quando andava pela cidade à noite, nunca se metera em coisa errada, por isso evitava alguns locais de lazer ou da vida noturna. “Minha mãe dizia assim, quando eu saía de casa: Meu filho tenha cuidado, não vá se evadir no mundo. E aquilo eu entendia. Se evadir era para não ficar com as prostitutas ou estar em qualquer situação complicada”¹⁸⁵. Isto mostra que no seio familiar regras são impostas e comportamentos adequados a um ordenamento coletivo que visa à harmonia social.

Dessa forma, por se declarar responsável, afirma que evitava se expor para não atrair problemas e se meter em situação constrangedora que viesse envergonhar a sua família. Nisso se percebe uma visão paternalista, ou uma dupla moral, pois, embora admitisse que apreciava o Bar do Zé Garçon, mantinha-se cauteloso em não se desvirtuar ou perder sua identidade de homem respeitador e “de família”.

Ainda no campo do lazer, quando questionado se gostava de ouvir músicas e quais cantores admirava, ele anuncia que não tinha grande entusiasmo por nenhum específico, nem os locais nem os nacionais, mas tinha uma simpatia por Roberto Carlos e Luiz Gonzaga. O último retratava um pouco o ambiente rural no qual viveu sua adolescência em Pedra Lavrada. Quanto a Roberto Carlos, tem lá suas restrições:

Quando ele surgiu, aquilo foi uma crise para barbeiro, foi uma crise grande, porque todo sujeito queria ter o cabelo grande, era grande sem aparar mesmo. Aquilo foi uma crise pesada pra gente naquela época. Na década de 1970, Roberto Carlos atrapalhou demais, mas eu gosto dele.¹⁸⁶

Enquanto Roberto Carlos agradava e emocionava a juventude com o seu cabelo na testa, o barbeiro se incomodava com esse estilo, porque a grande sacada era manter o cabelo

¹⁸⁵ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

¹⁸⁶ Entrevista concedida em 18 de junho de 2016.

comprido, e não cortá-lo. Isso sim foi realmente uma lástima para quem vivia de aparar pelos, sobretudo da comunidade masculina. Assim, o rei da jovem guarda representou um obstáculo ao barbeiro, que viu a clientela diminuir, restando apenas alguns idosos que não aderiram ao novo modo.

Essa tendência, nos anos de 1960 a 1970, de cabelos compridos e volumosos, para muitos, era símbolo de virilidade e masculinidade, para outros era próprio do universo dos admiradores do rock, uma vez que a maioria dos seus ídolos eram cabeludos. Se mundialmente Led Zeppelin tinha sua legião de fãs de cabelo comprido, no Brasil era Roberto Carlos e outros ídolos da Jovem Guarda¹⁸⁷ que ditavam a moda da intensa cabeleira, isso para a tristeza de muitos barbeiros que tiveram um forte abalo em seus rendimentos mensais. A seguir, a letra de uma das músicas que destacam a figura do cabeludo conquistador:

DETALHES (Roberto Carlos)

Não adianta nem tentar
Me esquecer
Durante muito tempo
Em sua vida
Eu vou viver...

Detalhes tão pequenos
De nós dois
São coisas muito grandes
Prá esquecer
E a toda hora vão
Estar presentes
Você vai ver...

Se um outro cabeludo

Aparecer na sua rua
E isto lhe trazer
Saudades minhas
A culpa é sua...¹⁸⁸ (Grifo nosso)

Porém, Seu Genival informa que, se Roberto atrapalhou, “o tal vestibular” ajudou demais, foi a salvação de muitos barbeiros. Pois, sair pelas ruas com a cabeça raspada era um sinal de que o indivíduo havia sido contemplado, era um sortudo que acabava de passar no

¹⁸⁷ Ver ZIMMERMANN, Maíra. **Jovem Guarda**: moda, música e juventude. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

¹⁸⁸ CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. Detalhes. In: **Roberto Carlos**. São Paulo: BMG, 1971. 1 LP. Grifo nosso.

vestibular e garantir sua vaga no ensino superior. Essa moda contagiava a todos, ou a maioria dos rapazes aprovados, que, logo após saberem o resultado do exame, procuravam raspar a cabeça. Havia até músicas, como as marchinhas de carnaval do cantor Pinduca, que versam sobre essa prática.

MARCHINHA DO VESTIBULAR (Pinduca)

Alô papai, alô mamãe
Põe a vitrola pra tocar
Podem soltar foguetes
Que eu passei no vestibular

Eu agora não me iludo
Estou com a cuca controlada
Já não sou mais cabeludo
Estou de cabeça raspada¹⁸⁹ (Grifo nosso)

ESTE ANO NO VESTIBULAR (Pinduca)

Este ano no vestibular
Eu vou raspar cabeça de mulher
Quero ver mulher na rua
Com a cabeça toda nua.¹⁹⁰ (Grifo nosso)

Se era algo comum, os barbeiros agradeciam. Seu Genival informa que muitas pessoas costumavam renovar o corte. Tinham a intenção de exibir a aprovação. Inclusive, nas ruas por onde passavam, eram saudados pelas pessoas, as quais os elogiavam e parabenizavam pelo feito alcançado. Isso era um orgulho, uma espécie de glória, representava mais que um corte de cabelo. “No vestibular a moçada raspava a cabeça, aquilo era bom para o salão. Aquilo durava até três dias. A cabeça dos feras. Aí mudou. Isso mudou. Eles não pelam mais”¹⁹¹.

Aos poucos Seu Genival vai apresentando traços culturais de um período, peculiaridades comuns a uma geração, seja de manter o cabelo comprido ou o hábito de raspar a cabeça logo após vencer o processo do vestibular. Essas lembranças revelam que ações e comportamentos coletivos comuns a uma sociedade são resgatados pela memória individual (HALBWACHS, 2006).

¹⁸⁹ LACRAH, Aluap de. Marchinha do Vestibular. In: **Pinduca no embalo do carimbó e sirimbó v. 7**. Rio de Janeiro: Som Indústria e Comércio S/A, 1978. 1 LP. Grifo nosso.

¹⁹⁰ SELEÇÃO DE OURO. Intérprete: Pinduca. **Este ano no vestibular**. [S. l.], 1999. Grifo nosso.

¹⁹¹ Trecho entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

Assim, percebe-se como uma geração se modifica em curto espaço de tempo. O que era comum e aceito na década de 1970 seria considerado ultrapassado por alguns jovens ou, como se dizia por esses tempos no idioma francês, seria algo *démodé* aos jovens estudantes do século XXI.

“Muitos que pelei a cabeça tornaram-se médicos, advogados, professores e tal, mas muitos desses não ficaram em Campina Grande, eram de fora, já eram de fora e foram embora, não ficaram aqui”¹⁹². Este fragmento mostra que Campina Grande, por ser um centro de referência e fomentadora do conhecimento acadêmico, já se destacava como polo educacional regional (AGRA DO Ó, 2006), recebendo estudantes de muitas cidades do interior paraibano e de outras regiões do país.

Em outro momento da entrevista, Seu Genival retoma a discussão em torno do aspecto econômico da cidade. Ele lembra que, apesar do salário ser suficiente para manter a família, ainda praticava o cultivo agrícola. Essa era uma prática comum na década de 1970 em Campina Grande, tendo em vista que o comércio já não estava tão forte como antes e que a indústria também já demonstrava sua fragilidade.

Assim, podemos concluir que, por serem em sua maioria migrantes que vieram da zona rural para a cidade, ainda mantinham o hábito de cultivar a terra. Quando necessário, voltava-se às antigas práticas da agricultura familiar ou de subsistência. Isso principalmente se estivesse passado por momentos difíceis na economia doméstica. Nessa época, a cidade de Campina Grande dispunha de muitas áreas ociosas para o plantio.

Nessa época as construções eram poucas, o algodão ainda existia, mas não era como na época das ruas das areias, na rua João Pessoa. O comércio todo devagar. Naquela época a indústria forte era a Wallig, de fogão, muita gente era empregada lá, ela tava pra fechar. O que tinha pra muita gente aqui em Campina Grande era a agricultura. Onde hoje é o Severino Cabral, onde é as Malvinas, tudo isso era agricultura. Então, muita gente trabalhava na agricultura de feijão, de roça, como macaxeira e mandioca e algodão.¹⁹³

Nesse período também, vinha despontando na cidade um novo setor, que auxiliaria a economia local. Se o comércio e a indústria já não estavam tão fortes, começa a despontar a prestação de serviço como fonte de renda alternativa capaz de contribuir para a sustentabili-

¹⁹² Trecho entrevista concedida em 30 de maio de 2016.

¹⁹³ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

dade da economia campinense. Inserido nesse setor, Seu Genival, assim como muitos outros profissionais, não vendiam um produto específico, não havia uma mercadoria material envolvida, e sim uma imaterial (HUWLS, 2013), aqui o que se tem é uma pessoa oferecendo suas habilidades, disponibilizando aluguel de mão de obra que, no caso dos barbeiros, proporcionam uma espécie de arte capilar.

Vejamos primeiro o crescimento nos serviços. Tem sido um objeto de crença na maioria da literatura, pelo menos desde que Daniel Bell cunhou pela primeira vez o termo “sociedade pós-industrial” no início dos anos 1970, que uma maior, se não a maior tendência do século XX foi o aumento dos serviços à custa da agricultura e da manufatura (BELL, 1973). A medida mais comum deste aumento é o emprego no setor de serviços, e é prontamente ilustrado por gráficos (geralmente derivados dos dados do censo) mostrando o emprego em serviços elevando-se aos céus à medida que o século avança, enquanto o emprego na agricultura e manufatura cai drasticamente. (HUWLS, 2013, p. 22).

Esse setor pode estar distribuído em diferentes áreas, como: saúde, educação, jurídico, segurança, hospedagem e outros. Geralmente, as atividades são desempenhadas por profissionais liberais, que possuem formação específica de natureza técnica ou ainda aqueles que demonstram destreza no exercício de um pequeno ofício¹⁹⁴ - pequeno, no sentido de que não há uma regulamentação específica, por isso são chamadas de profissões menores, mas de grande valor social – como ocorria nas antigas corporações da Idade Média (FRANCO JÚNIOR, 2001), em que se regulamentava o processo de produção artesanal e habilitava diferentes trabalhadores autônomos, como: sapateiros, tintureiros, ferreiros, carpinteiro, pedreiro, etc.

Além dos labutadores de um ofício menor, podem ser acrescidos outros profissionais regulamentados¹⁹⁵: administrador, advogado, agrônomo, arquivista, arquiteto, artista, assistente social, biólogo, contador, corretor, dentista, enfermeiro, engenheiro, farmacêutico, fisioterapeuta, geógrafo, guia turístico, jornalista, leiloeiro, médico, músico, orientador educacional, professor, psicólogo, químico, radialista, representante comercial, secretário, sociólogo, técnicos, trabalhador doméstico, vendedor, veterinário, zootecnista, entre outros. Portanto, aí estão

¹⁹⁴ O termo “ofício” vem do latim “officium”, pode ser entendido por: serviço, dever, atividade, ou simplesmente “fazer, realizar”. Disponível em: <http://www.meusdicionarios.com.br/oficio>. Acesso em: 15 de setembro de 2016.

¹⁹⁵ Disponível em: http://www.trtsp.jus.br/geral/tribunal2/LEGIS/CLT/Prof_Regul.html. Acesso em: 10 de setembro de 2016.

algumas das muitas profissões exercidas por trabalhadores liberais que prestam serviços específicos.

Assim, é possível constatar que essa gama de profissionais começa a aumentar na cidade de Campina Grande, sobretudo a partir da década de 1970. Nesse período ela não representa mais Liverpool do Nordeste (SOUSA, 2006), também não consegue manter o título de grande centro do comércio atacadista da região, uma vez que vinham perdendo espaço para a capital e outras cidades do interior do Sertão. Pois, assim como o trem atrapalhou o comércio da sede paraibana, as rodovias federais¹⁹⁶ prejudicaram a atividade comercial da cidade campinense. De igual modo, a indústria passava por uma crise, inclusive, como já mencionado, com o fechamento de algumas fábricas. Em meio a toda essa conjuntura, o setor de serviços tende a se desenvolver cada vez mais na cidade, sendo até referência regional.

Face ao franco declínio do comércio atacadista algodoeiro, a partir dos anos de 1970, os setores de serviços cresceram e passaram a desempenhar uma função importante na economia da cidade, que tenta manter sua liderança regional, investindo, principalmente, nos serviços especializados em saúde, educação, e tecnologia. (DINIZ, 2012, p. 43).

Seu Genival é um desses profissionais da prestação de serviço, que, embora desde 1968 ofereça sua arte à população masculina campinense, só conseguiu montar sua própria barbearia há cerca de dezoito anos. O local onde se acomodou de forma definitiva foi o Abri-go Maringá, localizado na antiga Praça da Luz, atual Clementino Procópio.

Vim para Campina Grande em outubro de 1968. Eu estava com 28 anos, porque nasci em 1940. Quando foi no dia 18 de novembro assinei minha carteira num salão na rua Cardoso Vieira. O nome do salão era Campinense. Comecei no Campinense e engraçado que esse salão já era antigo. E quando eu comecei ele tinha se mudado para a Cardoso Vieira (...) Era. Aí eu passando pelo salão tinha umas cadeiras assim, de barbeiro. Vou perguntar quanto é uma cadeira dessas. Aí entrei. Perguntei. Fui lá direto ao dono, quem me atendeu foi o dono. Eu disse: Essas cadeiras são para vender? Ele disse: Não. Eu estou instalando aqui o salão. Você queria comprar cadeira era? Eu pensava em comprar uma cadeira, eu tinha uma cadeirinha fraca. Ele perguntou: Você trabalha aonde? Respondi: Em Pocinhos. Ele disse: Eu estou instalando aqui esse salão, mas os barbeiros ainda não estão completos. Você quer vim trabalhar comigo? Eu disse: Quero. Aí ele disse: Você faz o

¹⁹⁶ Cf. SILVA, 1999, p. 91.

cabelo e a barba em meia hora? Eu disse: Faço. Apesar de que eu nem fazia. Mas já chegando lá ia caprichando cada vez mais. Faço. Aí ele disse: Não, porque estou precisando de mais dois barbeiros e você vai ser um dos meus. Ele ficou olhando para a minha cara. E ele foi muita gente boa. Aí no dia seguinte eu fui. Ele disse: Mande fazer uma batinha branca e tal lá em Pocinhos. Aí vim. Cheguei e estavam começando. Ele disse: Comece aí. Agora repare bem como são as coisas. O primeiro cliente que atendi foi que ele botou para mim, para me testar. Não é que o primo dele desse dia em diante deixou ele por mim. Fui aprovado. Tomei o cliente dele. O nome do cliente era seu Adalto. Aí seu Euclides dizia: Mas Adalto vem atrás de Genival como um bezerro que vai atrás da mãe para mamar. Graças a Deus! Daí eu comecei. Lá vai. Ele gostou muito de mim. Os outros barbeiros colegas dele contavam: Aí os colegas dele iam embora seis, sete horas. Ele tinha uma clientela melhor e maior, então ia até onze horas da noite, até mais, e ficava sozinho. Como eu cheguei aí fiquei com ele. Só saía mais ele, que achou bom demais. Eu fechava mais ele. Aí ele dizia aos amigos clientes dele: Nunca pensei em arranjar um barbeiro tão bom e um amigo. Os outros logo cedo vão embora e me deixam sozinho, ele fica mais eu até fechar. Fiquei lá, porque não tinha nada para eu fazer. E assim ficou. Então eu fazia a feira de Pocinhos na quarta-feira. Aí perguntei para ele: Seu Euclides, o senhor me libera nas quartas-feiras para eu atender os meus clientes lá? Ele disse: Fique à vontade. Pode ir. Você não volta? Respondi: Volto. E assim eu fiquei. (...) Eu me dei muito bem. Depois foi a época que ele morreu. Aí e tal. Houve outras coisas. Aí eu deixei a feira de Pocinhos e fiquei só aqui em Campina, fui trabalhar em outros salões: trabalhei no Salão Borborema, no Salão Avatar, no Elite Salão que era de Pociônio, pai de Zé, e trabalhei no Salão Status. Faz dezoito anos que trabalho aqui no Abrigo Maringá por conta própria, antes era no salão com cadeira alugada.¹⁹⁷

O Abrigo Maringá sempre foi local de espera de ônibus, onde passageiros aguardavam as antigas marinetes ou sopa, que serviam como meio de transporte aos moradores da cidade. O espaço serve de abrigo aos transeuntes, acolhe alguns comerciantes e ainda é ponto de parada de ônibus de algumas linhas de diferentes bairros de Campina Grande.

¹⁹⁷ Entrevista concedida em 18 de abril de 2016

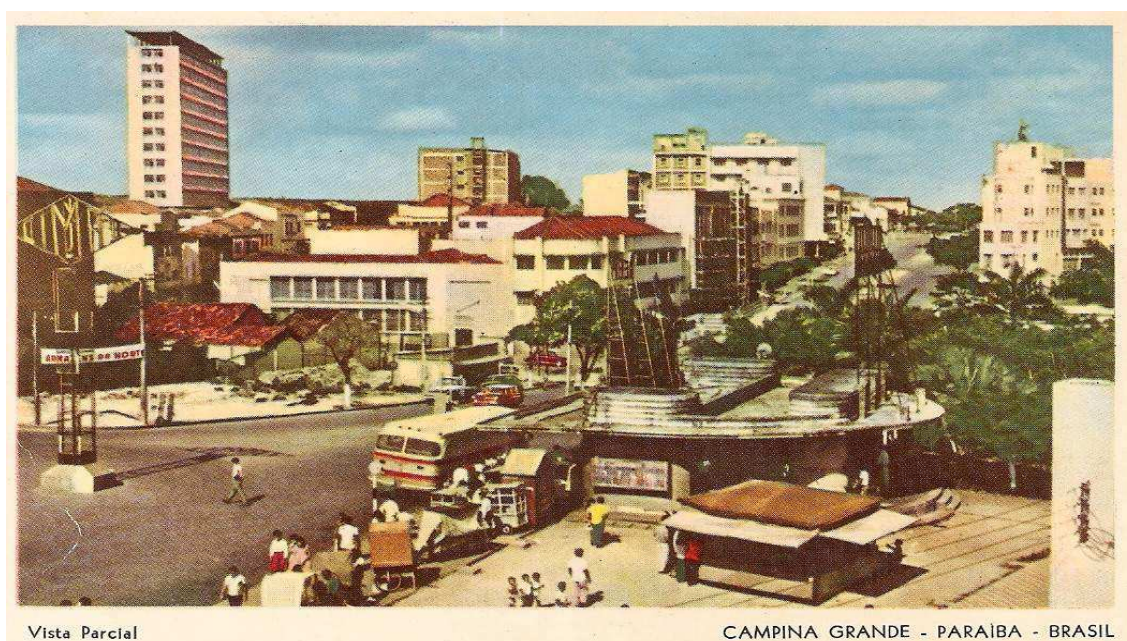


FIGURA 15 – Cartão postal de Campina Grande.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/04/#.WVLA9iEYEag>

A história da praça onde se encontra o Abrigo Maringá é bem curiosa. Ela era conhecida por Praça da Luz, porque nesse lugar ficavam os motores que geravam a energia elétrica da cidade. Isso desde o ano de 1920, quando foi inaugurada a primeira usina geradora, uma termoelétrica pertencente à empresa “Luz e Força Campinense”¹⁹⁸. Esses motores garantiram o fornecimento de energia elétrica para Campina Grande até o ano de 1954, quando, enfim, na gestão do prefeito Elpídio de Almeida, a cidade recebeu a energia elétrica vinda da Usina de Paulo Afonso¹⁹⁹.

Ainda sobre a antiga Praça, devemos acrescentar que esta “foi construída pelo prefeito Bento Figueiredo, em janeiro de 1936, que para tanto demolira a antiga cadeia pública naquele local instalada” (CABRAL FILHO, 2009, p. 64). No ano de 1940, a termoelétrica que funcionava na localidade foi transferida para as imediações do Açude Velho, já na gestão do prefeito Vergniaud Wanderley, que, na intenção de embelezar a cidade, reformou a Praça Clementino Procópio²⁰⁰.

¹⁹⁸ Cf. FASCÍCULO - 4, domingo, 27 de julho de 2014, p 13, referente à comemoração dos 150 anos de emancipação política de Campina Grande. 1864 -2014.

¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ Idem.



FIGURA 16 – Antiga Praça da Luz, anos 1930.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/04/#.WVLA9iEYEag>

A praça citada homenageia um antigo e conhecido professor, o senhor Clementino Procópio, considerado um dos ícones da educação campinense do século XIX. O pernambucano natural da cidade de Bom Jardim, nascido em 1855, deu uma grande contribuição à educação da cidade, chegando até a fundar o colégio São José, em 1872, no bairro de mesmo nome. No ano de 1935, ocorreu seu falecimento²⁰¹.

Pois bem, foi na Praça Clementino Procópio que Seu Genival encontrou um local definitivo para montar sua própria barbearia. Ele divide o espaço com outro colega e garante que no Abrigo Maringá fez boas e grandes amizades e conseguiu muita das coisas que tem. Como já admitiu, da data que veio para Campina Grande em diante, percebeu que a cidade “era uma mãe de leite”. Desde o Salão Campinense, que foi o primeiro em que trabalhou na cidade, nunca lhe faltou o necessário à sobrevivência.

Contudo, ainda continua trabalhando, visto que a aposentadoria não lhe é suficiente. A sua revolta é que contribuiu com o equivalente a dois salários mínimos, mas só conseguiu aposentar-se com um.

Foi uma coisa perdida que eu fiz, pagar os dois salários. Alguns clientes me falaram: Genival, não paga esses dois salários, pague só um. Quando for

²⁰¹ FASCÍCULO 5, domingo, 31 de agosto de 2014, p. 3.

passando mais certo tempo, perto de você se aposentar, aí você aumenta o que você puder aumentar, mas agora, no momento, isso não vale nada. E foi certinho. Paguei dois salários todo o tempo e só me aposentei com um. Perdi um salário, mesmo tendo pago os dois.²⁰²

Então, se o salário da aposentadoria não foi suficiente, só lhe restava uma saída: continuar na atividade, assim o fez. Porém, admite que sofre discriminação por se velho, não só no espaço da barbearia, mas na própria sociedade.

O barbeiro vai ficando velho e ele é mais discriminado, hoje é muito discriminado, escanteado, as pessoas não querem cortar o cabelo com aquele barbeiro mais velho. Uma comparação, chegam aqui dois jovens, vamos dizer assim, dois que nunca vieram aqui, eles vão preferir o barbeiro mais jovem que trabalha comigo. Aqui, acolá, um velho, se não for cliente meu, também discrimina,. (...) A sociedade vê a gente como velho mesmo. Idoso é mais delicado. A palavra idoso é uma palavra que usaram para disfarçar o preconceito e não atacar tanto. O velho é visto como alguém que não ajuda muito, só atrapalha. Não tem muito espaço na vida para a velhice, se ele tiver dinheiro e for conhecido ele é bem visto, mas é porque ele tem dinheiro e fama.²⁰³

Esta questão é apresentada logo nas primeiras páginas do livro “Velhices Imaginadas”, de Agra do Ó (2010), em que se discute que a sociedade moderna, por se bitolar pela produtividade que surge em decorrência da ação do trabalho, tende a desprezar os seus antigos labutadores, os que agora têm pouca força.

A velhice é estigmatizada, a velhice é rejeitada, justamente, quando, na modernidade, os homens estabelecem outras formas de se relaciona com o tempo e com a morte. A rejeição da velhice no mundo moderno tem a ver com o fato de que estaria a proximidade com a morte, com o fim do nosso tempo: o velho seria alguém que tem cada vez menos tempo, como se esta não fosse a condição de nós todos. A velhice marcaria o momento, também, em que, numa sociedade centrada no trabalho e na produtividade, notadamente para os homens, chegaria o momento da falta de utilidade. (AGRA DO Ó, 2010, p. 10).

²⁰² Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

²⁰³ Entrevista concedida em 18 de junho de 2016.

Contrário a esse melancólico prognóstico, Seu Genival continua se mantendo do trabalho que exerce na barbearia em Campina Grande. Ele é grato a Deus e aos antigos fregueses que lhe são fiéis pela atividade. Também reconhece que na sua trajetória profissional desperdiçou algumas oportunidades, como a oferecida por seu cliente e amigo, o então deputado federal Raimundo Afora.

Tive um convite de Raimundo Asfora, ele era um grande advogado aqui, foi deputado federal, era cliente fiel. Foi para Brasília. E de Brasília, quando chegou aqui, me procurava, aí me fez um convite para me levar para Brasília, para eu ir lá para Assembleia com ele. Eu não fui. Ele disse: se quiser, arrume a mala que eu lhe levo lá. E eu lhe coloco lá no salão do Senado. Eu vou ser seu cliente lá. Nessa época eu já era casado, tinha o primeiro filho. Eu não queria me distanciar. E outra, eu ia para um meio tão estranho trabalhar com deputado, essa coisa toda, Senado e tudo mais. Aí eu tremi na base.²⁰⁴

No decorrer da entrevista, percebemos o quanto nosso depoente se sente orgulho ao frisar que foi barbeiro e colega de alguns indivíduos da elite política de Campina Grande. Isso lhe enche os olhos. Ele se sente realizado por ter seu trabalho reconhecido por pessoas que classifica como “homens de prestígio social”²⁰⁵.

Tiveram outros influentes políticos, outros que também foram fiéis até morrer, como Orlando Almeida, Petrônio Figueiredo. Agora Orlando Almeida e Raimundo Asfora foram os pioneiros. O prazer de Asfora era cortar o cabelo e tirar a barba comigo. Orlando dizia que não gostava de tirar a barba com barbeiro acanhado, só gostava de cortar com barbeiro que pegasse na cara dele e fosse com a mão pesada na cara dele. Ele só sentia que a barba tinha sido bem tirada se fosse assim. Então, ele acertou comigo, porque disse que eu fazia assim.²⁰⁶

Portanto, foi dessa forma, conquistando clientes e fazendo amigos, que Seu Genival obteve algumas realizações materiais, tudo veio da tesoura. Da barbearia em Campina Grande, no ano de 1975, alcançou casa própria, depois ponto fixo e uma aposentadoria. Assim, através do pequeno ofício de barbeiro, o entrevistado conseguiu manter-se na cidade.

²⁰⁴ Entrevista concedida em 18 de abril de 2016.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ Idem.

Depois dos 28 anos vivi só da barbearia. Antes eu trabalhava nas duas coisas, como eu falei com você, trabalhava na roça e fazia barba no dia da feira na cidade. De 28 anos de idade até hoje tudo foi só do salão. Sobrevivi da tesoura todo o tempo. Depois dos 28 anos tudo foi só tesoura mesmo. E o que eu tenho hoje foi arranjado da tesoura. Primeiro graças a Deus, depois, da tesoura. (...). Me sinto realizado fazendo esse serviço, porque só você tendo uma clientela boa. Vamos dizer que você chega num salão qualquer hoje que chegar, qualquer hora não, porque tem que chegar por causa dos clientes, mas, se você chegar cedo e não trabalhar, como acontece com nós mesmos, tem dia que a gente fica até meio dia sem fazer nada, nós temos a esperança de que o cliente vem. E de meio dia para a noite que é a hora de a gente fechar a gente faz o dia perfeito. Em outra profissão não faz isso. Então, o barbeiro não volta para casa liso. Ele nunca morre de fome. É difícil voltar sem descolar. Pouquinho, mas chega em casa. Se voltasse no tempo, eu gostaria de fazer o que faço. (...) Tenho duas filhas maravilhosas, tenho netos maravilhosos. Eu estou um homem realizado. (...) tudo o que eu desejei na minha adolescência eu consegui. (...) Um dos meus desejos de menino que realizei, porque todos os rapazes lá possuíam uma bicicleta e eu não possuía, mas eu dizia para meu Deus que um dia eu possuiria uma bicicleta nova, e comprei depois que cheguei aqui em Campina Grande. Então, passou a ser um meio de transporte (...). Eu comprei a bicicleta, como também outras coisas, tudo realizei e hoje eu sou um homem realizado.²⁰⁷

Dessa forma, o trabalho lhe rendeu não só a alimentação básica, com a habilidade de suas mãos foi possível superar certas necessidades e realizar sonhos que o acompanhavam desde a infância. Nesse caso, por ter gerado bens duráveis que vão além da simples nutrição diária, pois antes ele trabalhava apenas para garantir a manutenção fisiológica, a labuta representou fonte de acúmulo e de prazer. “(...) As pessoas trabalham antes para poder consumir do que propriamente para produzir alguma coisa” (ALBORNOZ, 2012, p. 81).

Sendo assim, apesar da vida difícil que teve na zona rural do município de Pedra Lavrada, nosso depoente considera-se um homem feliz e vitorioso por ter chegado ao limiar da vida com todos os seus projetos concretizados e uma família amável, que lhe vê como herói.

O futuro para minha pessoa é terminar os dias feliz, não passar por situação difícil no fim da vida e também deixar um bem-estar desses para os meus netos, para os que ficaram aí. Espero que eles tenham um futuro melhor do que eu tive. (...) Das recordações o que me traz maior alegria foi o nascimento

²⁰⁷ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

das minhas filhas, e quando adquiri um espaço de trabalho próprio, porque eu me senti liberto²⁰⁸.

Quanto à vida, relata:

É uma aventura, batalha, alegria, tem os momentos de raiva. Eu não posso nem afirmar o que é a vida. A vida é ser feliz, viver liberto sem aperreio, sem dever a ninguém. Isso é o bom da vida. Sem inimigo, anoitecer e amanhecer tranquilo, viver sem medo. Isso é a vida, porque grande coisa é a gente ir e voltar sem medo²⁰⁹.

Portanto, essa é mais uma subdivisão da história de vida do Seu Genival barbeiro, que muito nos informou sobre sua existência e a cidade de Campina Grande.

2.3 A barbearia: um lugar de narrativas e confissões masculinas – entre o ouvir e o aconselhar

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria.

W. Benjamin

O ofício do barbeiro é bem peculiar, pois esse profissional destaca-se não só pela habilidade que tem com as mãos. Não resta dúvida de que ele faz com precisão cabelo, barba e bigode, esta é sua especialidade: eliminar pelos, remodelar faces e cabeças de quem está incomodado com o visual. Mas, se não bastasse a destreza em mudar ou conservar a aparência da clientela masculina, ele consegue ir além das atividades que comumente se sabe que é capaz de fazer.

O bom barbeiro tem que ser especialista em outras questões, como a de dar e receber conselhos. Habitualmente diversos homens se reúnem em seu salão para compartilhar confidências e aguardar valiosas orientações do sábio e velho barbeiro. Outros se dirigem a esse

²⁰⁸ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

²⁰⁹ Idem.

espaço afetuosos (TUAN, 2013), também para ouvir belas e boas histórias trazidas por este profissional que em muitos momentos assume o papel de um bom narrador.

Assim, entre o intervalo de uma barba e outra ou até no decorrer de um corte de cabelo, ele costuma expor fatos que estiveram relacionados consigo, com alguns dos clientes ali presentes ou mesmo sobre os que já partiram. Estas histórias, às vezes tenebrosas, engraçadas ou fortuitas, que são contadas pelo barbeiro, despertam a curiosidade, divertem e aumentam a experiência de quem atentamente torna-se expectador.

Os episódios narrados vêm acompanhados de tempo e lugar específico, e expressam ações ocorridas no pretérito nem sempre perfeito. Aos poucos vão sendo desvendados personagens reais que fazem ou fizeram parte do cotidiano da cidade de Campina Grande ou de regiões longínquas por onde o barbeiro andou, viveu sua infância, adolescência ou até mesmo momentos de sua velhice. “O tempo biológico tem andamento como na música desde o *allegro* da infância que aparece na lembrança luminoso e doce, até o *adagio* da velhice” (BOSI, 2003, p. 24). Assim, frequentemente os acontecimentos são geridos por uma cronologia.

Outras histórias nem tão reais fazem referência a temas ou lendas do imaginário popular ou do patrimônio cultural oral. Em muitos desses contos ou parábolas, vê-se um pouco de conteúdo moral e existencial. Portanto, o certo é que no ambiente da barbearia sempre tem espaço para boas narrativas, quer sejam elas reais, imaginárias ou fictícias. Esses acontecimentos vêm cheios de pormenores que só quem vivenciou ou ouviu falar sabe narrar com precisão.

Tudo isso torna a conversa com o barbeiro dinâmica, por todos os itens que a compõem, pela divisão por “marcos”²¹⁰ e a sequência de acontecimentos. Esta continuação facilita o entendimento do que está sendo expresso, é como se o ouvinte fosse transferido ao local, à cena do acontecido. Neste momento, “quem escuta uma história está em companhia do narrador” (BENJAMIN, 1994, p. 213), que o convida a caminhar por caminhos estranhos ou ilógicos.

Para descrever a figura do narrador, tanto o de perto como o de longe, nada melhor que Walter Benjamin. Ele faz uma descrição sobre a importância desse personagem portador de uma longa bagagem, que foi adquirindo não só com “a própria experiência, mas em grande parte com a experiência alheia” (ibidem, p. 221). Isto o torna detentor de uma sabedoria única, produzida de forma artesanal por meio de sua comunicação.

²¹⁰ Cf. BOSI, 2015, p. 415.

Nesse sentido, Benjamin (op. cit.) destaca como é preciosa e importante a capacidade do narrador de conseguir traçar e traduzir com precisão as suas reminiscências, o seu mundo a diferentes ouvintes. Assim, a arte de narrar é a capacidade de reunir pessoas prontas a ouvir e a compartilhar histórias, contos ou anedotas, como as que são comunicadas pelo barbeiro, que tende a se tornar um excelente transmissor de fragmentos do passado, os quais são reconstruídos com a ajuda do grupo “(...) que tiveram essas lembranças em comum”²¹¹.

Assim, a experiência existente não é só do indivíduo, precisa ser partilhada com a coletividade, visto que ela funciona e serve a muitos. É sabido que o publicizado tende a ganhar novos narradores, assim vão se perpetuando as tradições orais. “Não se percebem devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado” (BENJAMIN, 1994, p. 210).

O conteúdo narrado, dependendo de quem conta, é infinito, porque ele está relacionado ao mundo de sua experiência, esta pode ser repleta de curiosidades e aventuras incomensuráveis. A narrativa também pode estar relacionada ao que se ouviu. Aí mais uma vez o que prevalece é o que o comunicador tem acumulado em suas lembranças. Quantos relatos ele já ouviu? Quais ainda não foram comunicados? Não só por falta de ouvintes, mas porque as experiências devem ser ditas no momento oportuno, elas são fontes de sabedoria e servem para auxiliar na vivência de outros.

Portanto, uma experiência compartilhada pode ajudar alguém a viver melhor, porque o narrador é alguém que “sabe dar conselhos” (op. cit., p. 221). Por isso que às vezes ele é procurado por quem está aflito, a ponto de tomar uma decisão e precisa de uma direção, uma luz que dissipe as trevas que surgem no seu caminhar. Assim, recorre a quem viveu e tem muita experiência para anunciar.

O narrador faz isso com facilidade, sempre dotado de fascínio no falar, que auxilia na memorização do que está sendo contado. “Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se guardará na memória do ouvinte” (ibidem, p. 204). Ele é um homem simples, geralmente está envolvido em atividade de caráter artesanal, uma vez que o ritmo de trabalho por aqui é bem mais lento. Desse modo, sobra tempo para contar e ouvir boas histórias.

“O padrão de trabalho sempre alternava momentos de atividade interna e de ociosidade quando os homens detinham o controle de sua produtividade”²¹². Logo, os trabalhadores que dominam todo o processo de sua produção são também bons narradores anônimos, divi-

²¹¹ Cf. HALBWACHS, 2006, p. 31.

²¹² Cf. THOMPSON, 1998, p. 282.

dem o seu tempo entre a atividade laboriosa e a arte de comunicar, que também é uma atividade operosa. Essa, “num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação (...). O próprio Leskou considerava essa arte artesanal – a narrativa – como um ofício manual” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Por outro lado, Walter Benjamin observa que cada vez mais vem se extinguindo a arte de narrar, as experiências coletivas não estão mais sendo compartilhadas. O que tem provocado esse vertiginoso declínio? Este é um fenômeno que surge com a consolidação do mundo moderno ou da burguesia, que tornou essa prática obsoleta. “(...) O homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação de lugar é superficial”²¹³.

Poucas são as pessoas que se reúnem para ouvir a experiência do outro, esta prática está caindo em desuso. O que tem prevalecido é o instantâneo, o emergencial, o efêmero, tudo o que o homem quer saber deve ser conciso. Assim, o que predomina é a chamada informação ou o condensamento da narrativa. “O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado. Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa” (ibidem, p. 206). O resultado é que cada vez mais é notória a ausência do narrador. Ele já não consegue juntar ouvintes, suas histórias não atraem como antes, o que há é um ser isolado, os seus conselhos não encantam/despertam interesse. Ele é ignorado.

“(...) A arte de narrar está em vias de extinção” (op. cit., p. 197). Isto revela a incapacidade do ser humano em trocar experiências, em conhecer o mundo do outro, que às vezes é o seu próprio. Os conselhos são raros e essa prática parece arcaica. O problema só tem aumentado, chegando ao ponto da impossibilidade ou rejeição da comunicação, cada vez mais se vive solitário, o que se pode traduzir como o fim da narrativa.

“Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (ibidem, p. 115). “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?” (op. cit., p. 114). Questionamento como este nos leva a compreender que vivemos uma clara escassez de relatores. São raros e poucos os bons narradores, que, assim como os velhos barbeiros, conseguem comunicar suas experiências, juntar poucos e antigos clientes para ouvirem suas histórias e receber seus conselhos.

Assim, percebemos que a barbearia funciona como um local de resistência frente à lógica capitalista da produção. Como acontecia com os agricultores e a administração do tempo analisado por Thompson, (1998, p. 286), no salão “(...) os homens trabalham quando lhes

²¹³ Cf. TUAN, 2013, p. 204.

apraz, e por isso podem vadiar”. Dessa forma, velhos costumes são preservados, como o de passar horas e mais horas ouvindo boas histórias contadas pelo barbeiro, que faz do seu local de trabalho um espaço de convivência social e de sobrevivência.

A barbearia de Seu Genival é um desses espaços, em que os homens se reuniam para cortar cabelo, desperdiçar tempo, prostrar, expor seus problemas e ouvir a opinião do barbeiro que está sempre pronto a atendê-los.

Desde épocas passadas, os barbeiros saíam pelas províncias oferecendo seus serviços, inclusive, como já anunciado, até práticas de cura.²¹⁴ Por viajarem tanto, provavelmente estes profissionais acabaram tornando-se bons narradores, conselheiros e pessoas sociáveis. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe” (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Possivelmente, a experiência acumulada pelo barbeiro em sua trajetória de vida justifique a tendência da barbearia servir de abrigo a diversos homens que frequentavam esse espaço, na maioria das vezes, para jogar conversa fora e manter um vínculo de amizade com o barbeiro. Pois é inegável no estabelecimento a forte relação social mantida entre ele e seus clientes, que se reuniam para discutir sobre os mais diversos temas, questões envolvendo o cotidiano e outros assuntos mais mordazes. “(...) Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafatos” (TUAN, 2013, p. 152).

Nesse sentido, aos poucos ia aumentando a confiança entre o barbeiro e o seu cliente, a ponto deste deixar de ser apenas um simples frequentador da barbearia para tornar-se um amigo, alguém íntimo, que contava, ouvia e compartilhava confidências. De forma prazerosa, essa interação cada vez mais se alargava, com conversas agradáveis, ocasiões de alegria, risos e poucas vezes momentos de tensão e desentendimento. “Portanto os amigos são realmente um grande bem. Passar os dias com eles é algo muito prazeroso” (PICHLER, 2004, p. 200).

A comunicação fluía com uma grande intensidade, sendo orquestrada por gestos de companheirismo que se solidificava com o passar dos anos. Esse sentimento celebrado entre pessoas que compartilham dos mesmos interesses é expresso por simples atos de afinidade, partilhado por indivíduos que tentam preservar os laços que os unem.

Os vínculos estabelecidos por Seu Genival na barbearia trazem as marcas de amizades que nasceram da boa convivência, e que não se firmavam no interesse pessoal ou material. Mas era algo que brotava da admiração de um pelo outro, das qualidades pessoais que torna-

²¹⁴ SANTOS FILHO, L. C. **História da Medicina Brasileira**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo São Paulo, 1991.

vam o convívio confortável, a ponto de o cliente sentir saudades do lugar, do companheiro, das confissões, dos momentos em que um procurava compreender o outro e ambos tentavam encontrar um rumo para enfrentar as dificuldades surgidas no transcorrer da vida.

Cada dia mais se multiplicavam os gestos de consideração e respeito, até que a amizade ultrapassa o espaço da barbearia e ambos passam a sair juntos para assistir a uma partida de futebol ou coisa do tipo. “Assim, os amigos compartilham sua amizade, reunindo-se para beber juntos, jogar dados, praticar atletismo, caçar” (PICHLER, 2004, p. 200). Portanto, o certo é que precisando ou não, os clientes de Seu Genival sabiam que poderiam contar com alguém para se divertir ou que fosse capaz de ouvi-los, aconselhá-los, apoiá-los, reprová-los nas mais variadas atitudes, e ainda fazer barba, cabelo e bigode.

Sempre que um velho amigo precisava de sua ajuda, ele estava por ali, pronto para atendê-lo ou aconselhá-lo, e assim foi fazendo muitos amigos. “Fiz muitos amigos na barbearia, muitos morreram, conheci muita gente boa, importante”²¹⁵. Ele admite que sente saudade de muitos, declara que eram boas as conversas que estabelecia com os mais variados tipos de pessoas; tinha uns mais simples, outros mais ricos, outros intelectuais, políticos, etc. Porém, mesmo não se considerando tão sociável, por ser um pouco tímido, dentro do possível procurava estabelecer uma relação amistosa com todos os frequentadores de sua barbearia, o que tornava a convivência bem mais agradável.

“Duas são as razões apresentadas por Aristóteles para justificar a abordagem da amizade: ela é uma virtude e extremamente necessária à vida” (ibidem, p. 193). Assim, a amizade é algo benéfico ao indivíduo, pois ela torna os dias mais suaves, com gestos, palavras e atitudes. Anima quem está triste, contribui para o fortalecimento do fraco, o faz erguer a cabeça, e, por colorir o mundo do outro, torna o universo mais feliz. “Tem gente que vem para o salão, não vem nem cortar o cabelo, vem conversar por amizade e tal”²¹⁶.

Um bom amigo pode tornar um dia mais alegre, agradável, esperançoso, faz-nos esquecer de momentos tristes. Pessoas amigas auxiliam na tomada de decisões, oferecem-nos o ombro para chorar. Assim, quem tem um ou muitos amigos geralmente partilha os problemas com outro, que faz questão de poder ajudar. E isso é importante para que se compreenda e entenda que na vida “ninguém é feliz sozinho”²¹⁷.

A boa amizade deve ser despreziosa, desinteressada, destituída da barganha, ganância, presunção ou da ambição. A verdadeira amizade revela-se na liberdade, na espontaneida-

²¹⁵ Entrevista concedida em 18 de junho de 2016.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Cf. PICHLER, 2004, p. 193.

de, na modéstia, na gratuidade, na grandeza de reconhecer o valor do outro, aceitá-lo como ele é, entender que, assim como nós, ele também merece e precisa ser perdoado, compreendido, consolado, enfim, ser ouvido, aceito, tolerado, pois só dessa forma seremos capazes de construir cordialidades.

Amizade verdadeira só é possível entre amigos que privilegiam a reciprocidade e a lealdade, enfim, entre os amigos bons, em que a consciência tem fim em si mesma (fazer o bem) e não como meio para alcançar riquezas e honras. (PICHLER, 2004, p. 194).

No intuito de aprofundar ainda mais o conceito de amizade, procuramos compreender o pensamento aristotélico, em que são abordados três espécies de amizade: a amizade na utilidade, a amizade no prazer e a amizade perfeita. A última deve ser a mais desejada, pois “a amizade que se baseia no caráter das pessoas, como já dissemos, é duradoura, porque nesse caso as pessoas se amam pelo que são”.²¹⁸ Cada um nessa relação deve desejar o bem do outro, independente de circunstâncias ou vantagens, o importante é a felicidade do próximo, o seu bem estar, e não o que ele tem a oferecer, só assim será possível eternizar a amizade.

Se o prazer e a utilidade são os objetivos da amizade, esta se desfaz quando os dois não obtêm as coisas que constituíam os motivos de seu amor, nenhum deles amava o outro por si mesmo, mas apenas as suas qualidades, e estas não eram duradouras, é por isso que essas amizades são também transitórias. (ARISTÓTELES, 2005, p. 195).

Portanto, talvez seja esse o forte traço que sustenta a amizade de Seu Genival com seus clientes, não há um jogo de interesses implícito nessa relação, até mesmo porque ambos não têm muito a oferecer, a não ser gestos de companheirismo, solidariedade e reciprocidade. A bondade é o alto relevo dessa afinidade, um sentimento nobilizante. “Esta é uma amizade que perdura, visto que a bondade é algo perdurável. E, além de concentrar em si a bondade, ela também concentra a utilidade e o prazer numa dimensão muito mais dinâmica” (PAULA, 2015, p. 38).

²¹⁸ ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução: Pietro Nassetti. 4. ed. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2001, p. 195.

Dessa forma, aos poucos vão amontoando-se os bons e velhos amigos que veem no barbeiro mais do que um profissional, uma espécie de confidente a quem são confiados os mais discretos dos segredos, os tenebrosos dos adultérios, das infâmias, das ordens e desordens que só se confessa a um grande companheiro.

Portanto, como fazia para dar atenção simultaneamente aos amigos e clientes? Como seria a jornada de trabalho desse profissional? A descrição de seu Genival sobre sua rotina de trabalho lembra um ritual diário. “Sempre eu cheguei cedo, às seis horas, abro as portas do estabelecimento, faço a limpeza interna...”²¹⁹.

Em um desses dias resolvemos acompanhar como se dava esse processo e verificamos os muitos detalhes que envolvem sua rotina de trabalho. Após abrir o estabelecimento, nosso depoente começa a arrumar os instrumentos necessários ao desempenho de suas atividades: verifica se tudo está em seu lugar; se o álcool e a pedra hume são suficientes, como também o leite de rosa e o talco; passa um pano ligeiramente úmido nos espelhos; verifica se a cadeira está bem ajustada, se não há fios de cabelo nela, ainda do dia anterior; em seguida, testa a tesoura, para ver se ela está bem afiada; antes amolava a navalha, agora coloca as lâminas no estojo; posteriormente, examina se as máquinas, não mais as mecânicas, estão em bom funcionamento, a que não estiver será lubrificada.

Depois de tudo isso, veste a bata branca, retoca o cabelo, apara o bigode, passa um pouco de álcool nas mãos e no rosto, arruma os jornais e as revistas, averigua se tem água no reservatório para os clientes. Em seguida, limpa os assentos das cadeiras destinadas aos frequentadores do espaço, acende as lâmpadas acima do espelho central e em sua lateral. Por último, limpa os pentes e escovas que serão utilizadas no decorrer do dia, lava o recipiente que recebe a espuma de barbear juntamente com o pincel e separa algumas toalhas.

Ainda procura ligar e sintonizar um velho rádio para manter-se informado sobre as principais notícias do dia e ter o que comentar com os clientes, os quais estão prestes a chegar. “Esse ramo é uma coisa incerta, tem hora que tem três ou quatro fregueses, já tem dia que uma manhã toda só corta um cabelo”²²⁰. Mesmo assim, desde 1968, sempre estive entusiasmado para iniciar as atividades e ter um dia de bons rendimentos.

Quando menos se espera, aproxima-se um cliente, mas nem precisa perguntar se vai cortar o cabelo, pois é um daqueles que costumam vir ao salão apenas para bater papo. Com a intenção de fazer lembrar sua assiduidade ao recinto, já entra dizendo: “(...) cheguei para assinar o ponto”. Logo puxa uma das cadeiras e começa a prostrar, essa conversa é bem estendi-

²¹⁹ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

²²⁰ Idem.

da, parece não ter hora para terminar. Em poucos instantes, a cena volta a se repetir, aproxima-se outro com o mesmo propósito, de maneira que aos poucos a barbearia apresentava um bom número de homens para cortar cabelo, fazer a barba ou matar o tempo.

P. Em sua barbearia sempre deu muito contador de história, gente que vinha só para passar o tempo ou conversar com o senhor?
 SG. Toda vida teve isso aí e ainda hoje tem (...) e o barbeiro está ali cortando cabelo só escutando, rindo, palestrando e o tempo passando.²²¹

Assim sendo, no decorrer dos anos, foram muitos os que fizeram parte do cenário da barbearia. Ela abrigou diversos personagens, e o barbeiro exercia outros papéis que ultrapassavam os limites de sua especialidade. Ele transazia-se em uma espécie de psicólogo, um terapeuta que escutava e emitia seu parecer, um típico conselheiro que dizia, a partir de sua vivência, como o indivíduo, principalmente se fosse mais jovem, deveria comportar-se. “Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens” (BENJAMIN, 1994, p. 114).

Era a experiência que o credenciava. Seu Genival dava conselhos a partir do que vivenciara, e isso o tornava um referencial de sabedoria, de bom conselheiro. Os assuntos comentados eram os mais diversos, porém os de maior repercussão estavam entre os relacionados ao emocional. Alguns homens saíam de casa com conflitos e chegavam ao salão procurando dividir o problema com o barbeiro. As questões iam desde a convivência com os filhos até a suspeita de traição. O curioso é que, para cada caso apresentado, nosso colaborador parecia ter uma solução sempre amistosa, e o indivíduo saía dali mais calmo, com a cabeça no lugar e achando que o problema poderia ser solucionado.

P. Seu Genival, então o senhor já livrou muita gente de situação difícil?
 SG. Eu aconselhava, por ser cliente meu. Aí eles falavam: Genival, está acontecendo isso comigo, e tal. (...) Bem, cara com a cabeça fora do lugar, eu acho que tentava dentro do possível. Bem, de tentar ajudar eu sempre tentei. Tenho o coração de tentar ajudar, não sei se deu certo. Mas tentar a gente tenta.²²²

²²¹ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

²²² Idem.

Assim, diante dos problemas expostos por alguns homens que frequentavam o salão, na medida do possível, eram aconselhados. Nisto se percebe o empenho do nosso depoente em auxiliar os clientes a viverem melhor e em harmonia com os seus familiares. “Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Portanto, a barbearia torna-se um lugar de confissões, em que os homens comparecem a este espaço não só com o propósito de cortar o cabelo, barba e bigode, mas também de confidenciar suas culpas e lamúrias. Alguns, inclusive, reconhecem que estão errados, mas não admitem para não dar razão à mulher e perder sua dominação na “unidade doméstica”²²³. Dessa forma, é na cadeira do antigo barbeiro que as boas e más conversações são anunciadas e declaradas por quem atentamente aguarda as sugestões do velho profissional do cabelo.

Aqui e acolá, aparecia um que dizia: Genival, tá acontecendo isso... Aí dentro das minhas alças eu dava conselho. Tinha cara que era estragado, tinha o que não fazia nada, e tal, e não trabalhava bem e tal, essa coisa. Sempre vem algum com problema e eu tento ajudar. Bom, tentar ajudar eu sempre tentei, mas a gente não sabe o que ele ia fazer quando ele saía do salão.

Dentre essas histórias, se recorda dos momentos difíceis passados por um dos seus clientes e amigo. Segundo nosso depoente, tratava-se: “de um caso famoso na cidade de Campina Grande”²²⁴. Emocionado, começa a revelar que o então deputado federal Raimundo Asfora comunicou-lhe que estava passando por um momento difícil em seu matrimônio e não sabia mais o que fazer, “estava vendo a hora perder a cabeça”.²²⁵

Veja bem, Asfora era um bom advogado, um homem bem estruturado, quando ele chegava aqui para cortar o cabelo, pegava logo uma revista ou um livro e começava a ler. Era um intelectual, um homem bom, um amigo. Pois bem, mas um dia, ele chegou aqui, antes de morrer. Tava muito agoniado e disse: “Leva dois minutos para cortar o cabelo, Genival? Eu estou muito aperreado”. Eu disse: O que tá acontecendo, doutor? Ele me disse o que se passava, me confessou tudo. Aí eu disse: É, doutor, paciência. “Até logo, Genival!”. Foi a última vez que eu cortei o cabelo dele. Ele era um homem

²²³ Cf. BOURDIEU, 2002, p. 5.

²²⁴ Idem.

²²⁵ Idem.

muito bom, muito querido do povão. Já faz uns 29 anos que ele morreu. Ele era mais velho do que eu.²²⁶

Dessa forma, fica evidente que o espaço da barbearia não só proporciona recursos financeiros, lá também é um local de fazer amigos, de confidências e de encontro de homens de distintos níveis sociais. Este é um ambiente democrático em que os frequentadores estão em busca dos serviços do barbeiro e algumas vezes de sua orientação.

Provavelmente, a atuação do barbeiro, a qual vai além do que seu ofício lhe determina, contribua ainda mais para estreitar laços de amizade entre ele e seus clientes, que o observam como um bom ouvinte e conselheiro. Pois ele é alguém que sabe aconselhar (BENJAMIN, 1994).

“Muitos lugares altamente significativos para certos indivíduos e grupos têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente” (TUAN, 2013, p. 180). Talvez este fato justifique a frequência de um público seletivo e fiel à obsoleta barbearia, a qual há décadas vem abrigando gerações. Assim, os filhos dos filhos têm a “cabeça feita” por um mesmo barbeiro, que acaba acumulando confissões e aumentando ainda mais o seu leque de amizade e boas recordações²²⁷.

A amizade é um comportamento dirigido para o outro. É um momento essencial da vida feliz e implica reconhecimento, bondade e reciprocidade. Assim, atinge-se a expansão social do eu. Ela é um valor ou um *telos* que nos conduz a *eudaimonia*, à felicidade como experiência e vivência da plenitude humana, mediada com amigos bons e vida contemplativa. (PICHLER, 2004, p. 201).

²²⁶ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

²²⁷ “Como disse Pascal, ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscência” (BENJAMIN, 1994, p. 212).

CAPÍTULO 3

DA ENXADA À TESOURA: UMA TRAJETÓRIA DE TRABALHO MANUAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

3.1 Cada um procura seu destino: cheguei a Campina Grande em 1980 e não saí mais

“(...) Se a propriedade fosse bem distribuída, bastaria pouco trabalho para suprir as necessidades e os confortos da vida”.

Paul Thompson

A história de Seu Josias assemelha-se, confunde-se, às dos demais barbeiros apresentados. Natural da zona rural da cidade de Cacimba de Dentro – PB, ele viveu e teve sua infância marcada pelo trabalho agrícola. Essa atividade o acompanhava desde as primeiras horas do dia ao anoitecer; a diversão era mesmo a labuta diária necessária à vivência. Era uma prática normal não só sua, mas também dos demais parentes, os quais, desde a idade tenra, deveriam auxiliar os pais nas tarefas campestres. As atribuições eram muitas, para tudo se necessitava da pequena mão de obra, a qual, mal começa a descobrir os primeiros encantos da vida, já tinha a sua frente uma responsabilidade a cumprir.

Nessa empreitada não se tinha do que reclamar; a ida à roça era mais que uma obrigação, era uma necessidade imposta pelas circunstâncias nas quais viviam, pois só tinham o suor do rosto como meio de garantia de subsistência. O cultivo da terra era o de que se dispunha para adquirir o alimento responsável pela manutenção familiar. Assim, a narrativa de nosso entrevistado “ (...) traduz-se, enfim, pelo tempo do trabalho” (BOSI, 2015, P. 15).

Minha infância não foi boa, foi na agricultura, foi muito ruim, foi difícil, era na agricultura e tinha que viver daquilo. Não tinha outro meio de vida, naquele tempo não tinha ajuda do governo. Quando terminava o inverno, digamos assim, nessa época, colhia alguma coisa. Se desse para juntar bem, se não desse, esperar para o ano. (...) É o seguinte: naquela época a gente trabalhava, mas não tinha como brincar, a brincadeira que tinha era na terra quen-

te, naquele tempo era brincadeira de pés descalços e terra quente. A gente via os passarinhos, mas não tinha gaiola para botar. Era bom, porque viviam no campo mesmo. A vida era muito difícil. A alimentação era uma das coisas mais difíceis, porque, como eu lhe falei, só no inverno. Dependia da plantação. Se desse para guardar para comer o ano, tudo bem. Se não desse, não tinha outro. A infância foi bem sofrida. Se botasse feijão no silo para o ano, tudo bem. Se não, já era. Ai cultivar o agave, que é o sisal, mas para nós é o agave. Trabalhava no agave até... O agave era bom, porque a gente começava com duas roupas terminava sem nenhuma, porque rasgava mesmo, fura todinha dentro do mato. A gente no agave, para tomar a bênção à mãe e ao pai, não podia abrir os dedos. A questão do agave não era porque quisesse, era obrigação.²²⁸

A situação não era fácil. Se não bastassem as dificuldades enfrentadas pela falta de trabalho, os pais de Seu Josias faziam de tudo para conseguir alimentar os filhos. “Mãe teve quinze filhos. Ainda hoje tenho dez irmãos. Cinco já foram embora, mas tem dez ainda vivo. Criou-se tudo naquele molho ali”²²⁹.

No período em que Seu Josias nasceu, 1952, “era normal ter muitos filhos”²³⁰. Nessa fala, podemos constatar que a memória individual revela costumes de uma sociedade, ou simplesmente, como mostra Halbwachs (2006), traços de uma memória individual são revelados a partir da coletiva.

Mas, a questão é compreender por que as pessoas, mesmo diante de volumosas dificuldades, tinham tantos filhos? Que explicações justificam o alto índice de natalidade? Por que, nas últimas décadas do século XX, os casais diminuíram o número de filhos?

Primeiro, deve-se ressaltar que os pais de Seu Josias e as pessoas de sua geração viviam em um tempo que não tinha contraceptivos, não existia um programa de controle ou planejamento familiar. Então, nas relações conjugais, não havia uma preocupação em prevenir as gestações seguidas. Assim, o nascimento de filhos era uma sequência.

A própria moral cristã era responsável pela alta taxa de natalidade, uma vez que era ensinado nos púlpitos da Igreja católica que o sexo deveria ser usado apenas para procriação. Só após o surgimento no mercado da pílula contraceptiva, isso na década de 1960, é que algumas mulheres começam a burlar o princípio cristão e a ver a sexualidade também como fonte de prazer²³¹.

²²⁸ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²²⁹ Idem.

²³⁰ Idem.

²³¹ CF. DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. *Estud. Pesqui. Psicol.*, v. 10, n. 3, Rio de Janeiro, dez. 2010.

A mudança nesse descontrolado de natalidade pode estar relacionada também a outro fator: a urbanização, a qual impede que todos os membros da família cultivem ou produzam sua alimentação, como era na casa de Seu Josias em que ele auxiliava na atividade agrícola.

Desse modo, antes ficava difícil a um pai, que na cultura patriarcal (SILVA, 1999) era visto como provedor, ter que alimentar, vestir, e educar uma leva de filhos. Essa missão era quase impossível. Por isso que muitas crianças e adolescentes eram obrigados a trabalhar para gerar seu próprio alimento e contribuir para a renda familiar.

Eu fui trabalhar alugado numa fazenda, por causa da comida. Obriguei mesmo o patrão me dar um serviço. Ele disse: Você não tem condição. Eu falei: Tenho. Fui quase que na marra mesmo, porque ele não queria dar de jeito nenhum. Aí ele me deu, me deixou no serviço até quando eu quis. Quando não quis mais, saí, mas foram muitos anos.²³²

Embora essa prática não seja mais possível, uma vez que o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA²³³, proíba veementemente a mão de obra infanto-juvenil, quer seja no lar, na roça ou na rua, Seu Josias sente falta desses tempos em que “O cabra era criado no trabalho. Eu não sei nem o que foi adolescência, porque hoje que eu ouvi falar de criança, adolescente e não sei o que mais lá”²³⁴. Os costumes são outros, agora os casais primeiro buscam uma independência financeira para depois gerar filhos, isso para não sacrificá-los no trabalho.

Kassouf (2007)²³⁵, ao analisar a questão econômica a partir de uma perspectiva do trabalho infantil, aborda as causas e consequências do trabalho de crianças. Nesse estudo, a pobreza, a baixa escolaridade dos pais, o tamanho da família e o local de residência são fatores determinantes a esta prática, que ocupa o tempo da criança com atividades próprias de adultos.

Ela ainda observa que, mesmo não tendo iniciado durante a Revolução Industrial, alguns historiadores defendem que a mão de obra infantil foi largamente utilizada nesse período. Assim como na Inglaterra, outros países similarmente registraram a participação de crian-

²³² Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²³³ BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. (Série Legislação).

²³⁴ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²³⁵ Ver KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre o trabalho infantil? **Nova econ.**, v. 17, n. 2, Belo Horizonte, maio/ago. 2007.

ças em diferentes atividades, a exemplo da França, Bélgica e Estados Unidos. A autora também indica algumas causas apontadas por Marx para a utilização do trabalho infantil.

Marx, em 1867, já descrevia algumas das causas do trabalho infantil. Segundo ele, com o advento das máquinas, reduz-se a necessidade da força muscular, permitindo agora o emprego de trabalhadores fracos ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros mais flexíveis. Assim, emprega-se o trabalho das mulheres e das crianças. Marx observa que o fato de a máquina reduzir o tempo necessário de trabalho, faz com que o empregador, detendo os meios de produção, acabe reduzindo o salário dos trabalhadores e, conseqüentemente, o meio de sobrevivência das famílias. A redução dos salários acaba, muitas vezes, forçando o trabalhador homem adulto a inserir toda a família no mercado de trabalho para compensar a perda de renda. (KASSOUF, 2007, p. 3).

Aqui no Brasil, os dados sobre trabalho infantil são da época da escravidão. Durante quase quatro séculos, nossas crianças foram exploradas em diferentes formas de afazeres e elas não eram recompensadas pelas atividades que desenvolviam e as tarefas “exigiam esforços muito superiores às suas possibilidades físicas” (KASSOUF, 2007, p. 3).

Lustice *et. al* (2012)²³⁶, além de discutirem os diferentes conceitos sobre infância e criança, também discorrem sobre a maneira como os menores eram inseridos no universo produtivo. São muitas as concepções internas sobre introdução da criança no mundo do trabalho e como a participação dos pequeninos nesse meio vem diminuindo ao longo dos séculos.

Nessa perspectiva, Seu Josias não consegue compreender por que tem tanta criança sem trabalhar. Mesmo vivendo em outra época, ele não concorda com esta concepção; para ele, a infância deve ser marcada pela responsabilidade.

Para mim, o maior erro do mundo foi os poderes tirar os meninos do trabalho e jogar na droga. Para mim o maior erro que houve foi esse, liberar do trabalho até os dezoito anos pra eles ficar nas drogas, nas ruas, nas cadeias, no cemitério, o que não ocorreria se eles tivessem uma ocupação, como eu me criei e os meus irmãos se criaram, não tinha chegado a isso não.²³⁷

²³⁶ LUSTIG, A. L.; CARLOS, R. B.; MENDES, R. P.; OLIVEIRA, M. I. 2012. **Criança e infância:** Contexto histórico social. Disponível em: <<http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR18.1.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

²³⁷ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

Essas afirmações revelam que a forma como nosso entrevistado foi educado não está adequada, por exemplo, à maneira como seus filhos instruem seus netos. Ele tem dificuldades em entender que para as crianças são reservadas outras atividades, como estudar, brincar, etc. Também não percebe que criar os filhos desde os primeiros anos no trabalho e para o trabalho estará contribuindo para um círculo vicioso e perpetuando a desigualdade social da qual ele próprio foi vítima, pois vivia em situação de desvantagem por não ter dado sequência aos seus estudos em tempo hábil²³⁸.

Assim, diante da responsabilidade assumida, indiretamente a infância de muitos contemporâneos de nosso entrevistado acabava sendo podada. Para Navarro (2009), a falta de tempo livre implica no baixo desenvolvimento cognitivo, impedindo a capacidade e competências, pois é a partir da brincadeira e do lazer que a criança encontra meios capazes de facilitar a aprendizagem. Mas, para isso ocorrer, é necessário tempo ocioso e, nesse caso, Seu Josias nos conta que quase não tinha. Raramente sobravam algumas horas para brincar, em primeiro lugar “estava a obrigação”²³⁹.

As próprias circunstâncias lhe retiraram o direito de dedicar-se plenamente aos seus estudos, pois o tempo era remido, dividido entre a escola e a labuta. Desse modo, “(...) formaram-se novos hábitos de trabalho e impôs-se uma nova disciplina de tempo” (THOMPSON, 2015, p. 297). Contudo, ele declara que essa oportunidade não tirou dos filhos, todos eles foram livres para estudar.

Os meus filhos só não estudaram quando eles não quiseram mesmo. Eu não pude dar escola particular para eles, mas pública eles tiveram toda liberdade. Nunca tirei um filho da escola para nada no mundo, nem para me ajudar. Agora quando não quer mais estudar, ninguém obriga. O primeiro que parou de estudar foi o mais velho. Quando um chegava e dizia: Papai, eu não quero mais estudar. Eu dizia: Então, vamos trabalhar. Só tem dois caminhos na vida. Você não quer estudar mais? Quero não. Eu não posso lhe obrigar, mas daí em diante você não pode viver sem trabalhar.²⁴⁰

²³⁸ O Brasil é ainda um país endividado com sua população. Nossa cidadania educacional está longe de ser um exemplo. Convivemos com milhões de crianças fora da escola ou presentes na escola, mas fora da idade apropriada. Avançamos muito nesse campo, mas enquanto houver uma criança sem escola ou fora da idade adequada, o *direito de todos e o dever do Estado* não terão se consubstanciado. Temos milhões de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de entrar na escola ou dela tiveram que se evadir mais cedo, por condições de sobrevivência ou por repetência. A educação infantil e o ensino médio ainda são privilégio. (CURY, 2000, p. 569).

²³⁹ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁴⁰ Idem.

Nesse trecho também podemos identificar o tamanho da responsabilidade dos pais que tinham que educar os seus filhos dentro de uma lógica burguesa, Silva (1999). Para que existisse uma sociedade formada por indivíduos comportados, submissos e capazes de contribuir com o bom desenvolvimento da sociedade capitalista, a autoridade do chefe de família deveria ser imposta. Seu Josias afirma que os filhos de sua época eram obedientes em tudo aos pais. Ninguém ousava desobedecê-los. Para ele os seus filhos são muito liberais com os seus netos, isso mostra que muitos tabus foram quebrados. A educação dada talvez não fora a recebida, a qual era marcada por severos castigos, olhares vigilantes e reprovadores de pais, avós e tios.

A redoma de pudores na qual nosso entrevistado foi criado não se sustenta mais, o que se celebra é um grito de liberdade, o qual evita possibilidades de retrocesso. Contudo, não quer dizer que liberdade seja sinônimo de libertinagem ou de irresponsabilidade, pois o princípio ético precisa ser mantido. Para Aristóteles (2008), a ética deve ser preservada entre os homens, ela é a grande responsável pela harmonização dos indivíduos em sociedade.

Se a ética não é aprendida no lar, a tendência é que seja imposta uma falsa moral, visto que educar filhos acaba tornando-se uma tarefa compartilhada entre pais e poder público. Nessa correlação, há um mosaico constituído por delegação, liderança, ordenamento, punição e castigo. Diante de tal analogia, surgem os confrontos entre filhos e a autoridade domiciliar, alunos e professores, que são “agentes da reprodução da ordem social dominante” (CATANI, 2000, P. 585).

A escola primária, nos grandes centros, revelava não só os problemas urbanos decorrentes das políticas de habitação, saneamento, trabalho, mas também a tensão constitutiva entre poder público e privado, que está no próprio movimento de formação do Estado e da extensão do seu papel e dos serviços que ele presta.

É no espaço das cidades, com diferentes ritmos e intensidade, que as escolas deixam de configurar-se como extensão do campo familiar, privado e religioso e, gradativamente, vão integrando uma rede escolar desenhada pelos governos municipais. Essa rede substituiu as escolas isoladas e definiu os limites do poder, às vezes abusivo, de diretores e inspetores escolares. Essa mudança exigiu a intervenção não só nos aspectos materiais da escola, o que envolveu a produção de um novo espaço com prédios e material didático pertinente aos novos objetivos educacionais, mas também em seus aspectos simbólicos, pois almejava-se da escola primária mais do que novas carteiras, quadros ou salas. Pretendia-se construir nela um *estado de espírito moderno*. (NUNES, 2000, p. 374).

A coletividade é marcada por costumes, hábitos que são validados e controlados por diferentes instrumentos, comandados por ardilosos intelectuais que estão a serviço do Estado, Gramsci (1978). Tudo isto com um propósito claro e definido: manter um lar “saudável”, harmonioso e uma futura sociedade moderna, adestrada, inclinada ao disciplinamento e ao silenciar diante de questões de injustiças e desigualdades sociais tão expressas no cenário urbano.

Por ter recebido esse tipo de formação, Seu Josias não compreende por que tantos pais não têm “moral para os filhos”²⁴¹. Que sociedade está sendo formada? Talvez esse questionamento nos leve a entender que a geração dele foi educada achando correto que alguns homens subjuguem outros, isso a partir do uso da força ou de regras repressoras e olhares vigilantes. “Meu pai era meio tranquilo, não era muito linha dura, até porque naquela época os filhos respeitavam mais os pais. Eu mesmo nunca bati nos meus filhos, só bastava olhar para eles. Pra mim, todos os filhos deveriam ser criados embaixo de ordem e no trabalho”²⁴².

Como a labuta sempre o acompanhou, em 1969, quase no fim de sua adolescência, quando estava com dezessete anos, viajou para o Rio de Janeiro. Lá a vida não era muito diferente; continuou lidando com o pesado, não tinha muito tempo para diversão ou outros afazeres que não fossem o trabalho. “Não tinha outro jeito. Tinha que se conformar. Eu fui completar dezoito anos no Rio, pesava 54 kg e fui pegar um saco de cimento de 50 Kg”²⁴³.

Mesmo estando distante, jamais esqueceu os parentes que deixara no interior da Paraíba, nunca se privou de mandar algum para casa, pois sabia que a situação por lá não era nada boa. Assim, não hesitava em enviar boa parte do seu salário a sua mãe, que precisava de recursos financeiros para poder dar assistência aos demais filhos, que como ele trabalhavam duramente e, com o que ganhava, mal dava para alimentar-se.

Foram estes e outros pontos que inviabilizaram nosso colaborador de manter uma poupança. Dessa forma, quando retornou a sua terra, os seus recursos não eram suficientes para adquirir uma casa própria, pois muito de sua reserva financeira fora investida na família. Ele fala sobre isso emocionado e diz que, mesmo não tendo conseguido juntar nada na “Cidade Maravilhosa”, era satisfeito porque o pouco que ganhou pôde ajudar seus pais. Assim, tinha grande alegria em saber que estava contribuindo para a renda deles.

Embora vivendo em uma sociedade capitalista, onde o ter se sobrepõe ao ser, Seu Josias parece desprovido do apego ao bem material, pois no momento em que deixou de fazer

²⁴¹ Trecho da entrevista concedida em 02 de agosto de 2016.

²⁴² Idem.

²⁴³ Idem.

uma poupança e resolveu ajudar os pais, estava negando as fortes apelações do sistema capitalista que diariamente invoca os indivíduos ao consumo e aquisição de bens (ADORNO, 2000). Ainda que estivesse inserido na cultura consumista, na qual o ser atual é ser descartável, nosso colaborador, quando negava aos estilos da vida dita moderna, parecia viver em outra dimensão.

Nisto se constata que seus valores transpassavam a esfera da materialidade, principalmente no instante em que se colocava no lugar dos seus familiares, que necessitavam de sua ajuda e ele de maneira piedosa resolvia dividir o pouco que ganhava com os que, com muito esforço, o trouxeram à existência. Afinal, nosso colaborador sentiu a “experiência do corpo pela fome” (BENJAMIN, 1994, p. 115). Assim, fala emocionado que essa era uma forma de gratidão, o seu prazer estava em receber seu salário e mandar para os pais.

Porque é o seguinte: eu fui trabalhar. Naquele tempo já fui ganhar um salário. Mas era para ajudar meus pais, tudo o que eu ganhava lá no Rio, mandava para eles. Toda semana, tudo o que eu ganhava, mandava, porque eu sabia que cá eles estavam sofrendo mais do que eu lá. (choro, silêncio...). Naquele tempo a gente mandava o dinheiro numa correspondência que era trinta dias para chegar.²⁴⁴

Esse gesto não quer dizer que fosse melhor ou pior que os veneradores do material, apenas ele caminha na esquerda da via, cultiva um estilo de vida comunitário contrário à lógica da lucratividade ou do acúmulo²⁴⁵. Por não se portar como um indivíduo egóico, nosso colaborador não conseguiu construir um patrimônio. Contudo, acredita ter feito o certo, pois tudo o que doou aos familiares proporcionou-lhe uma grande recompensa interior.

O dinheiro não dava para comprar casa, porque eu não juntava, mandava para os meus pais. Eu sabia que eles tinham mais necessidade do que eu. Lá, pelo menos, toda semana eu pegava no dinheiro. E sabia que eles aqui não

²⁴⁴ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁴⁵ “É difícil pensar numa expressão mais pura da racionalidade capitalista, em que tanto o trabalho como as necessidades humanas desapareceram de vista, e em que a “justiça natural” dos lucros se tornou uma razão perante a lei. Nos argumentos de *Steele vs Houghton et Uxor*, vemos exposta com inusitada clareza a cumplicidade da lei com a ideologia da economia política, sua indiferença às reivindicações dos pobres e sua crescente impaciência com os direitos de uso coincidentes sobre o mesmo solo. Como disse Loughborough: “a natureza da propriedade [...] implica desfrute exclusivo”. E como o desfrute poderia ser exclusivo se não tivesse à sua disposição o poder de excluir do espaço físico da propriedade as insolentes camadas mais baixas?” (THOMPSON, 1998, p. 116-117).

tinha. O que eu já tinha passado junto com eles, sabia que eles ainda estavam passando. Não me arrependi nunca na minha vida, graças a Deus. (lágrimas...).²⁴⁶

Nesse trecho, ele lembra um ser um tanto quanto espiritualizado, que busca o bem comum em detrimento do seu. O importante era que os seus recursos viessem a atender ao coletivo, a sua comunidade carente de uma partilha mais justa, do pão, da terra e de outros meios necessários à vivência humana. Geralmente pessoas com esta qualidade são mais propensas à gratidão, ao afeto e a satisfazer-se com o que possuem. Podemos constatar isso em muitas das falas do nosso colaborador, em que se apresenta satisfeito com o que a vida lhe proporcionou.

Sou grato a Deus pela vida. O que ganho na barbearia dá pra sobreviver tranquilo, sempre deu. É aquela coisa, como diz a história: não enrica, mas não passa fome. Dá tranquilo para ir levando. Eu não esperava chegar à idade em que estou pelas dificuldades da vida, pela criação, e graças a Deus não me falta nada hoje. Eu tenho meus fregueses certos e não tenho ganância, meu negócio é sobrevivência, que Deus toda vida me deu.²⁴⁷

Os muitos gestos de gratidão e generosidade de Seu Josias revelam que não é centrado em si próprio, ele consegue enxergar o outro. É provável que nos deparemos com outras pessoas com o mesmo altruísmo e que, como o nosso entrevistado, sejam realizadas, pois ele diz sentir prazer em ajudar ao semelhante, visto que da vida não vai levar nada e não precisa de muita coisa para viver. Sua grande riqueza está nas muitas experiências pessoais que acumulou ao longo de sua história²⁴⁸.

²⁴⁶ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁴⁷ Idem.

²⁴⁸ “Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficaram saciados e exaustos. “Vocês estão todos tão cansados – e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples, mas absolutamente grandioso”. Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. (...) Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. a crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que os outros; na maioria bárbaros, mas não no bom sentido. Porém os outros precisam instalar-se, de novo e com poucos meios. São solidários dos homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com

Assim sendo, em certa medida, nosso entrevistado não está apegado ao acúmulo de bens ou à insaciabilidade do querer mais. O que parece mesmo lhe satisfazer são as coisas simples da vida. A despreensão tem sido sua maior marca e fonte de liberdade. O material não o sucumbe, não o sujeita, apenas o auxilia na resolução de problemas corriqueiros. Sua realização está na família, e não no metal.

Eu nunca tive ambição material, trabalhei para ter o que quis, mas nunca com ambição, nunca fui daquele de pensar só em mim. O material também acho que não leva a nada. Vejo tanta gente rica aí sem felicidade. Aqui a gente adquire, aqui fica. Minha maior realização foi minha família criada.²⁴⁹

Por outro lado, a sua generosidade o impediu de construir uma reserva financeira. Quando retornou à casa de seus pais, passou por algumas carências econômicas, visto que a região não oferecia o suficiente para sobreviver. Essa realidade ficou ainda mais acentuada após seu casamento. Logo, a saída encontrada foi migrar no ano de 1980 para a cidade de Campina Grande.

A respeito desses tempos, Seu Josias fala que tentou de todas as formas encontrar um meio qualquer para continuar vivendo em sua terra, mas não adiantou. Por mais que procurasse, a coisa só tendia para a agricultura; mesmo que gostasse dessa atividade, reconhece que o produzido mal dava para alimentar-se. Além de ser insuficiente, o que se lucrava na terra, deveria ser dividido com o restante da parentela, a qual, assim como ele, vivia uma situação de escassez financeira.

Portanto, não via outra opção que não fosse mudar de rumo. Na época, casado e com cinco filhos, o jeito seria tentar encontrar uma qualidade de vida em um lugar que dispusesse de renda e outros meios capazes de atender às necessidades da família. Mesmo os anos 1980 sendo considerados como “a década perdida” para a cidade (COSTA, 2003, p. 55), Campina Grande ainda funcionava como “núcleo de recepção migratória de curso curto” (op. cit., p. 166). Assim, atraía muitos migrantes que viviam nos arredores da Rainha da Borborema.

lucidez e capacidade de renúncia. Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito. No meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com juros e com os juros dos juros” (BENJAMIN, 1994, p. 118, 119).

²⁴⁹ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

Eu vim para aqui quando já tinha 27 anos. Quando cheguei em Campina Grande, já era casado, desde 1973, e tinha cinco meninos. Quando cheguei do Rio fui primeiro na minha terra Cacimba de Dentro, lá fiquei na agricultura mesmo. **Quando foi no dia 03 de junho de 1980 é que eu vim para aqui, cheguei em Campina Grande e não saí mais.**²⁵⁰ Grifo nosso.

Nesse período, a cidade ainda vivia do glamour de décadas passadas, em que era conhecida como centro de captação do algodão, do comércio e da indústria. Na verdade, por esses tempos, a cidade já começa a contar com fechamento de muitas fábricas, o ápice da crise algodoeira e uma avalanche de trabalhadores distribuídos em diferentes setores da informalidade. Mesmo assim, Seu Josias e outros camponeses vislumbravam a cidade de Campina Grande como uma garantia de fonte de renda.

Sendo assim, por não lhe oferecer o necessário à sua sobrevivência, não hesitou em, logo nos primeiros anos de casamento, deixar a terra de sua infância. É em Campina Grande que Seu Josias passa a construir uma nova história. Nesse momento, a maior dificuldade encontrada foi conseguir uma moradia fixa. Como mostra Perrot (1988), na cidade o trabalhador passa a fazer parte de um cenário já conhecido, formado por problemas de ordem social, como desemprego, falta de conjuntos habitacionais confortáveis e outras mazelas integrantes da dinâmica urbana, as quais assolam os destituídos economicamente.

Desse modo, as barreiras para quem vive ou é recém-chegado na cidade são muitas e estas deveriam ser enfrentadas pelo nosso entrevistado, que no momento contava com muitos sonhos e a vontade de realizá-los. Mas do que viver em uma cidade que pouco tem a oferecer mesmo aos que já estavam alojados nela? Uma cidade que já no início dos anos 1980 registra boa parte de sua população, que não possuía casa própria, morando em favelas. “Seguindo na busca por compreender a cidade de Campina Grande a partir dos anos 80, outro tema que também nos forneceu rastro sobre como era trabalhar naquela época, foram os problemas de habitação imbricada com a crescente favelização” (SILVA, 2016, p. 48).

Mesmo que em uma área carente de infraestrutura, o que restava a Seu Josias era juntar-se a tantos outros que também buscavam um teto para se abrigar. Antes ele também já tinha dificuldade quando vivia no campo, onde, embora marcado por certa liberdade, faltava-lhe a alimentação adequada, o acesso à educação, à saúde, à energia elétrica e a outros itens. Na cidade, os desafios enfrentados se avolumam, a começar pelo próprio distanciamento existente entre as pessoas que diuturnamente dividem o mesmo espaço urbano, mas pouco se con-

²⁵⁰ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

templam. Elas estão juntas, todavia separadas; não há um contato, uma relação de acolhimento, apenas se olham. O que o recém-habitante da cidade pode contar é consigo mesmo e com os familiares.

A multidão, sua presença nas ruas de Londres e Paris do século XIX, foi considerada pelos contemporâneos como um acontecimento inquietante. Milhares de pessoas deslocando-se para o desempenho do ato cotidiano da vida nas grandes cidades compõem um espetáculo que, na época, incitou as fascínio e ao terror. (...) Figuras fugidias, indecifráveis para além de sua forma exterior, só se deixam surpreender por um momento no cruzar de olhares que dificilmente voltarão a se encontrar. Permanecer incógnito, dissolvido no movimento ondulante desse viver coletivo; ter suspensa a identidade individual, substituída pela condição de habitante de um grande aglomerado urbano. (BRESCIANI, 1994, p. 10-11).

Somado a esse estranhamento, nosso informante depara-se ao seu redor com uma clara desigualdade social, que assola boa parte dos que buscam sobreviver na *urbe* campinense. O que resta a essa população é morar nos arredores da cidade, em áreas, às vezes, de perigo ou recém-invasadas, com construções improvisadas, que não oferecem o menor conforto a seus ocupantes, os quais se sujeitam a tal situação por não disporem de recursos suficientes para adquirir um recinto mais adequado em que possam abrigar-se.

Mesmo que formados em áreas impróprias, alguns dos bairros considerados periféricos, no decorrer dos anos, tendem a ganhar traços de urbanização e recebem o mínimo de infraestrutura por parte do poder público, o qual se vê pressionado pela população que exerce uma espécie de contrateatro. Assim, indiretamente, obrigam os governantes a atenderem suas reivindicações. Essa realidade pode ser constatada no então embrionário Bairro do Pedregal, onde Seu Josias inicia sua trajetória como morador de Campina Grande.

Esse bairro apresenta uma formação característica da maioria das favelas que surgem no país. Elas se concentram nas proximidades dos Centros das cidades. A ocupação do Pedregal ocorreu no decorrer dos anos 1980 pelos populares recém-chegados, que foram construindo em quadras e lotes sem dimensões padronizadas (MAIA, 2010).

Se as quadras não tinham nivelamento, resultou na formação de ruas e avenidas com ausência de simetria, dificultando a locomoção dos moradores e dos automóveis pela comunidade. Portanto, os moradores conviviam com uma série de precariedades relacionadas à falta

de infraestrutura, como dejetos correntes entre as casas, causando doenças e outros malefícios comuns às periferias dos centros urbanos²⁵¹.

Com o passar do tempo, mesmo apresentando uma série de problemas, o bairro pôde contar com certo ar de urbanização, recebendo pavimentação nas principais ruas e rede de esgoto. Porém, sua população, que só aumentava, continuou à mercê das políticas e gestores públicos que pouco se mobilizaram em solucionar os principais problemas da localidade, como espaços projetados para o comércio, centros educacionais, unidade de saúde, lazer etc.

Assim como Seu Josias, muitos migrantes não enxergavam alternativa de moradia que não fosse ocupar de forma irregular algumas áreas da cidade como a do bairro do Pedregal. Nesse sentido, podemos constatar mais uma vez as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos vítimas do êxodo rural, que, ao chegar à cidade, aventuram-se pelas diversas periferias em busca de moradia.

Para Maia (2010), é possível identificar na cidade de Campina Grande três formas básicas de habitação precária, que ela classifica como os loteamentos irregulares, as ocupações e as favelas.

Campina Grande no final da década de 1970 e início da década de 1980 apresentou aumento expressivo no número das favelas, de 3 (três) para 17 (dezesete) (MELO, 1985). Neste período, “verificou-se um acelerado processo de favelamento, com consequência de cinco anos de seca na região Nordeste (inclusive intensificaram o êxodo rural) e do processo de proletarianização de vastas camadas da população, fruto da grave crise econômica, social e política” (op. cit., p. 31). Acrescenta-se que a ausência de uma política agrária que alterasse a concentração fundiária foi de fato responsável pelo forte êxodo rural ocorrido no período supracitado. (...) O problema da habitação precária em Campina Grande pode ser melhor examinado, a partir da comparação de um dos espaços segregados da cidade, a favela do Pedregal, (...). A referida favela em 1983 apresentava um total de 1.040 habitações (...). Verifica-se, portanto, um agravamento da precariedade da condição habitacional, em Campina Grande, apesar das políticas direcionadas à instalação de alguns dos equipamentos urbanos como calçamento, saneamento, abastecimento d’água e energia elétrica. (MAIA, 2010, p. 10, 11).

²⁵¹ “A instabilidade do mercado de trabalho acentua a extrema exploração do trabalhador e força-o a residir no centro da cidade, próximo aos lugares onde sua busca de emprego ocasional se faz possível a cada manhã. Nessas áreas, a superpopulação acelera e piora as condições sanitárias das moradias. (...) É na região central da cidade que o problema se manifesta de forma mais aguda; seu excesso de população transborda, entretanto, para os bairros próximos, até atingir o perímetro industrial ainda interno à área urbana” (BRESCIANI, 1994, p. 37).

Sendo assim, na época em que veio morar em Campina Grande, o recurso financeiro do nosso informante dava apenas para comprar um imóvel no embrionário Bairro do Pedregal, que, por estar em formação, tornava possível encontrar uma casa com um preço bem menor. Na localidade, ele deu andamento a sua história, educou os seus filhos, construiu um pequeno patrimônio e uma boa vizinhança.

Com o decorrer dos anos, mesmo dispondo de meios para adquirir um imóvel em outra localidade, permaneceu vivendo na comunidade onde vira seus filhos crescerem. Afirma que nesse lugar sempre se deparou com boa gente e com muitos momentos felizes. Quanto ao assunto violência do bairro, diz que a paz nós fazemos, tudo depende de nossa ação; se cultivarmos a boa vivência, estaremos tranquilos.

Quando saí de Cacimba de Dentro para morar em Campina, eu já tinha quase o dinheiro de comprar uma casinha, comprei uma no bairro do Pedregal. Era um lugar bom de morar. Toda vida morei lá, nunca tive problema com ninguém. A paz quem tem que fazer sou eu.²⁵²

Outra questão que prendia Seu Josias a comunidade era a proximidade ao seu local de trabalho, na época, o vizinho bairro da Prata. Assim, em poucos minutos, sem depender do transporte público ou outra condução, já estava na barbearia em que trabalhava. “Eu comecei a cortar cabelo aqui em Campina em casa, depois no bairro da Prata. Antes de vir trabalhar aqui na feira, já tinha trabalhado lá na prata”²⁵³.

O bairro da prata, onde Seu Josias prestava seus serviços, limita-se com o do Pedregal. Nessa fronteira, é possível perceber um nítido contraste socioeconômico: de um lado, encontrava-se um bairro habitado por parte da elite campinense, composto por chalés e moradias suntuosas de alguns abastados, os quais não hesitavam em ostentar enormes construções com jardins e muros altos; do outro, humildes casebres.

O bairro também conta com a feira de produtos de hortifrutigranjeiros, esta acontece aos domingos, atraindo os moradores de diferentes localidades da cidade e comerciantes vindos de outras feiras. Para Costa (2003), geralmente as frutas oferecidas aos domingos na Prata são as sobras da Feira Central, isto justificaria o preço baixo das mercadorias, facilitando a aquisição dos produtos, especialmente pela população residente nos arredores da Prata, como

²⁵² Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁵³ Idem.

os moradores dos bairros Monte Santo, Bela Vista, Centenário e Pedregal, que se destina à área mercantil, não só pela proximidade, mas também pelo baixo custo dos gêneros.

Além da feira, o bairro, aos poucos, foi sendo conhecido por abrigar muitas clínicas, centros médicos e alguns hospitais²⁵⁴. A localidade também se destaca por acolher uma das escolas públicas mais tradicionais da cidade, que é o chamado Colégio Estadual da Prata ou Estadual Doutor Elpídio de Almeida, fundado em 1953.

Assim, foi nesse bairro de tantas leituras e mudanças que Seu Josias inicia sua trajetória profissional em Campina Grande. Mas por aqui ficou pouco tempo, visto que em seguida foi trabalhar na Feira Central, da qual sente orgulho em dizer que ela representa um lugar de oportunidades.

Aqui na feira tem lugar para todo mundo. Não sobrevive quem não gosta de trabalho. Ela já foi melhor, mas eu continuo por aqui. (...) No dia 13 de agosto de 1980, entrei aqui na feira. Aluguei um ponto aqui, e ainda estou por aqui mesmo na feira, não nesse mesmo setor, esse é meu segundo ponto aqui. Mas toda vida gostei de trabalhar aqui na feira. Aqui é uma maravilha.²⁵⁵

A feira, como bem aponta Seu Josias, tem lá seus encantos, antes de tudo, ela pode ser entendida como local de sobrevivência material, em que se multiplica o número de ambulantes que chegam a congestionar a passagem dos clientes que vêm e vão com sacolas contendo os mais diversos gêneros alimentícios. Por esse motivo, podemos entender que a feira é um local de encontro, negócios, trocas, vendas, revendas, compras, consumo e especulação.

Assim, na feira de Campina Grande, podemos encontrar de tudo que se necessita, dos artefatos mais úteis aos mais supérfluos, desde gênero alimentício a objetos de primeira necessidade, bem como itens que possam auxiliar a dona de casa ou até mesmo ao homem do campo na lida diária.

Na feira, que é responsável pela distribuição de produtos alimentícios e outros artigos, o fracionamento das mercadorias ocorre periodicamente em dias sequenciais²⁵⁶. Esse parce-

²⁵⁴ “O bairro da Prata que desde os anos de 1980 aglutina atividades médico-hospitalares torna-se, nos dias atuais um espaço coeso. É onde está concentrada a maioria das clínicas, dos consultórios e mais recentemente os laboratórios de análise clínica, que tradicionalmente encontravam-se no centro da cidade, passaram a abrir filiais neste bairro” (COSTA, 2003, p. 62).

²⁵⁵ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁵⁶ Esse costume de “comprar cereais em pequenas parcelas” (THOMPSON, 1998, p. 171) já era observado por Thompson na Londres do século XVIII. Esta prática estava ameaçada, as novas regras impostas pela economia

lamento da mercadoria representava um embate contra os principais estabelecimentos comerciais concorrentes diretos do mercado a céu aberto. Por aqui, a praticidade da compra é bem maior que a do comércio convencional.

Na feira livre, o cliente escolhe, diz como vai pagar e ainda tem o direito de negociar o preço final. Isso acontece diretamente com o dono da mercadoria, sem precisar de intermediário. Assim, mesmo diante do surgimento dos grandes supermercados, que oferecem outras formas de agenciar suas mercadorias, a feira continua resistindo ao largo comércio varejista das redes atacadistas e varejistas.

O próprio supermercado recria em seu interior a “ferinha” enquanto forma, mas não pode recriar a figura do feirante, conhecedor profundo das particularidades da freguesia e da natureza dos produtos que vende, e com autonomia para barganhar o preço. (MASCARENHAS; DOLZANI, 2008, p. 83).

A feira livre é mesmo um local voltado para atender a uma parcela de consumidores economicamente menos favorecida, visto que, nesse espaço, se dispõem de certo poder de compra, pois é possível encontrar mercadorias mais em conta do que nos grandes centros varejistas. A feira de Campina Grande, por exemplo, é o espaço ideal para os excluídos, que, contando ou não com dinheiro, podem levar alguns gêneros alimentícios para casa.

A feira permite aos excluídos a sobrevivência não só pela esmola, mas também pela cata de frutas e legumes machucados ou cereais que caem no chão, produtos que imprestáveis à venda, alimentam pessoas e animais, pois não raro pode-se ver crianças ou adultos colhendo produtos atirados ao chão, que servem de ração para porcos ou galinhas que criam para ajudar na manutenção da família. (COSTA, 2003, p. 210).

autorreguladora tentava eliminar a interferência paternalista nas questões comerciais, isso era contrário aos adeptos da chamada “economia moral” que era praticada pela multidão de trabalhadores. Muitos dos pobres compravam os seus grãos diretamente no mercado (ou os obtinham como suplemento de salários ou na respiga); os levavam ao moinho para serem moídos, e então o moleiro podia exigir a maquia fixada pelo costume, e depois eles assavam o seu próprio pão (op. cit., p. 156). (...) Os fazendeiros (reclamava) passaram a evitar o mercado e a negociar com intermediários e outros “atravessadores” na própria casa. Outros fazendeiros ainda levavam ao mercado uma única carga, “para manter as aparências no mercado e conseguir que o preço fosse estabelecido”, mas o comércio principal era feito por meio de “parcelas de cereais num saco ou pano, chamadas amostras”. (...) Os novos procedimentos do mercado eram repetidamente contestados (op. cit., p. 157). (...) Esse meio-termo podia ser alcançado pela intervenção dos paternalistas” (op. cit., p. 192).

Portanto, nem tudo nesse ambiente é comprado ou vendido, às vezes são negociados, doados. Mas a feira é, antes de tudo, um meio de sobrevivência dos seus componentes, os feirantes. Ela também é um espaço de convivência social dos que compõem esse cenário mercantil, os quais encontram nessa atmosfera muitos significados para continuar vivendo e dando sentido a sua existência. Deste modo, a feira é testemunha das muitas relações intensas e calorosas que há entre os frequentadores e vendedores, os quais são bons contadores de história, sobretudo de acontecimentos corriqueiros da cidade.

Andar pelas estreitas ruas da Feira Central tomadas pelos ambulantes deixa de ser uma caminhada para transformar-se em um lazer. Aqui, o passo não é lento, tudo é apressado e cuidadoso, senão corre o risco de ser atropelado por um carroceiro ou “chapeado”, o qual, vez por outra, anuncia: “Olha o sangue!”. Esse é um sinal de alerta de que se deve sair da frente, dar passagem ao caminhante que por ora carrega um pesado fardo.



FIGURA 17 – Carroceiro na Feira Central de Campina Grande.
Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor.

Mas, a feira livre de Campina Grande não só tem esse lado poético, romântico; por lá também há pessoas que compraram e não venderam, por isso estão tensas. As sobras da mercadoria por aqui representam um trágico prejuízo. A “boia”, como o feirante costuma chamar, deve ser deslanchada rapidamente, pois o fruto é perecível, não espera muito tempo para decompor-se. Nesse caso, a solução é baixar o preço do produto, fazer promoção do que está

encalhado, caso contrário a perda é garantida. Nessa hora ocorre a chamada “feira do bacurau” ou “feira dos miseráveis” (COSTA, 2003 p. 179), onde os clientes aproveitam-se da situação e deixam para fazer suas compras no final do dia, quando pode encontrar diferentes gêneros alimentícios por um valor bem menor.

Na feira também há os desalojados, que se expõem juntamente com as mercadorias, às intempéries do clima; às vezes são protegidos por uma pequena cobertura improvisada. Nessas circunstâncias, as refeições são inadequadas e feitas em horário impróprio. Essas questões desgastam o feirante, o qual no sol ou na chuva não desiste de armar sua barraca ou estender sua lona no chão para comercializar seus produtos.

A feira de Campina Grande tem essas características²⁵⁷, e cada vez mais se avoluma o número de negociantes, o que torna o lugar disputado centímetro por centímetro, chegando ao ponto de só poder passar um cliente por vez em frente às barracas, até mesmo as laterais das tendas estão interligadas, muitas não oferecem espaço nem para o feirante se locomover.

Antes vinha gente de todo canto para essa feira fazer compra. Tinha por onde andar, não tinha essas coisas, porque hoje ninguém pode nem andar, mesmo com a feira fraca ninguém pode andar, porque fecharam a rua todinha, ainda botam mais umas carroças para ir quebrando as pernas do povo. Fica difícil. Para o próprio consumidor fica difícil, para o pedestre fica difícil, fica difícil para todo mundo. Isso não existe, você não vê a frente do comércio de ninguém, é barraca por todo canto. Total falta de organização.²⁵⁸

Nessa disputa, como informa nosso entrevistado, reclamam os donos dos antigos armazéns e dos bancos de madeira, que obedecem ao alinhamento da rua. Os comerciantes alegam que a improvisação de muitas barracas acaba impedindo a visualização de suas mercadorias, mesmo assim admitem que todos precisam sobreviver.

Porém, o sentido maior desses comerciantes estarem na feira deve ser mesmo o de atender a uma necessidade material assoladora de um grande número de desempregados, os quais, por não disporem de outro meio, procuram manter sua família através da compra e venda de mercadorias ou até mesmo da prestação de serviços, como é o caso de Seu Josias.

²⁵⁷ “A feira livre de Campina Grande espalha-se por nove ruas, além de uma área coberta com mais de 8.000 m² do mercado central, são mais de 75.000 m² por onde se distribuem mercadinhos, armazéns, bares e o mais variado tipo de comércio, porém o destaque aqui será dado aos feirantes com seus bancos alinhados por todas essas ruas” (COSTA, 2003, p. 155).

²⁵⁸ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

Ainda Sobre a feira de Campina Grande, devemos acrescentar que antes ela funcionava no Centro da cidade, às quartas-feiras e aos sábados, mais precisamente nas imediações da Rua Grande, conhecida como Maciel Pinheiro. Em virtude de seu crescimento, sobretudo entre os anos 1920 a 1930, fez-se necessário encontrar outra localidade para alojar os feirantes. Foi aí que...

Surgiu a ideia da construção de um mercado novo (muito em voga nas cidades brasileiras da época) e o prefeito Bento de Figueiredo decidiu dotar Campina Grande de um que estivesse a sua altura, iniciado em 1938. Antes mesmo de estar concluída, a feira foi transferida para suas imediações, em 1941, quando o prefeito da cidade já era Vergmiud Wanderley. (SOUSA, 2006, p. 92).

O local designado para a feira acolhia prostitutas, casas de jogos e outros espaços de diversão reservados ao público que, semanalmente, se destinava à região da “Mandchúria”. Nessa mistura entre mercado e cabarés, o ambiente era transformado em área de lazer. Isto principalmente para os que moravam nos “arredores da cidade” (SOUSA, 2006, p. 92), os quais aproveitavam a vinda à feira para realizar outras atividades que iam além das compras.

Mesmo com a mudança de endereço, a feira de Campina Grande continuou destacando-se na região como centro comercial preferencial. Era grande a movimentação de comerciantes que se deslocavam até a cidade para vender suas mercadorias, como também os diversos agricultores que vinham negociar parte de sua produção, descartando, assim, a figura do atravessador. Nisto se praticava uma espécie de “economia moral”²⁵⁹, em que o próprio agricultor medeia os preços dos cereais que ele próprio produz. Dessa forma, o consumidor acabava se livrando da especulação tão comum na economia de mercado que inflaciona os produtos.

Os gêneros alimentícios negociados eram os mais variados: farinha, milho, mandioca, batata, macaxeira, frutas, algodão, carnes, rapadura, queijo, manteiga, nata, vestimenta, pele de animal, objetos para o lar, etc. Essa intensa diversidade de itens estimulava a vinda de muitos consumidores do interior da Paraíba e dos estados vizinhos a esse enorme empório a céu aberto. Portanto, a feira livre de Campina Grande impulsionou fortemente o aumento populacional da cidade e o crescimento de sua economia.

²⁵⁹ Ver com maior detalhe capítulos 4 e 5 de THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Também na Feira Central, poderíamos encontrar locais adequados à estética masculina, como as antigas barbearias populares, denominadas de “pela-porco” ou “pé-de-forquilha” (COSTA, 2003, p. 149). Esses profissionais não tinham um endereço fixo, tudo ocorria em barracas improvisadas, desde que pudessem alocar sua cadeira, prestavam seus serviços em qualquer ponto, era uma espécie de barbeiro ambulante. Contudo, o local preferencial era mesmo as proximidades da Avenida Canal, onde se encontram as instalações do SESC centro.



FIGURA 18 – Local onde se alojavam os antigos barbeiros “pela-porco”, Avenida Canal ou Rua Janúncio Ferreira, Campina Grande.

Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor.



FIGURA 19 – Avenida Canal das Piabas, início dos anos 1980. A área desocupada era frequentada pelos barbeiros ambulantes.

Fonte: Lacerda Júnior, 2012.

Assim sendo, foi nesse local público, em que as pessoas expõem e vendem seus produtos e que já acolhera velhos barbeiros, que Seu Josias resolve instalar seu salão. De início, começou trabalhando juntamente com o irmão na barbearia de João; após quatro anos, eles se tornam independentes quando montaram o seu próprio espaço. Como já estavam na Feira Central, por lá mesmo permaneceram, pois tinham uma boa clientela e alguns amigos. “Comecei a trabalhar na barbearia de Seu João, aí depois nós fomos ser independentes botamos um salão pra gente. O nome era esse mesmo: Dois Irmãos. Isso foi no ano de 1984”²⁶⁰.

O salão sempre esteve alojado no mesmo endereço, em um antigo ponto comercial que até lembra um velho armazém de estivas. A simplória barbearia fica a uma rua antes do famoso Cassino Eldorado, que mesmo em ruínas ainda é possível observar um pouco do que restou de sua fachada. Este espaço, dos anos 1937, período de sua inauguração, em diante, foi o abrigo de muitos boêmios da cidade de Campina Grande. Atualmente, o estabelecimento acolhe animais e algumas pessoas que se arriscam em dormir sob as ruínas do luxuoso Cabaré.



FIGURA 20 – Retrato do que restou do Cassino Eldorado.

Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor.

O Eldorado, no seu auge, como mostra Nascimento (2008), recebeu artistas nacionais e internacionais, e era lotado pelos admiradores da boa música e da noite. Estes, em sua maioria, os chamados “barões do algodão”, faziam do Cassino um local de ostentação preferencial.

Como aponta nosso entrevistado, embora em outra época, assim como o Eldorado, a feira de Campina Grande também parece entrar em crise. Talvez isso esteja relacionado ao aparecimento dos atuais centros varejistas. Sobre esta questão, Mascarenhas e Dolzani (2008)

²⁶⁰ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

discutem que o surgimento do “moderno varejo”, supermercados e shoppings centers, contribuiu com a falência ou diminuição do volume de pessoas nas chamadas feiras livres.

Nos anos 80, o comércio de Campina Grande, principalmente o da feira livre, já disputava com os grandes supermercados. “Neles o cliente mesmo se servia sem precisar da ajuda do vendedor. Os mercadinhos aqui em Campina devia ser uns três ou quatro: Hiper, Bom Preço, Tropeiro e Socimasa. A Socimasa, funcionava na rua João Pessoa”²⁶¹.

Esse último supermercado citado por nosso informante, que tinha como slogan a chamada “Socimasa, economia todo dia”²⁶², antes dedicava-se ao mercado atacadista, só na década de 1980 é que resolve aderir ao varejo. A rede pernambucana estava espalhada por muitas cidades do Nordeste do Brasil. Em Campina Grande a empresa fez história por tentar superar os preços da concorrência.

Na feira, local de sobrevivência do varejo a céu aberto, pode-se encontrar quase tudo que se deseja comprar, este é um espaço de realizações, desejos e iguarias que só o feirante tem para oferecer. Ela também é um lugar de resistência que disputa o espaço com a multiplicação dos automóveis que proporcionam a mobilidade urbana e conseqüentemente ampliação dos modernos supermercados. Assim, conforme Mascarenhas e Dolzani (2008), a conservação da feira representa uma luta constante para permanecer na paisagem urbana.

Se antes a feira era sinônimo de modernidade, ela vem sofrendo muitas ameaças e descasos da parte do poder público²⁶³, o qual não cria e não incentiva mudanças significativas a esse espaço, que sejam capazes de proporcionar transformações em sua conjuntura. Enquanto isso, muitas pessoas continuam se mantendo da renda que ganham com a venda dos diversos gêneros alimentícios. Assim, a feira livre acaba se tornando um ambiente preferencial de muitos que estão na informalidade.

Portanto, na cartografia da cidade, temos setores marginalizados. Talvez a feira livre, diante do avanço de novos implementos mercadológicos, tenha se tornado um espaço obsoleto, precário, voltado aos que se recusam a aderir ao moderno mercado varejista. Deste modo, por muito custo e outras questões atreladas à sociabilidade, ela, a feira, continua existindo como um espaço alternativo de consumo e sinal de “sobrevivência sociocultural” (MASCARENHAS; DOLZANI, 2008, p. 83).

²⁶¹ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

²⁶² ARAÚJO, Adriano; SOUSA, Emmanuel. 2010. **Propagandas do passado: Socimasa**. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/07/propagandas-do-passado-socimasa.html#comment-form>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

²⁶³ “A feira livre, sob esta nova ótica, torna-se um território desprezado pelas políticas públicas por não estar em compasso com as novas tendências econômicas e culturais mundiais” (MASCARENHAS; DOLZANI, 2008, p. 81).

3.2 A prática do ofício faz o barbeiro



FIGURA 21 – Barbeiro na prática do ofício.

Fonte: <http://www.pagina3.com.br/blog/2012/mai/11/1/bom-humor-barba-e-bigode>

A arte de esculpir cabeças foi aprendida por Seu Josias ainda na cidade de Cacimba de Dentro. Aos dezessete anos viaja para o Rio de Janeiro. Nesse tempo, mesmo desenvolvendo outra atividade, continuou a praticar o ofício: cortava os cabelos dos companheiros de trabalho, que, em virtude da falta de dinheiro para procurar outro profissional, recorriam aos serviços do aprendiz de barbeiro. Nessa relação, o auxílio era mútuo, assim como beneficiava os colegas, eles o ajudavam a aprimorar-se na prática do ofício.

Dessa forma, aos poucos foi tomando gosto pela profissão e ficou dividido entre a sua atividade, que na época era servente de pedreiro, e o ofício de barbeiro. Seu Josias, bem como os colaboradores anteriores, não fez um curso específico; a técnica capilar entrou em sua vida a partir da prática cotidiana. “Comecei a cortar cabelo do nada. Aprendia um pouco na cabeça de um, depois errava na do outro...”²⁶⁴.

Assim, foi se aperfeiçoando até chegar outras atividades relacionadas ao trabalho do barbeiro, como a estética facial masculina, que é fazer barba e bigode. Nessa e em outras tare-

²⁶⁴ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

fas sempre enfrentou dificuldades, mas nunca desistiu de aprender. Como acontece com o artesão, a prática é que aprimora o barbeiro. “O artesão acumulava experiência, e os anos aproximavam da perfeição seu desempenho; era um mestre de ofício. Hoje, o trabalhador operário é uma repetição de gestos que não permite aperfeiçoamento, a não ser rapidez” (BOSI, 2015, p. 78).

Se para Seu Josias, a prática fazia o antigo barbeiro, para outros profissionais, saber lidar com o cabelo, essa penugem que comumente vemos nascer sobre a pele, graças à ação da queratina e outras substâncias que se desenvolvem nos vasos sanguíneos, não é coisa simples. É preciso fazer um curso para entender passo a passo o que possibilita o crescimento do cabelo e outras questões relacionadas a ele²⁶⁵.

Quando interrogados sobre cabelo, lembramos apenas dos pelos que nascem sobre a cabeça e esquecemos que eles estendem-se por diferentes partes do corpo e assumem várias funções como de proteger e conservar a temperatura. Ainda tem a questão da estética que tanto fascina homens e mulheres que em diversos períodos estão à procura de um profissional capilar para apará-los ou modelá-los. O cabelo também pode funcionar como índice de identidade ou função social assumida por alguns indivíduos integrantes de um denominado movimento ideológico, os quais trazem literalmente na cabeça uma expressão de suas ideias, a exemplo dos adeptos do movimento punk, rock, hippie, etc.

Acredita-se que sobre a cabeça de um indivíduo exista aproximadamente 150 mil fios, os quais crescem em média um centímetro por mês. Os tipos de cabelo variam de pessoa para pessoa ou até mesmo de região para região. Podemos encontrar cabelos lisos, crespos, ondulados de cores e tonalidades diferenciadas, seja pela ação do tempo ou questão genética.

Seguindo os tipos de cabelos, devemos acrescentar que os cacheados são mais secos e geralmente precisam de um maior cuidado, como uma hidratação constante em dias alternados, o que acaba resultando em cabelos lisos, sedosos, brilhantes e com uma maior densidade. Também, ao cabelo com essa característica, o mais adequado é modelá-lo enquanto úmido, pois facilita o seu desembaraçamento. Portanto, este tipo de cabelo é conhecido por produzir pouca gordura, por isso é perceptível a falta de hidratação, tendendo a tornar o cabelo sem brilho e com uma forte disposição a ser quebradiço. Assim, ele requer maiores cuidados, principalmente se o cliente deseja usar secador, escovar ou fazer outros procedimentos que movimentem por muito tempo a cabeleira.

²⁶⁵ Sobre cursos na área capilar foram consultados <http://www.universidadedocabelo.com.br/unica/> e <https://www.iped.com.br/estetica-e-beleza/curso/cabeleiro>.

Quanto ao cabelo oleoso, o próprio nome indica que este é portador de um elevado nível de oleosidade ou gordura, que é produzida no couro cabeludo pelas glândulas sebáceas. O problema nesse tipo de cabelo é que, se não lavado várias vezes na semana, ele acaba ganhando um aspecto de falsa sujeira. Geralmente pessoas com este tipo de cabelo têm dificuldade para irrigar a raiz capilar, provocando a queda e a conseqüente calvície.

Ainda há o cabelo denominado normal, que é o mais comum. Esse tipo não requer grandes cuidados, no geral, não necessita de uma hidratação mais profunda e de produtos cosméticos que ajudam na maciez dos pelos, por si só são brilhantes e saudáveis. Nesse caso, a simplicidade proporciona a beleza dos fios²⁶⁶.

Após essa singela apresentação sobre a estrutura do cabelo e os cuidados que se deve ter para mantê-lo sempre saudável, podemos entender que os pelos têm uma composição complexa e o conhecimento acerca de sua estruturação é importante para que o profissional capilar cuide bem dos seus clientes e, dessa forma, não danifique os fios.

Portanto, o manuseio cuidadoso dos pelos certamente resultará em cabelos lisos, sedosos e brilhantes. Ao ajudar a cultivar a naturalidade dos fios, o barbeiro seguramente estará contribuindo por muito mais tempo com a integridade e a boa saúde capilar dos seus clientes. Pois se engana quem pensa que o cabelo dos homens não merece cuidados especiais, eles são tão sensíveis quanto o das mulheres. Para que os fios e couro cabeludo permaneçam saudáveis, deve-se indicar os produtos necessários a cada tipo de cabelo e as diferentes rotinas de hidratação.

Assim, expusemos algumas das principais informações que um jovem aprendiz de barbeiro precisa saber antes de resolver cortar cabelo. Dessa forma, para o manuseio da tesoura e da navalha, o ideal seria fazer um curso básico para ter as mínimas noções sobre os tipos de cabelos e os cuidados que eles precisam. No entanto, Seu Josias não precisou saber nada disso, sem ter uma clara noção técnica se o cabelo era seco, oleoso ou normal, foi logo colocando a mão na massa, no caso específico, na cabeleira. O seu conhecimento resumia-se apenas à noção do que é um cabelo liso ou enrolado.

Eu toda vida tive vontade de trabalhar na profissão, já tinha família, um irmão, dois primos e um tio que também cortava cabelo. Não fiz curso. Fui aprendendo no trabalho, como diz a história: foi o dia a dia. Depois disso

²⁶⁶ Informações disponíveis em: http://www.segredosdesalao.com.br/noticia/conheca-os-8-tipos-de-cabelos-existentis-no-brasil-e-descubra-qual-e-o-seu_a1973/1; <http://www.segredosdesalao.com.br/noticia/os-4-niveis-de-erosao-capilar-e-os-cuidados-com-fios-danificados-e-processados>.

aqui nunca trabalhei em outra coisa. Nesse ramo Só vejo vantagem. Não conheço desvantagem.²⁶⁷

Sendo assim, entendemos que o ofício aprendido de modo prático por nosso entrevistado foi a maneira que ele encontrou para tentar se livrar da árdua jornada que enfrentava tanto na agricultura como na construção civil. Desse modo, investir na profissão de barbeiro seria uma forma menos desgastante de assegurar a sobrevivência.

Lá no Rio eu trabalhava na construção civil, servente de pedreiro, porque não tinha outra coisa. Servente de pedreiro, comparado à agricultura não era tão pesado. Mas não era fácil, naquela época no serviço, eu trabalhava para cinco pedreiros, servia a quatro, cinco pedreiros. Lá no Rio eu nunca fui à festa, só trabalho mesmo.²⁶⁸

Portanto, quando iniciou na profissão, nosso entrevistado não dominava nenhuma das noções e informações esboçadas anteriormente sobre a estrutura capilar. Assim, logo que chegou ao Rio de Janeiro para trabalhar de servente de pedreiro, procurou fazer a cabeça dos seus companheiros de trabalho. Quando retornou a sua cidade de origem, Cacimba de Dentro, foi aos poucos aperfeiçoando o ofício, a ponto de se tornar um barbeiro reconhecido na região em que morava.

Comecei a fazer alguma coisa de barbearia no Rio, antes era só os parentes, mas lá comecei fazendo um servicinho nos peão. Lá em Cacimba de Dentro foi que caprichei. Aí fui trabalhar na feira de lá. E quando eu vim para Campina já vim com um salãozinho pronto. O salão da gente é isso aqui: cadeira, bancada.²⁶⁹

Por esses tempos, ele diz que o corte era conforme o gosto do freguês. Dessa maneira, para tentar atender às exigências da clientela, aos poucos foi aprendendo os diferenciados estilos de corte de cabelo. Desde os anos finais da década de 1960, Seu Josias vem cortando

²⁶⁷ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁶⁸ Idem.

²⁶⁹ Idem.

cabelo de homens e garante que, apesar dos mais de quarenta anos fazendo a mesma coisa, continua aprendendo.

Ainda hoje estou aprendendo. Nunca termina de aprender. Nessa profissão todo dia a gente aprende um pouquinho. Só que hoje tanto faz fazer a barba ou o cabelo. Hoje não tem problema para mim, tanto faz como tanto fez. É como serviço de motorista, todo dia fazendo o mesmo serviço não está aprendendo? É a mesma coisa. Hoje faço qualquer tipo de corte.²⁷⁰

No período em que Seu Josias começou a cortar cabelo, já havia diversos tipos de cortes, um dos mais conhecidos era o “buscavelha”. Esse estilo era feito essencialmente com o uso da máquina mecânica, em que o barbeiro rebaixava bem as laterais e um pouco em cima. A parte superior da cabeça ficava com formato de um quadrado. O estilo “cabeleira cheia” parecia bem simples, tirava apenas um pouco atrás e quase não mexia nos lados e na parte superior do cabelo. O outro tipo chamava-se “meia cabeleira”, cortava-se um pouco dos lados e deixava a parte de cima do cabelo alta. Daí surgia o famoso topete.

Ainda tinha a “cabeleira seca”, de todos o mais difícil, porque o cabelo deveria ser cortado por igual e na tesoura, isso tanto nas laterais como na parte inferior e superior. Opostamente, o célebre corte “escovinha” era feito todo na máquina, o cabelo ficava bem rebaixado, com exceção da frente em que era deixado um pequeno topete. Por fim, o corte “militar”, esse era quase raspado nas laterais e por trás da cabeça, e em cima ficava um pouco baixo.

Ainda ficamos sabendo que para cada fase havia um tipo específico de corte de cabelo. As crianças, os adolescentes e os velhos preferiam o “militar”; os rapazes modernos aderiam à “cabeleira seca”; os homens adultos, à “meia cabeleira”. Embora não fosse uma regra, o estilo do corte de cabelo era determinado pela faixa etária de cada indivíduo. Assim, dependendo da idade do cliente, o barbeiro já tinha uma noção do estilo de corte que mais se adequava.

Após a apresentação dos diferentes tipos de penteados, percebemos que a tendência de corte de cabelo muda a cada período. Se antes, na década de 1970, era moda para alguns preservar a cabeleira cheia, esse formato não é sinônimo de modernidade nos anos de 1980. Nesse momento, a maioria dos jovens ainda cultivava os cabelos compridos, mas sem o volume da década anterior.

²⁷⁰ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

Seu Josias informa que mesmo existindo diferentes estilos de corte de cabelo, do tempo em que ele começou a aprender a profissão, isso no transcorrer dos anos de 1960, a coisa não se modificou muito. Pois, independente das tendências, algumas pessoas ainda preferiam o cabelo rebaixado, quadrado, raspado, longo, etc. Assim, o que mudou mesmo foi a designação dos cortes, mas os padrões continuaram os mesmos.

A maneira de cortar cabelo não mudou, é a mesma coisa desde que comecei. Toda vida teve variação de corte. Não acho novidade nos cortes de cabelo de hoje não. A maior novidade que tem nos cortes de cabelo são os nomes, isso toda vida teve, e essas listrinhas bestas que o pessoal hoje inventa de fazer.²⁷¹

Os estilos de cabelo já nos anos 1980 eram identificados por outros nomes, o mais popular era o corte rebaixado, curto nas laterais e comprido em cima. Esse modelo se adequava tanto ao homem com cabelo liso quanto encaracolado. O corte degradé assemelhava-se ao rebaixado, o que vai diferenciá-lo é que ele é diminuído gradualmente até atingir as imediações da nuca.

O formato de ladinho era bem usado por quem tinha cabelo estirado. Por ser o tradicional estilo de cabelo dos principais personagens do cinema americano, foi muito utilizado na década de 1980, era também o estilo preferido dos homens de negócios. O corte estilo Elvis Presley, que era baixo nos lados e alto em cima, formando um alto topete, atraía os mais jovens. O estilo surfista era o preferido da maioria dos adolescentes.

Sendo assim, mesmo que nosso colaborador considere que não houve muitas alterações nos modelos e penteados, podemos constatar que a satisfação estava em se distanciar do ar de seriedade imposto pelos tradicionais cortes. Por exemplo, os estilos de cabelo preferidos pelo público masculino nos anos de 1980 já não eram tão básicos, pois nesse período, em virtude da influência punk-rock no país, alguns homens eram tendenciosos a imitar os ídolos da música, os quais preservavam longas cabeleiras ou estilos mais radicais²⁷².

Nesse sentido, o corte ia depender muito do gosto do cliente que, às vezes, queria e até exigia um modelo que não combinava muito com o perfil do seu rosto, mesmo assim o barbeiro procurava atender aos desejos de quem estava lhe pagando. Dessa forma, seja no estilo

²⁷¹ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

²⁷² Ver ARAÚJO, Rogério Bianchi de. A juventude e o rock paulistano dos anos 80. **Emblemas** – Revista do Departamento de História e Ciências Sociais – UFG/CAC. v. 8, n. 1, jan.-jun., 2011.

mais tradicional, clássico ou versátil, Seu Josias assegura que nunca teve tantas dificuldades em desenvolver os diferentes padrões.

Quanto aos cortes mais despojados, como o “moicano”, que é raspado dos lados e deixa uma grande quantidade de fios bem “espetados” na parte central da cabeça, chegava a irritar nosso colaborador e os outros entrevistados, os quais entendem que isso não é corte de cabelo. “Não vejo graça em alguns cortes, esses modelos besta mesmo que o pessoal inventa de fazer no cabelo, que fica todo arrepiado e cheio de listrinhas”²⁷³. Mas se o cliente quer seguir a moda, ele está pronto a atender as suas exigências.

Muito embora que centralize sua discussão em torno das modas para mulheres e modos para homens, Freyre (1987) observa no Brasil dos séculos XIX e XX como os homens se rendiam a estilos e modismos, isso desde os penteados às vestimentas.

Quando se diz do homem que vem sendo, favorecido por circunstâncias, um maior criador de modos de ser, de agir, de decidir, de construir, do que mulheres, superior na criação de modas, de vestir, de criar filhos, de ser religiosa, de pentear, de calçar, de cozinhar, de fazer doce, não se subestima a mulher nem se deixa de estimar o valor representados pelas modas. (...) Que é moda? Além de “hábitos geralmente aceito, variável no tempo e resultado de determinado gosto, idéia, capricho” do sentido que lhe atribui Aurélio, “uso passageiro” - segundo o mesmo Aurélio - “que regula a forma de vestir, calçar, pentear etc.” e “... arte e técnica do vestuário”. Uso passageiro – acrescenta-se, entretanto, a Aurélio – como sugerido por expressão como “a cor roxa está na moda”, “tal perfume é o da moda”, “sandália virou moda”, “*soutien* passou da moda”. (...) de modo específico, a de vestir-se, calçar-se, pentear-se a mulher ou homem segundo a sua idade, sua atividade, sua atitude, seu lazer, seu biótipo. (FREYRE, 1987, p. 12, 96)

Portanto, são muitas as variedades de cortes de cabelo masculino, as tendências continuam existindo e arrebatando uma multidão de homens, os quais também são adeptos das modas que se desvendam nos muitos estilos de penteados. Entretanto, após algumas décadas na profissão, Seu Josias sabe que, na verdade, o corte deve ser escolhido de acordo com o formato do rosto de cada cliente, não adianta um estilo super atual se o modelo não valorizar o rosto. Por isso, é importante, antes de cortar o cabelo, ter ciência do estilo de rosto do cliente.

A maioria dos cortes de cabelo cai bem para quem tem o rosto triangular. Se for quadrado, o modelo perfeito é um que tente eliminar esse traço. No caso do arredondado, é prefe-

²⁷³ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

rível um estilo que siga linhas retas. Se o aspecto facial é ovalado, o bom é cortá-lo de modo a não ficar todo curto, assim conserva o aspecto jovial proporcionado por esse tipo de rosto²⁷⁴.

Desde a época em que começou a trabalhar profissionalmente como barbeiro em Campina Grande, isso nos anos de 1980, independente do estilo do corte, o ritual é o mesmo. Chegou o cliente e diz que vai cortar o cabelo, ele manda esperar um pouco. Na intenção de eliminar os fios que ficaram do freguês anterior, “sacode a bata”, depois torna a passar a vassoura para remover alguma sujeira do salão, limpa os pentes e escovas, arruma a bancada novamente, que é a mesa sob o espelho, e coloca sobre ela tudo que será utilizado para cortar o cabelo do novo cliente.

Feito isso, pega a tesoura, vê se está bem amolada, em seguida coloca a máquina para funcionar, se necessário torna a lubrificá-la. Depois, enfileira os pentes que poderão ser utilizados na máquina, para cada estilo de corte um específico, que vai desde o número um até o cinco. O pente a ser usado vai depender do pedido do cliente.

Logo em seguida, arruma a cadeira, e, para eliminar qualquer fio de cabelo, passa uma flanela úmida sobre ela, tanto no assento como no encosto. Prepara o álcool ou outra água de cheiro que será usada após o fim dos trabalhos, isso no “pé do cabelo” e na região das costeletas.

Estando tudo organizado, convida o freguês para assentar-se na cadeira. Depois que ele acomoda-se, o barbeiro tem o cuidado de ajustar o assento à altura do mesmo, que diz se a posição está ou não confortável, de igual modo faz com o encosto. No mesmo instante, liga o ventilador que fica voltado para o rosto do cliente, geralmente este é ligado na velocidade mais lenta. Daí se deduz o motivo.

Enfim, chega o momento de colocar a bata sobre o corpo do cliente, esta é bem ajustada na região do pescoço para evitar que os pelos caiam sobre suas vestimentas. Agora vem a pergunta: Como vai ser o corte? Se o cliente já é conhecido do barbeiro, diz apenas: “O de sempre”. Se novato: “qualquer jeito tá bom!” ou especifica a maneira como gostaria que seu cabelo ficasse. Na dúvida, o barbeiro pede para que ele penteie o cabelo na forma que mais gosta, para daí ter uma noção de como vai ser o modelo do corte que poderá agradá-lo.

Tiradas as dúvidas quanto ao estilo do corte, o próximo passo é pegar o borrifador, geralmente contendo água com um pouco de creme hidratante, e borrifar toda a cabeleira para facilitar o pentear e o modelar do cabelo. Concluída essa tarefa, o barbeiro continua os trabalhos procurando desembaraçar os cabelos com um pente de dentes largos. Nesse instante, di-

²⁷⁴ Informações disponíveis em <http://claudia.abril.com.br/beleza/o-corte-de-cabelo-ideal-para-cada-formato-de-rosto/>

reciona todo o cabelo para frente, depois para trás e para os lados. Quando o cabelo é crespo, essa ação é feita com uma escova. Para Seu Josias, essa parte é importante porque ajuda “o cabelo a assentar” e facilita o manuseio da tesoura.

Concluído o desembaraço da cabeleira, nosso colaborador começa a demonstrar a habilidade que tem com as mãos. Primeiro, passa os dedos por entre as mechas do cabelo para sentir a sedosidade e ver por onde deve iniciar o corte. Decidido o itinerário a ser percorrido, pouco a pouco, vai eliminando as camadas de fios. Para evitar o desencontro dos pelos, o corte ocorre de maneira pariforme. Quando menos se espera, as primeiras madeixas despencam cabeça abaixo.

Geralmente, o trabalho inicia pelos lados da cabeça. Esse aparar pelas laterais facilita o posterior manuseio da tesoura na parte superior do cabelo, que só será cortado após as partes inferiores. Para eliminar os excessos laterais, Seu Josias dispensa a tesoura e prefere a máquina, pois ela, além de adiantar o serviço, permite uma maior homogeneidade na área cortada. Em alguns casos, principalmente quando o cabelo é liso, o ideal é utilizar apenas a tesoura, visto que ela possibilita uma maior naturalidade no aparar dos pelos.

Ao aprontar os lados do cabelo, o barbeiro torna a dar mais uma borrifada para continuar com os seus serviços, só que agora na parte superior. Nessa região, os pelos são cortados em camadas. Uma quantidade de fios é presa entre os dedos indicador e médio, o que ficar acima deles, será eliminado. Sempre seguindo essa técnica, vai se suprimindo todo o excesso de cabelo da parte frontal da cabeça do cliente, que paulatinamente vai ganhando o novo visual.

Enquanto não atingir o corte esperado, Seu Josias volta a borrifar o cabelo para que ele não perca a umidade e não atrapalhe o desempenho de sua atividade. Daí em diante, é só dar uma, duas ou três penteadas e perceber onde é necessário fazer alguns retoques, seja isso com a máquina ou com a própria tesoura. Essa parte dos remanejos finais fica a critério do cliente, que diz onde precisa ser tirado um pouco mais de cabelo.

Feitos os ajustes, tendo a certeza de que o comprimento do cabelo está por igual e que o cliente ficou satisfeito, o barbeiro parte agora para as áreas em volta da cabeça: orelhas, costeletas, pescoço e o chamado “pé do cabelo”. Nessas partes, utiliza-se um aparador, a própria máquina no ponto zero ou a lâmina que contorna essa região com maior perfeição.

Assim, o barbeiro começa sempre pela parte de trás, que fica nas proximidades da nuca. Depois dá uma visibilidade à costeleta, seja ela fina ou grossa, estilo Elvis Presley, isso fica a gosto do cliente. Por último, elimina os pelos das orelhas. Falta pouco para os trabalhos

serem concluídos. Cuidadosamente o barbeiro pega um espelho e mostra ao freguês como ficou o “pé do cabelo”, se ele aprovar, tarefa acabada. Quer dizer, o barbeiro ainda usa um pouco de talco em um espanador em fios de seda e passa por entre as orelhas, na região do pescoço e levemente na face do cidadão que acaba de ter o cabelo cortado.

Para que os pelos não caiam na roupa, Seu Josias vagorosamente retira a bata de sobre o cliente. Logo em seguida, o freguês levanta-se, dá uma última olhada no espelho e certifica-se de que tudo está conforme o combinado. Estando tudo bem, ele paga ao barbeiro, agradece e vai embora. Agora, é só esperar quinze dias ou um mês pelo seu retorno. Sendo nosso colaborador um barbeiro cuidadoso, antes que comece o próximo trabalho, ele procura deixar tudo em ordem, até mesmo para evitar que no final do dia fiquem muitos pelos espalhados pelo piso do salão.

Portanto, mesmo sem possuir um curso específico, a forma cuidadosa e cativante, a maneira talentosa de cortar cabelo, barba e bigode, proporcionou ao nosso entrevistado um bom número de clientes e contribuiu para que ele se assegurasse como barbeiro na cidade de Campina Grande. Assim, contando apenas com a sorte, logo que chegou para morar no bairro do Pedregal, já começara a exercer a profissão em casa mesmo. Daí em diante, foi questão de tempo para que viesse a se estabelecer na Feira Central e, em sociedade com o seu irmão, no ano de 1984, montar sua própria barbearia.

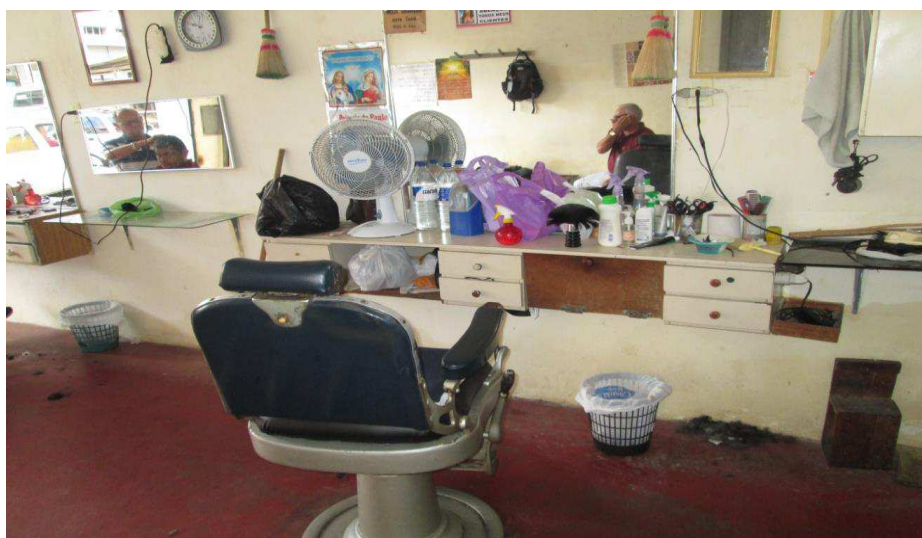


FIGURA 22 – Barbearia na Feira Central.
Fonte: Fotografia de 2017 feita pelo autor.

Desde esta data, Seu Josias mantém-se na feira livre com o seu salão, chamado “Dois Irmãos”. É de lá que ele nos afirma que conseguiu tudo com o que sonhou, todos os seus de-

sejos de infância foram realizados cortando cabelo dos feirantes. Essa tarefa não foi fácil, havia outros concorrentes, mesmo assim, conservou um bom número de fregueses, de modo que tinha dia que passava da hora de retornar para casa.

Graças a Deus, toda a vida deu para mim. Nunca passei necessidade e Deus me defendeu disso. Graças a Deus, eu consegui fazer minha freguesia e ainda hoje me sustenta graças a Deus. De 1980 para cá nunca me faltou o pão na mesa, graças a Deus, nunca faltou. O que eu sonhava na infância tenho hoje. (...)Naquele tempo não tinha muita concorrência como tem hoje? Porque hoje tem salão demais. Era menos a concorrência naquela época, mas, assim mesmo, quando eu cheguei aqui na feira fui concorrer com seis na área, mas deu certo. Tinha dia que não tinha hora de fechar, enquanto tinha gente eu tava por aqui.²⁷⁵

Ele ainda lembra que seu local de trabalho lhe deu tudo e mais um pouco, como o meio de transporte que tanto desejou. Por isso, também, se sente um vitorioso. “Meu primeiro meio de transporte foi em Cacimba de Dentro. Lá era um burro. Já estava rico com um burro de sela. Aí eu vendi e aqui com o dinheiro que ganhei no salão, consegui comprar um carro e até hoje ainda tenho, graças a Deus”²⁷⁶.

Diante do exposto, percebe-se o empenho do homem do campo que migra para a cidade em busca de sobrevivência. Com muito esforço, ao trocar a enxada pela tesoura, Seu Josias conseguiu desempenhar um ofício e passou a viver apenas dele. Nisto, identificamos a grande importância da profissão para nosso colaborador que, a partir da atividade que desenvolve, conseguiu sustentar sua família e integrar-se ao seu grupo social. Por isso que suas memórias são conduzidas pela via laborativa.

No entanto, embora tenha mais de trinta anos exercendo o mesmo ofício na cidade, nosso informante ainda continua a pagar aluguel, ele não conseguiu juntar dinheiro suficiente para adquirir um ponto próprio e instalar seu salão. “Desde que cheguei aqui em Campina que trabalho em ponto alugado. Antes o salão era dos outros, hoje, o salão é meu e do meu irmão, mas o ponto ainda é alugado”²⁷⁷.

“Quando desejamos compreender a cultura das classes pobres percebemos que ela está ligada à existência e à própria sobrevivência dessas classes” (BOSI, 2003, p. 151). Com isso, podemos entender que a vida de um profissional autônomo é constituída por muitos desafios,

²⁷⁵ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

²⁷⁶ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁷⁷ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

os quais são superados cotidianamente até que se atinja sua meta maior: a simples sobrevivência. Mesmo em meio aos distintos problemas, Seu Josias se revela satisfeito com a profissão escolhida, pois é grato por tudo que o serviço lhe proporcionou, acha que não seria tão realizado em outra área como foi na barbearia. Ela é responsável por mantê-lo na cidade de Campina Grande desde os anos de 1980. “(...) homens e mulheres do trabalho manual, como sujeitos sociais, aprenderam a desenvolver diversas estratégias de sobrevivência” (PIMENTA, 2008, p. 25).

Portanto, ele não só reconhece a importância de sua profissão como a indica a outras pessoas, pois é um serviço no qual, a cada dia, sempre se arruma um pouco. “Porque nesse ramo você pode chegar lisinho, sem nada, daqui a pouco está com dinheiro no bolso. Só fica liso o desmantelado. Nessa profissão, por pouco que seja sempre dá para sobreviver, ninguém passa fome, nunca falta freguês”²⁷⁸. Ele entende que por uma questão de higiene, muitos homens continuam a frequentar a barbearia. Também há aqueles que procuram o salão por falta de coragem ou pura preguiça de barbear-se em casa.

Quanto à questão da ausência de mulheres na barbearia, nosso informante associa a uma prática preconceituosa e machista de muitos homens que acham o ambiente impróprio ao público feminino. “É uma questão até de ignorância, preconceito. A mãe dos meus filhos mesmo corta cabelo de homem, faz barba. Trabalho é trabalho, mas existe o preconceito de homem na profissão. Aí as mulheres acabam nem frequentando nem cortando cabelo de homem”²⁷⁹.

Porém, confessa que não gosta de cortar cabelo de mulher, as exigências são bem maiores que as dos homens, os quais dispensam menores cuidados e o próprio cabelo, por ser mais curto, facilita o serviço. “Nunca quis fazer profissão de cabeleireiro de mulher. O cabelo de homem dá menos trabalho”²⁸⁰.

Para nosso entrevistado, o segredo do sucesso do seu salão está mesmo na qualidade do seu trabalho. Assim, entendemos que é a forma como Seu Josias manuseia a tesoura que garante sua clientela e não a presença de um profissional do sexo masculino ou feminino. “O que segura o freguês é um bom barbeiro. Quem mais segura ele é o trabalho do barbeiro. Pode ser um barbeiro chato, pode ser o que for, fez o serviço e agradou pronto, fez o freguês”²⁸¹.

²⁷⁸ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁷⁹ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

A divisão sexual do trabalho produziu uma desigualdade na distribuição das responsabilidades. No meio social, há uma nítida demarcação do que é próprio para homens e inadequado às mulheres. Nessa relação, não se considera o desenvolvimento intelectual ou outras habilidades. Essa segregação é analisada por Perrot (1988) como sendo desvantajosa ao sexo feminino, que herdou como prioridade a tarefa doméstica.

O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. (...) Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos (...) A dona-de-casa, nas classes populares urbanas do século XIX, é um personagem maior e majoritário. Majoritário por ser a condição do maior número de mulheres que vivem maritalmente, casadas ou não (sendo o casamento, aliás, o estado civil mais generalizado), principalmente quando têm filhos. O modo de vida popular pressupõe a mulher “em casa”. (PERROT, 1993, p. 186, 187, 213).

Seu Josias nos informa que toda vida trabalhou na profissão, e que havia um sindicato que representava a categoria, porém não via importância na instituição.

Em 1986 veio um cidadão aqui para fazer o sindicato. A gente olhou: fazer o que? Se associar e fazer um sindicato para quê? Para brigar por quê? Porque o sindicato não é para briga? Para reivindicar melhoria de quê? Está só sujeito a uma entidade ali. A gente achou que não era futuro, porque a gente ia brigar por quê? Exigir de quem?²⁸²

No caso específico, nosso colaborador assegura que o sindicato não contribuía em nada. Se o propósito de uma associação de trabalhadores é lutar para defender os interesses e direitos dos seus pares, a entidade que deveria auxiliar os barbeiros de Campina Grande era irrelevante.

Talvez por uma concepção conservadora ou por ausência de conscientização, alguns barbeiros não quiseram filiar-se ao sindicato. Mas, se tivessem aderido à associação sindical, provavelmente não estariam enfrentando tantos problemas para se aposentar. Pois sabemos que uma das prerrogativas de um sindicato é a preocupação com questões jurídicas, adminis-

²⁸² Idem.

trativas e a condição social do trabalhador, que também é um cidadão, e, como tal, reconhece seus deveres, mas também precisa ter seus direitos defendidos e assegurados.

Por isso, a importância de uma representação capaz de reivindicar melhorias junto ao poder público para uma determinada categoria de trabalhadores, como é o caso dos barbeiros, os quais infelizmente, por não serem tão politizados²⁸³, desprezaram a associação sindical, esta que é de grande relevância, sobretudo nos momentos de crises, como bem frisou Marx (1996).

Assim, sindicalizar-se é mais que uma simples adesão, representa um fortalecimento para uma parcela de trabalhadores, que terão acesso a informações, apoio em diferentes questões relacionadas à atividade que desenvolvem, e outros benefícios que normalmente o trabalhador só consegue em coletividade. Portanto, uma categoria unida torna-se mais fortalecida, elimina injustiças e consegue proteção que provavelmente o indivíduo não teria como pleiteá-las individualmente²⁸⁴.

Dessa forma, uma classe autônoma, como a dos barbeiros, precisaria de uma representatividade que lutasse por seus direitos, reivindicasse melhorias e conscientizasse os seus pares do seu papel na sociedade e de sua importância à coletividade. Isso seria interessante para que houvesse uma maior valorização do ofício e se eliminasse o sentimento de inferioridade que é nutrido por alguns dos barbeiros. Como é o caso do nosso primeiro entrevistado, Seu Zé, que vê o serviço como inferior, algo destinado a pobre que não teve outra opção. “(...) duas profissões de pobre, eu comparo com o chofer ou com a de barbeiro”²⁸⁵.

Ainda sobre a atividade, Seu Josias confessa que, se não fosse barbeiro, voltaria as suas origens, viveria apenas da agricultura. Atualmente cultiva um pedaço de terra nos arredores de Campina Grande, e faz isso todos os finais de semana. Nisto se constata que o seu grande prazer está mesmo na labuta, o sentido maior de sua vida é a ação do trabalho.

²⁸³ O termo deriva dos sapateiros analisados por Hobsbawm, os quais em virtude da atividade que desenvolviam disponibilizavam de tempo para manter-se informados, isto por meio da leitura, que resultou na formação do sindical da categoria. CF. HOBBSAWN, Eric J. Sapateiros politizados. In: **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 149 – 192.

²⁸⁴ Ainda sobre a importância e a formação sindical no Brasil desde a Era Vargas a década de 1980, ver MATTOS, Marcelo *Badaró*. **O sindicalismo brasileiro após 1930**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003; e SOUZA, Carlos Eduardo de; FIGUEIREDO, Lorene. 2009. **Do novo sindicalismo ao sindicalismo novo: Desafios e perspectivas para as organizações classistas dos trabalhadores**. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lorene_Figueredo_e_Carlos_Eduardo_de_Souza_do_novo_sindicalismo_ao_sindicalismo_novo.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2017.

²⁸⁵ Trecho da entrevista concedida em 05 de junho de 2016.

Se não fosse para trabalhar de barbeiro, tinha ficado na agricultura mesmo. Eu ainda trabalho no roçado, não porque preciso, mas porque para mim o trabalho é tudo. Eu estando aqui na barbearia estou numa festa. Estou trabalhando, estou me divertindo. É a mesma coisa quando estou no roçado, estou numa festa. O trabalho representa tudo na minha vida. Meu trabalho hoje é meu tudo. Eu estando aqui ou trabalhando no roçado, estou na maior festa da vida. Trabalhar é bom demais.

Graças a Deus, o que eu tenho é do suor do rosto mesmo, nunca herdei, nunca tive uma herança de nada de ninguém, nunca tive uma ajuda de custo de ninguém na minha vida, graças a Deus, foi Deus e o suor.²⁸⁶

Portanto, para o nosso colaborador, sem o trabalho o ser humano não tem direção, falta-lhe algo para preencher o espaço vazio, pois o homem só é bem-vindo à sociedade se tiver uma ocupação. Seu Josias não admite o sujeito querer viver “sem ralar”, não acha justo um indivíduo depender do outro. Inclusive, ele defende que alguém pode até enriquecer trabalhando, isso vai depender do esforço de cada um. Em vista disso, só a labuta pode verdadeiramente libertar o homem, o qual de sol a sol granjeia o pão de cada dia.

Todo trabalho é digno. E todo trabalhador é digno do seu salário. O homem que não trabalha eu não vejo com dignidade, porque quem não trabalha tem que viver às custas dos outros. Quem não trabalha tem que ter alguém para lhe sustentar. E isso para mim não é jeito de gente. O homem que trabalha é bem visto pela sociedade, pode ser arrancador de toco, qualquer serviço que ele for fazer é um trabalhador. Eu conheço pessoas que ficaram ricas trabalhando, começou do zero. Dou logo um exemplo a você, o rapaz dessa loja aqui. Conheci esse rapaz vendendo uma fitazinha cassete, naquela época um bombom. Hoje é um rico, graças a Deus. Não é amostrado, mas é rico. Eu não acho que trabalhar tire a liberdade. Não me sinto assim, quando eu quero passear, passeio. Quem trabalha tem uma vida mais tranquila. Minha folga é trabalhar, estando trabalhando estou com saúde.²⁸⁷

É visível o esforço do nosso entrevistado em expressar a positividade do trabalho como um ato enobrecedor da ação humana. Ele não interpreta o trabalho como um castigo divino, mas como algo benéfico e enaltecido.²⁸⁸ Sem a labuta, o indivíduo vive sem direção, não

²⁸⁶ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

²⁸⁷ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

²⁸⁸ “O poder de convicção religiosa põe à disposição da classe burguesa trabalhadores sóbrios e aplicados, que se dedicam ao trabalho com a consciência de estar agradando a Deus. E a burguesia tem a tranquilizadora consciência de que a distribuição desigual da riqueza deste mundo é obra da divina providência” (ALBORNOZ, 2012, p. 56).

sabe o que fazer nem para onde ir. Assim, o trabalho valoriza, projeta, dá sentido à vivência humana.

Nessa perspectiva, voltemos ao início da discussão quanto ao embate em torno da conotação *trabalho*, desta vez expressa por nosso colaborador, que vê nessa categoria tudo que há de bom ao ser humano que deseja sobreviver de modo honesto e que busca na lida diária seu sustento. Sobre essa questão da positividade do trabalho, é compreensível o ponto de vista defendido por Seu Josias, de que o trabalho é, sim, necessário à vivência humana, mas não esqueçamos que a labuta também fadiga o homem.

Só vejo o trabalho pelo lado positivo . Trabalhar para mim não é um castigo é um prazer, uma dignidade, uma ordem dada por Deus, o que Jesus Cristo veio e reafirmou: Eu trabalhei primeiro. O homem que não trabalha, primeiro ele desobedeceu a Deus desde o Jardim do Éden. Eu estou pensando que, se eu ganhasse na loteria, ainda ia arrumar um serviço, uma coisa para não estar parado. Uma pessoa que trabalha tem a mente ocupada. Anoitece e amanhece e sabe para onde vai.²⁸⁹

Em muitos trechos das entrevistas, identificamos que Seu Josias toma como referência o texto bíblico para defender e realçar a importância do trabalho em detrimento da ausência dele. No entanto, Albornoz (2012, p. 51) destaca o sentido da negatividade do trabalho expresso no Livro Sagrado. Seria o trabalho uma ordem ou um castigo de divino? Se analisarmos Gênesis 3: 19 veremos que o ser humano perde sua regalia, agora para fartar-se deverá derramar o suor do rosto. Portanto, onde está à positividade da laboração?

Albornoz (ibidem, p. 53) ainda enfatiza que com a Reforma protestante a ação do trabalho é apresentada não mais como uma “labuta penosa”. Agora esse ato é defendido, através do Novo Testamento, como algo benéfico e necessário ao homem. O novo pacto condena o ócio, a falta do trabalho. O próprio Jesus era carpinteiro, os seus apóstolos se sustentavam do que produziam com as mãos. Lucas 10: 7 mostra que só quem trabalha deve receber. Em II Tessalonicenses 3:10, o apóstolo Paulo é bem enfático: Quem não trabalha não coma. Na mesma epístola, no versículo seis, ele aconselha os fiéis a se afastarem de quem não trabalha. Assim, a exposição bíblica só aumenta a contradição entre o lado assertivo e exaustivo do trabalho.

²⁸⁹ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

Sabemos que o trabalho é necessário, porém, mesmo que o ser humano esteja realizando atividades indispensáveis à conservação da espécie, como nos mostra Arendt (2010), há de se compreender que esse ser é plural, capaz de desenvolver outras ações que ultrapassam a simples atuação laboriosa que visa tão somente à existência. É preciso entender que o homem é integral, dinâmico, racional, econômico, social, político, e que busca, sim, inúmeras estratégias de sobrevivência e diferentes formas de trabalho.

Após esta explanação, podemos entender que Seu Josias pertence a um grupo social influenciado por princípios que trazem consigo uma forte glorificação do trabalho. Esse grilhão é responsável por transformar a sua geração em uma “sociedade operária”, a qual só é feliz mediante a ação contínua do trabalho. Assim, como bem ressaltou Halbwachs (2006), a memória individual é desvendada a partir da coletiva. Ela denuncia costumes e hábitos de uma época. “As pessoas no meu tempo era criada no trabalho. Eu já me criei assim. O trabalho para mim é tudo. Sem o trabalho não se tem vida. O trabalho faz parte da vida”.

3.3 A cidade de Campina Grande contemplada por um barbeiro: diversão, festejos e renda

Quando eu cheguei aqui, em 1980, Campina nesse tempo era descansadona. Para você ter uma ideia, nesse tempo não existiam as Malvinas, Severino Cabral estava tudo em construção, do Estadual da Prata até chegar no Campinense Clube só tinha mato, só existiam quatro prédios: o Paloma, o Rique, o da Telpa e aquele que até hoje não terminaram. Só tinha isso em Campina, o resto tudo era mato. Você chegava onde é o Luiza Motta hoje, aquele meio de mundo ali tudo era mato.²⁹⁰

²⁹⁰ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.



FIGURA 23 – Imagem do Centro da cidade de Campina Grande no início da década de 1980.
Fonte: Lacerda Júnior, 2012.

Nesta citação, Seu Josias recorda a época em que chegou para morar em Campina Grande. São muitas as referências lembradas por ele, áreas que antes davam lugar a matagais foram ocupadas e mudaram a fisionomia urbana da cidade. Devemos acrescentar que a Rainha da Borborema por esses tempos vinha passando por uma série de modificações promovidas pelo Projeto Cura²⁹¹, que foi responsável pela execução e transformação de ruas, praças, construção de conjuntos habitacionais e outras edificações que visavam modernizar a cidade.

Aos poucos, essas mudanças acabaram promovendo na cidade não só um ar de modernidade, mas também uma planejada expansão urbana, executada no decorrer dos anos 1980²⁹². Estas novas implementações vão sendo resgatadas e reconstruídas pela memória do nosso entrevistado, o qual acaba colaborando para a rememoração coletiva.

Assim, a cidade vista até então por Seu Josias é reurbanizada, surgia a sua frente uma nova urbe, com modernas e maiores edificações verticais, alargamento de avenidas, eliminação de ruelas e casebres. A cidade vai ganhando novas demarcações, tons, traços de projetistas e arquitetos urbanistas que esboçam ou programam o futuro da “descansadona Campina”.

²⁹¹ Um programa do Governo Federal denominado “Comunidade Urbana Recuperação Acelerada” tinha o propósito de impulsionar a economia urbana (MAIA, 2010, p. 4).

²⁹² Como a construção do conjunto habitacional Álvaro Gaudêncio – Malvinas, mencionado nesta dissertação na p. 94.

Foi no governo do então prefeito Enivaldo Ribeiro, 1977 a 1983, que essas mudanças tornaram-se mais visíveis. Ele concentrou sua administração, sobretudo, no setor de infraestrutura²⁹³. Muitas de suas obras são conhecidas da população campinense, como a edificação do primeiro shopping da cidade e do Distrito dos Mecânicos. Outra obra de grande relevância construída nesse período foi o Calçadão da Cardoso Vieira, inaugurado no dia 27 de março de 1982, um espaço acolhedor de muitos que costumam sair de casa para bater um papo. Lá, ideias são compartilhadas e amigos se reencontram.

O ambiente também recebe muitos artistas de rua, os quais acabam transformando o “Calçadão” em lugar lúdico, político, poético, sociável e cultural, em que há um intenso intercâmbio de subjetividades. Este é um dos espaços mais lembrados por Seu Josias, visto que nas horas vagas, gosta de dirigir-se até o local para encontrar antigos amigos e com eles recordar as velhas travessuras. “Aquele Calçadão surgiu com Enivaldo, ali é lugar de lazer hoje, principalmente para os que já estão aposentados. Foi uma obra importante para a cidade, ficou muito bom ali”²⁹⁴.

Além dessa área de lazer, outras obras foram surgindo, e aos poucos transformaram a organização espacial da cidade. No entanto, como já mencionado, Oliveira (2014) mostra que a reurbanização de Campina Grande custou caro aos seus antigos moradores, principalmente aos que habitavam as áreas próximas do Centro da cidade, estes foram desalojados para dar lugar às novas edificações.

Assim, a população pobre que residia em setores ilustres da malha urbana da cidade foi transferida para localidades periféricas, provocando, dessa forma, uma clara segregação imobiliária, que se intensifica ainda na gestão do prefeito Enivaldo Ribeiro, o qual remaneja muitos moradores das imediações da área conhecida por “Coqueiros de José (Zé) Rodrigues”, local que na administração seguinte abrigará o Parque do Povo.

²⁹³ Cf. Oliveira (2014).

²⁹⁴ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.



FIGURA 24 – Área dos antigos “Coqueiros de Zé Rodrigues”, local que passou a brigar os festejos juninos dos campinenses.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/04/#.WVLA9iEYEag>

O novo prefeito da cidade, Ronaldo Cunha Lima, que ficou no cargo de 1983 a 1989, deu sequência às metas inclusas no Projeto Cura. Nesse período, a obra de destaque construída pelo então gestor público e inaugurada no ano de 1986, o Parque do Povo foi erguido com o propósito de abrigar o maior evento símbolo do seu governo, a festa junina. Assim, entre um dirigente e outro, aos poucos, a cidade era promovida, elevada à capital cultural e econômica do interior paraibano. Porém, o poder político continuava concentrado nas mãos das velhas oligarquias. Desde a época em que Seu Josias veio morar em Campina Grande, as mesmas famílias revezam-se no comando da cidade.

Naquela época, quando eu cheguei aqui, era a disputa Cunha Lima com Ribeiro. Enivaldo Ribeiro era o ex-prefeito. Agora, sempre foram as três famílias: Ribeiro, Cunha Lima e Rêgo. Toda a vida esse pessoal teve no poder, desde que eu vim morar em Campina Grande nunca mudou.²⁹⁵

Nessa fala identificamos um triste dado de que tradicionais famílias perpetuam-se no poder político. Essa é uma longa tradição, um deprimente legado originado no patriarcalismo

²⁹⁵ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

assinalado por Gilberto Freyre²⁹⁶. Deste modo, a oscilação de duas ou três famílias na chefia de uma determinada região ou cidade, como é o caso de Campina Grande, não é algo recente, essa é uma prática que se arrasta desde o período colonial.

O pior é que muitos desses figurões dificilmente perdem o cargo ou domínio político, pois quando já estão desgastados, sempre arrumam uma forma de inovar: lançam um parente que representa um novo nome e, através dele, se sustentam no poder. Dessa forma, continuam a se locupletar com as verbas públicas, as quais acabam mantendo as regalias de uma pequena parcela da população, que tem em suas mãos o destino de um povo.

Membros dessas tradicionais famílias procuram ganhar popularidade política, a partir das obras que realizam ou dos eventos que promovem. Logo, foi na administração do então prefeito Ronaldo Cunha Lima que a festa junina em Campina Grande ganha notoriedade.

Quando eu cheguei aqui, nessa época o São João era só uma palhocinha de palha de coco onde hoje é o Parque do Povo. Naquela época o terreno era cheio de mato e mamona, era um mato muito grande ali. Tinha uns coqueiros e ao redor tudo era casinha de taipa. Aí o governo de Enivaldo fez uma palhocinha, fazia aquela fogueira mesmo e o pessoal começou a dançar. Depois fizeram umas palhocinhas onde é o Museu Vivo. Foi o tempo que Ronaldo veio e fez aquela ideia do Parque do Povo. Essa tradição de São João em Campina não era tão forte.²⁹⁷



FIGURA 25 – O Palhoção do Centro Cultural, anos 80.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/04/#.WVLA9iEYEag>

²⁹⁶ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

²⁹⁷ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

Se Enivaldo Ribeiro desapropriou a área destinada à diversão dos campinenses, Ronaldo Cunha Lima dá uma grande dimensão ao evento junino quando constrói um espaço destinado às manifestações culturais e ao lazer da maioria dos populares de Campina Grande e região. Antes, as comemorações de São João aconteciam nos bairros da cidade, com variedades de comidas típicas derivadas do milho, como pamonha, canjica, bolos, cuscuz, pipoca e outras iguarias que enriqueciam a festa dos moradores, os quais também se preocupavam em decorar as ruas com balões, fitas, bandeirolas e a habitual fogueira.

As pessoas, nos bairros, também se juntavam e formavam as tradicionais quadrilhas juninas, que representavam um momento de descontração para os moradores, que dançavam a noite toda no arraial. Essa festança era animada pelos casais que ensaiavam algumas coreografias e distintos passos, que muito animavam os participantes e espectadores. Com tais características era realizado o São João de Campina Grande, tudo feito de modo espontâneo pelos próprios residentes da cidade que se diz sediar um dos maiores eventos juninos do país.

Com o passar do tempo, a festa que era organizada pelos moradores, acaba sendo apropriada pelo poder público, o qual dá outra dimensionalidade ao festejo. Agora, o evento deixa de ser algo feito artesanalmente para tornar-se um mega espetáculo que envolve uma série de profissionais das mais diversas áreas, que pensam, planejam e executam a celebração junina para os de fora se divertirem.

Dessa forma, aos poucos, as atrações existentes nos bairros são minimizadas ou deixam de existir. Isto pelas mais diversas razões, como, por exemplo, a falta de incentivos ou até mesmo de pessoas que queiram juntar-se para comemorar a festa religiosa mais tradicional da região nordestina.

Por um lado, as comemorações de São João passam a receber muitas aplicações financeiras que a transformam em um espetáculo com grandes atrações, em que, para os artistas se apresentarem, monta-se uma superestrutura de palco e som, que chega a impressionar a quem assiste ao show, que é conduzido por dançarinos profissionais e hiper-holofotes que tornam o espaço lúdico fantasioso e majestoso. Por outro lado, percebe-se que, apesar de todo esse investimento, a festa acaba perdendo sua essência, sua forma original. O que antes era feito pelo povo local e para ele, tende a tornar-se algo artificial, distanciado do que se projeta ser um evento com aspecto rural.

Sendo assim, o cenário montado para receber as apresentações lembra mais uma exibição de rock ou algo do gênero, e não uma festividade junina que foi idealizada no ambiente

campesino. Essa é a forma que se caracteriza a festa que aos poucos foi sendo inventada²⁹⁸ para a cidade de Campina Grande, pois, como disse nosso entrevistado: “essa tradição de São João em Campina é recente”²⁹⁹.

O interessante nisso tudo é tentar compreender por que os políticos da época, em especial o prefeito Ronaldo Cunha Lima, que primeiro cria a marca “Maior São João do Mundo” (LIMA, 2008, p. 53), e no ano de 1985 construiu o Parque do Povo, apoderam-se do festejo junino?

Dentre os diversos autores da história local, Lima (2008) apresenta uma discussão em torno desta questão: a de tentar perceber como um evento rural é convertido em uma festividade urbana. Que interesses há por trás dessa apropriação? Qual a grande importância do São João para a cidade de Campina Grande?

Antes, é preciso entender que Campina Grande era a cidade do algodão, este que a projetou mundialmente, agora, nos anos de 1980, não atende às expectativas. Ele não financia mais os majestosos empreendimentos urbanos. Nesse momento, o fio rompeu-se, as estações encarregaram-se de consumi-lo. Se o ouro branco tornou a cidade centro industrial, por esses tempos algumas fábricas começam a desfalecer.

Portanto, a cidade não dispunha mais do título de grande centro armazenador do algodão, também não é vista como referência no setor industrial. O comércio atacadista que deu sua parcela de contribuição não imprime mais seu timbre. Assim, nos anos 1980, a Rainha da Borborema, no aspecto econômico, passa por uma severa crise identitária. Se ela não é mais a cidade do algodão, do comércio e da indústria, então o que resta é criar uma nova marca para o lugar. Afinal, nessa fase, Campina Grande é a cidade de quê?

Assim, para Lima (2008, p. 164), como alternativa à economia local, os políticos da época começam a investir na chamada “indústria sem chaminé”. Nesse momento, a cidade ganha uma nova identidade, torna-se o lugar onde acontece o “Maior São João do Mundo”. Com essa amplitude, a festa junina passa a ser o principal cartão postal. Essa estratégia veio em boa hora, pois salva ou inaugura um novo círculo econômico para a cidade. Agora, Campina Grande tem como carro-forte de sua economia a atração turística.

Nessa perspectiva, a festa é promovida não só com a intenção de valorizar a cultura ou conservar tradições, ela também exerce um importante papel econômico, pois promove a geração de emprego, renda e potencializa o turismo local. Isso pode ser constatado pelas diver-

²⁹⁸ Quanto à “Tradição inventada” ver HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 1984, p. 9-23.

²⁹⁹ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

sas apresentações artísticas, o artesanato, o próprio arraial artificial e outras atrações que seduzem visitantes de diferentes cidades e regiões do país.

Portanto, quando Seu Josias enfatiza sobre a recente criação do São João de Campina Grande, corrobora com as produções locais sobre a invenção do evento como uma forma estratégica de sustentar a economia da cidade por meio do turismo³⁰⁰.

Principalmente a partir da década de oitenta, observa-se paulatinamente a instituição da festa de São João no espaço urbano da cidade de Campina Grande; durante o mês de junho, esta cidade transforma-se em um verdadeiro arraial e constrói em torno de tal festividade toda uma expectativa para a sua realização, envolvendo diversos esforços de grande parte de sua população em sua execução. (...) Nesse sentido, o festejo junino no espaço urbano perde o seu referencial concreto de “festa rural”, de exemplo de “manifestação da cultura popular”, de “festa de tradição” e “religiosidade popular”, para se instituir como uma tradição inventada, um espetáculo, passando a existir como uma festa comercializada por meio de um marketing turístico, econômico, social, cultural e político. (...) Neste sentido, defendo que a festa junina, tal como é construída anualmente em Campina Grande, não é um evento ingênuo, espontâneo, desprovido de intencionalidades, pelo contrário, apresenta-se como uma articulada, segmentada e hierarquizada empresa para auferir lucros e poder. (LIMA, 2008, p. 15, 20, 27).

Assim, sabedores dessa possibilidade e do potencial da festa junina, os organizadores do São João procuraram investir maciçamente em publicidade e infraestrutura. Eles fazem isso desde os locais onde acontecem as principais atrações artísticas, como também nas áreas adjacentes ao “grande palco”. Essa é uma forma de encantar quem visita e de garantir a marca da cidade que possui não só o melhor, mas o maior “São João do Mundo”.

Dessa forma, Campina Grande ganha uma nova identidade, se antes ela era anunciada como a “Capital do Trabalho”, esse título passa a ser decorrente do estrondoso evento promovido na cidade, o qual movimentava a economia local, aquece o comércio, a indústria e absorve a mão de obra ociosa.

O São João também garante um novo meio de geração de emprego aos campinenses. Campina Grande deixa de ser apenas promotora de festividades para se tornar a cidade da prestação de serviços. Pois, principalmente no mês de junho, multiplicam-se as mais variadas formas de serviços.

³⁰⁰ “Em meado dos anos de 1980, através da realização das festas juninas, tenta-se inserir a cidade num circuito turístico de eventos. Este festejo popular ganha a logística de um mega evento, empreendimento organizado pela prefeitura em parceria com a iniciativa privada” (COSTA, 2003, p. 55).

Nesse sentido, a cidade foi cada vez mais crescendo no setor terciário, inclusive despontando como centro de referência em muitas especialidades, principalmente na área da saúde e da educação. O âmbito educacional, por exemplo, tem registrado uma elevada ampliação de cursos que vão desde o nível técnico ao superior.

Desse modo, a prestação de serviços vem destacando a cidade no plano regional, visto que atende às populações vindas do Sertão paraibano, que, devido ao seu distanciamento da capital do Estado, recorrem às localidades mais próximas que dispõem de serviços avançados, isto, sobretudo, na educação e saúde. Da mesma forma, os residentes dos arredores do chamado complexo da Borborema têm visto em Campina Grande um local adequado para aprofundar seus estudos e recorrer, quando necessário, a prontos-socorros de maior complexidade.

Estas informações são confirmadas por alguns autores locais, que constataam o forte crescimento da prestação de serviços na cidade³⁰¹, e a importância desse campo ao funcionamento ou andamento dos demais setores. Sobre esta questão, Júnior Silva (2009, p. 28), ao fazer uma análise a respeito do aspecto econômico de Campina Grande ao longo do século XX, enfatiza que a cidade, desde os anos 1980, vem sobrevivendo das poucas indústrias restantes e do setor de serviços, estes “distribuídos predominantemente nos serviços de saúde, educação e administração pública”.

É bem verdade que este é um dos campos econômicos que mais se ampliam, o que mostra que o desenvolvimento de uma cidade não está associado apenas ao crescimento de único setor. O sistema capitalista sustenta-se a partir de uma diversidade econômica distribuída nos muitos segmentos, os quais movimentam as finanças de uma região. Assim, o setor terciário, em largas proporções³⁰², acaba suprimindo as lacunas deixadas por uma gama de atividades distribuídas na área agrícola ou industrial. Isso ocorre principalmente porque o homem no espaço urbano busca cada vez mais a comodidade, resultando no surgimento de bares, restaurantes, lanchonetes, escritórios e outros espaços que oferecem uma variedade de serviços.

As barbearias, que também pertencem ao setor terciário, além de se projetarem e contribuir para a economia local, garantem a sobrevivência de muitos trabalhadores autôno-

³⁰¹ “O maior segmento, e o que teve o maior crescimento relativo, foi o de serviços, tendo aumentado em quase quatro pontos percentuais: passou de 46,4%, em 1985(...) Esse dado só vem confirmar a tendência do setor de serviços” (ALVES; SILVA JÚNIOR, 2009, p. 50).

³⁰² “Nas cidades contemporâneas não há praticamente nenhum espaço que não seja investido pelo mercado (ou pela produção para o mercado). À nossa volta existe uma espécie de evidência fantástica do consumo, criada pela multiplicação dos objetos/mercadoria, onipresentes no cotidiano da cidade (...). Sem dúvida, é possível dizer que hoje o mercado domina a cidade. Esta configuração – cidade dominada pelo mercado – é própria das cidades capitalistas” (ROLNIK, 1994, p. 28, 29).

mos, que, igualmente a Seu Josias, sobrevivem dos serviços prestados ao público masculino campinense. Sendo assim, o grande número de salões, hotéis, pousadas, motéis, clínicas, escolas e outros, tem assegurado o crescimento econômico de Campina Grande³⁰³.

Porém, seu Josias informa que, na época em que migrou para a cidade, viver em Campina Grande não era fácil. Embora a festa junina tenha contribuído com a geração de empregos, o início da década de 1980 não foi fácil para ninguém, e se, as “autoridades não tivessem pulso firme, o centro teria virado uma bagunça”.

Pra mim não tive o que falar do governo de Enivaldo, foi bom, tranquilo, já outros dizem que não prestava. O pessoal fala do problema do rapa, mas naquele tempo o problema era ordem no trabalho, onde se via isso: você estar dentro de umas gaiolas velhas. Eu nunca digo que isso era rapa, se quisesse negociar, saía vendendo com seu balaiozinho, não botava barraca no chão, o solo é para o povo andar. Ele não permitia nada fixo. Se você tivesse seu banco, tinha, se não tinha ficava empalhando os que tinha. Então, para mim isso não era rapa, era perfeição do trabalho. Essa atitude era no centro da cidade, era para ser tudo limpo, quem quisesse vender tinha que circular. E o fiscal botava para circular. Desobedeceu, prendia a mercadoria. Eles chamavam isso o rapa, mas não era rapa, era ordem. Desobedeceu, o rapa rapava tudo. Eu acho que isso era uma limpeza. Uma boa atitude, porque se não ninguém podia andar no centro, os vendedores fechava a rua todinha. Fica difícil. Muitos dizem que era rapa, mas pra mim era uma organização uma limpeza.³⁰⁴

No trecho acima, percebemos algumas questões, das quais, a primeira é a da higienização do espaço público. Ação desse tipo é própria das cidades que passam por transformações urbanísticas, que têm o propósito de atrair visitantes e investidores desejosos de ver um espaço desodorizado e harmonioso. Esse é o caso, por exemplo, de algumas ruas e do Calçadão da Cardoso Vieira, construído na gestão do então prefeito Enivaldo Ribeiro, que, ao investir na área central da cidade, não permitia que vendedores ambulantes expusessem suas mercadorias pelas vias públicas.

³⁰³ “A função comercial que deu origem e consolidou Campina Grande como polo regional, apesar de ainda ser a mais importante, não tem mais a abrangência do passado. A função industrial que se esboçou nos anos sessenta, embora de muita importância, não consolidou a cidade como polo tipicamente industrial. Hoje, porém, a cidade volta-se para a função de prestadora de serviços, principalmente para as atividades educacionais e médico-hospitalares. Atraindo pessoas não apenas do “Compartimento da Borborema”, mas também de outros estados” (COSTA, 2003, p. 59).

³⁰⁴ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.



FIGURA 26 – Calçada da Maciel Pinheiro tomado por ambulantes, anos de 1980.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/04/#.WVLA9iEYEag>

Nessa atitude, podemos identificar mudanças de hábitos e costumes de uma nova ordem social que normatiza o espaço, diz o que é permitido e o que é proibido fazer no recém-modelo de reorientação urbanística, o qual obedece a padrões de civilidade, limpeza e estética. Essa prática torna-se bem mais perceptível na cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

Chalhoub (1996) mostra que os moradores do cortiço carioca “Cabeça de Porco”, no ano de 1890, foram notificados pela municipalidade que os obrigou a se retirarem dos seus casebres antes que estes fossem demolidos. Alguns se recusaram, mas isso não impediu que, três anos após a interdição, o cortiço viesse abaixo. Assim, em nome da higienização e desordenação do espaço público, casas são derribadas, moradores expulsos, vendedores ambulantes são convidados a desocupar a região e buscar outra localidade que não altere a estética da cidade.

Ainda podemos lembrar mais uma Reforma Urbana ocorrida no Rio de Janeiro no início do século XX, dessa vez, o “bota-abaixo” executado pelo prefeito Pereira Passos, que buscava, entre distantes questões, urbanizar e ataviar a cidade carioca. Nesse intuito, o então gestor expulsa muitos moradores e trabalhadores de algumas áreas, tendo em vista que estes impediam o alargamento e abertura de ruas e avenidas. Essa ação tinha o desígnio de tornar a

cidade limpa e organizada para atender aos apelos da burguesia, que desejava livrar-se das chamadas “classes perigosas” representadas pelos mais pobres³⁰⁵.

Dessa forma, ações higienizadoras semelhantes a estas intervieram não só no meio urbano, mas na própria vida das pessoas, como no caso do banimento dos ambulantes da área central de Campina Grande. Sendo o ato implementado pelo poder público, logo teve o reconhecimento de uma parcela da população, a qual, assim como Seu Josias, apoiou a expulsão dos vendedores.

Para ele, quando o prefeito Enivaldo Ribeiro autorizava os fiscais a recolherem as mercadorias dos comerciantes, agia dentro da legalidade, pois o importante era deixar o ambiente urbano agradável aos visitantes da cidade. “Essa atitude no centro da cidade tava certa, quem quisesse vender tinha que circular ou o fiscal vinha e prendia a mercadoria. Eu acho que isso era uma limpeza, uma atitude boa”³⁰⁶.

Em outro trecho, nosso informante reclama da superlotação da Feira Central e da falta de organização no espaço. Ele diz que, se fosse no tempo do rapa, “essa feira mesmo não era essa bagunça, gente por todo lado vendendo as coisas, banco, barraca na frente dos comércios das pessoas, atrapalhando o consumidor e os donos dos comércios. Aqui não tem ordem”³⁰⁷.

Precisamos entender que essas observações esboçadas por nosso entrevistado se referem ao resultado do crescimento da mão de obra ociosa, que gerou um aumento no setor informal. Nesse sentido, as pessoas fazem de tudo para garantir um emprego, até mesmo se submeter a qualquer forma de ocupação remunerada, inclusive dividir um pequeno espaço entre um banco e outro na feira livre para daí tentar assegurar sua sobrevivência.

O certo é que essas observações feitas por nosso entrevistado enfatizam ainda mais os dados sobre o crescente número de trabalhadores que vivem na informalidade, os quais passam por muitas intempéries, preconceitos e descaso por parte dos gestores públicos, que não viabilizam meios de geração de renda aos desempregados.

Como bem enfatiza Antunes (1997), essa é uma realidade que envolve grande parcela de trabalhadores urbanos, os quais, por falta de oportunidade ou até mesmo de qualificação profissional, não conseguem afirmar-se no setor formal. Assim, por estarem sem ocupação, ficam à mercê da sorte, aumentam as fileiras da mão de obra de reserva ou se inserem na informalidade. Isto ocorreu também com os trabalhadores da cidade de Campina Grande, espe-

³⁰⁵ Ver MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³⁰⁶ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

³⁰⁷ Idem.

cialmente entre o final dos anos 70 e início da década posterior, em virtude da falência de muitas empresas³⁰⁸.

O resultado é que os trabalhadores, que passam a viver na informalidade, não dispõem de direitos e garantias, a não ser o pão de cada dia, às vezes, conquistado através da venda das mais diversas mercadorias, isso em um ambiente exposto ao sol e à chuva. Porque, se tem uma coisa que prevalece na feira livre e nas ruas por onde se alojam os ambulantes, é a tal da improvisação, que vai desde as caixas que oferecem suporte à tábua facilitadora da exposição dos produtos que estão sendo comercializados, às barracas e aos sombreiros, que são fixados com o auxílio de pedras.

Seu Josias segue com suas memórias, desta vez recorda às principais áreas de lazer da cidade. “Naquele tempo que cheguei aqui em Campina, era bom demais. Quando podia, eu tinha minhas farrinhas. A gente dava umas farradas, passava a noite todinha e ninguém mexia com ninguém. A cidade era tranquila demais. Não tinha problema de roubo”³⁰⁹.

Nesse trecho, ele traz de volta uma questão já anunciada pelos outros entrevistados, de que Campina Grande era uma cidade pacata. Quanto aos locais diversões, nosso colaborador evitava os tradicionais clubes da cidade.

Campina Grande tinha casa de shows, como Ipiranga, Caçador, Campinense, Paulistano, a outra que eu conheci ali perto da rodoviária, a Plataforma. Tinha também algumas boates, mas eu nunca gostei, eu preferia uma diversão mais sossegada. No clube campinense mesmo fui uma vez. O Ipiranga até hoje existe, eu nunca gostei. O Eldorado ainda tinha um movimentozinho em 1980, mas era devagar, já tinha passado a fama, mas funcionava ainda. Antes o Eldorado era para os ricos, era o clube dos ricos. Também não gostava.³¹⁰

De acordo com esta citação, as áreas antes pertencentes à elite campinense não seduziam Seu Josias. Por esses tempos, década de 1980, começa a despontar na cidade outros ambientes que ele diz preferir, como “a casa de show Plataforma”, qual poucas vezes visitou. Outro motivo que possa explicar o fato de não ir aos tradicionais clubes, relaciona-se à questão financeira e ao hábito de levantar-se cedo para trabalhar³¹¹.

³⁰⁸ Cf. SILVA JÚNIOR (2009).

³⁰⁹ Trecho da entrevista concedida em 20 de agosto de 2016.

³¹⁰ Idem.

³¹¹ “A necessidade de levantar cedo forçaria o pobre a ir para a cama cedo; e com isso impediria o perigo de folias à meia-noite. O hábito de levantar cedo também introduziria uma regularidade rigorosa nas famílias, uma ordem maravilhosa na sua economia” (THOMPSON, 1998, p. 292).

Contudo, a grande distração de Seu Josias na cidade era mesmo o cinema, principalmente o Capitólio³¹². Esta sala alegrou a vida de muitos homens campinenses, sobretudo quando passou a exibir filmes pornô, atraindo um grande número de frequentadores masculinos que iam se divertir ou aguçar a libido a partir do que estava sendo exibido na telona³¹³.

O cinema era bom naquela época. Tinha diferença entre um e outro. O Capitólio era mais diferente. Todos eram famosos naquela época, todos funcionava. Sempre enchia de gente. Era a atração maior naquela época. Eu cheguei a frequentar bem o cinema. O Capitólio era só para os maiores de idade. Eu achava era bom ver os filmes “proibidos”.³¹⁴



FIGURA 27 – Cine Capitólio

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/04/#.WVLA9iEYEag>

³¹² Inaugurado em 1934, o Capitólio era considerado um espaço moderno, o qual proporcionava um lazer sadio à elite campinense que buscava conforto e elegância. Ver: (CABRAL FILHO, 2009).

³¹³ Após algumas décadas de sua fundação, o cine Capitólio torna-se o preferido de muitos homens de Campina Grande, principalmente quando se transforma em cine pornô da cidade. As informações sobre o capitólio como “cine pornô” estão disponíveis em <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/09/o-cinema-capitolio-em.html>.

³¹⁴ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

Ainda sobre as áreas de lazer e diversão, Seu Josias nos fala os motivos que afastaram a maioria dos frequentadores dos cabarés da Feira Central de Campina Grande, ou especificamente da antiga área denominada de “Mandchúria”³¹⁵,

A feira aqui, chamada Feira de Galinha, era conhecida como área de prostituição. Tinha alguns cabaré. Além desses, tinha outras casinhas aqui na feira, que acontecia de tudo lá pra dentro. Isso começou a ficar fraco a partir de 1985 para cá. Praticamente acabou-se, porque começou a aparecer a doença da AIDS.³¹⁶

“A Mandchúria, território onde a mercadoria mais valiosa à venda era o sexo”, (SOUSA, 2006 p. 140), foi palco de famosas meretrizes e conhecidos bordéis, a partir da década de 1980, como bem enfatizou nosso entrevistado, os cabarés ainda restantes nessa região começam a sofrer um duro golpe, isso em virtude do surgimento da AIDS, doença sexualmente transmissível que atrapalhou e muito os serviços de quem fazia do sexo fonte de renda.

Portanto, a oferta de prazer por meio da prática sexual tornou-se algo perigoso tanto para os clientes como para os que viviam do ofício, os quais procuravam proteger-se do terrível vírus inimigo dos amantes da noite, que eram os frequentadores das muitas casas de diversão espalhadas pela Feira Central³¹⁷.

³¹⁵ “As palavras Mandchúria ou bairro chinês, que eram utilizadas para designar a área que concentrava os prostíbulos, foram associadas a invasão nipônica à região chinesa da Mandchúria e os suplícios a que foram submetidos os mandchus. A transferência dos cabarés para os currais foi simbolicamente associada àquela invasão, talvez porque assim compreendessem os moradores que naquelas proximidades viviam, quando da chegada, ou “invasão” da área pelas prostitutas e seus séquitos. Chegavam àquele lugar, que até então concentrava boiadas e negociantes, raparigas mal-vestidas, marafonas, gigolôs, boêmios, cafetinas e cáftens, como invasores a ocupar e dividir o lugar com matagais, boiadas, cavalos, burros, merda e muito mau cheiro” (SOUSA, 2006, p. 146).

³¹⁶ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

³¹⁷ “(...) desde o advento da AIDS, na década de 1980, a matéria-prima do programa, o sexo comercial, tornou-se um risco operacional da profissão. Assim, as profissionais do sexo estão incluídas no grupo de vulnerabilidade às DST e à AIDS. Tendo em vista esse fator de risco, o Ministério do Trabalho, em suas determinações legais, prevê para o exercício da profissão do sexo comercial o uso de recursos e métodos de segurança e higiene pessoal e do cliente. Prescreve a utilização do preservativo feminino e/ou masculino, lubrificante à base d’água, contraceptivos, entre outros. (...) Na cidade de Campina Grande – PB, funciona a ONG Centro Informativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento dos profissionais do sexo (CIPMAC) que, desde 1989, atua realizando trabalhos educativos de prevenção. (...) Na feira central, onde o trabalho como prostituta é um meio de sobrevivência, fica mais difícil resistir à pressão do cliente para transar sem o preservativo, uma vez que o não uso da camisinha implica, muitas vezes, um adicional aos preços do programa. (...) essas profissionais estão engendrando, nas situações concretas de trabalho, modos de viver e sobreviver que possibilitam continuar trabalhando em um contexto em que, para a maioria das pessoas, é impossível viver” (SILVA *et al.*, 2012, p. 106, 110, 117, 119).

Assim, o espaço que misturava mercadorias, animais, prostitutas, pensões e cabarés luxuosos, nos anos de 1980, experimenta uma forte crise. Dessa forma, o HIV contribui com a expulsão da clientela que frequentava os prostíbulo e levou muitas meretrizes a encontrar outros meios de sobrevivência. Isto representou a falência de muitos bordéis e bares que eram endereços de algumas prostitutas que enfrentavam uma árdua jornada³¹⁸.

Seguindo com as entrevistas, Seu Josias deixa de lado o tema sobre prostituição e nos fala um pouco dos tradicionais times de futebol da cidade, que também proporcionavam divertimento e lazer. Ele nos informa que, além do Treze e do Campinense, havia o Paulistano Esporte Clube, que também era uma boa equipe. “O Paulistano era muito falado, mas não tinha a fama de Treze e Campinense”³¹⁹.

O time referenciado não é tão jovem, ele data de 23 de dezembro de 1929. Assim como os outros dois mais famosos da cidade, participou do principal campeonato do estado da Paraíba, isso aproximadamente até a década de 1960.³²⁰ Mesmo que tenha feito história, não permaneceu como uma grande equipe desportiva que atraía um expressivo público de torcedores. Contudo, vale lembrar que durante um bom tempo a grande rivalidade na cidade foi mesmo entre o Treze e o Paulistano Esporte Clube³²¹.

Embora tivesse estádio próprio e patrimônio, o clube encerra suas atividades como time profissional ainda nos anos 1970, pois não resistiu às dívidas e à falta de patrocínio para manter o elenco de jogadores. Porém, permaneceram a fama e uma parcela de torcedores, que ainda se dirigiam nos finais de semana para ver os jogos em sua sede, localizada no bairro da Liberdade. Assim, mesmo com pouca expressividade, ainda nos anos de 1980, o plantel futebolístico arregimentava certo número de admiradores.

³¹⁸ “(...) na Feira Central, o tempo de profissão dessas mulheres variou de cinco meses a 44 anos, com média de aproximadamente dez anos e oito meses para cada profissional do sexo. O horário de trabalho dessas profissionais varia, dependendo do local onde exercem a atividade. Aquelas que trabalham na feira central começam a chegar ao seu local de trabalho por volta das 8h30 e passam o dia todo na “batalha”, que termina por volta das 17 horas. Quando questionadas sobre se seu horário de trabalho interfere na sua vida de alguma forma, elas relataram que não. (...) Já as que trabalham nos bares e nos bordéis começam suas atividades por volta das 10 horas e encerram por volta das 21 horas, pois esses pontos estão localizados em áreas residenciais. Logo, o movimento à noite pode incomodar a vizinhança” (SILVA *et al.*, 2012, p. 112, 115).

³¹⁹ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.

³²⁰ Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/03/historia-do-paulistano.html#.WQpoTiEYEah>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

³²¹ “Enganam-se muitos que pensam que o tradicional clássico Treze x Campinense é o mais antigo do futebol de Campina Grande, afinal é um dos maiores do nosso futebol onde sempre temos casa cheia, jogos terminados em confusões, brigas entre jogadores e dirigentes onde até torcedores desses jogos foram presos e foram terminar numa delegacia de policia. Pois bem o Treze x Campinense só passou a ter a rivalidade levada aos extremos nos anos 50 quando o Campinense voltou a se dedicar ao futebol e a ganhar títulos e a ser um ferrenho adversário do Treze. Antes mesmo do Treze ter o Campinense como maior rival, o mesmo teve no Paulistano seu maior rival de 1937 quando ressurgiu o Treze (que tinha acabado suas atividades no futebol) passando a dividir com o Paulistano a posse do nosso futebol, durante o final da década de 40 e até a finais da década de 50 o jogo entre Paulistano e Treze era comparado ao Fla-Flu do Rio de Janeiro (NEVES, 2010).

Além dos times de futebol, nosso entrevistado lembra que as imediações do Açude Velho eram adotadas como área de entretenimento, a qual contava com alguns equipamentos de lazer em seu entorno, para onde se dirigiam muitos populares que buscavam divertimento.

A falta da água sempre foi um problema para os campinenses. Não era fácil encontrar o líquido sagrado em abundância na Serra da Borborema, principalmente no período da estiagem que assolou a região Nordeste, isso entre os anos de 1824 e 1827. Um ano após essa ocasião, inicia-se a construção do açude velho. Se atualmente para alguns ele funciona como local de lazer, por esses tempos a obra foi arquitetada com o propósito de abastecer Campina Grande. O reservatório foi erigido seguindo o curso do Riacho que havia na região, denominado de “Piabas”³²².

Essa estratégia foi importante, visto que a edificação do reservatório funcionou como um barramento de águas, contribuindo com a ampliação do pequeno lago que já existia na localidade. Assim, a solução encontrada poderia resolver o problema da sociedade local, a qual já nessa época sofria com a falta de abastecimento.

Portanto, o poder público se viu pressionado a tomar uma atitude que viesse garantir o acúmulo da água no período chuvoso para ser utilizada no momento da escassez. Dessa forma, no ano de 1930, o açude velho foi concluído e serviu de fonte abastecedora em tempos de estiagens³²³.

Sendo assim, a intervenção na correnteza do “Riacho das Piabas” foi de fundamental importância à população campinense. Se antes o manancial funcionava como fonte de água para Campina Grande, com o passar dos anos o reservatório assume outros propósitos. “Nos anos 80, o Açude Velho não era tão famoso, não juntava tanta gente fazendo atividade física como hoje, mas o povo de Campina já gostava de passear e se divertir no açude”³²⁴.

³²² Ver FASCÍCULO - 3, domingo, 29 de junho de 2014, p. 8, referente à comemoração dos 150 anos de emancipação política de Campina Grande. 1864 -2014.

³²³ Idem.

³²⁴ Trecho da entrevista concedida em 28 de agosto de 2016.



FIGURA 28 – Açude Velho no começo dos anos de 1980.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/04/#.WVLA9iEYEag>

Assim, a represa que conhecemos, a qual funciona como um dos principais cartões postais, exhibe a exuberância hídrica que falta à cidade. Se o grande símbolo da Rainha da Borborema é um espelho de água, esse líquido natural continua sendo insuficiente aos campinenses. Imaginava-se que, com a construção do açude Epitácio Pessoa, localizado na cidade de Boqueirão, e inaugurado no ano 1957, solucionaria o problema da falta de água. No entanto, vez por outra Campina Grande volta a sofrer com prolongados racionamentos, isso em virtude da oscilação do nível das águas do reservatório que abastece a terra do “Maior São João do Mundo”.

Sendo assim, diante das muitas reminiscências do nosso entrevistado, podemos afirmar que pessoas simples vindas de baixo, com pouca ou sem nenhuma condição econômica, são possuidoras de estimáveis histórias. Nesse sentido, precisamos continuar dando voz e vez aos sujeitos comuns que têm muito a nos dizer sobre sua trajetória e a história da cidade em que vivem e trabalham.

Deste modo, acrescentamos que Seu Josias por não estar aposentado, ainda se mantém na profissão. Para ele é um prazer levantar logo cedo e abrir as portas da barbearia e receber sua fiel clientela. Por isso, não reclama da vida. Assim, mesmo sendo um personagem excluído pelo sistema capitalista que só dá seguridade social aos trabalhadores formais, se considera feliz por ter conseguido manter-se na cidade de Campina Grande como profissional autônomo de um pequeno ofício, e se sente agraciado por contribuir com o resgate da história da cidade que o recebera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo sujeito tem uma história particular, um estilo próprio que merece ser revelado, destacado, pois este o caracteriza dentre tantos personagens sociais. Assim, os de baixo, são detentores de uma trajetória cheia de significados, ações e superações reveladas a partir do fio da memória, é ela que tece, contorna o nobre mosaico existencial de muitos trabalhadores autônomos, como os barbeiros, que são portadores de uma experiência única carregada de emoções, singeleza, admiração, saudosismos e estratégias de sobrevivência. “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 2015, p. 68).

O tema da presente pesquisa surgiu no período da especialização em uma aula de campo realizada no centro da cidade de Campina Grande. Naquele instante, percebemos que uma categoria de trabalhadores estava passando por um processo de extinção. Desse momento em diante, resolvemos resgatar a memória dos poucos barbeiros que ainda persistiam em manter as portas dos seus estabelecimentos abertas.

Inicialmente fizemos um mapeamento com o intuito de catalogar as principais barbearias que havia na cidade. Após essa etapa, partimos para o primeiro contato com os profissionais. Isso não foi fácil, em virtude da dificuldade de encontrar velhos barbeiros vivos, e que se dispusessem a colaborar com a pesquisa. Alguns se propuseram, mas estavam um pouco receosos em conceder entrevista: não se achavam importantes. Após muitas idas e vindas, conseguimos três colaboradores que aceitaram narrar suas histórias de vida.

O recorte estabelecido para a pesquisa foi escolhido tomando como referencial o momento em que cada um dos barbeiros migrou para Campina Grande. O primeiro, Seu Zé barbeiro, veio do sertão de Pernambuco para a cidade no ano de 1954; o segundo, Seu Genival, chegou por aqui em 1968, vindo do Curimataú paraibano; o terceiro, Seu Josias, também da mesma região, chegou à Rainha da Borborema em 1980.

Além dessa justificativa, recortamos os anos de 1960, 70 e 80, por entendermos que essas décadas foram significativas para a história de Campina Grande, pois é um período de transição econômica em que a cidade vê despontar outros setores, como o da prestação de serviços.

No decorrer da análise das entrevistas, percebemos que as memórias expressas foram balizadas pela linha mestra do trabalho, a qual proporcionou solidez, sustentáculo às diversas lembranças reconstruídas da infância à velhice.

Além desse aspecto, nos relatos também foi possível identificar outras temáticas, como: o trabalho na infância, a diversão, o lazer, a boemia, a difícil sobrevivência na ambiência urbana, a importância do ofício, a vida laborativa na cidade, questões sociais, de controle higiênico, epidêmicos, salubridade, traços culturais, costumes e hábitos percebidos a partir do espaço da barbearia. As reminiscências desses trabalhadores autônomos ainda documentam momentos de culminância, crises e estratégias para alavancar a economia campinense.

Tudo isto revela o quanto a memória individual é capaz de resgatar a coletiva, Halbwachs (2006), mostra que traços de uma época são demonstrados a partir das lembranças que parecem pertencer apenas a um sujeito. No entanto, estão relacionadas a um grupo social que reedifica comportamentos, normas, lugares, etc.

Nessa perspectiva, dentre outros pontos, percebemos o quanto a memória é capaz de reconstruir a cidade que não existe mais, ela anuncia espaços, praças, bares, ruas, avenidas, edifícios, estádios, clubes e outros ambientes que apenas quem os contemplou sabe desvendá-los. Assim, aos poucos, surgem os labirintos da cidade destruída, reconstruída, percebida por quem a procura e não a encontra mais, a não ser nas muitas reminiscências compartilhadas.

Às vezes, as lembranças vão além do cenário urbano, elas são resgatadas por meio de paisagens campesinas e lugares que ficaram ou estiveram presentes nos primeiros anos de vida, e que agora teimam em reaparecer. Dessa forma, nossos colaboradores delineiam seu trajeto, seu mundo, seu universo marcado por comemorações e memórias emblemáticas, aguerridas, emocionantes, sofridas e confortantes. Nesse sentido, apesar dos tempos difíceis vivenciados na terra natal, todos sentem mais saudade da fase em que suportaram grandes privações: a infância.

No desenrolar da pesquisa, ainda podemos denotar algumas peculiaridades relativas aos personagens históricos entrevistados: enquanto o lazer e a diversão levavam muito dos rendimentos de Seu Zé, Genival e Josias evitavam as festanças para poder economizar e manter a família. Assim, o primeiro, por ser um sujeito lúdico, era desprovido de bens, os outros dois, ao compartilharem o pouco que possuíam com a parentela, também demonstravam desapego à materialidade.

Desse modo, de uma forma ou de outra, os nossos depoentes procuravam ser felizes com o que possuíam. Eles não estavam preocupados em construir patrimônio, mas em garantir

a simples sobrevivência ou, no caso de Seu Zé, manter o que lhe proporcionava prazer. Isto mostra que lutavam apenas pelo suficiente para viver e atender às necessidades de seus familiares. Portanto, não se adequavam à lógica do acúmulo e da lucratividade capitalista, que dissemina a desigualdade e o egoísmo mundo afora.

Sendo assim, essa gente simples e comum tem como grande mérito o orgulho de ver sua prole crescer, desenvolver-se e vencer os entraves impostos por um sistema visivelmente desigual, mas que não os impede de sonhar e continuar a jornada com a esperança de que o dia seguinte trará um novo tempo. Dessa forma, suas ações são guiadas, caracterizadas, por atitudes que visam à superação de um flagelo econômico próprio de sua condição social, que lhes apresenta como saída travar uma batalha contínua em prol da existência. Por isso, se reinventam, reivindicam, tornam-se fortes, conscientes de sua posição, buscam transformar as suas vidas, ter uma profissão definida e garantir um mínimo de comodidade no espaço urbano.

Nessa perspectiva, devemos acrescentar que a profissão escolhida pelos entrevistados é difícil de ser executada, pois tem muitas informações que o sujeito antes de manusear a tesoura precisa saber. Porém, as circunstâncias adversas, como o êxodo rural, obrigaram nossos depoentes a desenvolverem o ofício de barbeiro na prática. Às vezes, esse saber era compartilhado em família, em outros momentos era vendo que se aprendia. Com o tempo, estes profissionais tornaram-se engenhosos mestres, detentores de uma habilidade que o capitalismo a todo tempo intenta abstrair e não consegue.

Nossos talentosos entrevistados sentem-se realizados na profissão que exercem. Contudo, lamentam que, embora tenham conseguido montar um salão próprio, continuam a pagar aluguel; não tiveram a oportunidade de adquirir um ponto comercial. Por isso que, às vezes, consideram o ofício inferior. Mesmo assim, indicam a profissão a outros, visto que nesse ramo, dependendo da desenvoltura do barbeiro, sempre dá para arrumar um pouco a cada dia.

Ainda sobre a antiga barbearia, apuramos outra questão: o funcionamento da mesma é garantido, dentre outros fatores, não só pela habilidade do barbeiro, mas pela presença de um profissional do sexo masculino. Para nossos informantes, a ausência das mulheres no salão está associada a uma prática preconceituosa e machista de muitos homens que acham o ambiente impróprio ao público feminino. Em outras palavras, a mão de obra fêmea é rejeitada pelos frequentadores porque estes defendem que o salão é um local reservado apenas para homens.

A barbearia é um ambiente em que os pretensos valores masculinos são difundidos ou reafirmados. Portanto, muitos filhos e netos que acompanham os clientes ao salão acabam não só utilizando dos serviços dos barbeiros, mas aprendendo como o ser másculo deve agir no espaço público e privado. Assim, constata-se outro dado: embora obsoleto ou rugoso, o local atrai gerações, muitos membros de uma mesma família têm sua cabeça feita na barbearia.

Desse modo, é nesse espaço afetivo, repleto de objetos biográficos, que os homens sentem-se à vontade para narrar os muitos pormenores de suas vidas. No salão não se tem problema com os pudores ou com o desperdício do tempo. Nele a conversa rola solta, pois este é um espaço de sobrevivência e também de sociabilidade. Talvez este último aspecto justifique a conservação da antiquada barbearia.

Sendo assim, podemos afirmar que, além do ofício específico, o barbeiro desempenha outros papéis, como: narrador, ouvinte, confidente e conselheiro. Tais atribuições promovem o bom trabalho deste profissional, e o auxilia na construção de amizades que surgem a partir das experiências compartilhadas e dos muitos gestos de companheirismo.

Embora expressem a positividade do trabalho e o fascínio de estarem todos os dias na barbearia, quando reclamam que mesmo diante do cansaço físico, devido à idade avançada, ainda precisam trabalhar, implicitamente apontam a contradição do termo. Nesse sentido, a ação do trabalho soa como algo negativo. Desse modo, concluímos que o trabalho, que teve sua idealização ou glorificação teórica na era moderna, não é positivo em si, mas no que promove. Portanto, o grande otimismo da labuta está mesmo na remuneração e no convívio social que ocasiona aos nossos colaboradores.

Por ainda continuarem na ativa, imaginávamos que nossos depoentes tivessem rompido a barreira da exclusão, a qual é imposta aos idosos. Porém, estes anunciam tanto as desilusões enfrentadas na velhice, como os preconceitos sofridos por eles na sociedade dita moderna, que, por ser centrada na produtividade e no trabalho, despreza os que agora têm maior idade ou pouca força.

Diante do exposto, compreendemos que os resultados obtidos a partir da oralidade, revelaram, dentre outros fatores, que antigos hábitos, como o de fazer do salão um local de ponto de encontro do público masculino, continuam garantindo o exercício do ofício que é praticado pelos velhos barbeiros. Também mostram que a profissão não está em extinção, mas em transformação.

Ainda de forma sintetizada, poderíamos afirmar que os sujeitos sociais apresentados fizeram de suas memórias um arquivo vivo, que traduz a significância do viver e trabalhar na

cidade de Campina Grande – PB. Assim, esperamos que esta pesquisa que se propôs a abordar as histórias de vida de alguns dos barbeiros da Rainha da Borborema, seja útil a outros pesquisadores e que estes promovam o ressoar das vozes dos esquecidos. Visto que eles, os silenciados, deveriam ser apregoados por uma parcela de historiadores que ignoram a experiência individual dos que estão inseridos na grande massa; eles sim são os verdadeiros mentores da história. Esta concepção é ancorada na perspectiva da “história vista de baixo”, defendida pelos historiadores sociais, destes ressaltamos E. P. Thompson e Christopher Hill.

Assim sendo, neste trabalho foi abordado não só a simples história de pessoas comuns que sobrevivem de um pequeno ofício, mas a maneira ou a própria condição de vida de uma categoria de trabalhadores, que, como os das grandes fábricas, padecem das mesmas situações de exploração e ausência de bem estar social.

Esses sujeitos anônimos e autônomos merecem que as suas histórias de vida sejam desvendadas, pois eles, como os muitos heróis e algumas heroínas que permeiam as páginas da copiosa história oficial, são possuidores de trajetórias e ações virtuosas. Sendo assim, aos poucos vai se mostrando que homens e mulheres comuns, cuja glória é tardia, que quase sempre têm suas biografias ignoradas, começam a despontar como detentores de atos e episódios relevantes.

Deste modo, não só os feitos da elite, a história dos grandes nomes que aparecem denominando as extensas avenidas, são portadores de profícuos relatos. Mas também os operários fabris, os agricultores, artesãos, profissionais autônomos, os livres e os não livres (BATALHA, 2006) precisam comparecer nos manuais da emblemática História da nação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

AGRA DO Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel**: projetos de educação, projetos de Cidades – Campina Grande (1959). EDUFPG, 2006.

_____. **Velhices Imaginadas Memórias e Envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945)**. Campina Grande: EDUFPG, 2014.

_____. **Velhos em perigo**: imprensa, velhice e violência (Paraíba, 1994-2005). Campina Grande: EDUFPG, 2014.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 6. ed. São Paulo, 2012. Editora Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos).

ALVES, Jorge Souza; SILVA JÚNIOR, Geraldo Francisco da. A dinâmica recente do mercado de trabalho campinense: mudanças e permanências. In: OLIVEIRA, Roberto Veras de. (org.) **Campina Grande em debate**: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Campina Grande: EDUEPB/EDUFPG, 2009.

ANTUNES, Ricardo Luís Coltro. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1997.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Bomtempo, 2009.

ARANHA, G. B. **Campina Grande no espaço econômico regional**: estrada de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907-1937). Dissertação do mestrado em Sociologia, UFPB, Campina Grande – PB, 1992.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2010.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2005.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. Empreendedores culturais imigrantes em São Paulo de 1950. **Tempo Social**, v. 17, n. 1, junho 2005.

BARGSON, Henri. **Memória e vida**. Tradução Cláudia Berlines. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARROS, Dirlene Santos; AMÉLIA, Dulce. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **TransInformação**. v. 21, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/518>>. Acesso em: 28 set. 2016.

BATALHA, Claudio, H. M. Os Desafios Atuais da História do Trabalho. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13 n. 23/24, jan./dez. 2006.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas: Magia e técnicas, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios a Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRESCIANI, Maria Stela Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CABRAL FILHO, Severino. Modernização e trabalho: as dores do progresso. In: **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história (1930-1950)**. Campina Grande – PB: EDUFPG, 2009.

CÂMARA, Epaminondas; SOARES, Antônio. **Os alicerces de Campina Grande: esboço histórico-social do povoado e da vila (1696 a 1864)**. Campina Grande: Edições Caravela, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion *et al.* (orgs.). História das Mentalidades e História Cultural. In: **Domínios da História de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botiquim**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e coexistências do espaço urbano campinense na inserção ao meio técnico-científico informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. Dissertação de Mestrado em Geografia – Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

CRUZ, Alana Cavalcanti. **João Pessoa do rio ao mar: vitrine do moderno e sensibilidades urbanas**. Campina Grande, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

CUNHA, Marcus Vinícius da. A escola contra a família. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DANTAS, Gilson. A crítica de Hannah a Karl Marx. **Revista Sociológica em Rede**, v. 3, n. 3, 2013.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. Tradução de Ana Isabel Paraguay e L. Leal Ferreira. São Paulo: Cartaz-Obore, 1992.

DINIZ, Lincoln da Silva. 2012. **O pequeno comércio em contexto de violência na cidade de Campina Grande – PB.** Disponível em: <https://www.ufpe.br/posgeografia/images/documentos/d_2012_lincoln_da_silva_diniz.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

DINOÁ, Ronaldo. **Coletânea de artigos**: Campina Grande ontem e hoje. Campina Grande: s. ed., 2004.

ENGELS, Friedrich. O Papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. São Paulo: Global Editora, 1986.

FIGUEIREDO, B. G.: Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, VI(2), jul./out. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300003>. Acesso em: 01 set. 2016.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: Nascimento do Ocidente. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FURTADO, Júnia Ferreira. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, n. 41, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**, n. 1, 1995, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC.

GURJÃO, Eliete Queiroz de (org.). **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. João Pessoa: A União; Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande/Secretaria de Educação, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. Tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSAWN, Eric J. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HUWLS, Úrsula. 2013. Mundo material: o mito da economia imaterial. **Outubro**, n. 21, setembro 2013. Disponível em: <<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A3o-21-Artigo-01.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2016.

HUYSSSEN, Adreas. **Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu da Arte do Rio, 2014.

JERÔNIMO, Tatiana Aparecida Pereira. **Caminhadas na “escuridão”**: (re)descobrimo a cidade de Campina Grande através das percepções sensoriais dos deficientes visuais (1989-2011). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

JOSHI, Chitra. Além da polêmica do provedor: mulheres, trabalho e história do trabalho. **Revista Mundos do Trabalho**, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2009v1n2p147>>. Acesso em: 01 set. 2016.

KARNAL, Leandro. **A detração: breve ensaio sobre o maldizer**. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

LEBRUN, François. **Os cirurgiões-barbeiros**. In: LE GOFF, Jacques. **As doenças tem história**. Lisboa: Ed. Terramar, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LIDEN, Marcel Van der. História do trabalho: O velho, o novo e o global. **Revista Mundos do Trabalho**, v. 1, n. 1, janeiro-junho de 2009.

_____. História do Trabalho para além das fronteiras. **Cad. AEL**, v. 17, n. 29, 2010.

MAIA, Doralyce Sátyro. Habitação popular e o processo de periferização e de fragmentação urbana: uma análise sobre as cidades de João Pessoa-PB e Campina Grande – PB. **Geosul**, Florianópolis, v. 29, n. 58, jul./dez. 2014.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil República: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATTOS, Marcelo Badaró; SILVA, Filipa Ribeiro da Silva; MATOS, Paulo Teodoro de; VARELA, Raquel; MATTOS, Sónia Ferreira. **Relações laborais em Portugal e no mundo lusófono: História e demografia**. Lisboa: Colibri, 2014.

MARX, Karl. **O capital**. Tradução Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1996. v. 1 e 2, tomos 1 e 2.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia – GO, v. 2, n. 2, ago./2008.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: Para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. **Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas**: a história e suas interfaces. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: CD. G Casa de Soluções e Editora, 2011. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/praticas_medicas_saude_municipios_paulistas.pdf>. Acesso em 08 set. 2016.

MÜLLER, Ricardo Gaspar; MORAES, Maria Célia Marcondes de. E. P. Thompson e a pesquisa em ciências sociais. In: MÜLLER, Ricardo Gaspar; DUARTE, Adriano Luiz (orgs.). **E. P. Thompson**: política e paixão. Chapecó – SC: Argos, 2012.

NETTO, A. J. **Aspectos econômicos e sociais das migrações internas para o estado de São Paulo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC-SP, 1973.

OLIVEIRA, Roberto Veras de. (org.) **Campina Grande em debate**: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Campina Grande: EDU-EPB/EDUFCG, 2009.

OLIVEIRA, Thomas Bruno. **Imprensando o feio e dando passagem ao belo**: A segunda grande transformação urbana de Campina Grande – PB (1970-1980). s. l., outubro de 2014.

PAULA, Marcelo de. **Amizade em Aristóteles**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

PEREIRA, Fabiano Maia. **Cidades médias brasileiras**: uma tipologia a partir de suas (des) economias de aglomeração. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2002.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PICKER, Nadir Antônio. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. **Ágora Filosófica**, ano 4, n. 2, jul./dez. 2004. Departamento de Filosofia. Universidade Católica de Pernambuco.

PIMENTA, Marta Eugênia Fontenele. **Memórias de alfaiates**: significados de vida e trabalho. Campinas, SP, 2008. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.

PIOVESANA, Rodrigo. **Cidade em movimento**: um estudo sobre a reinvenção do espaço urbano por adictos de Marechal Cândido Rondon – Paraná. Dourados, MS: UFGD, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos: Memória 3**. Rio de Janeiro: Edições Vértice, 1989.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20**. Recife: Fundarpe, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos)

ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos no Diário da Noite, São Paulo, 1950-1960**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011.

ROMERO, Mariza. Nordestinos em São Paulo nos anos 1950: Imprensa popular, ciência e exclusão social. **Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH – SP**. Santos, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406912950_ARQUIVO_ANPUHNordestinosemSaoPaulonosanos1950.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.

SANTOS FILHO, Lycurgo. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1991, v. II.

SANTOS, Inês Maria Meneses dos; SANTOS, Rosângela da Silva. A etapa de análise no método história de vida – uma experiência de pesquisadores de Enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, Out./Dez. 2008, 17(4). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/12.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do campo: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SILVA, Keila Queiroz e. **Entre as normas e os desejos: as mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História. Recife – PE, 1999.

SILVA, Tatiana Cabral da. 2003. **Família e escola: interação fundamental para o aprendizado**. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/8/TATIANA%20CABRAL%20DA%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2016.

SILVA JÚNIOR, Geraldo Francisco da. Campina Grande: Desenvolvimento histórico no século XX. In: OLIVEIRA, Roberto Veras de. (org.) **Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas**. Campina Grande: EDU-EPB/EDUFCG, 2009.

SOUSA, Ktyuscia Kelly Catão de. **Sonhos urbanos: o porquê do Açude Novo e a (re)construção da alma campinense**, Campina Grande (1969-1976). Campina Grande – PB: EDUFCEG, 2014.

SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. Os paradoxos de um processo de urbanização: o caso de Campina Grande – 1935/1945. In: **Cadernos Nordeste em Debate**, ano I, n. 1, Campina Grande – PB, 1993.

_____. **Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: ADUFCEG, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012, v. I.

_____. **A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. v. III.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. v. II.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Senhores e caçadores: a origem da lei negra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Livia Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

VARELA, Raquel. Quem é a classe trabalhadora? **Cad. AEL**, v. 17, n. 29, 2010.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fábio. Determinantes do “milagre” econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. **Revista Brasileira de Economia**, v. 62, n. 2, Rio de Janeiro, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402008000200006>. Acesso em: 22 jan. 2017.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677 - 1808)**. Franca, 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Ed. 34, 2000.

WATARAI, Felipe. **Filhos, pais, padrastos: relações domésticas em famílias recompostas das camadas populares**. Ribeirão Preto, 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2010.

ANEXO – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PEQUENOS OFÍCIOS: memória, trabalho e sobrevivência na cidade de Campina Grande, PB

Pesquisador: CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67547817.4.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.163.412

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de Mestrado, que terá como suporte metodológico recursos próprios da História Oral e apresenta uma discussão em torno das categorias conceituais de trabalho, visando compreender os antigos barbeiros de Campina Grande-PB.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Apresentar a história de vida dos antigos barbeiros da cidade de Campina Grande entre os anos de 1960 a 1980.

Objetivo Secundário:

- Trazer à luz o cotidiano desses sujeitos sociais quando estão ausentes do seu local de trabalho.
- Entender a história da cidade de Campina Grande a partir da trajetória de vida desses profissionais.
- Compreender o mundo do trabalho e dos trabalhadores, através da memória de velhos barbeiros.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são previstos e possíveis de serem controlados, segundo o pesquisador.

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

**UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.163.412

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho tem sua relevância acadêmica e é viável do ponto de vista científico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

- Folha de Rosto;
- Declaração de Divulgação dos Resultados;
- Termo de Compromisso do Pesquisador;
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Instrumento de Coleta dos Dados;
- Projeto completo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram sanadas todas as pendências solicitadas pelo CEP.

Assim sendo, somos de parecer APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_869189.pdf	13/06/2017 17:19:48		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_BARBEIRO.pdf	13/06/2017 17:19:22	CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_P_BRASIL.pdf	13/06/2017 17:19:01	CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_EXECUCAO.pdf	13/06/2017 17:17:36	CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA	Aceito
Outros	TERMO_COMPROMISSO_PESQUISA_DOR.docx	20/04/2017 17:36:09	CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA	Aceito
Outros	TERMO_COMPROMISSO_DIV_RESULTADOS.docx	20/04/2017 17:35:10	CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA	Aceito
Orçamento	Orcamento_financeiro.docx	13/04/2017 16:20:58	CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.docx	22/02/2017 15:27:21	CID DOUGLAS SOUZA PEREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
 Bairro: São José CEP: 58.107-670
 UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
 Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.163.412

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 07 de Julho de 2017

Assinado por:
Januse Nogueira de Carvalho
(Coordenador)

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n

Bairro: São José

CEP: 58.107-870

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br